

JEAN SASSON

AS FILHAS DA PRINCESA SULTANA



<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Este livro é dedicado aos meus pais, Neatwood Jones Parks e Mary Harden Parks

ÍNDICE

Prólogo	07
I Descoberta	09
II Maha	18
III Londres	27
IV Meca	37
V Amani	45
VI Haj	58
VII Extremista	68
VIII Um caso de amor	80
IX Abdullah	94
X Fatma	104
XI Monte Carlo	115
XII De volta a casa	123
Epílogo	130
APÊNDICE A Glossário	135
APÊNDICE B Cronologia	138
APÊNDICE C Informações sobre a Arábia Saudita	140

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos muito especiais vão para Jack W, Creech, o mais leal dos meus apoiantes, e também para os meus queridos familiares que estiveram sempre presentes quando era preciso: a minha irmã Barbara, o meu cunhado George, a filha de ambos, Roxanne, e o seu marido, David.

Agradecimentos calorosos vão para três amigos especiais: David Abramowitz, Nancy Apple e Richard Billingsly.

E, sem Frank e Lydia, ter-me-ia sido difícil consagrar-me a este trabalho durante tão longas horas.

Gostaria de agradecer a Mercer Warriner, que reviu o manuscrito, e também a Judy Kern, primeira assistente editorial da Doubleday, pelos seus relevantes conselhos.

Não posso deixar de expressar a minha profunda gratidão ao meu «super-agente», Frank Curtis, pelo entusiasmo que pôs na edição deste livro e pela forma industriosa como tratou de todos os assuntos relacionados com a venda de *As Filhas da Princesa Sultana*.

Há mais umas quantas pessoas a quem gostaria de agradecer, mas cujos nomes não ousarei pronunciar: mensageiros sauditas, merecedores de toda a confiança, que levaram por mão as minhas mensagens para Sultana, e vice-versa, sempre que a comunicação se revelou impossível. Contudo, essas pessoas sabem quem são e daqui lhes envio os meus agradecimentos.

Não posso esquecer dois amigos especiais que se encontram na Austrália. Espero que um dia lhes possa agradecer publicamente, e em total segurança, todo o carinho e apoio que me proporcionaram.

Gostaria ainda de agradecer aos meus numerosos amigos sauditas e árabes que não me abandonaram por eu ter escrito a história de Sultana. Eles sabem, tal como eu sei, que o fato de escrever livros que revelam os segredos da vida de uma mulher saudita não equivale a uma condenação de todos os Árabes. Eles, melhor que ninguém, sabem do meu amor pelo povo árabe.

E como é evidente, é a Sultana, mais do que a qualquer outra pessoa, que devo agradecer.

PREFÁCIO

As Filhas da Princesa Sultana é uma história verdadeira. Embora as palavras sejam minhas, a voz é a da princesa, cujas experiências são aqui contadas, por isso mesmo, na primeira pessoa.

Um livro anterior, Sultana, publicado em 1992, abriu o caminho para esta obra, ao descrever a vida da Princesa Sultana desde a sua infância até à Guerra do Golfo de 1991. Este livro é a continuação da história da Princesa Sultana e das suas duas filhas. Embora seja aconselhável que o leitor aprecie os dois livros, As Filhas da Princesa Sultana constitui uma história à parte, susceptível de ser lida isoladamente.

Estes dois livros, unidos por uma mesma mulher, têm também uma mesma conclusão: a sujeição e a degradação das mulheres é, na Arábia Saudita, um costume que tem os dias contados. Conquanto este padrão permaneça vivo e difícil de extirpar na maior parte dos países, creio que é tempo de pormos termo à dominação da mulher pelo homem.

As aventuras, nesta história verdadeira, de uma princesa saudita, propõem-se mostrar que a forma de acabar com os abusos de que as mulheres são vítimas é precisamente através do conhecimento, da coragem e da ação.

JEAN SASSON

SOBERANOS DO REINO DA ARÁBIA SAUDITA

Os Primeiros Cinco Reis

- Abdul Aziz Ibn Sa'ud
1876-1953, primeiro rei
- Sa'ud, filho de Abdul Aziz
1902-1969, segundo rei
- Façal, filho de Abdul Aziz
1904-1975, terceiro rei
- Khalid, filho de Abdul Aziz
1912-1982, quarto rei
- Fahd, filho de Abdul Aziz,
n. 1922, quinto (e actual) rei

PERSONAGENS (por ordem alfabética)

ABDUL Empregado egípcio da Princesa Sultana (casado com Fatma).

ABDUL AZIZ AL SA'UD (Rei) Avô da Princesa Sultana. Foi o primeiro rei e o fundador da Arábia Saudita. Faleceu em 1953.

ABDULLAH AL SA'UD Filho da Princesa Sultana.

AISHA Amiga da Princesa Maha.

ALHAAN Garota egípcia que é sexualmente mutilada apesar da oposição da avó, Fatma.

ALI AL SA'UD Irmão da Princesa Sultana.

AMANI AL SA'UD Filha mais nova da Princesa Sultana.

ARAFAT, YASSER Presidente da Organização de Libertação da Palestina (OLP).

ASAD AL SA'UD Cunhado da Princesa Sultana (marido de Sara).

CONNIE Criada filipina contratada para trabalhar em casa de amigos sauditas da Princesa Sultana.

CORA Criada filipina da Princesa Sultana.

ELHAM Mulher egípcia, filha de Abdul e Fatma (empregados da Princesa Sultana).

FAHD (Rei) Atual soberano da Arábia Saudita, muito estimado pela Princesa Sultana, sua sobrinha.

FATMA Governanta egípcia da Princesa Sultana (casada com Abdul).

FAYZA Filha de amigos sauditas da Princesa Sultana. Foge com Jafer, um palestino.

FUAD Pai de Fayza.

HANAN Irmã mais nova do Príncipe Karim (cunhada da Princesa Sultana).

HUDA Escrava africana, já falecida, que trabalhou em casa da Princesa Sultana durante a sua infância.

JAFER Empregado palestino do Príncipe Karim e grande amigo do filho deste, Abdullah. Jafer fugiu com Fayza.

KARIM AL SA'UD Príncipe da família reinante, marido de Sultana.

KHALID (Rei) Quarto rei da Arábia Saudita, dirigente muito amado pelo seu povo. Faleceu em 1982.

KHOMEINI Chefe religioso iraniano que conduziu a revolução contra o xá da Pérsia e conseguiu instaurar uma República Islâmica.

LAWAND AL SA'UD Prima direita de Karim, condenada ao confinamento nos aposentos das mulheres.

MAHA AL SA'UD Filha mais velha da Princesa Sultana.

MAJED AL SA'UD Filho de Ali (sobrinho da Princesa Sultana).

MISH A'IL Prima da Princesa Sultana, condenada à morte pelo crime de adultério.

MOHAMMED Cunhado da Princesa Sultana. Casado com a irmã de Karim, Hanan.

MUSA Motorista egípcio da família da Princesa Sultana.

NADA Amiga de infância da Princesa Sultana, que foi morta pelo pai por um crime contra a «honra».

NASHWA Sobrinha da Princesa Sultana. Nashwa é a filha adolescente da Princesa Sara. NAS S E R Genro de Fatma.

NURAH Sogra da Princesa Sultana.

NURA AL SA'UD Irmã mais velha da Princesa Sultana.

RIMA Noiva ainda criança do Iêmen.

RIMA AL SA'UD Irmã da Princesa Sultana.

SALIM Cunhado da Princesa Sultana. Salim é casado com Rima.

SAMIRA Amiga de infância de Tahani, uma das irmãs da Princesa Sultana. Samira foi condenada ao confinamento aos aposentos das mulheres durante toda a vida.

SAMIA Membro da família real, casou com Fuad e é mãe de Fayza.

SARA AL SA'UD Irmã da Princesa Sultana. Sara é casada com Asad, irmão de Karim.

'TAHANI AL SA'UD Irmã da Princesa Sultana.

WAFa Amiga de infância da Princesa Sultana. Casou ainda muito jovem com um homem muito mais velho.

YUSIF Homem egípcio que foi amigo dos tempos de estudos do Príncipe Karim e que mais tarde se integrou num grupo islâmico radical no Egito.

PRÓLOGO

Uma grande rocha não é perturbada pelo vento; a mente de um homem sábio não é perturbada nem pela honra nem pelo abuso.
- BUDA

Li em tempos que uma boa pena pode apunhalar qualquer rei. Ao olhar para a fotografia do meu tio, Fahd ibn Abdul Aziz, o rei da Arábia Saudita, sei que não albergo em mim nem o mais ínfimo desejo de apunhalar o nosso rei, ou mesmo de inflamar a cólera de um homem cuja bondade conheço bem.

Passo com os meus dedos pelo seu rosto, procurando recordar o tio Fahd dos tempos da minha infância. A fotografia revela-nos o rei na sua maturidade, mas não a figura juvenil que perdura na minha memória. A severidade das linhas da testa, a dureza da boca e do queixo, são traços que não correspondem à imagem do homem encantador que a minha mente teima em evocar. Os meus pensamentos recuam no tempo, lembrando o rei antes da coroação. Um homem alto, de ombros largos, estendendo a sua mão maciça para uma criança atemorizada, oferecendo-lhe uma tâmara. Essa criança era eu. Fahd, tal como o seu pai, era um homem robusto, e os meus olhos de menina viam-no mais como o filho do guerreiro beduíno que ele era, do que como o homem de estado que um dia viria a ser. Apesar de ser naturalmente atrevida, reagi àquela oferta de uma forma tímida; aceitei com alguma relutância o fruto do deserto e tratei logo de fugir, correndo a refugiar-me nos braços da minha mãe. Apesar da distância, ainda ouvi o riso afetuosos de Fahd, enquanto saboreava o doce fruto.

Como mandam os costumes sauditas, a partir da puberdade nunca mais voltei a aparecer sem véu na presença do rei. Entretanto, o jovem que me ofereceu uma tâmara transformou-se num homem idoso. Reconhecendo o atual aspecto sombrio e grave do rei, concluo que todos estes anos à frente do Estado o tornaram mais forte, mas que as responsabilidades inerentes ao cargo o castigaram duramente. E apesar do seu ar maciço e régio, o nosso rei não pode ser considerado um homem bem-parecido. As sobrancelhas caem-lhe demasiado fartas sobre os olhos protuberantes, o nariz ofusca o lábio superior, que domina severamente uma boca delicada. No retrato que é conhecido de todos os cidadãos sauditas e de todos aqueles que visitam o país, o retrato oficial que se destaca nas paredes de todas as empresas e instituições do meu país, o rei surge como uma pessoa que eu sei que ele não é: uma criatura agreste, ameaçadora, insensível.

Apesar do seu incontestado poder e vasta riqueza, a posição do rei não é de molde a suscitar inveja. Como soberano absoluto de uma das nações mais ricas do mundo, o governo do rei Fahd nestas terras quentes e áridas da Arábia Saudita equivale a uma luta perpétua entre o velho e o novo.

As outras nações, na sua maior parte, preservam-se e progridem, abandonando ou reformulando as velhas tradições, caminhando lentamente para novos e melhores sistemas que fazem avançar a civilização. O nosso rei, no entanto, não dispõe de tais possibilidades. Ele, que não passa de um simples mortal, tem de impor a paz e a unidade a quatro grupos de cidadãos divididos e completamente distintos: os fundamentalistas religiosos, homens duros, inflexíveis, poderosos; que exigem um regresso ao passado; a proeminente classe média, educada e culta, que reivindica a libertação das velhas tradições que sufocam as suas vidas; as tribos beduínas, que rejeitam todos os incitamentos a que abandonem a vida nômade e cedam aos atrativos das cidades; e, por fim, os membros da vasta família real, que não desejam outra coisa senão riqueza, riqueza e mais riqueza.

Ligando estas quatro facções, há um grupo de nativos que foi esquecido, nós, as mulheres da Arábia Saudita, tão diversas nos nossos desejos e reivindicações como os homens que governam as nossas vidas de todos os dias.

No entanto, e por muito estranho que isto possa parecer, eu, uma mulher que sofreu tantas frustrações e que conhece as provações por que passam as outras mulheres sauditas, pouco

rancor poderei sentir pelo nosso rei, pois sei que ele tem de ser o esteio leal de maridos, pais e irmãos, antes de se opor aos disciplinados homens que dominam a religião. Estes religiosos afirmam deter a correta interpretação das leis históricas que permitem que os homens dominem brutalmente as mulheres. O 'status quo' deixa satisfeitos muitos - demasiados - vulgares cidadãos da Arábia Saudita, os quais descobrem que é mais fácil ignorar as queixas das suas mulheres do que acompanhar o rei nas tentativas de mudança.

Apesar das dificuldades, a grande massa dos cidadãos sauditas apóia o rei Fahd. Só os fundamentalistas religiosos defendem a sua queda. Todos os outros cidadãos sauditas o consideram um homem generoso e afável.

Não me esqueço de que as mulheres da nossa família sabem que o rei é amado pelas suas esposas. E quem conhece melhor um homem do que as suas esposas?

Embora o rei Fahd governe com mão mais suave do que o seu pai e os seus três irmãos, não é preciso ter a sabedoria de um erudito para perceber que Sultana, o livro que conta a história da minha vida, será entendido como uma bofetada no rosto do homem que dirige o meu país.

É isso que lamento - e apenas isso.

Censuro-me severamente pelo fato de, sem nenhuma coação, ter tomado a iniciativa de quebrar um precedente de gerações, lançando aos quatro ventos segredos de família. Agora, pela primeira vez, pergunto-me se terei agido motivada pela paixão e não pela sabedoria; talvez a minha seriedade e o meu entusiasmo me tenham levado a subestimar a minha capacidade de intriga.

Numa tentativa para aliviar a minha consciência e acalmar os meus receios, recordo vividamente a intensa raiva que senti em relação aos homens da minha família, os dirigentes da Arábia Saudita, que pareciam ignorar por completo o sofrimento das mulheres na terra que governavam.

I Descoberta

O desespero enfraquece-nos a visão e fecha-nos os ouvidos. Não conseguimos ver outra coisa senão espectros de morte e só conseguimos ouvir o bater dos nossos agitados corações.
- KHALIL GIBRAN

Estamos em Outubro de 1992 e eu, Sultana Al Sa'ud, a princesa retratada num livro que desvenda toda a verdade sobre a sua vida, sigo os dias do calendário com uma mistura de excitação febril e sombria depressão. O livro que revelou a vida das mulheres forçadas a usar véu foi publicado em Setembro nos Estados Unidos. Desde a sua publicação que trago comigo um sombrio pressentimento de perdição, de condenação; sinto-me como se estivesse precariamente suspensa no espaço, pois estou consciente de que todas as ações, pequenas ou grandes, boas ou más, produzem sempre conseqüências.

Respiro fundo e, recuperando alguma esperança, digo para mim mesma que é provável que esteja em segurança no anonimato da imensa família Al Sa'ud. Mesmo assim, os meus instintos, em que deposito toda a confiança, avisam-me de que fui descoberta.

No preciso momento em que sinto estar a vencer a culpa e o medo, o meu marido, Karim, entra em casa muito agitado, gritando que Ali, o meu irmão, regressou mais cedo da sua viagem à Europa e que o meu pai convocou uma reunião de família urgente no seu palácio. Com os seus olhos negros faiscando num rosto pálido marcado por erupções de um vermelho ígneo, o meu marido parece mais desvairado que um cão raivoso.

Um pensamento horrível assalta-me desde logo. Karim sabe do livro!

Imaginando-me já confinada às asfíxiantes paredes das masmorras subterrâneas, vendo-me já privada dos meus queridos filhos, deixo-me vencer por um momento pela agitação e, com uma voz frágil que em nada se assemelha à minha voz autêntica, pergunto ao meu marido o que se passou.

Karim encolhe os ombros e responde-me, «Sei lá! Ninguém sabe!». As suas narinas dilatam-se de irritação enquanto prossegue: «Informei o teu pai de que tenho uma reunião importante amanhã em Zurique, disse-lhe que podíamos vê-lo quando eu regressasse, mas ele mostrou-se inflexível. Ordenou-me que cancelasse os meus planos e que te levasse a casa dele esta noite».

Como que levado por uma rajada de vento, Karim precipita-se para o seu escritório, exclamando: «Três reuniões vão ter de ser canceladas!».

Sem força nos joelhos, deixo-me cair no sofá aliviada, pensando que todas as conclusões são prematuras. A fúria de Karim não tem nada a ver comigo! A minha coragem renasce, alimentada por novas esperanças.

Mesmo assim, a ameaça de que fui descoberta persiste e tenho ainda muitas e longas horas à minha frente antes da inesperada reunião de família.

Fingindo uma alegria que não sinto, sorrio e converso, enquanto atravesso com Karim o vasto salão de entrada, caminhando sobre os espessos tapetes persas, e penetro na enorme e grandiosa sala-de-estar do palácio recentemente construído. O meu pai ainda não chegou, mas verifico que eu e o meu marido somos os últimos membros da família a chegar. Os outros dez filhos vivos da minha mãe, sem os seus cônjuges, também foram convocados. Sei que cinco das minhas irmãs tiveram de vir de avião para Riade; duas delas vieram de Taif, as outras três de Djedda. Olho à minha volta e verifico que Karim é, entre os presentes, o único membro exterior da família. Nem a primeira esposa do meu pai, nem os filhos dela foram convocados. É provável que o meu pai os tenha afastado momentaneamente do palácio.

A urgência da reunião leva-me a pensar de novo no livro. O medo sufoca-me. A minha irmã Sara e eu trocamos olhares ansiosos. Ela é o único membro da minha família que sabe da publicação do livro e os seus pensamentos parecem ser idênticos aos meus. Todos os meus

familiares me saúdam calorosamente, excetuando o meu único irmão, Ali. Reparo, num relance, que os seus olhos manhosos espiam todos os meus movimentos.

Algum tempo após a nossa chegada, o meu pai entra na sala. As suas dez filhas levantam-se respeitosamente e saúdam o homem que lhes deu a vida sem lhes dar amor.

Há meses que não via o meu pai e digo para mim mesma que parece esgotado, prematuramente envelhecido. Inclino-me para beijá-lo na face, mas ele afasta-se nervosamente e não retribui a minha saudação. Dando livre curso aos meus medos, apercebo-me nesse preciso momento de que fui tremendamente ingênua quando pensei que os Al Sa'uds estavam demasiado ocupados a acumular riquezas para darem importância a livros. A minha ansiedade não pára de crescer.

Com uma voz grave, o meu pai pede que nos sentemos, acrescentando que tem notícias desagradáveis a dar-nos.

Atraída pelo seu olhar, reparo que Ali, com todo o seu mórbido interesse pelo sofrimento dos outros, exhibe uma expressão de júbilo, de regozijo. Fita-me com um olhar impiedoso. É mais que evidente que Ali está a par dos motivos da reunião.

O meu pai abre a sua pasta preta e retira um livro que nenhum de nós poderá ler. Está escrito numa língua estrangeira. Confusa, imagino que os meus receios não tinham razão de ser, pois aquele livro não parece ter nada a ver com a minha família.

Com uma voz cheia de indisfarçada cólera, o meu pai diz-nos que Ali comprou aquele livro há pouco tempo na Alemanha e que o livro conta a vida de uma princesa, uma mulher estúpida e ridícula que não tem consciência dos deveres que acompanham os privilégios da realeza. Enquanto fala, dá a volta à sala, exibindo o livro. A imagem da capa é, muito claramente, a de uma mulher muçulmana, pois o seu rosto é coberto por um véu e o pano de fundo é constituído por minaretes turcos. Dou comigo a fantasiar - desvairada fantasia... que uma velha princesa exilada, do Egito ou da Turquia, escreveu um livro em que conta toda a verdade sobre a sua vida, mas depressa caio em mim: que interesse poderia ter um tal livro no nosso país?

Quando o meu pai se aproxima de mim, leio o título: Ich, Prinzessin aus dem Hause Al Saud.

É a minha história!

Como nunca mais estive em contacto com a autora do livro, desde que soube que tinha sido vendido à William Morrow, uma importante e respeitada editora americana, desconhecia que Sultana tivera imenso êxito e fora vendido para inúmeros países. O livro que tenho à minha frente é, obviamente, a edição alemã.

Por um breve instante sinto um imenso orgulho, logo submergido por um intenso terror. Sinto o sangue subir-me ao rosto. Fico como que aturdida e mal ouço a voz do meu pai. Está a explicar que Ali sentiu curiosidade quando viu o livro no aeroporto de Frankfurt e que teve de suportar muitas contrariedades e despesas para que ele fosse traduzido, mas que não podia deixar de fazê-lo, pois o nome da nossa família estava escrito na capa.

Quando viu a edição alemã, Ali ficou exasperado, imaginando que alguma obscura princesa da família Al Sa'ud, sentindo-se vexada por um motivo qualquer, teria divulgado ao mundo os segredos da sua vida. Leu depois a tradução e reconheceu-se claramente como uma das personagens dos dramas de infância descritos no livro. Já não havia lugar para dúvidas. Ali cancelou as suas férias e regressou apressadamente a Riade, tomado de cólera.

O meu pai mandou fazer cópias da tradução propositadamente para este conselho de família.

Acena para Ali, fazendo um pequeno sinal com a mão. Ali agarra numa pilha maciça de papel que tinha ao seu lado e trata de distribuir a cada pessoa um feixe de folhas preso com um elástico largo.

Confuso, Karim dá-me cotoveladas, ergue as sobranceiras, revolve os olhos.

Até ao último segundo possível, a minha expressão desmente os seus temores, limitando-se a espelhar a confusão dele. Encolhendo os ombros, fito, sem pestanejar e sem ver, os papéis

que tenho nas mãos.

Com uma voz alterada, o meu pai grita o meu nome: «Sultana!».

Sinto o meu corpo saltar no ar.

O meu pai fala rapidamente, cuspidando as palavras como imagino que uma metralhadora expele balas. «Sultana, lembras-te do casamento e do divórcio da tua irmã Sara? Da maldade dos teus amigos de infância? Da morte da tua mãe? Da tua viagem ao Egito? Do teu casamento com Karim? Do nascimento do teu filho? Sultana?».

Deixei de respirar.

Implacavelmente, o meu pai prossegue a sua acusação. «Sultana, se tem dificuldade em lembrar-te desses importantes acontecimentos, sugiro-te que leias este livro!».

O meu pai atira o livro para o chão, junto aos meus pés.

Incapaz de me mexer, fito, muda, o livro que está no chão.

O meu pai ordena-me, «Sultana, pega no livro!».

Karim apanha o livro e olha atentamente para a capa. A sua respiração torna-se ofegante, aflitiva. Vira-se para mim. «O que é isto, Sultana?».

O medo paralisa-me. O meu coração deixa de bater. Ponho-me à escuta dele, ansiando por que deixe de bater.

Completamente desvairado, Karim deixa cair o livro, agarra-me pelos ombros e desata a abanar-me como se eu fosse um tapo.

Volto a sentir o coração, embora me assalte um pensamento infantil - por um segundo, lamento não morrer já ali; se morresse agora, a culpa perseguiria o meu marido durante toda a sua vida.

Ouço os músculos do meu pescoço a estalar, tal é a força com que Karim me sacode.

O meu pai grita, «Sultana! Responde ao teu marido!».

Subitamente, os anos dissipam-se. Sou de novo uma criança, estou à mercê dos desígnios do meu pai. Daria tudo para que a minha mãe estivesse viva, pois só o amor materno me poderia salvar desta guerra feroz!

Sinto um gemido de dor a formar-se na minha garganta.

Quantas vezes disse a mim mesma que sem coragem não pode haver liberdade... E no entanto, é quando preciso mais dela que a coragem me abandona. Sabia perfeitamente que o meu segredo seria descoberto se membros da minha família mais próxima lessem o livro. Insensatamente, senti-me protegida pelo fato de, na minha família, apenas Sara ter o hábito de ler livros. Mesmo que os boatos acerca do livro se espalhassem pela cidade, a minha família, pensava eu, não daria importância ao caso, a menos que o livro referisse algum incidente particular de que se recordassem.

Só que, ironicamente, o meu irmão, um homem que escarnece da simples menção dos direitos das mulheres, leu o livro, um livro que se debruçava precisamente sobre os abusos de que as mulheres são vítimas no meu país. Este irmão ou demônio destruiu o meu precioso anonimato.

Olho à minha volta timidamente, para o meu pai, as minhas irmãs, o meu irmão. Como se tivessem ensaiado, os seus olhares de surpresa e cólera fundem-se lentamente num único olhar que fere como setas.

Ao fim de apenas um mês, não mais que um curto mês, eis-me descoberta! Reencontrando a minha voz, protesto fragilmente, responsabilizando a suprema autoridade pelos meus atos, dizendo o mesmo que qualquer bom Muçulmano diz quando é apanhado a cometer um ato pelo qual será castigado. «Foi Deus que assim o quis. Ele quis este livro!».

Ali não perde tempo a responder, num tom de chacota: «Deus? Não, não foi Deus! Foi o demônio! Foi o demônio que quis este livro, não Deus!». Vira-se para o meu pai e diz-lhe com o ar mais sério deste mundo: «Desde o dia em que nasceu que Sultana tem um pequeno demônio dentro dela. Foi esse demônio que quis este livro!».

Imediatamente, as minhas irmãs começam a folhear as resmas de papel, querem ver com

os seus próprios olhos se os segredos da nossa família foram revelados.

Apenas Sara me apóia. Levanta-se lentamente e, sem que ninguém pareça dar por isso, põe-se atrás de mim e pousa as suas mãos sobre os meus ombros, tranquilizando-me com os seus brandos afagos.

Karim está calmo agora, depois da explosão inicial. Vejo que está a ler a tradução do livro. Inclino-me um pouco e vejo que descobriu o capítulo que conta o nosso primeiro encontro e o conseqüente casamento. Absolutamente paralisado, o meu marido lê em voz alta as palavras que está a ver pela primeira vez.

Os gritos irados do meu pai acicam o ódio acirrado de Ali. Procuram superar-se um ao outro nos seus ataques verbais à minha estupidez. No meio desta violenta desordem, ouço Ali acusar-me de traição.

Traição? Eu amo o meu Deus, o meu país, o meu rei, por esta ordem; e grito-lhes, «Não! Eu não sou uma traidora! Só um tribunal improvisado, formado por mentes medíocres, poderia chegar a tal conclusão!».

Com a expressão da minha cólera, o medo que me tolhia começa a dissipar-se.

Digo para mim mesma que os homens da minha família são a prova de que homens e mulheres só podem viver em paz quando um dos sexos é suficientemente forte para dominar por completo o outro. Agora que as mulheres sauditas começam a ter acesso à educação e a pensar pelas suas próprias cabeças, a discórdia e a violência invadirão ainda mais as nossas vidas. Mesmo assim, acolho de bom grado esta batalha, se ela significar mais direitos para as mulheres, pois uma falsa paz contribui apenas para aumentar a subjugação do sexo feminino.

Contudo, sei que este não é o momento mais oportuno para discutir tal assunto. Ali e o meu pai continuam a acusar-me furiosamente, e eu deixo de prestar atenção ao que eles dizem. O meu pavor inicial fizera-me esquecer as razões por que pedira a Jean Sasson que escrevesse a minha história. Agora, deixo de ouvir por completo as acusações e forço-me a recordar a morte por afogamento da minha amiga Nada. Eu era uma adolescente nessa altura, e as autoridades religiosas tinham descoberto as minhas queridas amigas Nada e Wafa na companhia de homens que não eram seus parentes, nem seus maridos. Como ainda eram virgens, não foram punidas pelo Estado por tal crime contra a moral e os bons costumes; em vez disso, foram entregues aos pais para que estes as castigassem. Wafa foi obrigada a casar-se com um homem muito mais velho. Nada foi afogada. Foi o próprio pai de Nada quem decretou o cruel castigo, afirmando que a honra da sua família fora destroçada pela reprovável conduta sexual da sua filha mais nova. Com a execução de Nada, pretendia, dubiamente, recuperar a honra perdida.

Os meus pensamentos concentraram-se depois na prisão da melhor amiga da minha irmã Tahani. Samira era uma jovem cujos pais tinham morrido num acidente de viação. Fugira para os Estados Unidos com o seu namorado quando se sentira ameaçada pelo tio, seu tutor legal após a morte dos pais. Uma grande tragédia ocorreu quando o tio de Samira, usando de mil artimanhas, a convenceu a regressar à Arábia Saudita. Furioso com a paixão da sobrinha, forçou-a a casar-se com um homem que ela não escolhera. Quando se soube que Samira já não era virgem, confinaram-na ao «quarto das mulheres». Enquanto a minha própria crise se desenrola, Samira permanece presa.

Ainda antes da publicação do livro, apercebi-me de que nenhuma destas histórias pareceria crível, a menos que os leitores levassem em linha de conta as barbaridades que os homens infligem às mulheres. Contudo, algo me dizia que aqueles que possuem um genuíno conhecimento da minha terra - dos seus costumes e tradições - reconheceriam a verdade das minhas palavras. Agora, pergunto-me se as vidas trágicas de Nada e Samira terão realmente tocado os corações dos leitores.

A memória das minhas infortunadas amigas e do seu triste destino dá-me uma força nova.

Exasperada, digo para mim mesma que aqueles que almejam a liberdade devem estar preparados para pagar com as suas próprias vidas o custo dessa liberdade. O pior aconteceu. Fui

descoberta. E agora?

Aquele era um momento fulcral. Sentindo a minha força regressar, levanto-me e enfrento os meus inimigos. Sinto o sangue de guerreiro do meu avô, Abdul Aziz, correndo-me violento nas veias. É nos momentos de verdadeiro perigo que os meus adversários mais razões têm para me temer. Desde a minha infância que é assim.

A minha coragem arma-me de uma determinação indestrutível. Recuando no tempo, lembro-me do rosto de um homem bondoso que ofereceu suculentas tâmaras a uma menina. Ocorre-me uma idéia extrema. Sem hesitar, grito corajosamente no meio do alarido: «Levem-me ao reil».

O alarido acaba. Incrédulo, o meu pai repete as minhas palavras: «Ao rei?». Ali faz um ruído de impaciência com a língua. «O rei não te quer receber!». «Quer, sim! Levem-me ao rei. Quero explicar-lhe os motivos que levaram à publicação do livro. Quero contar-lhe as trágicas vidas das mulheres que ele governa. Confessarei tudo, mas apenas ao rei».

O meu pai olha de soslaio para Ali. Os seus olhos encontram-se agora. Não é difícil ler o que vai nas suas mentes: «Uma pessoa deve ser honrada, mas nem tanto!».

«Insisto na minha confissão. Confessarei tudo ao rei». Conheço bem este rei. Odeia os confrontos. Mesmo assim, castigar-me-á pelo que fiz. Digo para mim mesma que precisarei de alguém exterior à Arábia Saudita para manter viva a minha memória. «Mas antes de me apresentar ao rei», digo, «tenho de falar com uma pessoa de um jornal estrangeiro, pois quero revelar a minha identidade. Se vou ser castigada, recuso-me a ser esquecida. É preciso que o mundo saiba como é que o nosso país trata aqueles que põem a nu toda a verdade».

Encaminho-me para o telefone, que está numa mesinha perto da porta, pensando que devo informar alguém da provação por que estou passando. Estou desesperada, tentando lembrar-me do número de telefone de um jornal internacional que tinha memorizado precisamente para o caso de ser descoberta.

As minhas irmãs começam a chorar, pedem ao meu pai que me detenha.

Karim levanta-se de um salto e corre para me impedir de chegar ao telefone. Põe-se à minha frente, impede-me de avançar. Com uma expressão grave, estende o braço e aponta para a minha cadeira, como se esta fosse o cepo do carrasco.

Apesar da seriedade do momento, há qualquer coisa na expressão de Karim que me dá vontade de rir. Desato a rir bem alto. O meu marido é tão idiota que ainda não aprendeu a silenciar-me. Teria de me matar, mas isso, sei-o bem, nunca o fará. O meu conhecimento da incapacidade de Karim para cometer seja que tipo for de violência é um fator que sempre me deu força.

Nem eu nem ele nos mexemos. Sentindo agudamente o drama do momento, exclamo: «Quando o animal se vê encurralado, o caçador corre perigo!». Ocorre-me dar-lhe uma cabeçada no estômago, mas, nesse preciso momento, a minha irmã mais velha, Nura, avança e acalma-nos a todos com a sua voz serena.

«Chega! Esta não é a melhor maneira de resolver um problema». Faz uma pausa, olha de relance para o pai e para Ali. «Tanta gritaria para quê? Para os criados ouvirem? Com certeza que ouviram. Isso sim, isso é que é um problema!».

Nura é a única filha do meu pai que conseguiu atrair o seu amor. O meu pai faz sinal para que todos falem mais baixo.

Karim leva-me pelo braço, regressamos às nossas cadeiras.

O meu pai e Ali continuam de pé, nenhum deles diz palavra.

Desde a publicação do livro que o medo me deixa fragilizada. Agora, pela primeira vez em semanas, sinto-me cheia de força, pois percebo que a última coisa que os homens querem é entregar-me às autoridades.

A reunião continua, mas de uma forma muito mais cordata. Aborda-se de uma maneira séria a melhor maneira de manter secreta a minha identidade. Compreendemos que haverá muita especulação no reino acerca da identidade da princesa que surge no livro. A minha família decide

que o vulgar cidadão saudita não conseguirá descobrir a verdade, já que se encontra excluído dos nossos círculos familiares. E não há um perigo real da parte dos parentes masculinos da vasta família Al Sa'ud, pois as mulheres e as suas atividades são cuidadosamente escondidas dos olhares dos homens. O meu pai está sinceramente preocupado com os parentes femininos, porque participam ocasionalmente nas nossas reuniões íntimas.

Há um momento de pânico quando Tahani se lembra de que uma velha tia que esteve intimamente ligada ao desastroso casamento e divórcio de Sara ainda vive. Nura acalma os receios de todos, revelando que os médicos, poucos dias antes, tinham diagnosticado à nossa tia uma doença neurológica que costuma afetar alguns idosos. Nura diz que a nossa tia praticamente já não é capaz de produzir uma afirmação coerente. Se, por algum remoto acaso, ouvir falar do livro, ninguém levará a sério o que ela possa dizer ou fazer.

Todos suspiram aliviados.

Quanto a mim, não tenho medo nenhum da nossa velha tia. Ela era diferente de todas as outras mulheres do seu tempo. Conheço o seu caráter folgazão melhor que ninguém. Este meu conhecimento deriva de conversas que tive com ela. Conversas em que ela me segredava ao ouvido que me dava todo o seu apoio na minha luta pelas pequenas liberdades das mulheres. Numa dessas conversas, gabara-se de que fora a primeira feminista em todo o mundo, muito antes de as mulheres europeias terem pensado em tais questões. Dissera-me que, na sua noite de núpcias, obrigara o estupefato marido a aceitar que fosse ela a lidar com os dinheiros da venda de ovelhas, pois só ela é que sabia fazer contas de cabeça, ao passo que ele tinha de fazê-las na areia, com um pau. Além disso, o marido dela nunca teve outra mulher. Nem tal idéia lhe passava pela cabeça, pois, segundo dizia, a minha tia chegava-lhe e sobrava-lhe.

Com um riso franco na boca sem dentes, a minha tia confiara-me que o segredo para controlar um homem estava na capacidade da mulher para manter o «pau de couro» do marido duro e pronto. Eu era uma garota nessa altura e não fazia idéia do que poderia ser esse «pau de couro». Mais tarde, já adulta, muitas vezes sorri ao evocar tal confiança, imaginando as voluptuosas cenas que se passariam na tenda da minha tia.

Depois da morte prematura do marido, a minha tia confessou-me que tinha muitas saudades das ternas carícias do seu homem e que era a sua memória que a impedia de aceitar outro companheiro.

Ao longo dos anos, guardei ciosamente o seu feliz segredo, temendo que eventuais revelações constituíssem um rude golpe para a minha tia.

Durante várias horas, a minha família esquadrinhou as páginas da tradução e ficou satisfeita com o fato de, no seio da nossa família mais próxima, não haver mais ninguém vivo, para além da minha velha tia, capaz de identificar os dramas e as querelas familiares divulgados no livro.

É evidente o profundo sentimento de alívio dos meus familiares. Além disso, apercebo-me de que sentem alguma admiração por mim, pelo fato de eu ter alterado, muito astuciosamente, todas as informações susceptíveis de conduzírem as autoridades diretamente à minha porta.

A noite termina com o meu pai e Ali avisando as minhas irmãs de que não devem contar aos maridos o que ali se discutiu. Há sempre o perigo de um dos maridos ir contar a uma irmã ou à mãe... As minhas irmãs deverão dizer que a reunião serviu apenas para abordar assuntos de mulheres, sem qualquer interesse para os seus maridos.

O meu pai ordena-me gravemente que não me identifique publicamente, que não anuncie o meu «crime». O fato de o livro ser a história da minha vida deve permanecer um segredo bem guardado dentro da nossa família. Lembra-me ainda de que, para além de eu incorrer em pesadas penas - o confinamento em casa ou mesmo a prisão -, os homens da família, incluindo o meu próprio filho, Abdullah, seriam ridicularizados e marginalizados pela sociedade patriarcal saudita, cujo maior valor é precisamente a capacidade de um homem para controlar as suas mulheres.

Baixo os olhos em sinal de submissão e prometo obediência. O meu coração, porém, sorri, pois nesta mesma noite fiz uma descoberta notável: descobri que os homens da minha

família estão presos a mim como que por uma corrente, que a sua posição de domínio os prende tanto como me prende a mim.

Ao despedir-me do meu pai e do meu irmão, digo para mim mesma: o poder absoluto envenena a mão da pessoa que o detém.

Porque não obtive a minha condenação, Ali se mostra mal-humorado quando nos separamos. Teria ficado contente se eu fosse condenada ao confinamento em casa, nada lhe agradaria mais. Mas há riscos que ele não pode correr. A minha condenação seria uma séria afronta ao seu orgulho masculino, pois passaria a ser apontado por todos como o irmão de uma criminosa.

Despeço-me dele com uma saudação especialmente calorosa, segredando-lhe ao ouvido: «Não te esqueças de uma coisa, Ali: nem todos os que estão a ferros podem ser subjugados!».

Este é um grande triunfo!

A caminho de casa, Karim mostra-se taciturno e obstinado. Fuma cigarro atrás de cigarro, insulta o motorista filipino por não conduzir segundo os desejos do seu amo.

Encosto o rosto à janela do carro, mas os meus olhos não se detêm nas ruas de Riade por onde passamos. Preparo-me para uma segunda batalha, pois sei que não poderei escapar à fúria de Karim.

Uma vez fechados no nosso quarto, Karim pega nas folhas da tradução. Começa a ler em voz alta as passagens que mais o ofendem: «Exibia uma fachada de sabedoria e amabilidade; contudo, no fundo, só havia manha e egoísmo. Com que tristeza descobri que ele não passava de uma fachada e que, no seu íntimo, pouco havia de bom!».

Não consigo deixar de sentir compaixão por ele, pois qualquer ser humano sentir-se-ia ferido e furioso ao ver divulgados em público os seus pontos fracos. Combato a emoção, obrigo-me a recordar os atos do meu marido que tanto sofrimento me causaram, esse sofrimento que o livro tão vividamente retrata.

Sinto-me presa de um dilema, não sei se hei-de rir, se hei-de chorar.

Karim resolve-me o problema com o seu comportamento exagerado. Agita muito os braços, bate com os pés no chão. Faz-me lembrar as marionetes egípcias que vira na semana anterior, no palácio da minha irmã Sara, um espetáculo hilariante com fantoches usando trajes sauditas. Quanto mais atentamente o examino, mais ele se parece com Goha, uma figura imaginária do mundo árabe, uma criatura simpática mas excêntrica. No espetáculo de marionetes, Goha procedera como de costume, disparatadamente, exageradamente, para se libertar de situações muito complexas.

Os meus lábios tremem, tal é a minha vontade de rir. Só estou à espera que o meu marido se atire para o chão e desate numa birra de criança.

Ele praguejou e enrubescou de vergonha; pensei que talvez estivesse furioso com a sua incapacidade para controlar a esposa.

Karim lança-me um olhar cheio de ódio. «Sultana! Não te atrevas a sorrir! Estou furioso contigo!».

Debatendo-me ainda com emoções antagônicas, encolho os ombros. «És capaz de negar que aquilo que estás a ler é a pura verdade?».

Karim ignora as minhas palavras e continua estupidamente a procurar as passagens mais terríveis acerca do seu caráter, lembrando à esposa os traços de temperamento que a levaram a deixá-lo anos antes.

Lê agora, aos gritos: «Ah, como eu ansiava ser casada com um guerreiro, um homem cuja vida fosse guiada pela chama ardente da retidão!».

A sua raiva cresce a cada palavra. Agora, segura no livro mesmo junto à minha cara e aponta para as palavras que considera mais insultuosas: «Há seis anos, Sultana teve uma doença venérea; depois de muito sofrimento, Karim admitiu que todas as semanas participava numa orgia sexual com estrangeiros... Depois do pânico provocado pela doença, Karim prometeu que evitaria aqueles encontros semanais, mas Sultana diz que sabe que ele é fraco e que não resiste à

atração de tais aventuras e que continua a participar nelas sem sombra de vergonha. O seu maravilhoso amor desapareceu, exceto na memória; Sultana diz que permanecerá junto do seu marido e que continuará a sua luta para o bem das suas filhas».

Karim está tão furioso com esta revelação que receio que desate a chorar. Acusa-me de «envenenar o paraíso», afirmando que «as nossas vidas são perfeitas».

É verdade que neste último ano recuperei algum do meu antigo amor, alguma da confiança que tinha em Karim; mas é em momentos como este que me sinto desalentada perante a covardia dos homens da nossa família. Pelo seu comportamento, é evidente que Karim não dá qualquer importância às razões que me levaram a divulgar a minha vida e a pôr em perigo a minha segurança e a nossa felicidade, nem aos acontecimentos, muito reais e trágicos, que põem termo às vidas de mulheres jovens e inocentes na sua própria terra. Karim só está preocupado com a forma como o livro o retrata, com o fato de haver muitas passagens que dão dele uma imagem de que não gosta.

Digo-lhe que só ele e outros homens da família Al Sa'ud detêm o poder necessário para realizar a mudança no nosso país. Lentamente, tranquilamente, sutilmente, podem procurar e encorajar a mudança. Não me parece que ele seja sensível aos meus argumentos. Compreendo que os homens da família Al Sa'ud nunca permitirão que o seu poder corra perigos por causa das mulheres. Estão cegamente apaixonados pela coroa.

Karim fica mais calmo depois de eu lhe lembrar que, fora da nossa família, ninguém (para além da autora, é claro) sabe quem ele é! E as pessoas da nossa família conhecem-no suficientemente bem e estão a par do que ele tem de bom e de mau. Não precisam ler o livro para ficar conhecendo-o.

Karim senta-se a meu lado e ergue-me o queixo com o seu dedo. Quase me comove quando pondera: «Então tu foste contar a Jean Sasson a doença que eu apanhei?».

Toda eu me agito envergonhada, enquanto Karim abana lentamente a cabeça, visivelmente decepcionado com a sua esposa. «Não há nada sagrado para você, não é, Sultana?», diz-me ele.

Muitas são as batalhas que terminam numa efusão de sentimentos benévolos. Esta noite termina com inesperadas demonstrações de afeição. Estranhamente, Karim diz-me que nunca me amou tanto como agora.

Vejo-me cortejada pelo meu marido e os meus sentimentos ganham um novo fulgor. O meu marido volta a acender em mim o desejo que, em tempos, pensara estar perdido para sempre. Pergunto-me como é possível que ame e odeie o mesmo homem.

Mais tarde, enquanto Karim dorme, permaneço acordada ao seu lado e revejo mentalmente, momento a momento, todos os acontecimentos deste dia. Apercebo-me de que, apesar do desfecho desta noite - a garantia de proteção dada pelos meus familiares (unicamente porque temem ser banidos e/ou punidos pelo rei) -, não poderei ficar em paz enquanto não houver, nesta terra que amo, uma genuína transformação social que beneficie as mulheres cujo fardo partilho. As terríveis provações por que passam as mulheres sauditas impelem-me a prosseguir na minha luta pela liberdade dessas mulheres.

Questiono-me: Não sou eu por acaso mãe de duas garotas? Não terei eu a obrigação de lutar pela mudança, por causa delas e por causa das filhas delas?

Sorrio ao lembrar-me de novo do espetáculo de marionetes que vi na companhia dos filhos menores de Sara. Recordo as palavras de Goha, personagem sempre divertida mas também sábia: «Será que um saluki [cão do deserto] deixa de ladrar em defesa do seu dono só porque lhe atiram um osso?».

E grito: «Não!».

Karim mexe-se na cama e eu afago-o na nuca, segredo-lhe doces palavras, faço-o adormecer de novo.

Sei agora que não mantereí o compromisso que assumi sob coerção. Deixarei que seja a comunidade mundial a decidir quando é que devo regressar ao silêncio. Enquanto as pessoas não

decidirem fechar os ouvidos às provações de mulheres desesperadas, continuarei a revelar o que realmente se passa por detrás do secretismo do véu negro. Este terá de ser o meu destino.

Tomo uma decisão. Apesar das promessas que fiz sob ameaça de detenção, da próxima vez que viajar para o estrangeiro contatarei a minha amiga Jean Sasson. Há coisas que ainda é preciso fazer.

Quando os meus olhos se fecham de sono, sou uma mulher mais concentrada e determinada, mas ao mesmo tempo muito mais triste do que a Sultana que acordara na manhã anterior, pois sei que, uma vez mais, vou penetrar numa arena cheia de perigos. Porém, mesmo que a minha punição - e, possivelmente, até mesmo a morte - seja cruel, o fracasso será mais amargo, pois o fracasso permanecerá vivo para todo o sempre.

II MAHA

Quanto mais proibições tiverem, menos virtuosas serão as pessoas.

- TAO TE CHING

As pessoas que eu e Karim mais amamos são aquelas que mais problemas nos trazem. Abdullah, o nosso filho primogênito, inquieta-nos; Maha, a nossa filha mais velha, deixa-nos assustados; ao passo que Amani, a nossa filha mais nova, nos deixa perplexos.

Não antevia profecias inquietantes quando o nosso filho Abdullah, sorrindo de felicidade, nos contava, todo satisfeito, os seus maravilhosos êxitos no futebol. Karim e eu, como pais que somos, ficávamos deliciados ao saber das proezas do nosso querido filho. Desde pequeno que Abdullah raramente era vencido nas competições desportivas, fato que fazia rejubilar o seu atlético pai. Certo dia, estávamos tão enlevados a ouvir as proezas de Abdullah que nem nos demos conta das atividades das suas duas irmãs, Maha e Amani, que estavam a divertir-se com um jogo de vídeo.

Só quando Amani, a nossa filha mais nova, começou a gritar, tomada de pânico, é que eu e Karim vimos horrorizados as chamas que alastravam pela roupa de Abdullah.

O nosso filho estava a ser consumido pelo fogo!

Agindo instintivamente, Karim atirou-o ao chão e extinguiu as chamas enrolando-o num tapete persa.

Depois de nos termos certificado de que o nosso filho nada sofrera, Karim tratou de descobrir as causas do inexplicável fogo.

Eu só dizia que o fogo fora causado pelo mau-olhado, pois nós não fazíamos outra coisa senão gabar o nosso maravilhoso filho!

Dominando as lágrimas, tratei de confortar as minhas filhas. Pobre Amani! Os soluços devastavam o seu pequeno corpo. Enquanto pegava nela ao colo, fiz sinal a Maha para que viesse para ao pé de mim. De súbito, recuei horrorizada, pois o rosto de Maha era uma assustadora máscara de raiva e de ódio.

Investigamos o estranho acidente e depressa ficamos conhecendo a terrível verdade: Maha deitara fogo ao thobe do irmão.

Maha (que em Árabe significa «Gazela») não cumprira as promessas contidas no seu nome. Era muito claro, desde os seus dez anos, que a nossa filha mais velha possuía a energia demoníaca da mãe. Muitas vezes pensei que devia haver uma batalha entre espíritos bons e espíritos maus pairando sobre a cabeça de Maha, uma batalha de que normalmente os espíritos maus saíam vencedores. Nem uma vida privilegiada no meio do esplendor imperial, nem o amor incondicional de uma família devotada haviam temperado o espírito de Maha.

Sem qualquer justificação, Maha atormentou sempre o irmão, Abdullah, e a irmã mais nova, Amani. Poucas crianças terão provocado tantas crises familiares como a minha filha Maha.

Do ponto de vista físico, Maha é uma garota incrivelmente atraente, possuindo, para mais, uma personalidade assustadoramente sedutora. Tem o ar de uma dançarina espanhola: toda ela é olhos e cabelos. A esta beleza extraordinária, junta-se uma mente particularmente dotada. Desde o instante do seu nascimento que me apercebi de que haviam sido concedidas demasiadas bênçãos à minha filha mais velha. Possuindo muitas capacidades, Maha é incapaz de se concentrar num único objetivo. Na ausência de um projeto unificador, acabou por não conduzir os seus talentos segundo uma direção. Ao longo dos anos, tenho visto dezenas e dezenas de prometedores projetos nascerem e serem abandonados.

Karim disse em tempos que receava que a nossa filha fosse apenas o somatório de brilhantes fragmentos e que não conseguisse cumprir um único objetivo em toda a sua vida. A minha maior preocupação é que Maha seja uma revolucionária procurando uma causa.

Como me assemelho a ela, estou consciente das perturbações provocadas por um caráter rebelde.

Quando era menor, o problema parecia simples. Maha amava loucamente o pai.

Acontece, porém, que a intensidade dos seus sentimentos não cessou de crescer com a idade.

Enquanto Karim adorava as suas duas filhas tanto como amava o filho, e tudo fazia para evitar os ressentimentos por que eu passei em menina, a própria constituição da nossa sociedade levava a que Abdullah ganhasse um lugar preponderante na vida de Karim fora do nosso lar. Este fato básico, decorrente da nossa herança muçulmana, foi o primeiro choque da juventude de Maha.

O intenso ciúme de Maha, ansiando por que a afeição do pai fosse mais para ela do que para o irmão, trouxe-me à memória a minha infeliz infância - uma menina que fora desprezada, vítima do severo sistema social em que nascera. Por esse motivo, não conseguia entender a gravidade do descontentamento da minha filha.

Depois de Maha ter deitado fogo ao thobe de Abdullah, percebemos que o seu sentimento de posse em relação ao pai extravasava os limites da afeição normal de uma filha pelo seu progenitor. Maha tinha dez anos e Abdullah doze. Amani tinha apenas sete, mas vira a irmã afastar-se furtivamente do vídeo, pegar no isqueiro de ouro do pai e deitar fogo à bainha do thobe de Abdullah. Se Amani não tivesse gritado, Abdullah poderia ter sofrido graves queimaduras.

O segundo incidente chocante ocorreu quando Maha tinha apenas onze anos. Estávamos em Agosto, o mês de todos os calores. A nossa família fugira ao calor sufocante de Riade e instalara-se no palácio de Verão da minha irmã Nura, na fresca e montanhosa cidade de Taif. Era a primeira vez, ao fim de muitos anos, que o meu pai se juntava aos filhos da sua primeira mulher, e a sua atenção concentrou-se toda nos netos. Não deixou de admirar a corpulência física e a beleza de Abdullah, mas ignorou por completo Maha, que lhe puxava pela manga para lhe mostrar um casarão de brinquedo que as crianças tinham construído e que exibiam cheias de orgulho. O meu pai afastou-a. Estava mais interessado em apertar os bíceps que Abdullah lhe mostrava.

Maha ficou ofendida com a preferência do avô pelo irmão e pela indiferença com que a tratara. Eu sabia que Maha sofria e o meu coração sofria com ela.

Sabendo da habilidade que Maha tinha para provocar cenas, encaminhei-me para ela e procurei confortá-la. Respondeu-me assumindo um ar muito masculino e insultando o meu pai com as mais ferozes, grosseiras e indecentes palavras, envenenadas com vis acusações.

A partir desse momento, a reunião familiar perdeu rapidamente todo o seu brilho.

Embora humilhada, senti que Maha dera ao meu pai exatamente a resposta que ele merecia.

O meu pai, que nunca teve grande consideração pelo sexo feminino, resolveu não ocultar os seus sentimentos. Cheio de desprezo, ordenou: «Tirem-me esta horrível criatura da minha frente! Não a quero ver mais!».

Percebi claramente que a minha filha despertara todo o desprezo que o meu pai sentia por mim. Os olhos dele faiscavam e os lábios franziam-se de desdém, enquanto olhava para a filha e para a neta. Ainda o ouvi murmurar, para ninguém em particular: «Um rato só pode dar à luz ratos».

Num ápice, Karim obedeceu às ordens do meu pai. Levou Maha para onde o avô não a pudesse ver, apesar de a filha muito se debater e continuar a praguejar. E aplicou-lhe o corretivo esperado. Os gritos abafados de Maha podiam ouvir-se no jardim.

O meu pai foi-se embora pouco depois, mas ainda teve tempo para anunciar, perante toda a família, que a minha filha estava condenada, pois tinha o meu sangue.

A pequena Amani, sensível como é, não suportou o que ouviu e desatou numa berraria convulsiva.

A partir desse dia, o meu pai deixou de reconhecer a existência das minhas filhas.

O carácter belicoso e agressivo de Maha não a impedia de demonstrações ocasionais de amabilidade e sensibilidade. Por outro lado, o seu temperamento adoçou-se um pouco após o incidente de Taif. As fúrias da minha filha iam e vinham. Além disso, eu e Karim redobramos de vigilância, a fim de que as nossas duas filhas sentissem que eram tão amadas e estimadas como o irmão. Este procedimento não deixou de dar frutos dentro de casa. Contudo, Maha não podia ignorar o fato de que, para lá das paredes da nossa casa, seria considerada inferior ao irmão. É um costume terrível de todos os sauditas, incluindo a minha família e a de Karim: concentram toda a atenção e afeição nos rapazes, ao mesmo tempo que ignoram as garotas.

Maha era uma garota inteligente, muito difícil de enganar, e a inflexibilidade da vida árabe consumia-lhe o pensamento. Tive a premonição muito clara de que Maha era um vulcão que, mais tarde ou mais cedo, explodiria.

Tal como sucede com muitos dos pais de hoje, não tinha idéias claras sobre a melhor maneira de ajudar o mais perturbado dos meus filhos.

Maha tinha apenas quinze anos quando se deu a Guerra do Golfo, uma época que nenhum saudita poderá esquecer. Havia mudanças no ar e ninguém se sentiria mais tentado pela promessa da libertação das mulheres do que a minha filha. Quando as nossas provações sempre caladas despertaram a curiosidade de numerosos jornalistas estrangeiros, muitas mulheres educadas e cultas do meu país começaram a imaginar o dia em que queimariam os seus véus, despiriam as suas pesadas e pretas abaayas e conduziriam os seus próprios automóveis.

Eu própria me sentia tão excitada com esta atmosfera que nem reparei que a minha filha mais velha se tinha envolvido com uma adolescente que levava a extremos a sua idéia de libertação.

A primeira vez que vi Aisha senti-me desconfortável - e não foi por ela não pertencer à família real, já que eu tinha amigas fora do círculo da realeza. Aisha pertencia a uma conhecida família saudita que fizera fortuna importando mobiliário e vendendo-o às numerosas companhias estrangeiras que tinham de mobiliar um sem-número de residências para o enxame de trabalhadores estrangeiros que invadira a Arábia Saudita.

Achava aquela garota demasiado madura para a idade que tinha. Não obstante os seus dezessete anos, parecia uma mulher amadurecida e tinha um comportamento agressivo, prenunciador de conflitos e problemas.

Aisha e Maha eram inseparáveis. Aisha passava muitas horas em nossa casa. Tinha uma liberdade que era invulgar em garotas sauditas. Descobri mais tarde que os pais ignoravam-na quase por completo. Pareciam não se preocupar minimamente com o paradeiro da filha.

Aisha era a mais velha de onze filhos, e a sua mãe, a única esposa legal do pai, estava envolvida numa infundável disputa doméstica com o marido, pois este praticava um costume árabe pouco seguido, o mut'a, ou seja, «casamento de prazer», ou «casamento temporário». Tal casamento pode durar desde uma hora a noventa e nove anos. Quando o homem indica à mulher que o «casamento de prazer» terminou, os dois separam-se sem que a cerimônia de divórcio seja necessária. Os Sunitas, facção islâmica que domina a Arábia Saudita, consideram tal prática imoral, condenando o «casamento temporário» como algo que se assemelha à prostituição legalizada. Mesmo assim, nenhuma autoridade legal seria capaz de negar a um homem o direito a tal «casamento».

Pertencendo à facção dos Sunitas, a mãe de Aisha sempre protestou contra a intrusão das noivas temporárias (por vezes, noivas de apenas uma noite ou de apenas uma semana) imposta pelo seu depravado marido. Este, desprezando os protestos da mulher, retorquia que havia um versículo do Alcorão que legitimava o seu comportamento. Trata-se do versículo que diz: «Tens

permissão para procurar esposas fora do lar com a tua riqueza, com a tua conduta indecorosa, mas dá-lhes um prêmio por ter desfrutado delas, cumprindo com o que lhes prometeste». Enquanto os Xiitas interpretam este versículo como uma legitimação de tal prática, os Sunitas não costumam seguir esta via. Ao permitir-se a liberdade de se casar com jovens, unicamente pelo prazer do sexo, o pai de Aisha era a exceção na nossa terra, não a regra.

Preocupada com as terríveis situações em que se vêem muitas jovens e mulheres desamparadas do meu país, interroguei Aisha acerca desta prática indecente; em tempos, ouvira uma mulher xiita do Bahrain, que alguns anos antes fizera amizade com Sara, analisar minuciosamente de forma certa os «casamentos temporários».

Parecia que o pai de Aisha não desejava a responsabilidade de suportar quatro esposas e os respectivos filhos de uma forma permanente; por isso, enviava um assistente em quem tinha plena confiança às regiões de influência xiita, dentro e fora da Arábia Saudita, com a missão de negociar com famílias pobres o direito a um casamento temporário com as suas filhas virgens. Não era difícil levar tal negócio a bom termo, sobretudo se o pai da garota tivesse quatro esposas, muitas filhas e pouco dinheiro.

Aisha por vezes fazia amizade com essas jovens, que eram levadas para Riade para umas quantas noites de horror. Quando a paixão do pai de Aisha se esbatia, as garotas eram devolvidas às suas famílias, com prendas em ouro e pequenos sacos cheios de dinheiro. Aisha dizia que a maior parte das «noivas» não tinha mais de onze ou doze anos. Vinham de famílias pobres e não possuíam qualquer educação. Dizia ainda Aisha que elas pareciam não saber muito bem o que lhes estava acontecendo. Tudo o que as garotas percebiam é que estavam com um medo de morte e que o homem a quem Aisha chamava pai lhes fazia coisas muito dolorosas. Aisha dizia que todas as garotas suplicavam que as deixassem voltar para as suas mães.

Aisha chorou ao contar a história de Rima, uma garota de treze anos que fora levada do Iêmen para a Arábia Saudita. O Iêmen é um país muito pobre e muitos dos seus habitantes são xiitas. Segundo Aisha, Rima era tão bela como o cervo (e era «cervo» que o seu nome significava) e a mais doce e querida de todas as garotas que conhecera.

Rima pertencia a uma tribo nômade que vagueava pelas agrestes terras do Iêmen. O pai dela tinha apenas uma esposa, mas em contrapartida tinha vinte e três filhos, dezessete dos quais eram garotas. Apesar de velha e consumida pelo trabalho duro e por tantos partos, a mãe de Rima fora em tempos uma bela garota e dera à luz dezessete belas meninas. Rima dizia, cheia de orgulho, que a sua família era conhecida até mesmo em Sana, capital do Iêmen, pela beleza das suas mulheres.

A família era muito pobre: tinha apenas três camelos e vinte e duas ovelhas. Além disso, dois dos seis rapazes, devido a complicações dos partos, tinham nascido deficientes. Um deles tinha as pernas deformadas e não podia andar; o outro se movia de uma maneira muito estranha e não tinha qualquer aptidão para o trabalho. Por estas razões, o pai de Rima procurava vender as suas muito procuradas filhas pelo preço mais alto possível. Durante os meses de Verão, a família viajava até à cidade, atravessando os estreitos e tortuosos caminhos da montanha, e fazia negócio com a filha que tivesse chegado à idade prevista pelo Islã para o casamento.

No ano anterior, tinha ela doze anos, Rima atingira a puberdade. Era a filha predileta da mãe e tratava dos irmãos deficientes. A família pedira ao pai que a deixasse ficar com eles mais alguns anos, mas o pai, desalentado, confessara que não o podia fazer. A garota a seguir a Rima tinha apenas nove anos; entre as duas, haviam nascido dois rapazes. A irmã mais nova de Rima era pequena e subnutrida e o pai temia que a garota não chegasse à puberdade nos próximos três ou quatro anos. A família de Rima não podia existir sem o dinheiro ganho com estes casamentos.

Rima foi levada para Sana para se casar. Enquanto o pai procurava na cidade um noivo aceitável, Rima permanecia numa pequena cabana de lama com as irmãs e os irmãos. Ao terceiro dia, o pai regressou à cabana com o agente de um homem muito rico da Arábia Saudita. Rima disse que o pai estava muito entusiasmado, pois o homem pagaria muito ouro por uma bela

garota.

O agente saudita insistiu em ver Rima antes de pagar o dinheiro, um pedido a que os Iemenitas normalmente responderiam com a espada e não com a humilde obediência de um pai muçulmano. O ouro que o agente lhes mostrara destronara as convicções religiosas da família. Rima disse que foi inspecionada da mesma maneira que o seu pai inspecionava os camelos e as ovelhas no mercado. Confessou que não protestara, pois sempre soubera que acabaria por ir para outra família, como propriedade de outro homem. Mas debateu-se e revoltou-se quando o homem insistiu em ver-lhe os dentes.

O agente considerou Rima satisfatória e pagou uma parte da soma acordada. A família celebrou o negócio matando uma gorda ovelha, enquanto o agente tratava dos documentos de Rima para seguir de avião para a Arábia Saudita. O pai de Rima anunciou que a família poderia agora passar sem problemas durante mais quatro anos, os quatro anos que faltariam para que a irmã mais nova de Rima chegasse à puberdade. De fato, o homem da Arábia Saudita pagara uma avultada soma.

Rima esqueceu as suas ansiedades e ficou até entusiasmada quando o pai lhe disse que ela era a mais afortunada das garotas. Rima iria levar uma vida descansada, todos os dias teria comida, teria criados à sua disposição e os seus filhos seriam educados e bem alimentados. Rima perguntou ao pai se o homem lhe compraria uma boneca, uma boneca igual às que vira numa revista europeia que as crianças tinham encontrado nos caixotes do lixo de Sana.

O pai prometeu-lhe que a boneca seria a primeira das suas exigências.

Quando o agente regressou, uma semana depois, Rima ficou sabendo a terrível verdade: o que a esperava não era um casamento honroso, mas sim um casamento de mut'a, ou união temporária. O pai ficou furioso, pois era a sua honra que estava em causa. A sua filha não podia ser tratada de maneira tão baixa. Discutiu com o saudita, dizendo-lhe que seria difícil encontrar outro marido para a filha, pois esta deixaria de ser considerada fresca e pura. Provavelmente, teria de suportar Rima durante muitos anos até lhe encontrar um homem que a aceitasse como segunda esposa, como uma esposa menos honrada.

O homem adotou o negócio com um maço de notas. Disse ainda que se o pai de Rima recusasse, teriam de devolver-lhe todo o dinheiro que já tinha pago.

Relutantemente, o pai de Rima recuou, admitindo que já havia gasto uma parte dessa soma. Envergonhado, pôs-se a olhar para o chão e disse a Rima que tinha de ir com aquele homem, pois esse era o desejo de Deus. O pai de Rima pediu ainda ao saudita que procurasse um marido permanente para a filha na Arábia Saudita, já que havia muitos operários iemenitas a trabalhar nesse abastado país.

O agente respondeu que faria um esforço. Se não encontrasse marido para a garota, esta tornar-se-ia criada na sua casa.

Rima despediu-se da família e deixou a terra onde nascera. Na sua mente ficaram gravadas as lágrimas lancinantes dos irmãos deficientes.

Durante a viagem, o homem prometeu a Rima, já cheia de saudades da família, que lhe compraria uma boneca, apesar de tal brinquedo ser expressamente proibido pelas normas da religião.

Tal como a maior parte das garotas árabes, Rima tinha um conhecimento integral das responsabilidades de uma esposa. Dormira no quarto dos pais desde o dia em que nascera. Sabia que uma mulher tinha de se submeter a todos os desejos do marido.

Dizia Aisha que aquilo que mais a perturbava fora a resignação da garota perante uma vida de escravidão; as lágrimas, porém, desmentiam as afirmações de Rima segundo as quais não estava descontente com o seu destino. Rima chorou durante os seis dias em que esteve em casa de Aisha, ao mesmo tempo que defendia o direito do pai de Aisha a fazer com ela o que muito bem lhe apetecesse.

Aisha revelou que o agente do seu pai encontrou facilmente um iemenita disposto a aceitar Rima como sua segunda esposa: era um empregado que servia o chá num dos escritórios

da firma da família. A primeira esposa desse homem estava no Iêmen e ele precisava de uma mulher para cozinhar as refeições e para servi-lo em tudo o que fosse preciso.

A última vez que Aisha viu Rima, estava a garota a embalar uma bonequita, preparando-se para sair daquela casa para se ir casar com um homem que não conhecia.

A mãe de Aisha, uma muçulmana sunita particularmente devota, ficou tão perturbada com a situação da pobre Rima que decidiu ir fazer queixa à família do marido. Este ato desesperado provocou grande agitação na família, mas nada do que esta pudesse dizer ou fazer convenceria o pai de Aisha a desistir das suas impiedosas intenções. Acabaram por dizer à mãe de Aisha que rezasse a Deus pela alma do seu marido.

Muitas vezes me perguntei o que acontecia a estas crianças, as noivas mut'a, pois no mundo muçulmano é muito difícil arranjar um bom casamento para uma garota que perdeu a virgindade. Sendo garota dispensáveis em famílias muito pobres, acabavam por se casar, supunha eu, com homens sem riqueza nem influência, com o estatuto de terceira ou quarta esposa, tal como sucedera com Rima, ou com a minha amiga de infância, Wafa, que fora obrigada a tal matrimônio pelo seu pai, como castigo por falar com homens que não pertenciam à sua família.

A vida familiar de Aisha era uma verdadeira agonia para qualquer garota com um mínimo de consciência, e as tensões e a violência causadas pelo comportamento debochado do pai empurravam-na para um inevitável declínio.

A minha filha Maha, naturalmente imprudente, deixava-se cativar pelas extravagâncias de Aisha. Lembrava-me da minha juventude rebelde e sabia que era inútil proibi-la de se dar com Aisha.

O fruto proibido é demasiado tentador para todas as crianças, independentemente da sua nacionalidade ou sexo.

No auge da Guerra do Golfo, o nosso rei decidiu controlar os mais agressivos dos grupos que policiam os bons costumes na nossa sociedade, proibindo-os de importunar os visitantes ocidentais. Sensatos, os homens da nossa família sabiam que não convinha que os jornalistas do Ocidente vissem a vida tal como ela realmente é no nosso país. Felizmente, as mulheres da Arábia Saudita beneficiaram com esta ordem régia. A ausência de polícias religiosos patrulhando as cidades da Arábia Saudita, procurando com o seu olhar penetrante mulheres sem véu a fim de as espancarem com as suas varas, ou de as encherem de tinta vermelha, era um fato demasiado bom para ser verdade. Esta política não durou mais tempo que a guerra, mas durante alguns meses as mulheres sauditas tiveram uma trégua ansiosamente desejada. Durante este vertiginoso período houve um apelo geral para que as mulheres da Arábia Saudita assumissem o lugar a que tinham direito na sociedade, e nós, insensatamente, pensamos que esta situação favorável continuaria para sempre.

Para algumas das nossas mulheres, a demasiada liberdade a que muito rapidamente tiveram acesso revelou-se desastrosa. Os nossos homens estavam decepcionados com o fato de nem todas as mulheres se portarem como santas, sem compreenderem a confusão causada pelas contradições existentes nas nossas próprias vidas.

Agora sei que Aisha e Maha não estavam ainda preparadas psicologicamente para uma liberdade total, para uma liberdade que desconheciam.

Devido às invulgares circunstâncias decorrentes da guerra, Aisha conseguiu integrar-se como voluntária no hospital local. Como seria de esperar, Maha não descansou enquanto não foi fazer o mesmo que a amiga e também na mesma instituição. Dois dias por semana, depois da escola, ia trabalhar para o hospital. Era uma experiência maravilhosa para Maha, tanto mais que, embora fosse obrigada a usar abaaya e lenço na cabeça, ninguém lhe exigia que usasse o odiado véu dentro das portas do hospital.

Quando a guerra terminou, Maha recusou-se a voltar às velhas tradições. Agarrou-se à sua nova liberdade e pediu aos pais que a autorizassem a continuar a trabalhar no hospital.

Demos a nossa aprovação relutantemente.

Certa tarde, Maha já estava atrasada para ir para o hospital; o nosso motorista estava à espera dela no caminho em frente à casa. Decidi ir chamá-la e dizer-lhe que se despachasse. Por qualquer capricho do destino, entrei no quarto de Maha precisamente no momento em que ela estava a pôr uma pistola de pequeno calibre num coldre de couro castanho preso ao alto da coxa.

Fiquei sem fala! Uma arma!

O meu marido estava em casa dormindo a sesta da tarde e ao ouvir a nossa discussão decidiu investigar. Depois de uma cena emocional, Maha confessou que durante a guerra ela e Aisha tinham resolvido armar-se, para o caso de o exército iraquiano invadir Riade! Agora que a guerra acabara, pensava que talvez precisasse de proteção contra a «polícia religiosa», que começara já a ameaçar mulheres na rua.

Os «polícias religiosos» ou «polícias da moralidade e dos bons costumes», por vezes denominados mutawwa, são membros da «Comissão para a aplicação das normas justas e a proibição dos comportamentos errados». Agora que os jornalistas estrangeiros já tinham deixado o reino saudita, estes fanáticos mostravam-se mais ativos do que nunca, lançando detenções e perseguições contra as mulheres do meu país.

Maha e Aisha tinham decidido que se haviam de opor às ações daqueles fanáticos contra mulheres inocentes.

Olhei para a minha filha, alarmada e incrédula! Estaria nas suas intenções disparar contra os religiosos?

Karim não demorou muito tempo a descobrir que a pistola pertencia ao pai de Aisha. Este, tal como muitos homens árabes, tinha uma verdadeira coleção de armas de fogo, e nem dera pela falta das duas pistolas que as garotas lhe tinham roubado.

Imaginem o nosso horror quando descobrimos que a pistola estava carregada e sem segurança. A nossa filha, por entre muitas lágrimas, confessou que ela e Aisha tinham praticado tiro nuns terrenos baldios, nas traseiras da casa de Aisha!

Para grande consternação de Maha, o pai, furibundo, confiscou a arma ilegal e obrigou a filha a despachar-se, pois queria que ela fosse com ele no seu Mercedes. Dispensou o motorista e conduziu como um louco pela cidade de Riade até chegar a casa de Aisha, a fim de devolver a arma e avisar os pais de Aisha das perigosas atividades das nossas filhas.

A primeira consequência da nossa bizarra descoberta foi uma apressada reunião entre nós e os pais de Aisha. Enquanto a reunião decorria, mandamos as nossas filhas para o quarto de Aisha.

Eu e a mãe de Aisha, que não deixáramos de usar os nossos véus negros, confinamo-nos ao nosso mundo separado e discutimos os problemas das garotas que tínhamos trazido a este mundo. Estranhamente, por uma vez na vida senti-me bem com o véu, pois podia espreitar, com indisfarçado desprezo, para o pai de Aisha, um homem que eu sabia ser um molestador de meninas. Surpreendentemente, era um homem ainda jovem e com um aspecto digno.

Disse para mim mesma: cuidado com aqueles que se assemelham a rosas, pois até mesmo as rosas têm espinhos. Sendo as nossas filhas o tema básico da reunião, dispus de muito pouco tempo para abordar os obscuros segredos da casa que visitávamos.

A descoberta que eu e Karim fizemos sobre as chocantes convicções da nossa filha atormentará as nossas memórias até ao último dia das nossas vidas.

Ainda que questione as práticas injustas e os costumes cruéis infligidos à população feminina da Arábia Saudita por aqueles que interpretam de forma tão rígida - e que, por isso mesmo, muitas vezes interpretam mal - as leis promulgadas pelo Profeta, não albergo qualquer dúvida quanto à existência de Deus, tal como foi pregada pelo seu mensageiro, Maomé. Os nossos três filhos foram educados na veneração dos preceitos do Profeta e do Alcorão, preceitos que foram transmitidos por Deus. O fato de um filho meu amaldiçoar a Deus e contestar a sua

palavra era como um punhal apontado ao meu coração.

Quando foi anunciado a Aisha e Maha que os seus pais tinham decidido que, a partir dali, deviam evitar a companhia uma da outra e procurar outras amigas e novos interesses, a minha filha arrancou o véu do rosto, ergueu a cabeça num acesso de fúria e lançou-nos um olhar prenhe de maldade, um olhar que me deixou aterrorizada, a mim que a trouxe no meu ventre e que a amamentei com o meu seio. Se não tivesse ouvido as palavras de Maha com os meus ouvidos, ninguém conseguiria convencer-me de que ela as tinha pronunciado.

Com os seus lábios cheios franzidos de determinação e raiva, a nossa filha gritou-nos: «Eu não farei o que vocês querem! Aisha e eu deixaremos esta terra que odiamos e iremos viver para outro país. Nós odiamos isto! Odiamos isto! Para sermos mulheres neste país horrível, somos obrigadas a destruir as nossas vidas, submetendo-nos às mais tremendas injustiças!».

Caía-lhe saliva dos lábios. O corpo dela tremia de uma raiva incontável. Os seus olhos procuraram os meus. «Se uma garota vive recatadamente, é uma parva. Se vive normalmente, é uma hipócrita. Se acredita que existe um Deus, é uma imbecil».

Incapaz de se mover, Karim ainda conseguiu responder-lhe: «Maha! Estás a blasfemar!».

«Blasfêmia? O que é que há para blasfemar? Deus não existe!».

Karim ergueu-se de um salto e apertou os lábios da filha com os dedos.

A mãe de Aisha desatou aos gritos e desmaiou, pois neste país tal afirmação pode custar a vida a quem a pronuncia.

O pai de Aisha pôs-se também aos gritos, exigindo-nos que levássemos imediatamente da sua casa aquela ímpia garota.

Karim e eu tivemos de lutar com Maha para levá-la dali para fora; Maha ganhara repentinamente a força de um gigante. A minha filha estava louca! Só os loucos possuíam aquele poder sobrenatural! Por fim, após muitos empurrões e encontrões, lá conseguimos enfiar a nossa filha no banco de trás do automóvel, e seguimos a toda a velocidade para a nossa casa. Karim guiava enquanto eu tentava acalmar Maha, que já nem conhecia a própria mãe. Finalmente, ficou tranqüila e quieta, tão tranqüila e quieta como se tivesse tido uma síncope.

Chamamos um médico egípcio, aconselhado pelo nosso médico de família. Numa vã tentativa para nos acalmar, o médico egípcio disse-nos que todas as adolescentes passavam por crises daquelas e tratou de citar estatísticas relativas àquela estranha doença que parecia afetar apenas as mulheres.

O médico egípcio tinha a sua própria teoria. Segundo ele, ao entrarem na puberdade as garotas recebem frequentemente uma grande descarga de hormônios; este fato justificaria breves períodos de loucura durante a adolescência. Disse-nos ainda que tratara já muitos casos idênticos no seio da família real, sem quaisquer complicações ou efeitos permanentes. Sorriu para nós com o mais largo dos sorrisos e afirmou que todas as suas pacientes tinham recuperado.

Na opinião do médico, Maha devia ficar sedada por alguns dias; não precisaria de mais ajuda para recuperar da crise de histeria.

O médico deixou-nos com um amplo fornecimento de calmantes e disse que voltaria na manhã seguinte para ver como a paciente reagia.

Karim agradeceu-lhe e acompanhou-o à porta. Quando voltou, trocamos um longo e grave olhar. As palavras não eram precisas.

Enquanto Karim tratava de tudo para que preparassem o nosso avião privado, telefonei à minha irmã Sara, pedindo-lhe que ficasse com Abdullah e Amani enquanto estivéssemos fora. Karim e eu íamos levar Maha a Londres. Ela precisava desesperadamente da melhor assistência psiquiátrica. Pedi a Sara que mantivesse segredo absoluto acerca do estado de saúde da minha filha. Se os nossos familiares lhe fizessem perguntas, deveria responder que Maha precisava de cuidados dentários que só lhe podiam ser providenciados na capital britânica.

Muitos membros da família real saudita visitam frequentemente o estrangeiro a fim de se submeterem a tratamentos médicos. A nossa viagem despertaria pouca curiosidade.

Quando fiz as malas de Maha, dei com livros e documentos particularmente perturbantes

escondidos no meio da sua roupa interior. Havia inúmeros textos sobre astrologia, magia negra e bruxaria. Maha sublinhara muitas passagens que falavam de revelações e profecias. Mas o que mais me alarmou foram certos objetos maléficos, destinados a causar problemas a pessoas que a tinham ofendido, ou outros que visavam induzir o amor graças a um único olhar, ou ainda aqueles que provocariam a morte através de um feitiço.

Com a respiração presa na garganta, vi uma peça de roupa do meu filho Abdullah embrulhando uma pedra preta com uns bocadinhos de uma substância cinzenta que não consegui identificar. Fiquei ali especada, a mão na testa, pensando. Seria mesmo verdade? Teria Maha conspirado para fazer mal ao seu único irmão? Se esse era o caso, então eu era um fracasso como mãe.

Na maior agitação, reuni as provas irrefutáveis das bárbaras intenções da minha filha. Confusa, recordei as ações de Maha desde os tempos da sua infância. Onde fora a minha filha aprender tais coisas? Como era possível que tivesse acumulado um verdadeiro tesouro de objetos maléficos?

Lembrei-me de Huda, a escrava do meu pai há muito falecida, e das suas evidentes capacidades para predizer o futuro. Mas Huda morreria antes de a minha filha nascer. Tanto quanto sabia, não havia nas nossas casas outros escravos libertos ou criados originários de África que possuíssem os poderes divinatórios de Huda.

Recuei, como que atingida por um golpe, ao lembrar-me da minha sogra, Nurah. Só podia ser ela! Nurah detestara-me desde o primeiro instante em que me vira. Quando casei com o filho dela, não passava de uma garota pateta, cujo carácter impudente e rebelde impressionara negativamente a minha sogra. Decepcionada por o filho não se ter divorciado ou contraído um segundo matrimónio, Nurah nunca deixou de me odiar, embora tenha o cuidado de ocultar os seus sentimentos sob um frágil verniz de falso afeto.

Graças às confidências que Karim fizera à mãe, esta detectara, com os seus olhos de águia, que Maha era o meu ponto fraco. Desde menina que a vida mental de Maha se caracterizava pelo conflito e pelo sofrimento e Nurah aproveitara-se disso, pois encontrara aí um ponto vulnerável.

Aparentemente, Nurah sempre dera a primazia a Maha entre todas as suas netas, e as suas atenções tinham sido recebidas como um bálsamo pela aturdida criança. Maha passara muitas horas sozinha com a avó. Nurah, que acreditava avidamente no oculto, não perdera tempo e ensinara à minha filha as suas horrendas crenças. Como pude ser tão estúpida, ao ponto de pensar que Nurah só queria ajudar-me?

Comportara-me como uma idiota, pois o meu coração fora amolecido pela afeição aparente de Nurah. Eu própria manifestara muitas vezes o meu profundo apreço pela generosidade com que ela tratava o mais perturbado dos meus filhos. Odiando-me como me odiava, Nurah decidira conduzir emocionalmente a minha frágil filha para as profundezas do abismo.

Sabia que teria de confiar a Karim as minhas terríveis descobertas. As minhas palavras teriam de ser delicadas e cuidadosas, pois Karim dificilmente acreditaria que a sua mãe era capaz de atos tão vergonhosos. Podia-se dar sempre a volta à verdade, e não me admirava se eu acabasse por ter de suportar a fúria do meu marido, enquanto Nurah continuaria feliz e contente no seu palácio, regozijando-se com os fracassos, como mãe e esposa, da mais odiada das suas noras.

III LONDRES

*Não é possível desfrutar toda a vida de tranqüilidade e paz. Mas infortúnio e dificuldades também não são definitivos. A erva, depois de consumida pelo fogo da estepe, voltará a nascer no Verão.
- Sabedoria da estepe mongol*

Sob a influência de forte medicação, Maha jazia como morta, enquanto eu e o pai tentávamos entender minimamente a precária situação em que nos encontrávamos. Durante a viagem de avião para Londres, Karim ficou paralisado e pálido enquanto atentava nos odiosos objetos que eu encontrara no quarto de Maha e que trouxera numa pequena mala. Karim estava tão espantado como eu com o fascínio que a nossa filha parecia sentir pelo sobrenatural.

Após um momento de silêncio, Karim pôs a questão que eu temia. «Sultana, quem é que iniciou Maha nestas loucuras?», perguntou-me ele, com a testa franzida. «Achas que foi aquela doida, aquela Aisha?».

Mexi-me e remexi-me no meu banco, sem saber o que responder ao meu marido. Lembrei-me de um sábio provérbio árabe, que a minha mãe costumava citar - «Uma mosca nunca conseguirá entrar numa boca que sabe quando se deve fechar» -, e senti que aquele não era o momento adequado para acusar Nurah, a mãe do meu marido. Karim já tinha sofrido demasiados choques num único dia.

Mordendo o lábio e abanando a cabeça, respondi-lhe: «Não sei. Contaremos ao médico o que descobrimos. Pode ser que Maha se abra com ele. Talvez assim consigamos saber quem é que está por detrás do seu interesse por tais assuntos».

Karim concordou comigo.

Durante o vôo revezamo-nos na assistência à nossa filha, a qual, dormindo sob a ação dos medicamentos, parecia tão doce como os próprios anjos. Por uma razão inexplicável, lembrei-me de um outro membro da família Al Sa'ud, a Princesa Misha'il, uma jovem que escondera o seu amor ilícito. Quando o seu segredo foi descoberto, a vida da minha prima terminou diante de um pelotão de execução.

Enquanto Karim dormia, atentei em Maha e lembrei-me da Princesa Misha'il. Misha'il era a neta do Príncipe Mohammed ibn Abdul Aziz, o mesmo Príncipe Mohammed que fora afastado da coroa por causa da decisão do seu pai segundo a qual o comportamento feroz de um guerreiro não era adequado a um trono.

Embora não mantivesse uma grande amizade com Misha'il, encontrara-a em várias cerimônias reais. Era conhecida na família como uma jovem particularmente rebelde. Eu achava que o seu temperamento infeliz talvez fosse a conseqüência natural de um casamento com um homem idoso que não conseguia satisfazê-la. Fosse qual fosse a razão, a verdade é que Misha'il se sentia profundamente infeliz, acabando por ter uma ligação com Khalid Muhallal, o sobrinho do enviado especial saudita ao Líbano.

A ligação entre Misha'il e Khalid foi apaixonada e marcada pela tensão causada pelo terrível clima social que se vive na Arábia Saudita. Muitos membros da família real tinham ouvido falar dessa relação ilícita, e os dois apaixonados, quando estavam prestes a ser descobertos, tomaram a fatal decisão de fugirem juntos.

A minha irmã mais velha, Nura, estava em Djedda nessa altura e ouviu a história em primeira mão, da boca de um familiar próximo de Misha'il. Esta, temendo a ira da sua família, tentou encenar a sua própria morte. Disse à família que ia nadar na sua praia privada do Mar Vermelho. Deixou a roupa empilhada na praia, vestiu-se depois de homem e tentou fugir do país.

Infelizmente para Misha'il, o seu avô, o Príncipe Mohammed, era um dos mais astutos e poderosos homens do país. Não acreditou que ela se tivesse afogado. Em todas as fronteiras, funcionários foram alertados para a possibilidade de fuga da neta de Mohammed. Misha'il foi apanhada - interceptaram-na quando tentava apanhar o avião no aeroporto de Djedda.

Num instante, os telefones começaram a soar em todo o reino. Cada membro da família real afirmava saber mais que os outros. Por breves momentos correu o boato de que Misha'il fora libertada e pudera deixar o reino com o seu amante. Depois, disseram-me que seria permitido o divórcio. Mais tarde, uma prima completamente histérica telefonou-me com a notícia de que Misha'il fora decapitada e que tinham sido precisos três golpes para lhe separar a cabeça do corpo. Além disso, os lábios de Misha'il tinham-se movido e pronunciado o nome do amante, o que levava o carrasco a fugir em pânico! Imagina só, disse-me a minha prima, toda nervosa, uma cabeça sem corpo a falar!

Finalmente, a muito real e horrenda verdade foi revelada. O Príncipe Mohammed, num acesso de fúria, disse que a neta era uma adúltera e que uma adúltera tinha de se submeter à lei islâmica. Misha'il e o amante deveriam ser executados.

O rei Khalid, nosso governante nessa época trágica, era conhecido pela sua natureza indulgente. Recomendou misericórdia a Mohammed; contudo, para esse beduíno inflexível a misericórdia não era uma emoção agradável.

No dia da execução, aguardei ansiosamente pelas notícias com os meus familiares. Eu e as minhas irmãs esperávamos que, no último momento, fosse concedido o perdão à nossa prima. Ali, como seria de esperar, exprimia a opinião de que as mulheres adúlteras teriam de sujeitar-se às leis do Islã e não esperar outra coisa que não fosse a morte.

Nesse dia quente de Julho de 1977, a minha prima Misha'il foi vendada e forçada a ajoelhar-se diante de um monte de esterco. Depois, foi morta por um pelotão de fuzilamento. O seu amante foi obrigado a assistir ao fuzilamento. Depois decapitaram-no com uma espada.

Uma vez mais, o amor não permitido pelas normas da nossa sociedade custara as vidas de dois jovens.

O caso foi abafado. O clã Al Sa'ud esperava que as conversas acerca de uma jovem assassinada pelo simples fato de amar um homem se esbatessem rapidamente e desaparecessem por completo. Mas as coisas não se passariam assim. Apesar de enterrada nas areias do deserto, Misha'il não foi esquecida.

Muitos ocidentais recordar-se-ão do documentário sobre a morte de Misha'il, apropriadamente intitulado Morte de uma Princesa. Se bem que a nossa família estivesse dividida a propósito da pena aplicada, as discussões e a hostilidade geradas pelo filme acabaram por abafar, e de que maneira, todas essas divisões.

Os homens da nossa família, confortavelmente instalados no seu papel de ditadores, ficaram furiosos devido à sua total incapacidade para controlar as notícias e os filmes a que os ocidentais tinham acesso. Ofendido ao ponto da loucura, o rei Khalid ordenou ao embaixador da Grã-Bretanha que deixasse o nosso país.

Fiquei a saber mais tarde, através de Karim e Asad, o marido de Sara, que os nossos dirigentes tinham considerado muito seriamente a hipótese de ordenarem a expulsão da Arábia Saudita de todos os cidadãos britânicos!

A conduta ilícita e a execução de uma princesa saudita tinham acabado por gerar fortes tensões internacionais.

Uma tal recordação deixou-me desesperada. Fechei os olhos e descansei a cabeça nas mãos. Agora, era a mãe de uma rapariga que tinha enlouquecido. Louca como estava, Maha era muito capaz de cometer um ato susceptível de lançar o caos na nossa família, um ato que, muito provavelmente, traria o sofrimento e a morte ao nosso lar. O meu pai, que desconhece a misericórdia, defenderia por certo a mais dura das penas para a criança que nascera do meu ventre, aquela criança que, tão vigorosamente e com tanto desprezo, pusera a nu as suas deficiências como avô.

Maha mexeu-se.

Karim acordou e, uma vez mais, partilhamos os nossos angustiados receios pela sorte da

nossa filha.

Enquanto viajávamos para Londres, Sara fizera todos os contatos médicos necessários via telefone. Quando lhe telefonamos do aeroporto de Gatwick, Sara indicou-nos que Maha era esperada numa das melhores instituições de saúde mental de Londres. Sara tivera o cuidado de pedir uma ambulância que nos levaria do aeroporto até à clínica.

Depois de termos cumprido os cansativos procedimentos de admissão, fomos informados pelo hospital de que o médico de Maha nos receberia na manhã seguinte, após a primeira consulta. Uma das enfermeiras mais jovens foi especialmente simpática. Segurou-me na mão e segredou-me que a minha irmã tinha contactado com um dos mais afamados médicos de Londres, um médico que tinha muitos anos de experiência com mulheres árabes e com os seus problemas sociais e mentais muito específicos.

Nesse momento invejei os Britânicos. Na minha terra, a loucura de uma criança causa tal vergonha que todas as mentes e bocas se fecham. Nunca ninguém trata a família de uma louca com simpatia.

Angustiadados pelo fato de deixarmos a nossa querida filha nas mãos de estranhos, por muito idôneos que fossem, Karim e eu encaminhamo-nos desanimados para o carro que nos levaria para o nosso apartamento na cidade.

A equipe permanente da nossa casa em Londres estava dormindo e era evidente que não nos esperava. Karim ficou irritado, mas acalmei-o, dizendo-lhe que Sara tivera mais em que pensar do que no nosso conforto pessoal. Não podíamos criticá-la por não ter telefonado aos criados.

Devido à invasão do Kuwait pelas tropas iraquianas e à recente Guerra do Golfo, há cerca de um ano que não íamos a Londres, uma das nossas cidades favoritas no mundo ocidental. Na nossa ausência, os nossos três criados tinham-se rendido à preguiça e ao desmazelo. Estivéssemos nós em Londres ou em Riade, tinham instruções rigorosas no sentido de manterem o apartamento como se nós estivéssemos permanentemente em Londres.

Estávamos demasiado deprimidos para nos queixarmos. Sentamo-nos nos cadeirões cobertos com panos da sala-de-estar e pedimos um café forte. Os criados organizaram-se o melhor que podiam, tendo em conta que haviam sido acordados às três da manhã.

Dei comigo a pedir desculpas por termos perturbado o seu sono, mas Karim atirou-me logo: «Sultana! Nunca peças desculpa àqueles que são pagos por nós! Dessa maneira, nunca trabalharão em condições!».

Fiquei irritada e apeteceu-me responder-lhe que nós, os Sauditas, não tínhamos nada a perder se mostrássemos um pouco de humildade. Em vez disso, mudei de assunto e, uma vez mais, comecei a falar da nossa filha.

A certa altura, pensei que também eu devia estar a passar por algum desarranjo mental.

De fato, naquele dia, evitara já por duas vezes uma discussão com o meu marido.

Depois de nos terem preparado a cama, deitamo-nos, mas não dormimos.

Nunca uma noite me pareceu tão longa.

O psiquiatra britânico era um homem de baixa estatura e aspecto estranho; a cabeça parecia demasiado grande para um corpo tão pequeno. A testa era enorme e o nariz apontava ligeiramente para o lado. Os meus olhos fixaram-se espantados nos tufo de cabelo branco que brotavam estranhamente das suas orelhas e do nariz. Embora a aparência fosse desconcertante, o seu jeito de lidar conosco não podia ser mais encorajador. Reparando nos seus olhos pequenos, azuis e penetrantes, depressa concluí estar na presença de um homem que levava os problemas dos seus pacientes muito a sério. A minha filha estava sem dúvida em boas mãos.

Karim e eu não demoramos muito a perceber que ele era um homem que dizia exatamente aquilo que pensava. Sem ligar à nossa riqueza, ou ao fato de o meu marido ser um príncipe da família real saudita, escalpelizou, com uma honestidade que excluía todo o temor, o

sistema que tão violentamente coarctava a personalidade da mulher saudita.

Perfeitamente informado acerca das tradições e dos costumes das terras árabes, disse-nos a certa altura: «Em criança, sentia-me fascinado pelos exploradores árabes: Philby, Thesiger, Burton, Doughty, Thomas e, evidentemente, Lawrence. Devorei todas as suas aventuras. Decidido a ver com os meus próprios olhos as terras e as sociedades sobre as quais lera tanta coisa, convenci os meus pais a mandar-me para o Egito. O Egito não era a Arábia, mas, apesar de tudo, sempre era um começo. Para minha infelicidade, cheguei lá no preciso momento em que eclodiu a crise do Suez. A verdade, porém, é que fiquei preso àquela terra».

Os seus olhos ganharam um ar sonhador. «Regressei alguns anos mais tarde... Instalei um consultório no Cairo, aprendi um pouco de Árabe» - fez uma pausa e olhou para Karim - «e fiquei sabendo mais do que queria sobre a forma como vocês, os homens árabes, tratam as suas mulheres».

O amor que Karim tinha pela filha revelou-se mais forte que o seu apego à honra. Para meu alívio, permaneceu calmo, sem qualquer expressão no rosto.

O médico parecia satisfeito. Parecia pensar: ora aqui está um árabe capaz de resistir àqueles discursos disparatados sobre a necessidade de aplicar a purdah às mulheres.

«A nossa filha ficará boa? Completamente boa?», perguntou-lhe Karim. A preocupação evidente na sua voz revelou ao médico todo o seu amor por Maha.

Sentei-me na beirinha da cadeira. Sentia o coração a bater-me nos ouvidos.

O médico juntou as mãos e esfregou-as como se estivesse a lubrificar as palmas. Olhou para Karim primeiro e depois para mim, por fim respondeu. Uma resposta que acrescentava mais drama a uma situação já de si dramática. «Pergunta-me se a sua filha ficará boa? Completamente boa? Eu falei com ela apenas uma hora. Portanto, ainda é difícil resumir o caso dela completamente». Reparando na minha aflição, acrescentou: «Mas o caso dela parece perfeitamente típico. Tratei já muitas mulheres árabes sofrendo de histeria, mulheres que estavam de visita à nossa cidade. Em termos gerais, posso dizer que, com tempo e cuidados adequados, o prognóstico da sua filha é favorável».

Chorei nos braços do meu marido.

O médico de Maha deixou-nos sós no seu gabinete.

Permaneci em Londres durante três meses, enquanto Maha se submetia ao tratamento psiquiátrico. Logo que ficamos sabendo que a nossa filha precisaria de cuidados demorados, que não haveria cura possível com poucos dias de tratamento, Karim decidiu partir para Riade, embora viesse a Londres todas as terças e quintas-feiras, os dois dias da semana em que podíamos visitar a nossa filha.

Durante as nossas visitas, oferecíamos paz a Maha, mas ela preferia lutar. Era como se mil e um terrores tolhessem a sua capacidade para falar calma e razoavelmente. Nada do que dizíamos ou fazíamos lhe agradava. De acordo com as instruções do médico, eu e Karim recusávamo-nos a discutir com ela. Nessas alturas, Maha discutia consigo mesma, chegando mesmo ao ponto de falar com duas vozes diferentes! O médico garantia-nos que o estado mental de Maha melhoraria mais do que alguma vez tínhamos esperado.

O que nós ansiávamos por esse momento!

Aquelas terríveis visitas tinham um efeito devastador sobre o meu marido. Posso dizer que o via envelhecer de dia para dia. Certa noite disse-lhe: «Posso não ter aprendido mais nada, mas uma coisa fiquei sabendo: o envelhecimento não tem nada a ver com a acumulação dos anos. O envelhecimento é a derrota inevitável dos pais na luta que travam com os seus filhos».

Um brilho muito ligeiro assomou aos seus olhos, o primeiro sinal de alegria que lhe vira ao fim de muito tempo. Com toda a seriedade, respondeu-me que eu não podia ter razão. «Se fosse esse o caso, Sultana, o teu pai, que já sofre há tanto tempo, pareceria o homem mais velho de todo o planeta».

Satisfeita por ter encontrado nele uma centelha de vida, ignorei a referência ao meu pai e

encostei meigamente a cabeça ao seu ombro, aliviada pelo fato de a nossa tragédia familiar nos ter aproximado e não afastado. Nesse momento, disse para mim mesma que ninguém leva uma vida irrepreensível, e perdoei ao meu marido o trauma que me causou quando se propôs arranjar uma segunda esposa. Isso tinha se passado alguns anos antes e nós tínhamos conseguido melhorar um relacionamento que fora muito afetado, mas, até então, não perdoara ao meu marido o seu desejo de ter uma segunda esposa. Repleta de emoções que pensara perdidas para sempre, congratulei-me com o valor e a dignidade do homem com quem casara.

E o tempo veio de assistirmos a um milagre.

Como eu previra, o médico de Maha era um homem genial e perseverante, um homem devotado à sua profissão. As suas capacidades naturais chegaram para acalmar os medonhos demônios da minha filha. Numa feliz obscuridade, fechado no mais insípido gabinete da mais triste das enfermarias, combinava os conhecimentos médicos com a sua experiência no mundo das mulheres árabes. E fora assim que ganhara a confiança da minha filha. Armado desta confiança, o médico abriu-lhe as feridas, e torrentes de ciúme, ódio e fúria jorraram das mãos tremulas de Maha para as páginas de um vulgar bloco de notas, produzindo um diário absolutamente invulgar.

Algumas semanas mais tarde, enquanto líamos uma dessas curtas, mas perturbantes histórias - pois Maha tomara a iniciativa de oferecer o diário aos pais -, eu e o meu marido descobrimos até que ponto a nossa filha mergulhara num mundo que era mais sinistro do que alguma vez poderíamos ter imaginado. Eis o que dizia essa história:

Vivendo na Miragem da Arábia Saudita

ou

O Harém dos Sonhos

pela

Princesa Maha Al Sa'ud

Durante a noite escura da história saudita, as ambiciosas mulheres do deserto podiam apenas sonhar com haréns cheios de homens muscudos e bem fornecidos de instrumentos do prazer. No radiante ano de 2010, quando a família matriarcal subiu ao poder e a mais inteligente das mulheres foi coroada rainha, as mulheres tornaram-se a autoridade política, económica e legal do país.

A grande riqueza acumulada durante o boom do petróleo do ano 2000 - esse boom que reduziu as grandes potências como os Estados Unidos, a Europa e o Japão ao nível de potências do terceiro mundo - garantia às terras da Arábia uma abundância que dificilmente se esbateria. Sem perder tempo, as mulheres enfrentaram questões sociais que afetavam a região desde tempos imemoriais.

Uma pequena minoria de mulheres defendia a abolição da poligamia, a prática que lhes permitia ter quatro maridos, ao passo que a maioria, lembrando-se ainda dos males que tal prática provocara quando o reino era uma sociedade patriarcal, reconheceu que esse sistema não era de fato o melhor, mas que era o único sistema social que as mulheres, depois de tanta amargura e sofrimento, aceitariam. Os prazeres do amor, que haviam sido proibidos, penetravam agora lentamente na mentalidade de todas as mulheres, incluindo Malaak, a filha da rainha saudita, apesar do seu ar desamparado.

Malaak dançou certa noite uma excitante dança do amor, desafiando o seu amante favorito, Shadi, com um soberano de ouro entre os lábios, acenando-lhe para que lhe arrancasse a moeda da boca com os seus dentes.

Malaak era uma garota pequena, de pele morena, com traços delicados. O seu amante era enorme, corpulento, com músculos de aço. Desejando desesperadamente ser o homem mais influente do harém, Shadi percorreu com a língua todo o corpo de Malaak, deixando os seus sentidos num paroxismo de paixão.

Num frenesi de movimentos, Shadi tirou a moeda com os seus dentes e ergueu Malaak nos seus braços, levando-a para lá das transparentes cortinas da parte do harém que ele ocupava. Aí, os amantes envolveram-se num apertado abraço, o calor das suas respirações confundiu-se e espalhou-se pelos rostos, pelos pescoços, pelos peitos. Fechando-se para o mundo, começaram a beijar-se.

Malaak abriu os olhos para ver o amante executando os seus movimentos rítmicos. Todos os músculos dela se retesaram quando viu que aquele homem chamado Shadi se transformara numa mulher!

Como a vida lhe dera uma alma cínica, Malaak ajustou-se ao poder dominante e enamorou-se dos encantos da mulher que partilhava o seu leito. Escolhendo entre ser aterrorizada sem amor e ser amada sem terror, Malaak não podia sacrificar o amor.

Com subtilidade maquiavélica, Malaak transformou-se naquilo que ela tinha de ser, dadas as circunstâncias e a atmosfera do seu tempo.

Com uma expressão pálida e nauseada, Karim pôs as páginas do diário de Maha sobre a secretária do médico. Perplexo, perguntou: «Que significa isto?». E apontou para o bloco de notas, num tom acusatório. «Disse-nos que Maha estava muito melhor. Este texto não passa de um desconchavo de malucos».

Desconheço qual a fonte do meu instinto, mas sabia o que o médico ia dizer antes de começar a falar. Não conseguia respirar, não conseguia falar, via o gabinete através de uma névoa azul. A voz do médico parecia-me vir de muito longe.

O médico mostrou-se simpático com Karim. «É muito simples. A sua filha está a dizer-lhe que descobriu que os homens são seus inimigos e que as mulheres são suas amigas».

Karim continuava sem perceber e estava impaciente com a sua ignorância. «Sim? Então?».

Não havia outra hipótese senão falar-lhe brutalmente. O médico pôs em palavras aquilo que eu já sabia. «Príncipe Karim, a sua filha e Aisha são amantes».

Karim ficou calado e parado durante longos minutos. Quando recuperou, teve de ser dominado e impedido de ver Maha durante três dias.

É ensinado aos Muçulmanos que o amor e o sexo entre duas pessoas do mesmo sexo são condenáveis, além do que o Alcorão proíbe que uma pessoa se abra às experiências: «Não sigas aquilo que não conheces». Na Arábia Saudita, o amor e o sexo são considerados algo de repugnante, mesmo entre pessoas de sexos opostos, e a nossa sociedade alega que o relacionamento assente no amor sexual não existe. Nesta atmosfera impregnada de vergonha, os cidadãos sauditas respondem às expectativas sociais e religiosas dizendo exatamente aquilo que se espera deles. Porém, aquilo que fazemos é outra coisa, completamente diversa.

Os Árabes são por natureza sensuais e, apesar disso, vivem numa sociedade puritana. O tema do sexo suscita o interesse de todos, incluindo o governo saudita, que gasta somas extraordinárias para ter ao seu serviço um infindável número de censores. Estes indivíduos têm por única missão procurar e proibir, nas publicações estrangeiras, tudo o que considerem ser referências odiosas às mulheres e ao sexo. É raro as revistas ou jornais estrangeiros chegarem às nossas mãos sem perderem umas quantas páginas; além disso, há sempre frases ou parágrafos apagados pela pena sempre pronta dos censores.

Este tipo de censura extrema contra todo o comportamento social convencional afeta todos os aspectos das nossas vidas, e as vidas daqueles que querem manter um relacionamento económico conosco.

Asad, o irmão mais novo do meu marido e marido da minha irmã Sara, contratou em tempos os serviços de uma empresa estrangeira para realizar um simples anúncio de comida para a televisão saudita. O diretor dessa empresa estrangeira foi obrigado a aceitar uma lista específica de restrições, uma lista por certo divertida caso não fosse autêntica. Vejamos o seu teor:

1. Não pode haver mulheres atraentes no anúncio.
2. Se no anúncio aparecer alguma mulher, esta não poderá usar roupas suscetíveis de

revelarem as suas formas, como sejam saias curtas, calças ou trajes de banho. Do corpo da mulher, só poderão ser expostos o rosto e as mãos.

3. Duas pessoas não poderão comer do mesmo prato, nem beber do mesmo copo.

4. Não poderá haver movimentos rápidos do corpo. (Sugere-se no contrato que, se no anúncio aparecer alguma mulher, esta terá de estar sentada, ou em pé, mas sem se mover).

5. Não poderá haver piscadelas de olhos.

6. Os beijos são tabu.

7. Não poderá haver arrotos.

8. A menos que seja absolutamente necessário para vender o produto (é sugerido), que não haja risos no anúncio.

Quando o normal é proibido, as pessoas caem no anormal. Isto, julgo eu, foi o que aconteceu à minha filha.

No meu país, a lei religiosa proíbe os homens e mulheres solteiros de se verem. Nos limites das nossas fronteiras, os homens dão-se com os homens e as mulheres com as mulheres. Como o comportamento tradicional nos está vedado, a tensão sexual entre pessoas do mesmo sexo é absolutamente tangível. Qualquer estrangeiro que tenha vivido na Arábia Saudita muito ou pouco tempo sabe que as relações homossexuais são um hábito cada vez mais freqüente no nosso reino.

Assisti a muitos concertos e cerimônias, unicamente freqüentados por mulheres, em que certas beldades palpitantes e certos comportamentos que não deixavam dúvidas triunfavam sobre os pesados véus e as negras abaayas. Uma pacata reunião de mulheres sauditas, intensamente perfumadas e esfomeadas de amor, pode transformar-se espontaneamente numa manifestação exuberante, pode explodir numa festa desvairada onde se canta o amor proibido e se dançam danças voluptuosas. Muitas vezes vi mulheres de aparência tímida dançando lascivamente com outras mulheres, carne contra carne, os rostos colados. Muitas vezes ouvi mulheres trocando segredos amorosos e planejando encontros clandestinos, enquanto os seus motoristas esperam pacientemente nos parques de estacionamento. Os motoristas que, mais tarde, levarão essas mesmas mulheres para os seus maridos, os quais, nessa mesma noite, serão seduzidos por outros homens.

Embora o comportamento dos homens seja tolerado, o das mulheres, mesmo com outras mulheres, é, em muitos casos, cuidadosamente policiado. Esta tendência é nítida nos diversos regulamentos e normas que a sociedade impõe às mulheres.

Há alguns anos, recortei uma notícia de um jornal saudita para mostrar às minhas irmãs. Fiquei particularmente irritada com essa notícia, porque se tratava de mais uma restrição idiota imposta às mulheres. Numa escola feminina, fora anunciada a proibição do uso de cosméticos. Voltei a dar com esse artigo recentemente, ao jogar fora alguns papéis velhos.

Eis o seu teor:

PROIBIÇÃO DE COSMÉTICOS NUMA ESCOLA

O diretor da Escola Feminina de Al Ras, Abdullah Muhammad Al Rashid, ordenou a todas as estudantes e à equipe docente que deixem de usar cosméticos, ornamentos e outros tipos de enfeites ou maquiagem dentro do edifício da escola.

O diretor acrescentou que ultimamente haviam sido detectados casos de estudantes e professoras que usavam vestuário transparente e cosméticos, bem como sapatos de salto alto. A partir de agora, tais adornos serão proibidos. As estudantes terão de manter a uniformidade no vestuário, ao passo que as professoras deverão dar bons exemplos às estudantes. As autoridades não hesitarão em tomar medidas punitivas contra eventuais violadoras dos regulamentos escolares, disse ainda Al Rashid.

Lembro-me muito bem do que disse nessa altura às minhas irmãs. Espetei-lhes o artigo bem em frente dos olhos e disse-lhes, furiosa: «Vejam! Vejam com os vossos próprios olhos! Os homens deste país querem regulamentar os sapatos que usamos, as fitas que pomos no cabelo, a

cor dos nossos lábios!».

As minhas irmãs, ainda que a sua revolta não igualasse a minha, queixaram-se tristemente de que os nossos homens não pensavam noutra coisa senão em controlar todos os aspectos das nossas vidas, inclusive essa parte da nossa vida quotidiana que supostamente seria privada.

Em minha opinião, os fanáticos que controlam as nossas vidas tinham empurrado a minha filha para os braços de uma mulher! Embora estivesse profundamente abalada e não aprovasse a conduta de Maha, compreendia perfeitamente - tendo em conta as violentas restrições que herdara pelo simples fato de ter nascido mulher - que ela tivesse procurado algum conforto e consolo com alguém do seu próprio sexo.

Conhecendo bem o problema, sentia-me agora mais capaz de procurar soluções. Karim temia que a personalidade da filha tivesse sido afetada pelas suas experiências.

Como mãe, não podia estar de acordo com ele. Disse-lhe que o fato de Maha querer partilhar o seu mais sombrio segredo com as pessoas que mais a amavam apontava precisamente no sentido da sua recuperação.

E, como se veio a ver, eu estava coberta de razão.

Após vários meses de tratamento, Maha estava pronta para ser guiada pela mãe. Pela primeira vez na sua jovem vida, aproximou-se da mãe; desejando comunicar, reconhecendo, por entre lágrimas de dor, que, desde que se lembrava, sempre odiara todos os homens à exceção de seu pai. Para esse fato, não encontrava nenhuma explicação clara.

Sentia-me atormentada pela culpa, chegando ao ponto de me perguntar se os meus próprios preconceitos contra o sexo masculino não teriam impregnado o embrião a que eu dera a vida. Era como se a minha filha tivesse sido advertida desde muito cedo - desde o útero - da natureza perversa dos homens.

Maha confessou-me que o trauma por que passara ainda criança, por ocasião da demorada separação dos pais, debilitara ainda mais a sua confiança nos homens. «Que havia de errado no pai para nós termos de fugir dele?», perguntou-me ela.

Maha estava a referir-se à altura em que o meu marido tentara contrair um segundo matrimônio. Como não desejava partilhar o estatuto de esposa com outra mulher, abandonara o reino; fora buscar os meus filhos ao acampamento de Verão nos Emirados e levava-os comigo para França, para uma localidade na província. A França, com o seu povo tão humano, que sempre dá abrigo àqueles que sofrem, parecera-me o local perfeito para proteger os meus filhos enquanto contestava as pretensões do meu marido. E fiz tudo para proteger os meus filhos do trauma de um casamento falhado e da separação de Karim!

Que insensatez a minha! Como mãe, sei que é absurdo pensar que um conflito entre os pais, mesmo que menor, não interfere no bem-estar emocional dos filhos. Quando ouvi Maha dizer que as minhas ações tinham inflamado ainda mais as suas feridas, permitindo que pensamentos anormais impregnassem a sua consciência, senti-me mais angustiada do que nunca. Voltei a sentir em relação ao meu marido a mesma revolta de outros tempos, recordando amargamente a infortunada situação que ele impusera aos nossos três filhos.

Maha confessou-me que, mesmo depois de eu e Karim termos vencido as nossas divergências e reunido de novo a família, o confronto constante entre os pais abalara a segurança do casulo em que ela e os irmãos viviam.

Quando a espicacei a propósito da sua ligação com Aisha, Maha confiou-me que nunca lhe passara pela cabeça que as mulheres pudessem amar outras mulheres e os homens outros homens, até ao dia em que Aisha lhe mostrara umas revistas que trouxera do gabinete do pai. As revistas exibiam uma série de fotografias de belas mulheres fazendo amor. De início, as fotografias eram para ela apenas uma novidade; mais tarde, porém, Maha acabou por considerá-las belas, sentindo que o amor entre mulheres era mais terno e carinhoso do que o amor de um homem por uma mulher, que seria agressivo e possessivo.

Mas havia outras revelações, qual delas a mais perturbante.

Aisha, uma garota que tinha posto em causa muitos tabus sociais antes de conhecer a minha filha, não se coibia sequer de espiar as iniquidades sexuais do pai. A garota tinha feito um pequeno buraco na parede do gabinete ao lado do quarto do pai. Dessa forma, ela e a minha filha tinham visto o pai de Aisha desflorar as meninas que ele contratava. Maha afirmava que os gritos dessas meninas lhe tinham sufocado por completo o desejo de manter uma ligação com um homem.

Contou-me ainda uma história inacreditável, uma história que eu recusaria como uma pura invenção se por acaso a minha própria filha não a tivesse testemunhado.

Maha disse-me que, numa determinada quinta-feira, Aisha lhe telefonara, pedindo-lhe que fosse ter com ela o mais depressa possível. Eu e Karim estávamos fora, e a minha filha pediu a um dos nossos motoristas que a levasse a casa de Aisha.

O pai de Aisha tinha reunido sete jovens. Maha não sabia se ele se tinha casado com as garotas ou se estas eram concubinas.

A minha filha viu as garotas dançando nuas no quarto do pai de Aisha, cada uma delas com uma grande pluma de pavão espetada no traseiro. Com estas plumas, as jovens eram obrigadas a abanar e a fazer cócegas no rosto do pai de Aisha. Durante uma longa noite, aquele homem fizera sexo com cinco das sete garotas.

Pouco depois, Maha e Aisha roubaram um pluma e brincaram na cama de Aisha, fazendo cócegas uma à outra. Foi então que Aisha mostrou a Maha o prazer que uma mulher podia dar a outra.

Sentindo vergonha do seu amor pela amiga, Maha chorou nos meus braços, dizendo-me, por entre soluços, que queria ser uma garota feliz e ajustada, que queria levar uma vida produtiva. «Porque é que eu hei-de ser diferente de Amani?», perguntou-me a certa altura. «Nós nascemos da mesma semente, mas transformamo-nos em plantas diferentes!», gritou. «Amani é uma bela rosa! Eu não passo de um cacto cheio de espinhos!».

Ignorante dos desígnios de Deus, não sabia que resposta dar à minha filha. Apertei-a nos meus braços e confortei-a dizendo-lhe que, a partir de agora, a sua vida seria tão bela como a mais bela das rosas.

Foi então que a minha filha me fez a pergunta mais difícil de toda a minha vida. «Mãe, como é que alguma vez eu poderei amar um homem, conhecendo como conheço a sua natureza?».

Claro que não tinha uma resposta pronta para lhe dar. No entanto, foi com profunda felicidade que compreendi que eu e Karim tínhamos ainda possibilidades de fazer qualquer coisa pela nossa filha.

Era tempo de regressarmos a Riade.

Antes de partirmos, o meu marido ofereceu ao médico britânico de Maha uma posição em Riade, como médico da nossa família.

Para nosso espanto, o médico recusou. «Obrigado», disse ele. «O seu convite honra-me muito. Felizmente, ou infelizmente, para o caso não interessa, a minha sensibilidade estética é demasiado aguda para um país como a Arábia Saudita».

Impávido, Karim insistiu em oferecer ao médico uma avultada soma. Chegou ao ponto de tentar pôr o dinheiro nas mãos do médico.

O médico de Maha recusou firmemente a oferta, proferindo palavras que teriam sido um grave insulto se por acaso não tivessem sido ditas com tanta brandura. «Meu caro senhor, por favor, não insista. A futilidade da riqueza e do poder não exerce sobre mim a menor atração».

Enquanto fitava aturdida uma das figuras masculinas menos atraentes que alguma vez vira, encontrei inopinadamente a resposta para a insolúvel questão que Maha me pusera! Mais tarde, disse-lhe que, um dia, também ela encontraria um homem merecedor do seu amor dedicado, pois tais homens existiam. Ela e eu tínhamos conhecido um desses homens naquele hospital londrino.

Logo que regressamos a Riade, a origem da ligação de Maha à magia negra foi desvendada. Era o que eu tinha pensado. Nurah era a culpada.

Na minha presença, Maha contou ao pai que fora a avó que lhe ensinara os meandros do sombrio mundo do oculto. Quando lhe falamos das roupas de Abdullah embrulhando um feitiço, Maha negou que quisesse fazer mal ao irmão. Na esperança de que tivesse aprendido a lição, não a pressionamos mais.

O que mais desejava naquele momento era ir a casa da minha sogra, confrontá-la com o que sucedera, cuspir-lhe na cara e arrancar-lhe os cabelos. Karim, reconhecendo, muito sensatamente, os perigos da raiva que eu acumulara, não permitiu que o acompanhasse quando se deslocou a casa da mãe a fim de confrontá-la com os seus iníquos atos. No entanto, consegui convencer a minha irmã Sara, apesar de toda a sua relutância, a fazer uma visita à sogra das duas quando Karim lá estivesse.

A minha irmã chegou ao palacete de Nurah pouco depois do meu marido. Esperou no jardim que Karim deixasse a residência. Sara disse-me mais tarde que ainda ouvira os gritos de Karim e os pedidos de misericórdia de Nurah. Karim proibira a minha sogra de visitar os netos na ausência dos pais.

Muito depois de o meu marido ter partido, acrescentou Sara, os desesperados gritos de Nurah ainda se ouviam no jardim. «Karim, meu querido filho, tu nasceste do meu ventre! Volta para a tua mãe, pois não posso viver sem o teu precioso amor!».

Sara acusou-me de ser tão má como Nurah, pois eu fiquei radiante de felicidade quando ela me contou as merecidas desventuras da minha pérfida sogra.

IV MECA

Deus, que é Grande e Glorioso, disse: «Proclama entre os homens a peregrinação e eles virão ter contigo a pé e montados em todos os magros camelos, vindos de todas as ravinas profundas».
- *Al Haj, 22:27*

Não há nenhum método para calcular o número de piedosos Muçulmanos que pereceram a meio da extenuante viagem pelos desertos da Arábia Saudita, desde os tempos do Profeta Maomé e da primeira peregrinação, mas o total, segundo todas as estimativas, será de vários milhares. Embora possa referir com satisfação que os Muçulmanos devotos já não precisam enfrentar os ataques dos beduínos, nem de atravessar a Arábia Saudita a pé ou montados em magros camelos, a fim de realizarem o fervoroso desejo de cumprirem um dos princípios básicos do Islã, a verdade é que a peregrinação anual à cidade santa de Meca, como lhe chamam os Ocidentais, ou Makkah, como lhe chamamos nós, continua a ser um acontecimento caótico. Todos os anos, centenas de milhar de peregrinos convergem para as cidades, aeroportos e estradas da Arábia Saudita, a fim de cumprirem o ritual da peregrinação durante o tempo da Haj. (Este período começa no Dhu Al Hijah, o décimo primeiro mês do nosso calendário, ou hégira, e termina no Dhu al Hijah, o décimo segundo mês desse mesmo calendário).

Fiz a tradicional peregrinação muitas vezes quando era nova. Nos meus tempos de menina, ia nos braços de minha mãe; mais tarde, já garota, e rebelde, procurava a comunicação com Deus, a quem pedia que concedesse a paz de espírito a uma filha infeliz.

Para meu grande pesar, depois de casada não tinha ido uma única vez a Meca durante o período oficial da Haj.

Embora tivéssemos feito com os nossos filhos a Umrah, ou peregrinação menor, que pode ser cumprida em qualquer altura do ano, a verdade é que nunca nos tínhamos juntado às multidões que, todos os anos, celebram a Haj, uma ocasião em que os Muçulmanos recordam as lições de sacrifício, obediência, misericórdia e fé, modelos de conduta que são obrigatórios na fé islâmica.

Ao longo dos anos, muitas vezes lembrei ao meu marido que os nossos filhos deviam passar pela experiência da comovente peregrinação maior, durante a época da Haj. Para meu pesar, Karim mostrava-se intransigente; em sua opinião, a nossa família devia evitar o pandemônio que se verifica na Arábia Saudita quando da peregrinação anual, a qual atrai ao nosso país a mais vasta e concentrada reunião de seres humanos existente ao cimo da Terra.

Sempre que perguntava a Karim as razões para não cumprirmos a Haj, o meu marido dava-me um ror de explicações mal amanhadas e cheias de contradições.

Certo dia, já muito confusa com a sua atitude e decidida a ir ao fundo da questão, montei-lhe uma armadilha, enleando-o na discrepância das suas desculpas. Karim procurava escapar engenhosamente ao seu dilema, até lhe disse, muito claramente, que, apesar de ele acreditar no Deus de Maomé, me parecia que abominava o ritual que tanta alegria traz a todos os Muçulmanos. Não havia outra explicação para o seu bizarro comportamento.

Cruzei os braços sobre o peito e esperei pela sua resposta a esta acusação insultuosa, que exigia uma clara refutação.

O rosto de Karim encheu-se de revolta perante uma acusação tão vill! Chocado com tão escandalosa idéia, jurou-me que não abominava a peregrinação, bem pelo contrário!

Reagindo como todos os homens reagem quando não têm razão, Karim gritou-me, «Sai-me da minha frente que nem te posso ver!», e virou-me as costas como se fosse deixar o quarto. Porém, eu adiantei-me a ele e, com os braços esticados, encostei-me à porta, exigindo-lhe uma resposta mais clara.

Gritei-lhe que não gostara do que ouvira e que esperaria toda a vida por uma explicação razoável para o fato de ele, todos os anos, fugir da Haj. Apercebendo-me de que Karim estava

numa posição de fraqueza, afoitei-me e acrescentei uma pequena mentira, dizendo-lhe: «Há mais pessoas que já repararam na tua estranha aversão à Haj e, como é evidente, já começaram a falar».

Quando Karim percebeu que não sairia do quarto sem recorrer à força física, pôs-se a olhar para o chão e hesitou por um longo momento. Era evidente que estava examinando e pesando a sensatez da sua resposta. Tomando uma decisão, puxou-me pelo braço e arrastou-me para junto da cama. Por um bocado, andou pelo quarto, de um lado para o outro. Foi então que as suas defesas desabaram.

Apressadamente, confessou-me que em jovem fora perseguido por um pesadelo tão real quanto aterrador, um pesadelo em que se via esmagado até à morte por uma multidão de Hajjis (os Muçulmanos que cumprem a Haj).

Muitos aspectos desconcertantes do comportamento do meu marido encontravam agora uma explicação. Desde que o conhecera, Karim sempre vira multidões onde não havia, tomando os menores grupos por verdadeiras turbas. Abanei a cabeça ao considerar as estranhas profundezas da vida íntima de meu marido, profundezas onde eu nunca penetrara. Afinal, Karim tinha medo da multidão de peregrinos!

Crendo fortemente nas poderosas mensagens dos sonhos, concentrei-me nas palavras de Karim; escutei gravemente a sua vívida descrição da experiência imaginária, mas aterroizante, que ele vivera no seu sonho.

O rosto do meu marido ficou pálido enquanto me descrevia com toda a clareza a sensação de ser asfixiado sob os pés impiedosos dos frenéticos veneradores de Deus. Disse-me que, desde os vinte e três anos, altura em que fora atormentado pelo pesadelo, evitava propositadamente os congestionamentos suportados pelos fiéis que cumpriam a peregrinação anual a Meca.

Karim sentia tão intensamente que o seu pesadelo se tornaria realidade que me faltou a coragem para contestar os seus visionários presságios.

Nesse ano, uma vez mais, a nossa família abandonou o reino durante o período da Haj.

Quando ocorreu a tragédia, desta feita muito real e horrenda, da Haj de 1990, em que mais de mil e quinhentos peregrinos foram mortos por esmagamento, num túnel da montanha em Meca, Karim não se levantou da sua cama em Paris e tremeu durante um dia inteiro, declarando que aquela catástrofe era mais uma indicação divina de que ele não deveria voltar a adorar a Sagrada Mesquita!

Depois desse terrível acidente, a reação extrema de Karim ao seu pesadelo começou a incomodar-me e disse-lhe que os receios dele não tinham razão de ser. Todavia, tudo o que eu pudesse dizer ou fazer não chegava para confortá-lo. Nem mesmo quando lhe chamei a atenção para aquilo que era óbvio - que o seu pesadelo se concretizara através da morte de outras pessoas. Em minha opinião, era improvável que tal catástrofe voltasse a repetir-se.

Logo percebi que os meus comentários não acalmavam os seus temores, pois Karim respondeu-me que também ele morreria esmagado, ele apenas e mais ninguém, se por acaso ignorasse o seu sonho ou a recente tragédia, a qual, aos seus olhos, mais não era do que uma advertência direta de Deus.

Como é verdade que vários Hajjis morrem esmagados em cada Haj, não podia contestar as afirmações de Karim. Queria erradicar a sua obsessão, ignorar os seus terrores, mas não conseguia.

Cheia de tristeza, propus-me esquecer a idéia de que um dia voltaria a fazer a feliz peregrinação, ainda que o meu coração não admitisse o olvido.

Após o nosso triunfante regresso de Londres com a nossa querida Maha, senti um irresistível desejo de me integrar no ritual que glorifica Deus, lado a lado com outros Muçulmanos. O período da Haj não tardava e, com toda a brandura, abordei de novo o assunto, sugerindo a Karim que levássemos os nossos filhos a Meca. Como as mulheres do nosso país raramente viajam sem uma escolta masculina, avantei a hipótese de acompanhar a minha irmã Sara e a sua família na peregrinação.

Para minha grande surpresa, Karim reagiu favoravelmente ao meu ardente desejo de realizar a viagem à cidade de Maomé. Fiquei boquiaberta quando ele me disse que ia considerar a possibilidade de também efetuar a viagem. Karim reconheceu que continuava a sentir medo, mas que também ele partilhava a minha necessidade de dar graças a Deus pela recuperação da nossa querida filha.

Estávamos a discutir a viagem com membros da família de Karim quando recebemos um aviso do seu cunhado, Mohammed, que estava casado com a irmã mais nova de Karim, Hanan. Mohammed dizia que mais de dois milhões de peregrinos eram esperados na cidade santa, e que, entre esses peregrinos, havia cerca de cento e cinquenta mil que vinham do Irã, o país xiita que, todos os anos, apela a que seja retirada ao rei Fahd a custódia sobre os mais sagrados locais do Islã.

Em 1987, os inflamados Xiitas chegaram ao ponto de exprimir um violento protesto no decorrer das sagradas cerimônias e, decididos a infringir as leis sauditas, profanaram a Sagrada Mesquita, causando a morte de 402 peregrinos. Dois anos mais tarde, em 1989, Teerã instigara dois atentados bombistas que causaram um morto e dezesseis feridos.

Na opinião de Mohammed, a Haj estava tornando-se numa cerimônia demasiado perigosa para os Muçulmanos pacíficos. Os Muçulmanos radicais estavam lançando ações em todo o mundo e aproveitavam-se do mais sagrado dos santuários islâmicos para exprimir os seus ressentimentos políticos.

Mohammed, um príncipe com um cargo de chefia na Segurança Pública, organização pública saudita que visa garantir a segurança dos Sauditas e dos Muçulmanos que visitam o nosso país, tinha acesso a dados que a maior parte dos Sauditas desconhecia. Ignorando as minhas emoções e concentrado apenas na nossa segurança pessoal, Mohammed sugeriu-nos que esperássemos que as multidões deixassem o reino. Depois, poderíamos levar os nossos filhos e realizar os ritos sagrados.

Karim ficou pálido e pouco disse. Eu sabia que o meu marido não estava nada preocupado com o perigo iraniano; na realidade, o que o atormentava era o pavor de que quatro milhões de pés o esmagassem.

Obstinada, e decidida a satisfazer os meus desejos pessoais, como é meu hábito, contestei as advertências de Mohammed, dizendo que, em minha opinião e em consequência dos atos de violência ocorridos noutros anos, os peregrinos vindos do Irã seriam cuidadosamente inspecionados pela Segurança Saudita e que, por isso mesmo, não representariam grande perigo para os que se propunham venerar Deus.

Mohammed, com uma expressão grave e embaraçada, retorquiu: «Não. Nunca poderemos confiar nos Iranianos. Não se esqueça, Sultana, de que estamos lidando com fanáticos xiitas cujo maior sonho é derrubar o nosso governo sunita, conduzido pela nossa família!».

Vendo que o meu raciocínio não me proporcionaria a resposta tranquilizadora que almejava, usei uma tática feminina, perguntando matreiramente a Mohammed e ao meu marido se já se tinham esquecido de que, segundo os ensinamentos islâmicos, morrer durante a peregrinação a Meca garante a imediata ascensão ao céu.

O meu marido e o meu cunhado achavam que a situação não era para brincadeiras e os meus argumentos religiosos não tiveram a menor influência em Karim. Porém, também ele sentira uma felicidade incomensurável após a miraculosa cura de Maha, e sentira-a mais agudamente do que eu havia imaginado.

Karim respirou fundo, pôs um sorriso desmaiado e disse: «Sultana, estou disposto a enfrentar mil e um perigos se isso te proporcionar a paz de espírito. Levaremos os nossos filhos e faremos juntos a peregrinação».

Mohammed ocultou uma expressão decepcionada com um sorriso, e eu dei ao meu marido um inesperado beijo na face e desatei a puxar-lhe pelos lóbulos afetuosamente, prometendo-lhe que ele nunca lamentaria a sua decisão.

Mohammed ficou escandalizado com os meus gestos de afeição e arranjou logo uma

pequena desculpa para se retirar. A irmã mais nova de Karim, Hanan, que estava casada há já alguns anos com Mohammed, sorriu-nos com um sorriso cúmplice e disse-nos para ignorarmos a fachada puritana do marido, pois na intimidade Mohammed era o mais afetuoso, atento e apaixonado dos homens.

Ri a bom rir, perguntando-me como seria a doce vida sexual daqueles dois, pois Mohammed sempre me parecera muito reservado e formal, fato que, em tempos, me fizera lastimar a sorte da minha cunhada.

Olhei para o meu marido e vi que tinha enrubescido. Estava todo afogeuado só por causa das referências ao leito nupcial da irmã! Disse para mim mesma que os nossos homens são demasiado rígidos e insuportavelmente puritanos no que toca ao amor matrimonial. Mesmo que o matrimônio em questão seja o deles.

Lembrando-me de que em breve partiríamos para Meca, voltei a beijar o meu marido! Estava exultante!

Karim e eu convidamos Sara, Asad e a sua crescente prole para nos acompanharem na odisséia religiosa por que ansiava havia tanto tempo. Sara nunca falhava a uma Haj e ficou muito contente pelo fato de a nossa família, desta feita, não viajar para o estrangeiro durante aquele período religioso.

Cheios de entusiasmo, começamos a fazer os nossos planos para a viagem. Partiríamos dentro de dois dias.

Finalmente, chegou o dia da partida para Meca. Havia tanta coisa a fazer! A nossa idéia era encontrarmos-nos com Sara e a sua família no aeroporto de Riade às dezenove horas. Antes disso, cada membro da família tinha de imaginar que ia entrar no Ihram, um período especial do Haj marcado por um único desejo: o desejo de cumprir todos os ritos da peregrinação.

Durante o período do Ihram, nada do que costuma caracterizar a vida normal é considerado aceitável. O cabelo não pode ser cortado, as unhas não podem ser aparadas, as barbas não podem ser escanhoadas. Não podemos usar perfumes, nem matar animais, as relações sexuais têm de ser adiadas e o contato direto entre homens e mulheres é evitado enquanto durar o sagrado período do Ihram.

Todos os membros da nossa família começaram os seus rituais para a peregrinação antes de deixarem Riade. Era importante que cada um de nós chegasse a um estado de pureza ainda antes do início da ansiada viagem.

Assustando a minha criada filipina, Cora, que estava limpando o pó no meu quarto, entrei nos meus aposentos entoando o famoso grito proferido por todos os peregrinos que se deslocam à cidade sagrada de Meca: «Aqui estou eu, Deus! Aqui estou eu! Aqui estou eu para cumprir as tuas ordens».

Depois de Cora ter recuperado do susto, expliquei-lhe, com a mais feliz das disposições, o significado da nossa viagem religiosa.

Cora, uma católica devota, pouco percebia das tradições muçulmanas; porém, como as suas convicções religiosas são profundas, não deixou de apreciar a minha alegria por poder realizar a peregrinação.

Continuei a entoar o meu grito a Deus, enquanto Cora, muito sorridente, me enchia a banheira. Contei com os dedos todas as tarefas que tinha à minha frente. Tinha de limpar o rosto de toda a maquiagem, tinha de tirar todas as jóias, incluindo os brincos de diamantes de dez carates que o meu marido me dera no ano anterior e que raramente retirava.

Depois de tirar os brincos e de os colocar no cofre do quarto, onde guardo a minha coleção de jóias, meti-me na banheira, onde permaneci um tempo sem fim na água quente, limpando-me simbolicamente de todas as impurezas. Enquanto me lavava, preparei-me para a jornada, repetindo em voz alta a ordem que Deus dera aos Muçulmanos para que visitassem Meca: «Proclama entre os homens a peregrinação e eles virão ter contigo a pé e montados em todos os magros camelos, vindos de todas as ravinas profundas».

Afastei de mim todos os pensamentos sobre a minha família e sobre a minha própria

peessoa, concentrando-me, em vez disso, na paz e nos sentimentos de amor pelo meu semelhante.

Depois do meu longo banho, vesti-me com um traje preto sem costuras e cobri o cabelo com um lenço preto leve. Virei-me para a sagrada cidade de Meca, prostrei-me no chão do quarto e rezei as minhas orações, pedindo a Deus que aceitasse os meus ritos da Haj.

Finalmente, estava preparada para a viagem.

Encontrei-me com o meu marido e os meus filhos na sala-de-estar do piso de baixo. Karim e Abdullah estavam imaculados nas suas túnicas brancas sem costuras e nas suas modestas sandálias. Maha e Amani estavam vestidas com trajes escuros e simples que lhes cobriam toda a carne, à exceção dos rostos, pés e mãos. Tal como eu, também elas não usavam véu. «O verdadeiro véu está nos olhos dos homens», diz o Profeta. Assim, as mulheres estão proibidas de cobrir o rosto durante o período da Haj.

Em menina, muitas vezes questionei a minha mãe acerca da estranha necessidade de cobrir o rosto diante dos homens, mas não diante de Deus. A minha mãe, que nunca se sentiu inclinada a pôr em causa a autoridade dos homens, ficava perplexa e confusa perante a lógica imbatível do raciocínio da filha. Como passara toda a sua vida sob a rígida jurisdição dos homens, mandava-me calar e não me respondia àquela que, ainda hoje, considero ser uma questão pertinente.

Ao olhar para os rostos inocentes das minhas filhas, não pude deixar de lembrar a minha infância e as perguntas que fazia à minha mãe.

Abracei cada uma das minhas filhas e disse-lhes num tom irritado: «Quando o homem conseguir partilhar a sabedoria de Deus, poderão tirar os véus que tanto odeiam!». E olhei de relance para o meu marido e o meu filho, com um desdém evidente.

Karim resmungou, «Sultana!», admoestando-me pelo que eu tinha feito!

Fiquei apavorada ao reparar que havia quebrado os meus votos da Haj! Por um momento, fomentara a discórdia, pensara em questões mundanas, quando deveria concentrar-me na paz e no amor!

Embaraçada com o meu lapso, deixei apressadamente a sala, explicando que teria de cumprir novamente os meus rituais.

Karim sorriu e os meus filhos desataram a rir. Teriam de esperar pacientemente pelo meu regresso.

Prostrei-me de novo no chão do quarto, pedindo a Deus que acalmasse a minha língua e me ajudasse uma vez mais a impregnar-me do espírito do Ihram.

Enquanto rezava, lembrei-me uma vez mais da minha mãe, e que tristes eram essas memórias! Imagens do meu pai, furioso e autoritário, passavam diante dos meus olhos, destruindo em mim a tranquilidade necessária ao Ihram. Franzindo o sobrolho, retomei tudo de novo.

Estava quase a chorar quando voltei para junto da minha família e o meu marido olhou-me com muito amor. O problema é que eu interpretei esse olhar como um sinal de desejo sexual. Gritei-lhe que se deixasse de olhares e rompi a chorar desalmadamente, declarando que, assim, não poderia fazer a peregrinação, que a minha família teria de ir sem mim, pois eu não conseguia acalmar o meu espírito inquieto e encaminhá-lo para a pureza exigida pelo Ihram!

Como todos os contactos físicos entre homens e mulheres estão proibidos neste período, Karim acenou para as minhas filhas, e Maha e Amani, rindo a bom rir, empurraram-me para o carro que já estava à espera há algum tempo. Finalmente íamos para o aeroporto.

Karim acalmou os meus protestos, dizendo que eu poderia repetir os meus rituais no avião, ou na nossa casa de Djedda, antes de fazermos o curto trajeto para Meca, na manhã seguinte.

Asad, Sara e os filhos estavam à nossa espera na sala-de-espera real do Aeroporto Internacional Rei Khalid, que fica a quarenta e cinco minutos da cidade de Riade.

Saudei a minha irmã e a sua família com esforçado silêncio. Maha segredou a Sara o que se passava e Sara lançou-me um sorriso cúmplice, que me dizia que ela compreendia o nosso

atraso.

A nossa família viajou para Djedda num avião Lear, um dos aviões particulares de Karim. Foi uma viagem tranqüila. Os adultos pensaram em Deus e no diálogo que pretendiam manter com Ele. As crianças mais velhas entregaram-se a jogos tranqüilos, ao passo que as mais novas dormiram ou passaram o tempo a ver livros.

Atenta às minhas dificuldades para controlar a minha língua, não disse uma única palavra até momentos antes da aterrissagem. Só então falei - e devo reconhecer que falei demasiado.

Era já noite quando chegamos ao Aeroporto Internacional Rei Abdul Aziz em Djedda, e fiquei muito contente quando Karim disse ao piloto americano que nos levasse ao Hajj, ou Terminal dos Peregrinos, que é uma enorme tenda surrealista que cobre cerca de cento e cinquenta hectares. O Terminal dos Peregrinos destina-se a receber peregrinos de outros países, mas o nosso estatuto real permitia-nos aterrisar onde desejássemos.

Alguns anos antes, Karim levava Abdullah à inauguração do terminal, mas as minhas filhas ainda não haviam visto a espetacular construção.

Esquecendo os meus votos de que estaria calada até que os meus pés tocassem as ruas de Meca, senti a inexplicável necessidade de que as minhas filhas descobrissem um motivo de orgulho na história dos seus antepassados, ainda que esse orgulho estivesse implicitamente relacionado com a riqueza económica.

Inicialmente, falei numa voz baixa, que eu sabia não ser ofensiva para Deus. Expliquei às minhas filhas que o terminal ganhara um prémio internacional devido à sua invulgar concepção e pelas inovações que introduzira no campo da engenharia. Senti-me inundada de orgulho pelas infra-estruturas que os Sauditas haviam construído durante o breve período de uma geração. Como já não sentia vergonha pela pobreza terrível dos meus antepassados, essa pobreza que me perseguira nos tempos da infância e juventude, via-me livre dos meus velhos conflitos interiores e, por isso mesmo, com um entendimento do passado muito mais aguçado. Aquilo que outrora me parecera triste e vergonhoso, era agora encantador e valoroso. Disse para mim mesma: numa terra agreste, onde há apenas cinquenta anos tribos guerreiras haviam lutado por causa de camelos e cabras, nós, os Sauditas, tínhamos avançado como uma tremenda força económica. A minha própria família levava tribos que viviam no desolado deserto e que desafiavam todas as leis a transformar-se num dos povos e nações mais abastados do mundo.

Embora os Ocidentais insistam que só o petróleo nos abriu as portas da prosperidade, nunca dei muita importância a essa análise, pois o petróleo também foi descoberto noutras terras e o vulgar cidadão desses países nunca gozou da qualidade de vida a que todos os Sauditas têm acesso. O segredo estava na sabedoria dos homens que controlavam os ganhos obtidos com os nossos recursos. Apesar de ter sempre encontrado muitos erros na conduta dos homens da minha família, em particular no que respeita às suas posições relativamente às mulheres, nesse domínio particular tinha de reconhecer e louvar o seu inteligente e perspicaz governo.

Pensando que aquela era uma ocasião propícia para instilar o orgulho pelos antepassados naqueles a quem dera a vida, fiquei entusiasmada e comecei a falar bem alto, lembrando aos meus filhos os acontecimentos do passado e as virtudes daqueles que nos haviam precedido: a coragem, a resistência, a autoconfiança e a inteligência dos nossos antepassados beduínos. Recordando a vida de pobreza que os meus pais haviam levado, e comparando-a à vida extravagante que os seus filhos e netos levavam agora, sem dúvida uma transformação miraculosa, o meu discurso foi ganhando mais e mais ardor. Conseguia pôr intensidade dramática e um realismo convincente nas histórias da família que lhes ia contando.

Imaginando-me um contador de histórias, e lembrando os momentos felizes que passara aos pés da minha mãe e das tias mais velhas, mergulhei no drama da fundação do nosso país até que, de súbito, me apercebi de que não tinha nenhum ouvinte.

Sara, Asad e Karim partilhavam a mesma expressão contristada e incrédula, mas, como eu me tinha esquecido por completo dos objetivos da nossa viagem, a aparência deles não produziu qualquer efeito na minha mente.

Olhei de relance para os mais novos e fiquei profundamente decepcionada ao ver que não estavam minimamente interessados. Percebi, nesse momento, que a pobreza, quando não é vivida, não afeta os privilegiados, e que a geração mais jovem dos Al Sa'ud se deixara dominar pela debilitante influência da riqueza sem fim.

Não havia a menor dúvida de que as crianças estavam incomodadas com a idéia de serem descendentes daqueles pobres beduínos.

Abdullah estava jogando uma partida de gamão com o filho mais velho de Sara, ao passo que as crianças menores brincavam com carrinhos e caminhões que Asad lhes trouxera da última vez que fora a Londres.

Enquanto recordava o rosto da minha querida mãe e as suas pungentes histórias sobre os maravilhosos avós que eu nunca conhecera, as minhas mãos formigavam com o desejo de dar uma boa bofetada naqueles rostos indiferentes, nos rostos das crianças que eram precisamente os descendentes daquelas boas almas que haviam morrido há tanto tempo. Olhei à minha volta, à procura de alguém em quem descarregar a minha ira, e, no preciso momento em que beliscava o braço de Abdullah, os meus olhos cruzaram-se com os de Sara. A minha irmã disse-me apenas: *ihram!*

Uma vez mais, esquecera-me do objetivo da nossa viagem! Ciente de que iria repetir os rituais logo que chegasse à nossa casa de Djedda, deixei que os meus pensamentos recuassem até ao distante passado, e as lágrimas irromperam nos meus olhos, só de imaginar os duros e corajosos antepassados que nós nunca conheceríamos. Sara sorriu-me docemente, um sorriso que desculpava claramente os meus excessos, e eu compreendi que a mais querida das minhas irmãs entendera os meus pensamentos e perdoara a minha transgressão.

Afetada pela recordação de um provérbio certo - «Só os nossos próprios olhos chorarão por nós» -, senti-me contristada com a tendência que a minha família revelava para esquecer aqueles que haviam existido antes de nós. Não consegui conter-me e exclamei com uma voz cheia de vigor: «Aqueles que vos parecem mortos, para mim estão vivos e bem vivos!».

A minha família olhou para mim espantada, excetuando Karim, que não conseguiu controlar um ataque de riso. Lancei-lhe um olhar faiscante enquanto ele limpava os olhos molhados e murmurava para Asad qualquer coisa que tentei ouvir, mas não consegui, a respeito da mulher com quem tinha casado.

Para acalmar as minhas emoções, atentei nas minhas filhas e vi que elas, pelo menos, haviam ouvido algo do que eu dissera.

Maha, que preferia a Europa e a América a tudo o que fosse saudita, de pouco me valeu. Ignorara os meus louvores aos antepassados e agora censurava amargamente o terminal, desalentada por um terminal de aeroporto ter sido concebido como uma tenda!

«Para quê vasculhar no passado?», murmurou ela, um tom de desânimo na voz. «Não te esqueças de que estamos no século XX».

Amani, no entanto, estava extasiada com os holofotes montados sobre os pilares de suporte. Os holofotes proporcionavam uma visão espantosa daquele prodígio da engenharia e a minha filha não resistiu a dar um gritinho de prazer.

Fazendo alarde dos seus conhecimentos sobre o terminal de Djedda, Abdullah olhou de relance para a irmã mais nova e observou, num tom casual, que o telhado de tecido da tenda cobria o mais vasto espaço do mundo, embora houvesse projetos para cobrir um espaço ainda maior na cidade de Medina.

Amani, o mais sensível dos meus filhos, apertou-me muito a mão e sorriu-me com toda a sua doçura, dizendo: «Mamã, obrigada por nos teres trazido».

Olhei para a minha filha com a expressão mais feliz deste mundo. Afinal nem tudo fora em vão!

Quem poderia ter adivinhado que uma viagem feita com tão virtuosos pensamentos, e motivada pelo desejo de agradecer e louvar a Deus pelo retorno da lucidez da minha filha mais velha, viria ter um significado tão duradouro para a minha filha mais nova, Amani, e

consequências desastrosas para os seus pais?

V AMANI

«Meca, «a abençoada», conhecida como Umm Al Qurrah, «Mãe das Cidades», é o local para onde todos os crentes se viram cinco vezes ao dia, a fim de rezarem as suas orações. Para milhões de Muçulmanos, a peregrinação a Meca é o grande projeto da sua vida. A cidade, durante a Haj, é rigorosamente banida aos não-Muçulmanos, mas os descrentes sentem-se profundamente decepcionados pelo fato de perderem aquela manifestação de fé e querem saber o que existe no seu cerne. Como saudita, fui pessoalmente escolhido por Deus para proteger a verdadeira fé, a fé que nasceu na mais sagrada das cidades do mundo, situada precisamente no meu país».

- Explicação dada à autora por um velho beduíno saudita, sobre as razões por que os Sauditas são o povo eleito de Deus.

Quando do jubiloso nascimento de Amani, a minha irmã Sara juntou-se a mim nas aflições do parto, dando à luz o seu segundo filho, uma menina a quem ela e o marido deram o nome de Nashwa (palavra árabe que significa «êxtase»). Enquanto Amani trouxe felicidade às nossas vidas, Nashwa é uma criança agressiva e antipática e já por várias vezes provocou sérias devastações no feliz lar de Sara e Asad.

Muitas vezes questionei secretamente Karim acerca da terrível possibilidade de Amani ser a verdadeira filha de Sara e Asad, ao passo que Nashwa seria do nosso sangue, pois o caráter de Nashwa é incrivelmente idêntico ao meu. Além disso, Amani é extraordinariamente parecida com a tia Sara, tanto do ponto de vista físico (ambas são muito belas) como do ponto de vista psíquico (ambas possuem o mais calmo dos espíritos).

Seria possível que a equipe hospitalar tivesse trocado acidentalmente as nossas duas filhas? Elas nasceram com uma diferença de onze horas, mas Sara e eu ocupávamos suítes reais contíguas. Uma troca de crianças parecia-me algo de plausível. Ao longo dos anos, Karim tentou muitas vezes acalmar os meus receios, citando estatísticas sem sentido, que mostrariam que tais enganos raramente ocorrem. Porém, sempre que penso na perfeição da minha filha, sou invadida pelo temor de que a sua mãe possa ser outra.

Amani, um espírito que facilmente se deixa absorver pelos pensamentos e fantasias, e também pela melancolia, sempre valorizou mais os livros do que os brinquedos, sendo desde muito pequena uma entusiástica estudante das artes e das línguas. Ao contrário de Maha, Amani quase nunca nos criou problemas, sendo, pelo contrário, um fator de tranquilidade e afeição no nosso lar.

Embora a alma sensível de Amani tivesse penetrado fundo no meu coração, muito mais do que os seus dois irmãos, a verdade é que deveria ter dado mais atenção à tenacidade que se ocultava no seu complexo temperamento. A sua preocupante dedicação aos animais causara já conflitos com outros membros da nossa família. Essa dedicação a todas as criaturas vivas colidia com o entusiasmo dos homens sauditas pela caça e pela morte de todos os animais que vivem na nossa terra. Enquanto Abdullah e o pai se associavam alegremente aos outros primos reais em caçadas no deserto, alvejando gazelas e coelhos à luz de enormes holofotes montados em jipes e caminhões especialmente equipados, Amani introduzia-se sorrateiramente na sala de caça do pai, escondendo munições, desmantelando com êxito várias armas e arremessando dispendiosas armas de fogo para o jardim. Devido a um intenso amor pelos animais, Amani estava disposta a ignorar o seu profundo desejo de que a harmonia reinasse no lar.

Este traço muito humano, mas simultaneamente perturbador, revelou-se desde muito cedo. Em consequência das inclinações de Amani, a nossa casa estava a abarrotar de animais que ela recolhera, dos mais variados tamanhos, espécies e cores.

A maior parte dos Árabes, ao contrário do que sucede com muitos Ocidentais, não sente grande amor pelos animais; gatos e cães esfomeados e doentes deambulam pelas ruas das nossas cidades. A partir do início dos anos 80, o governo saudita tomou a iniciativa de recolher esses

animais sem dono e de abandoná-los no deserto, onde acabariam por ter uma morte lenta e dolorosa. No entanto, há muitos animais que levam a melhor sobre os seus perseguidores e que conseguem encontrar um porto seguro nas casas das pessoas que possuem uma natureza mais compassiva.

Embora apreciasse e compreendesse a compulsão de Amani para proteger os animais vítimas de abusos, Karim e outros membros da nossa família sentiam-se profundamente incomodados pelo fato de a nossa residência se ter transformado num santuário para bichos perdidos. Não se contentando com o mero ato de salvar as suas vidas, Amani mimava-os como se eles fossem representantes das mais raras e dispendiosas raças; e quando morriam, fazia-lhes o mais solene dos funerais nos terrenos do nosso jardim. Aqueles que ela treinava para animais de colo perseguiam-nos por todo o lado, tanto nos jardins como em casa.

Muitas vezes cheguei a pensar que Amani se preocupava mais com os animais do que com os membros da sua própria família; porém, como sou uma mãe que tem dificuldade em punir ou coarctar os seus filhos, Amani pôde manter bem viva a sua infortunada idiossincrasia.

Karim contratou dois jovens da Tailândia para limparem e desinfetarem os locais frequentados pelos animais e também para habituarem os cães a algo que desconheciam: a obediência. Chegamos mesmo ao extremo de construir o nosso próprio jardim zoológico, naturalmente pequeno, instalando espaçosas áreas fechadas e comprando inúmeros exemplares exóticos, na esperança de que o zôo pessoal de Amani satisfizesse a sua propensão para colecionar e acarinhar multidões de animais. Ao lado desta área, Karim mandou fechar uma área razoável para os animais que Amani recolhia. Ordenou à filha que restringisse esses animais àquela seção particular. Porém, perante as muitas lágrimas de Amani, Karim concordou relutantemente que ela poderia selecionar os seus dez gatos e cães favoritos, os quais poderiam andar dentro de casa e ter livre acesso a todas as áreas exteriores comuns.

Apesar destes esforços, a nossa filha não se esqueceu, bem pelo contrário, de todos os animais sem dono que deambulam pelas nossas ruas, e estes bichos, invariavelmente, acabavam por vir parar à nossa casa.

Certa vez, ao chegar a casa, Karim deu com uma estranha cena. Apanhou três filipinos que trabalhavam para os nossos vizinhos a entregar um saco com cinco gatos lá dentro a um dos tailandeses que tratavam do nosso pequeno jardim zoológico. Karim interrogou os criados filipinos e estes mostraram-lhe um panfleto que afirmava que a nossa família daria um prêmio de cem riyais sauditas a todos aqueles que lhe entregassem um gato ou um cão encontrados na rua. Karim teve um acesso de fúria e os criados tailandeses confessaram que Amani lhes dissera para afixarem os panfletos nos muros dos palácios e residências vizinhos. Além disso, ordenara aos dois homens que inspecionassem as ruas adjacentes à procura de cães e gatos, que deveriam entregar a Amani. A nossa filha obrigara os dois homens a jurar que manteriam segredo, e como Karim os tinha contratado para trabalharem diretamente para Amani, os tailandeses tinham-se mantido fiéis à sua patroa.

Karim foi contar os animais recolhidos e, quando descobriu que estava a dar de comer a mais de quarenta gatos e doze cães, caiu para o lado estonteado. Após um longo momento em que nem uma só vez olhou para a família, o meu marido ergueu-se e, sem dizer uma palavra, abandonou a nossa residência. Ouvimos o seu automóvel a afastar-se. Esteve fora durante dois dias e três noites. Soube mais tarde que Karim esteve em casa dos pais durante este período. Ouvi criados mais dados a mexericos dizerem que Karim contou aos espantados pais que precisava de uns dias de descanso, longe das complicadas mulheres da sua vida, pois se assim não fosse teria de meter toda a sua família numa instituição de saúde mental.

Enquanto Karim estava fora, decidi que tinha de encontrar uma maneira qualquer de amortecer a extrema sensibilidade da minha filha em relação aos animais. E descobri muitas coisas que me tinham passado completamente despercebidas. Os quarenta gatos eram alimentados com peixe fresco do Mar Vermelho, ao passo que os doze cães se banquetevavam com dispendiosas refeições fornecidas por um talho que recebia carne da Austrália. Amani

retirava dinheiro do fundo que é depositado todas as semanas numa pequena caixa da cozinha, um fundo que os nossos criados usam para as nossas compras pessoais. As nossas despesas caseiras são tão elevadas que o nosso guarda-livros nem se apercebera da soma retirada pela nossa filha para os gastos com os animais. Quando descobri que Amani dispendia largas somas para comprar pássaros, com o único objetivo de libertá-los, ameacei-a, muito seriamente, de que a levaria a um psiquiatra, e, por um breve período, a minha filha mostrou-se menos apaixonada pelo reino animal.

Lembro-me distintamente de uma ocasião particularmente dramática que envolveu o meu irmão Ali. No passado, Ali se queixara sistematicamente dos animais de Amani. Resmungava que nenhum muçulmano com um mínimo de dignidade entraria em minha casa, pois recearia que os animais que por lá passeavam a seu bel-prazer o obrigassem a purificar-se muito rapidamente. O ódio que Ali dedicava aos animais não deixou de ser sentido pelas criaturas que Amani tanto amava; de tal modo que, quando o meu irmão passava no jardim, os cães fugiam e escondiam-se nos arbustos.

Houve um incidente em especial que me ficou gravado na memória. Ali passou pelo nosso palácio para uma breve visita; tinha acabado de entrar pelo portão do jardim quando parou para ordenar a um dos nossos criados que lavasse o seu carro. Enquanto falava, um dos cães favoritos de Amani, Napoleão, decidiu levantar a perna e fazer as suas necessidades para cima do thobe lavado de fresco de Ali. O meu irmão, um homem vaidoso e que dá a máxima importância ao seu aspecto impecável, ficou sem fala tal era a sua raiva. Deu um brutal pontapé no cão antes que Amani pudesse correr para salvá-lo. A minha filha ficou tão furiosa que se atirou ao tio, dando-lhe punhadas nos braços e no peito.

Com urina de cão no thobe e fisicamente atacado pela sobrinha, Ali se foi embora imediatamente, gritando para os sorridentes criados que a sua irmã era completamente louca e, ainda por cima, dera à luz crianças dementes que preferiam a companhia dos animais à dos humanos!

A partir dessa altura, Amani passou a odiar o tio com a mesma intensidade com que eu, em criança, odiara o meu insensível irmão.

De acordo com a fé muçulmana, o cão é considerado um animal impuro, o que contribuiu ainda mais para a extrema revolta e repugnância de Ali. Segundo a fé islâmica, se por acaso um cão beber de um recipiente, este terá de ser lavado sete vezes, a primeira das quais com água misturada com terra.

Ali é o meu único irmão e, apesar das explosivas diferenças que nos separam, gosta de manter um relacionamento com a minha família. Karim obrigou Amani a telefonar ao tio e a pedir-lhe desculpa, mas o episódio com Napoleão manteve Ali afastado da nossa casa durante mais de dois meses. Quando finalmente recuperou da raiva e do embaraço, regressou para uma breve visita, mas não se esqueceu de telefonar primeiro, exigindo que os nossos criados prendessem Napoleão.

Fiquei apreensiva com a rebeldia demonstrada por Amani, que eu sabia encoberta por um tênue disfarce, e senti-me satisfeita com a minha filha quando ela entrou na sala-de-estar e ofereceu ao tio um copo de sumo de toranja acabado de fazer.

Com uma expressão de alívio, depois do aparatoso incidente com o cão e com a sobrinha, Ali agradeceu, retorquindo que, por acaso, estava cheio de sede.

Reencontrando no comportamento de Amani aqueles traços que a aproximam de minha irmã Sara, sorri radiante, sentindo um imenso orgulho de mãe, ao ver a minha querida filha oferecer ao tio um copo de sumo e um prato de bolinhos de amêndoa. O comportamento de Amani era, sem sombra de dúvida, impecável. Sorri para ela, cheia de felicidade, pensando oferecer-lhe um presente especial da próxima vez que fosse às compras.

Ali pôs um sorriso de aprovação e comentou que, quando Amani crescesse, o homem que viesse a desposá-la seria certamente muito feliz.

Só depois de Ali ter partido é que me dei conta de que Amani estava no seu quarto,

rindo-se perdidamente; as suas gargalhadas eram tão sonoras e contagiantes que os criados se tinham juntado no seu quarto, vindos de todos os lados da casa, para inquirir sobre as causas de tal hilaridade.

Amani comunicou à sua estupefata audiência que o tio bebera o sumo num copo que fora lambido pelos bichos que ela recolhera! A minha filha dera água fresca aos animais naquele copo, antes de deitar nele o sumo para o tio! Mas havia mais: Amani permitira que Napoleão, já plenamente reffeito do pontapé, lambesse os bolinhos de amêndoa antes que ela os servisse ao tio!

Os criados sorriam satisfeitos, pois Ali não é nada popular entre eles.

Embora tentasse pôr uma expressão grave, os meus lábios não me obedeciam e o meu rosto estremecia enquanto lutava para controlar o riso. Desistindo por completo das complicadas teorias de orientação parental, abracei a minha filha e desatei a rir incontrolavelmente.

Pela primeira vez na sua vida, Amani revelava traços de carácter que me levavam a crer que, no fim de contas, ela era de fato minha filha.

Sei agora que devia ter compreendido a minha filha, pois praticara uma ação que teria causado um ataque de coração ao tio se a verdade lhe tivesse chegado aos ouvidos. A verdade, porém, é que não consegui controlar o regozijo que de fato sentia. Quando, incapaz ainda de resistir ao riso, contei a história a Karim, o meu marido encarou-me com uma expressão absolutamente horrorizada, receando por certo que os seus entes queridos estivessem irremediavelmente loucos.

A paciência de Karim esgotou-se por completo ao ouvir aquela história. Fervendo de raiva muçulmana perante a diabrura da nossa filha e perturbado com a sua dedicação aos animais, declarou que os bichos recolhidos em nossa casa estavam a destruir a sua vida e insistiu que tivéssemos uma conversa com Amani a propósito da sua notória obsessão.

Antes que eu conseguisse reagir, já o meu marido estava a falar para o intercomunicador da casa, ordenando a Amani que se deslocasse imediatamente aos nossos aposentos.

Esperamos por Amani na sala-de-estar, contígua ao nosso quarto principal.

Quando a nossa filha entrou na sala, muito animada e graciosa, os seus olhos cintilavam de interesse.

Antes que eu conseguisse abafar a crise, Karim foi direito ao assunto: «Amani, diz-me uma coisa, qual é o teu objetivo na vida?».

Amani, com uma serenidade que só as crianças conhecem, retorquiu sem a menor hesitação: «Salvar todos os animais das maldades dos homens».

«Salvar animais não passa de uma paixão tonta dos Europeus e dos Americanos ricos», retorquiu Karim, furibundo. Lançou-me um olhar reprovador e disse-me: «Sultana, sempre pensei que a tua filha fosse mais inteligente».

Amani começou a chorar e pediu ao pai que a deixasse ir-se embora.

O meu marido, que não suporta ver uma mulher chorar, resolveu adotar outra tática, abandonando o sarcasmo. Moderou o seu tom e falou à filha com total seriedade. «Mas diz-me, Amani, depois de teres salvado todos os animais, o que é que te resta para dares a ti mesma ou à tua família?».

Amani comprimiu muito os lábios e ficou parada a olhar para o vazio. Embora não respondesse ao pai, estava a regressar gradualmente ao nosso mundo. Incapaz de formular os seus pensamentos, olhou para o pai e encolheu os ombros.

Karim, muito sensatamente, evitou as críticas ao seu grande amor pelos animais, e ao mesmo tempo acentuou que qualquer ser humano precisava de objetivos mais elevados, mais nobres. Lembrou a Amani que ela podia realizar boas ações a favor dos animais de quatro patas, mas que, simultaneamente, poderia influenciar positivamente a civilização dos humanos. E acrescentou: «Fazer avançar a nossa civilização é uma tarefa que cabe àqueles que são maltratados numa sociedade, pois só o descontentamento com a imperfeição pode levar a humanidade a procurar melhorar as sociedades».

Amani escarnecia da mensagem que o pai lhe queria transmitir. Ergueu a voz e disse ao

pai a mais óbvia das verdades: «Na Arábia Saudita? Que pode uma mulher saudita fazer para melhorar este país?».

A minha filha olhou para mim, aguardando justificadamente a minha aprovação.

No preciso momento em que me preparava para contestar as afirmações de Karim, o meu marido interrompeu-me e, para minha grande surpresa, apontou para mim e disse para a nossa filha que eu, apesar de ser uma mulher cuja voz não se fazia ouvir na Arábia Saudita, não me tinha contentado com uma vida de ócio, mas que tinha investido na minha educação e usava os meus conhecimentos para apoiar as causas das mulheres. E acrescentou que, um dia, a importância das mulheres na nossa sociedade aumentaria e que a influência feminina não seria sentida apenas em casa.

Pasmada com aquelas palavras, pouco podia acrescentar à nossa conversa. O meu marido nunca havia reconhecido a justeza da minha visão quanto à liberdade das mulheres.

Após uma discussão de mais de uma hora, Amani prometeu ao pai que deixaria de se preocupar apenas com os seus amigos animais e que encontraria um segundo objetivo na vida, tão empolgante quanto o primeiro.

Amani, que é a mais afetuosa das crianças, beijou-nos e desejou-nos boa-noite, acrescentando que tinha muito em que pensar. Antes de fechar a porta, virou-se e, com um sorriso maravilhoso, disse-nos: «Gosto muito de ti, papá, e de ti também, mamã». Não podia haver melhor ilustração para toda a inocência que ainda caracterizava a nossa querida filha!

Entusiasmado com aquilo que considerava um notável êxito, Karim abraçou-me e falou-me dos sonhos que tinha para as nossas filhas, tal como para o nosso filho, dizendo que, se dependesse dele, «todas as ridículas restrições impostas às mulheres desapareceriam num instante, como que por magia». Karim fez um estalido com os dedos e olhou-me com o mais terno dos olhares.

Cinicamente, pensei que não havia nada como uma filha muito amada para levar um homem a reivindicar os necessários ajustamentos num mundo injusto.

Ansiando por uma paz inabitual num lar com três crianças cheias de vida, acolhi de bom grado a idéia de uma vida familiar pacífica que Karim nos prometia, agora que Amani parecia ter todas as condições para superar a sua paixão pelo mundo dos animais.

Pouco tempo depois começou a Guerra do Golfo, a que se seguiu a crise nervosa de Maha. Durante esse esgotante período, a nossa Amani, solitária e bloqueada, não teve ninguém para ajudá-la a encontrar um interesse novo e mais adequado.

Agora, reconstituindo o padrão obsessivo do caráter de Amani e focando as causas que suscitavam o seu interesse, não posso deixar de concluir - tanto mais que estudei filosofia, que é o estudo crítico das crenças fundamentais - que deveria ter reconhecido que a minha filha mais nova possuía os traços de caráter que encontramos frequentemente naqueles a quem chamamos fanáticos, naqueles indivíduos que abraçam avidamente as convicções mais extremistas.

Como sempre tive consciência da resoluta seriedade da minha filha, não posso deixar de me censurar por ter confrontado uma criança impressionável e mentalmente confusa com a mais religiosa de todas as cerimônias, a Haj. É que Amani tinha apenas catorze anos, a idade em que as convulsões da adolescência atingem o auge.

Durante a nossa peregrinação a Meca, em consequência de uma das mais estranhas transformações ocorridas na história da nossa família, Karim e eu vimos a nossa filha emergir, praticamente de um dia para o outro, de uma fé religiosa adormecida e abraçar as crenças islâmicas com uma intensidade imbatível. Eu era apenas uma mãe cuidando da sua filha, oferecendo-lhe os fundamentos da sua herança religiosa, mas era como se a mente de Amani tivesse sido atraída por uma visão mais elevada, por um segredo que estava nela mesma, demasiado íntimo para que o pudesse revelar ao pai ou à mãe.

Na manhã seguinte à nossa chegada a Djedda, fizemos o breve trajeto entre essa cidade do Mar Vermelho e a mais sagrada das cidades do Islã, a cidade do Profeta Maomé, numa limusine com ar condicionado. Senti-me emocionada por estar finalmente cumprindo a Haj ao

lado das pessoas que mais amo neste mundo. Tentei concentrar-me nas minhas orações, mas dei comigo espreitando pela janela do carro, imaginando como seria noutros tempos, quando um número infindável de fiéis se deslocava a Meca em caravanas de camelos ou muito simplesmente a pé, ansiando por cumprir um dos cinco pilares da fé islâmica.

Queria desesperadamente partilhar os meus pensamentos com Karim e os meus filhos, mas apercebi-me de que todos eles estavam concentrados na invocação a Deus e no seu relacionamento com Ele. Maha tinha os olhos fechados, ao passo que Abdullah dedilhava o seu rosário. Os olhos de Karim pareciam vidrados; fiz votos por que o meu marido não estivesse a reviver o seu antigo pesadelo. Inclinei-me para ele e fitei-o, mas o meu marido tratou de evitar o meu olhar. Amani estava imersa nas suas meditações solitárias; dir-se-ia que um incêndio da alma se refletia no seu rosto.

Satisfeita, sorri e acariciei-lhe a mão, pensando que tinha feito muito bem em levar a minha família à sagrada cerimônia.

Chegamos rapidamente à cidade, que é limitada pelo Vale de Abraão e rodeada por montanhas a leste, oeste e sul. Meca fica situada numa paisagem agreste, fundamentalmente granítica, mas a velha cidade é a mais bela das visões para todos os Muçulmanos.

Entoei «Aqui estou, meu Deus! Aqui estou!». No exterior da Sagrada Mesquita de Meca, a nossa família encontrou-se com um guia especialmente nomeado para nos acompanhar nos rituais da Haj e para agir como nosso Imã, ou sacerdote, durante as nossas orações. Sara e eu ficamos com as nossas filhas, ao passo que Karim e Asad se afastaram com os nossos filhos. À nossa volta, outros peregrinos entoavam as suas orações a Deus, enquanto subíamos a luxuosa escadaria de mármore da Sagrada Mesquita. Depois de termos deixado os sapatos à entrada da Mesquita, continuamos a avançar e a entoar «Deus, tu és a paz e de ti vem a paz. Ó Deus de todos nós, recebe-nos em paz!».

Como o Profeta, ao entrar em qualquer lugar, avançava sempre com o pé direito e não com o esquerdo, tive o cuidado de entrar com o pé direito no pátio de mármore da Sagrada Mesquita.

Há sete portas principais que dão para o imenso pátio, e as multidões irrompiam por todas elas. Nas zonas laterais da Mesquita, colunas de mármore branco erguem-se bem alto, sobrepujadas por minaretes requintadamente esculpidos. Tapetes vermelhos de seda cobrem o pátio, onde os peregrinos se sentam e lêem em silêncio ou meditam sobre Deus.

O grito do muezim fez-se ouvir: era o chamamento à oração. Há uma secção do pátio reservada às mulheres, mas Sara e eu, com as nossas filhas, pusemo-nos em linha atrás dos homens, juntando-nos aos outros Muçulmanos que oravam a Deus, erguendo-se e baixando-se nas prosternações tão conhecidas de todos os Muçulmanos.

De súbito, um sentimento de humildade invadiu-me. Pertencço à família real, mas, aos olhos de Deus, eu era igual ao mais pobre dos membros do povo. Rodeavam-nos os mais pobres dos filhos de Deus e, no entanto, aos olhos de Deus eles eram tão ricos como eu.

Quando as orações terminaram, seguimos na direção da Caaba, que é uma estrutura de pedra muito simples com uma única porta, situada a um metro e oitenta do chão de mármore. Com uma altura de quinze metros e um comprimento de dez metros e meio, a Caaba fica no centro da sagrada Mesquita. Este é o local onde, há três mil anos, Ibrahim, conhecido por Judeus e Cristãos como Abraão, consagrou pela primeira vez um edifício à adoração de um Deus único. No Alcorão, Deus diz que «a primeira casa de Deus que foi construída para as pessoas é aquela que fica em Meca». É para esta estrutura que um bilhão de pessoas se vira cinco vezes ao dia, prosternando-se e orando.

Um enorme manto de veludo preto, bordado a ouro com versículos do Alcorão, cobria a Caaba. Sabia que, no final da Haj, a cobertura de veludo seria retirada e substituída por uma nova cobertura, tecida num tear especial da cidade de Meca. Muitos peregrinos pagariam avultadas somas para levar para casa um pedacinho do belo tecido, em recordação da sua sagrada viagem a Meca.

Num canto da Caaba está a Pedra Negra, que é o símbolo do amor muçulmano a Deus. A Pedra Negra, emoldurada a prata, fora honrada pelo Profeta Maomé. Segundo os hadith, ou seja, as afirmações e as tradições legadas pelo Profeta à humanidade, o nosso Profeta beijou a Pedra Negra enquanto ajudava a colocá-la na Caaba. Por este motivo, a pedra é objeto de especial veneração por parte de todos os Muçulmanos.

No rito seguinte da peregrinação, a tawwaj; ou circum-ambulação, as pessoas andam à volta da Caaba.

Com a Caaba sempre à nossa esquerda, giramos à volta dela, enquanto recitamos: «Deus é Supremo. Ó meu Deus, concede-nos o bem neste labor e o bem no além e protege-nos dos tormentos do fogo do inferno».

Depois de realizarmos este ritual, vi o meu marido. Acenou-me para que fôssemos ter com ele. Estávamos com sorte, pois Karim conseguira autorização para entrarmos na Caaba a fim de oferecermos a Deus novas orações.

Subimos por uma escada portátil até à porta, tão distante do chão. A porta fora decorada a prata com versículos do Alcorão. Para os Muçulmanos, o interior da Caaba é o local mais sagrado do mundo.

O interior da Caaba estava na mais total obscuridade e eu rezei em todos os seus cantos, pedindo a Deus que mantivesse as forças diabólicas longe da minha filha Maha e que abençoasse os outros membros da minha família. Dada a recente Guerra do Golfo, pedi também a Deus que ajudasse os Muçulmanos a manter a paz. Não esquecendo a principal preocupação da minha vida, pedi a Deus que guiasse os homens da Arábia na sua interpretação dos ensinamentos do Profeta e libertasse as suas esposas, irmãs e filhas da servidão que, todos os dias, se abate sobre elas.

Ouvi uma criança a soluçar e, perscrutando na escuridão, descobri que era a minha filha Amani. Chorando, pedia a Deus que a ajudasse a libertar-se do mundo dos luxos reais e a armar-se melhor para esmagar a maldade humana. Suplicava ainda a Deus que fizesse desaparecer todos os pecados da humanidade e que curasse os males que afligem o mundo.

Amani estava vivendo uma experiência religiosa.

Os seus olhos estavam vermelhos, mas ignorou a afetuosa festa que lhe fiz quando abandonamos a Caaba.

Seguimos depois para a Estação de Ibrahim, que fica na Sagrada Mesquita, e aí efetuamos mais duas prostrações. Curvando-nos perante Deus, reconhecemos no fundo de nós mesmos que o ritual que consiste em girar em torno da Caaba não significava a adoração da estrutura, mas sim a adoração de Deus, o Único, o Eterno e o Absoluto, e que ninguém a não ser Deus merece ser adorado.

Abandonamos depois o pátio da Sagrada Mesquita para praticarmos os rituais seguintes, que decorreriam no Poço de Zamzam e na Mas'a, ou Local da Corrida, que ficam na planície que rodeia Meca.

Uma vez mais, Sara e eu separamo-nos dos elementos masculinos da família. Embora fôssemos realizar os mesmos rituais, cumpri-los-íamos com as pessoas do mesmo sexo.

Foi na planície em torno de Meca que Ibrahim, cansado da perseguição que Sara movia a Hagar, permitiu que esta e o filho de ambos, Ismael, abandonassem a cidade. Foi então que Ibrahim partiu com Sara e Isaac rumo à Palestina. Cristãos e Judeus sabem que os descendentes de Ibrahim na Palestina desenvolveram a fé judaica, ao passo que os seus descendentes estabelecidos em Meca consolidaram a fé islâmica.

Assim, graças a um grande homem, Ibrahim, duas das três grandes religiões monoteístas, o Judaísmo e o Islamismo, vêem-se associadas.

Hagar e Ismael viajaram pelo deserto, tendo apenas um saco de tâmaras para comer. Procurando desesperadamente água para dar de beber ao filho, Hagar correu entre os dois montes de Safa e Marwa na esperança de encontrar um poço. Um milagre aconteceu então. O Anjo Gabriel encheu de água um poço que estava seco, aos pés do filho de Hagar, Ismael. Assim, Deus salvou Hagar e o seu filho. A água deste poço, a que foi dado o nome de Zamzam,

continua a correr límpida e fresca.

Enquanto Hagar corria por aqueles terrenos íngremes e rochosos, sob um sol escaldante, nós, os peregrinos, corremos, ou caminhamos, entre os montes de Safa e Marwa numa galeria com ar condicionado. Esta galeria foi construída pelos homens da minha família, com o objetivo de reduzir o número de vítimas que todos os anos se verificavam na Haj. Velhos, doentes e deficientes, levados aos ombros dos fiéis, faziam por sete vezes a viagem entre os montes, por muito impiedoso que fosse o calor. As insolações e os ataques cardíacos eram frequentes.

Há cartazes afixados na galeria, indicando aos homens quando devem correr e quando devem caminhar, ao passo que as mulheres deverão limitar-se a caminhar. Enquanto efetuam o trajeto entre os montes, os peregrinos recitam versículos do Alcorão e entoam «Deus é Grande». Ao fim de sete caminhadas, eu e as minhas filhas bebemos água do Zamzam e deitamos salpicos dessa mesma água na nossa roupa. A nascente já não está à vista, pois as águas do poço chegam agora aos peregrinos através de centenas de torneiras cobertas por uma deslumbrante abóbada de mármore.

Estávamos prestes a abandonar as águas do Zamzam quando ouvimos um grande alarido. Curiosa, abordei um grupo de mulheres muçulmanas da Indonésia e perguntei-lhes em Inglês se sabiam o que se passava.

Uma delas respondeu-me. Três homens tinham caído aos pés da multidão e dois deles haviam morrido esmagados!

Faltava-me o ar! Não conseguia pensar noutra coisa senão no meu marido! Karim!

Seria possível que o seu pesadelo se tivesse tornado realidade?

Corri para a minha irmã e para as nossas filhas, com o terror estampado no rosto.

Desatei a falar atabalhoadamente, dizendo coisas incoerentes, sem sentido algum.

Sara agarrou-me pelos ombros e pediu-me que lhe explicasse o que se passava.

«Karim! Ouvei dizer que alguns homens foram esmagados e eu temo pela vida de Karim!».

Pensando que eu vira o corpo do pai, as minhas filhas começaram a chorar e Sara ergueu a voz, perguntando-me por que é que eu pensava que um dos mortos podia ser Karim.

«Por causa de um sonho!», retorqui eu. «Karim foi em tempos atormentado por um pesadelo em que era esmagado na Haj! Ora, os homens que foram esmagados estavam na zona aonde o vimos pela última vez!».

Sara, tal como eu, aprendeu que há muitas coisas na vida que escapam à nossa compreensão, que há forças inexplicáveis que influenciam as nossas vidas. Ficou preocupada, embora resistisse à histeria, ao contrário do que sucedia comigo.

No preciso momento em que nos preparávamos para nos dividirmos em grupos, a fim de procurarmos os nossos homens, vimos que duas macas com corpos cobertos por panos brancos estavam a ser levadas no meio da multidão. Corri tão depressa quanto podia e, aos gritos, arranquei os panos que cobriam os mortos.

Os quatro funcionários do hospital de Meca ficaram rigorosamente paralisados, sem saber o que fazer com aquela mulher que estava completamente fora de si.

Nenhum dos mortos era Karim! Eram ambos homens velhos e era fácil perceber como teriam encontrado a morte.

Segurei num dos panos com a mão e deixei-me ficar ali, mirando o cadáver e gritando, profundamente aliviada, que não o conhecia. Nesse preciso momento surgiram Karim, Asad e os nossos filhos, que haviam ouvido os gritos das mulheres e tinham acorrido para se informarem da calamidade que sucedera.

Karim não acreditava no que os seus olhos estavam a ver! A sua esposa estava a rir-se de alegria na presença de um cadáver! Arrastou-me por entre a multidão, puxando-me pelos pulsos, afastando-me o mais depressa possível daquele local.

«Sultana! Será que endoideceu?».

Sara explicou-lhe rapidamente os meus receios e a expressão furiosa de Karim desvaneceu-se. Embaraçado, teve de explicar o medonho pesadelo que me havia contado.

A atmosfera estava carregada de emoção. A multidão começou a murmurar e a olhar ameaçadoramente na minha direção, pois as esposas dos dois homens que haviam morrido tinham entretanto sido informadas da tragédia e dos meus risos de hiena.

Deixamos apressadamente o local, enquanto Asad revelava a nossa identidade a alguns dos guardas. Com a proteção dos guardas, Asad deu 3.000 riyais sauditas a cada uma das famílias e disse-lhes que éramos membros da família real. Tão depressa quanto possível, explicou-lhes também os meus receios relativamente ao sonho de Karim e lá acabou por conseguir pacificar a irada multidão.

Depois de termos fugido, os meus familiares desataram a rir nervosamente, e mais tarde, quando o tempo já tinha apagado o caráter vergonhoso da minha conduta, aquela aflitiva situação transformou-se num episódio hilariante, capaz de diverti-los vezes sem conta.

Os nossos rituais do primeiro dia da Haj tinham terminado.

Regressamos então ao nosso palácio em Djedda, que fica situado nas margens do Mar Vermelho. Durante a viagem, numa tentativa para esquecer a experiência ocorrida com os homens esmagados pela multidão, todos nós partilhamos as nossas profundas vivências daquele dia. Apenas Amani se mostrava estranhamente calada e ausente.

Disse para mim mesma que havia algo de desconcertante no comportamento da minha filha mais nova.

O pressentimento de um perigo iminente não me largava. Já em casa, resolvi não perder Karim de vista até conseguir concentrar-me nos meus pensamentos e articular os receios que me devoravam o coração e a mente. Acompanhei-o desde a entrada até ao quarto, depois até à varanda e, por fim, até à sua biblioteca.

Um abismo separava os nossos estados de espírito.

Fitando-me exasperado, Karim decidiu-se por fim a perguntar: «Sultana, que poderei eu fazer por ti?».

Desconhecendo ainda o teor exato das minhas preocupações, tive dificuldade em expressar-me. «Reparaste na tua filha Amani?», perguntei-lhe. «Amani preocupa-me. Sinto-a oprimida por um estranho estado de espírito. Não gostei do que vi».

Saturado, o meu marido insistiu: «Sultana, deixa de ver perigos onde eles não estão! A nossa filha está participando na Haj. Não há nenhum peregrino que não se deixe absorver por pensamentos particulares». Fez uma pausa e acrescentou, num tom malicioso: «A não ser a minha esposa».

Karim levantou-se, em silêncio, mas lançou-me um olhar fulminante; percebi que, naquele momento, não queria outra coisa senão ficar sozinho.

Irritada, deixei o meu marido na sua biblioteca. Procurei Maha, mas ela tinha-se retirado para o seu quarto e estava dormindo. Abdullah também não estava. Tinha ido com a tia Sara para a villa desta. Senti-me terrivelmente sozinha neste mundo.

Decidi ir diretamente à fonte das minhas apreensões. Encaminhei-me para o quarto de Amani e, quando ouvi o seu murmúrio, encostei o ouvido à porta, tentando decifrar as palavras que ela estava a dizer. A minha filha estava a rezar. Dirigia-se a Deus com tal insistência que eu não pude deixar de me lembrar de uma outra ocasião em que também escutara à porta. De súbito, a memória dessoutra voz, num tempo já passado, fez-me perceber por que razão estava tão ansiosa. Lawand! A ladainha de Amani assemelhava-se às orações proferidas em total isolamento pela sua prima Lawand, na escuridão do seu quarto fechado!

O comportamento de Amani desde o primeiro ritual do dia parecera-me vagamente familiar. Agora, a loucura de Lawand reaparecera, sem sombra de dúvida, na aterradora intensidade dos olhos da minha filha.

Disse para mim mesma que se estava a passar com Amani o mesmo que se passara com Lawand!

Ainda adolescente, Lawand, prima de Karim pelo lado paterno, freqüentara uma escola em Genebra, na Suíça. A decisão dos pais de a mandarem para o estrangeiro viria a revelar-se

profundamente errada. Em Genebra, Lawand desgraçara a sua família ao envolver-se com vários rapazes. Para além destas aventuras sexuais, Lawand tornara-se viciada em cocaína. Certa noite, a diretora da escola apanhara-a a tentar escapulir-se do seu quarto e telefonara para o pai, pedindo-lhe que seguisse imediatamente para Genebra, a fim de levar a filha de volta para a Arábia Saudita.

Quando a família descobriu as atividades de Lawand, o pai e dois irmãos seguiram de avião para Genebra e internaram a garota numa clínica de desintoxicação suíça. Seis meses mais tarde, terminado o tratamento, Lawand regressou à Arábia Saudita. A família estava positivamente abatida pela vergonha e pela ira e, para castigar Lawand, confinou-a a um pequeno quarto da sua residência. A família só ficaria satisfeita quando a garota se apercebesse claramente das ofensas que cometera contra o modo de vida muçulmano.

Quando fui informada do veredicto, só me veio à idéia o que acontecera a Samira, que era a melhor amiga da minha irmã Tahani. Samira era uma bela e brilhante jovem quando, de súbito, se viu privada da liberdade e atirada para a escura prisão de um quarto. Enquanto a minha prima Lawand poderia vir a reconquistar a liberdade, Samira, aparentemente, só pela morte poderia vir a libertar-se da sua implacável prisão.

Ainda que as minhas expectativas fossem necessariamente limitadas, dei comigo a pensar que Lawand tivera sorte por ter um pai tão sensível, já que não condenara a filha à prisão para toda a vida, ou à morte pelo apedrejamento; não foi revolta o que senti então, mas sim alívio, um alívio triste.

Quão afortunado é aquele ser humano que não tem memórias, pois as memórias moldam frequentemente a vítima da opressão de acordo com a imagem do seu opressor! Com uma gravidade mesclada de terror, muitas vezes ouvi os homens da minha família defenderem a lei da obediência. Sublinhavam que a estrutura pacífica da nossa sociedade conservadora assentava na total obediência dos filhos aos seus pais e das esposas aos seus maridos. Se essa lei da obediência não fosse escrupulosamente seguida — acrescentavam —, a anarquia acabaria por ser a regra dominante. Os homens da minha família defendiam que o castigo aplicado a Lawand era inteiramente justo.

Visitei frequentemente a família da prima Lawand, escutando com profunda compreensão as queixas da sua mãe e irmãs. Muitas vezes, as mulheres da família falavam com Lawand através da porta, que fora fechada à chave. Inicialmente, Lawand pediu perdão e suplicou à mãe que a libertasse.

Sara e eu fazíamos chegar-lhe mensagens de encorajamento, aconselhando-a a lembrar-se da sabedoria do silêncio e a ler os livros e a distrair-se com os jogos que as mulheres da família lhe entregavam pela estreita abertura destinada ao fornecimento da comida e à retirada do balde em que Lawand fazia as suas necessidades fisiológicas. Mas a nossa prima parecia muito pouco interessada em dedicar-se a atividades tranquilas.

Ao fim de várias semanas de confinamento, Lawand virou-se para Deus e começou a rezar. Por essa altura, declarou aos pais que entendera as suas faltas e jurou que nunca mais cometeria um único erro.

Apiedando-se da filha, a mãe de Lawand suplicou ao marido que libertasse a garota, dizendo que tinha a certeza de que Lawand enveredaria agora por uma vida piedosa.

O pai de Lawand suspeitou das intenções da filha, pois disse-lhe que o confinamento só terminaria quando a mente dela abraçasse realmente os pensamentos próprios de um muçulmano crente.

Ao fim de pouco tempo, já Lawand rezava o dia todo; não respondia sequer às nossas vozes preocupadas. Era fácil de ver que Lawand estava transtornada, pois falava com Deus como se estivesse ao nível dele, chegando mesmo a gritar que O representaria na Terra e que ensinaria aos seus seguidores um novo código moral que só ela, Lawand, conhecia.

Depois de uma das minhas visitas, quando eu e a mãe dela a ouvimos regozijar-se tresloucadamente dentro dos limites estreitos do seu quarto escuro, confidenciei ao meu marido

que tinha a certeza absoluta de que Lawand enlouquecera.

Karim tratou imediatamente de falar com o seu pai, o qual, por sua vez, resolveu fazer uma visita ao irmão. Sendo o irmão mais velho do pai de Lawand, o pai de Karim possuía uma autoridade indiscutível sobre a família. Seguindo integralmente os conselhos do meu sogro, o pai de Lawand abriu a porta do quarto e libertou a filha da prisão. Lawand poderia agora levar uma vida normal ao lado da sua família.

As onze semanas de confinamento tinham chegado ao fim, mas a tragédia familiar nem por isso cessou. Durante a sua detenção, Lawand obrigara-se a uma disciplina rigorosa e a uma austeridade ascética e agora fervilhava de ardor religioso, clamando que com a sua libertação nascera um novo dia para a fé islâmica.

No dia da sua libertação, Lawand declarou à sua família que todos os Muçulmanos deviam denunciar e rejeitar o luxo e o vício. Sem mais demoras, tratou de atacar as suas duas irmãs por usarem kohl nos olhos, rouge nas faces e verniz nas unhas. Depois de ter amedrontado as irmãs, deixando-as positivamente enfiadas nos sofás onde estavam sentadas, Lawand arrancou, com toda a sua força, o dispendioso colar que ornava o pescoço da mãe e atirou as pedras preciosas para a pia da cozinha. As mulheres da casa eram impotentes para dominá-la. Algumas delas ficaram até ligeiramente feridas. Só com uma injeção é que Lawand acabou por acalmar. O médico receitou-lhe ainda uma série de tranquilizantes.

A violência de Lawand ficou adormecida por algum tempo. Apenas adormecida, pois voltou a manifestar-se. De fato, Lawand voltaria a atacar e a ofender quem quer que estivesse na sua presença. Muitas vezes aconteceram cenas dessas. Lawand perdia as estribeiras e dava largas à violência brutal que tinha dentro de si.

Certo dia, arrancou os brincos de ouro das orelhas da minha irmã Sara, gritando que um luxo tão ostensivo era uma ofensa terrível a Deus. Por causa deste incidente, decidi precaver-me. Estivera de férias nos Estados Unidos, onde havia comprado uma pequena lata de spray de defesa pessoal. Escondi a lata na minha bagagem, com tais cuidados que nem o meu marido deu por ela, e tratei de levá-la na minha malinha de mão sempre que me decidia a visitar Lawand e a sua família.

Para meu infortúnio, Lawand escolheu uma tarde em que eu me encontrava em sua casa para demonstrar o seu renovado fervor religioso.

Estávamos a ter, eu, Lawand, a mãe dela e as irmãs, uma conversa muito agradável, enquanto bebíamos chá e comíamos bolinhos e discutíamos a minha recente viagem à América; de súbito, Lawand ficou inquieta, os olhos fulminando em todas as direções, procurando uma qualquer afronta a Deus.

Temporariamente destrambelhada, começou a criticar a mãe pela roupa que trazia vestida; segundo Lawand, aquele vestuário era demasiado luxuoso para uma muçulmana que se queria devota. Fascinada, vi Lawand dobrar cuidadosamente o seu guardanapo e, muito educadamente, cobrir o pescoço da mãe com o pano. Depois, inopinadamente, desatou a praguejar. Por fim, deu um salto tresloucado no ar, fazendo com que a meio do salto o seu corpo girasse precisamente na minha direção.

Vi que Lawand estava de olhos fixos no meu colar de pérolas e lembrei-me, embora demasiado tarde, da advertência de Karim de que não deveria usar jóias de espécie nenhuma na casa de Lawand.

O rosto muito pálido e ascético de Lawand, transtornado por convicções apaixonadas e divinas, deixou-me positivamente assustada. Senti de súbito todo o perigo que ela de fato representava. Então, abri rapidamente a minha malinha de mão e tirei a lata de spray, advertindo a minha prima de que ou abandonava a sala ou se sentava imediatamente, pois, caso contrário, ver-me-ia forçada a defender-me.

A mãe de Lawand desatou a gritar e a puxar pelo braço da sua tresloucada filha. Preparei-me para um ataque quando Lawand empurrou a mãe e correu na minha direção, encurralando-me a um canto, entre um candeeiro e uma cadeira.

O pior ainda estava para vir.

Sara, que combinara encontrar-se comigo em casa da nossa prima, entrou na residência nesse preciso momento. Vi que trazia o seu filho mais novo nos braços.

A minha irmã ficou boquiaberta quando viu que Lawand me tinha encurralado a um canto da sala e que eu brandia uma arma.

Conhecendo bem as fraquezas de Lawand, Sara recuperou rapidamente a calma e, usando de toda a sua sutileza, procurou convencê-la a acabar com aquele disparate. Por um breve momento, Lawand, com felina astúcia, fingiu submeter-se à sabedoria da minha irmã e aceitar os seus conselhos. Abandonou os seus modos agressivos e pôs-se a esfregar as mãos num jeito nervoso.

Duvidando da sinceridade dela, gritei para Sara que fugisse imediatamente da sala com o bebê! Ao ouvir a minha voz excitada, Lawand deu uma volta sobre si mesma e, com toda a fúria de que os loucos são capazes, investiu na minha direção com os braços esticados, preparando-se para me arrancar o colar de pérolas.

Premi o botão da lata com as duas mãos e, num ápice, Lawand caiu de joelhos. No meio da confusão, lembrei-me de ter lido algures que, para dominar um louco, é preciso o dobro da força normal; por isso, nervosa como estava, esvaziei o conteúdo, deixando estonteada não apenas Lawand, mas também a mãe e uma das irmãs, que tinham ocorrido em seu auxílio.

Lawand recuperou do ataque rapidamente. No entanto, como que por encanto, toda a sua energia e agressividade tinham-se dissipado.

O pai de Lawand compreendeu finalmente que a filha precisava de uma prolongada assistência especializada, assistência que viria a receber numa clínica francesa, conseguindo recuperar por inteiro daquela crise ao fim de um ano de tratamento psiquiátrico.

A mãe e a irmã de Lawand necessitavam de cuidados médicos imediatos. O médico paquistanês que fora chamado para tratar as mulheres teve dificuldade em manter o seu ar sério e compenetrado quando lhe disseram que uma princesa real tinha posto k.o. três outras princesas pertencentes à mesma família.

Na família de Karim, toda a gente emitiu a opinião de que eu agira de uma forma muito precipitada; contudo, recusava-me a ser crucificada por me ter defendido de uma garota que perdera por completo a razão. E foi isso mesmo que lhes disse. Indignada, acrescentei que, em vez de me censurarem, deviam louvar-me pelo que fizera, pois aquele incidente conduziu ao tratamento e à recuperação da minha prima.

Se é certo que algumas pessoas têm tendência a ver-me como uma mulher que tem os nervos à flor da pele e que, por isso mesmo, se comporta de uma forma eminentemente emocional, não é menos verdade que, quando se trata dos problemas das mulheres, a minha atuação se pauta sempre por uma seriedade inquebrantável.

Perguntaram uma vez a um velho sábio qual era a verdade mais difícil de descobrir nesta vida. A verdade mais difícil, respondeu ele, é o auto-conhecimento, é o «conhecer-se a si mesmo». Quanto a mim há uma coisa que sei: os outros podem ter dúvidas, mas eu conheço o meu próprio caráter. É inegável que Deus me proporcionou uma espontaneidade que não conhece limites, e que é a essa exuberância que eu vou buscar forças para combater aqueles que governam as mulheres no meu país. E posso dizer que já tive algum êxito na minha luta contra as grilhetas da tradição.

Agora, tanto tempo depois, enquanto recordava a temporária e desvairada obsessão de Lawand em torno de um doentio fervor fundamentalista, não podia deixar de atribuir um grande significado ao extremo apego da minha filha à religião.

Embora creia no Deus de Maomé e honre e venere esse mesmo Deus, defendo a interpretação segundo a qual as massas de homens e mulheres que amam e que lutam, que sofrem e desfrutam dos prazeres da vida, estão vivendo a vida de acordo com os desígnios de Deus. Assim sendo, devo dizer que não sinto em mim o menor desejo de que a minha filha vire as costas à preciosa complexidade da vida e construa o seu futuro sobre as bases de um ascetismo

inflexível, que é característico de uma interpretação militante da nossa religião.

Sem pensar duas vezes, corri para o meu marido e exclamei precipitadamente: «Karim, a nossa filha está rezando!».

Karim, que estava calmamente a ler o seu Alcorão, olhou para mim como se, desta feita, eu tivesse perdido por completo a razão. «A nossa filha está rezando?», perguntou ele, a voz marcada pela incredulidade face à minha reação tão extrema.

«Está!», exclamei. «Está a esgotar todas as suas forças através da oração», insisti. «Vem! Vem ver com os teus próprios olhos!».

Contristado, Karim arrumou o seu Alcorão na secretária e, mantendo a sua expressão de incredulidade, acedeu ao meu pedido.

Mal penetramos no corredor que conduzia ao quarto da nossa filha, ouvimos o som da voz dela, avolumando-se e esbatendo-se conforme a intensidade das palavras que ia proferindo.

Karim deixou-me sozinha no corredor e, sem mais demoras, irrompeu pelo quarto da filha. Amani virou-se para o pai, exibindo uma expressão marcada pela dor e desfigurada pela tristeza.

O meu marido falou-lhe com extrema doçura. «Amani, é tempo de descansares um pouco. Vai para a cama. Vá, anda para a cama. A tua mãe acorda-te daqui a uma hora para o jantar».

A expressão de Amani parecia assustada. Da sua boca não saiu nem uma palavra. Porém, obedecendo ainda à autoridade do pai, deitou-se na cama, completamente vestida, e fechou os olhos.

Contudo, os seus lábios continuavam a mover-se numa oração silenciosa, proferindo palavras que não queria que ninguém ouvisse.

Sem fazer um ruído que fosse, deixamos a nossa filha descansando. Enquanto bebíamos um café na nossa sala-de-estar, Karim confessou-me que estava um pouco preocupado, mas que não partilhava dos meus desvairados receios; não poderia estar de acordo comigo quando eu lhe dizia que Amani estava caindo irremediavelmente numa paixão medieval, uma paixão ensombrada pelas idéias de pecado, de sofrimento e de inferno. Manteve-se calado por um breve momento, após o que comentou que as minhas apreensões derivavam, muito obviamente, das tresloucadas denúncias das perversidades humanas que Lawand, a nossa prima, decidira empreender algum tempo antes. Disse-me ainda que, em sua opinião, a vivência religiosa de Amani não resultava de uma situação de insanidade mental, mas que, pelo contrário, estava essencialmente relacionada com a euforia esmagadora que caracterizava a peregrinação a Meca.

«Vais ver», prometeu ele, «logo que tenhamos retomado a rotina normal da vida de todos os dias, Amani voltará a adotar o hábito de recolher e acumular animais perdidos, e o seu fanatismo religioso em breve estará esquecido». Karim sorriu para mim e pediu-me um pequeno favor. «Sultana, por favor, deixa que Amani olvide por uns dias os seus problemas diários e se entregue, durante esses poucos dias, a uma união feliz com Deus. Esse é um dever de todos os Muçulmanos».

Embora fazendo um trejeito de quem não estivesse muito convencida, aquiesci. Algo aliviada, fiz votos para que Karim tivesse razão.

Mesmo assim, achava que não devia, que não podia, deixar um assunto tão importante simplesmente nas mãos do acaso. Por isso, nas minhas orações da noite passei longas horas a implorar a Deus que permitisse que a minha filha voltasse a ser a menina que eu sempre conhecera antes da experiência da Haj.

Durante toda a noite, o meu sono foi perturbado por medonhos pesadelos: sonhei que a minha filha deixara a nossa casa para se juntar a uma organização religiosa extremista sediada em Amã, capital da Jordânia; e que esta organização extremista regava com gasolina as roupas de trabalhadoras muçulmanas, deitando-lhes fogo de seguida, condenando à horrenda morte pelo fogo todas aquelas que considerasse não-crentes.

VI HAJ

«As terras árabes seguirão agora o caminho do Irã. O Egito não será o primeiro a cair, mas cairá. As mulheres serão as primeiras a sofrer com as limitações aos direitos humanos. As mulheres egípcias puderam aceder aos seus direitos como seres humanos, inicialmente com Nasser e mais tarde com Sadat. Os tribunais já destruíram essa lei particularmente humana que dava às mulheres o direito de se divorciarem dos maridos que decidiam ter uma segunda esposa. As mulheres egípcias tremem só de pensar no que virá a seguir; muitas vezes, por brincadeira, dizem que em breve partilharemos a triste sorte das nossas irmãs sauditas».

- Comentários de uma feminista egípcia, em conversa com Sara Al Sa'ud, por ocasião da peregrinação a Meca de 1990.

Pensei que Deus tinha ouvido o meu cruciante apelo, pois na manhã seguinte Amani parecia ter voltado ao normal. Era como se o sono tivesse apagado todas as marcas do extremo sofrimento que eu encontrara no rosto de minha filha. Ria-se e brincava com a irmã enquanto tomavam o pequeno-almoço, constituído por iogurte fresco e melão, e mordiscavam bocados de kubbah* que tinham ficado do jantar.

O nosso motorista levou-nos ao vale de Mina, que fica cerca de nove quilômetros a norte de Meca. Passaríamos a noite em Mina, numa tenda bem equipada e com ar condicionado. Depois de uma noite passada no vale de Mina, a nossa família estaria pronta para se levantar bem cedo. Os nossos filhos pareciam entusiasmados com essa perspectiva, já que nunca tínhamos dormido no vale.

Durante a breve viagem, passamos por centenas de ônibus que levavam peregrinos. Na berma da estrada viam-se milhares de devotos, caminhando lentamente na direção do vale. Muçulmanos de todas as cores e nacionalidades cumpriam assim o seu dever de participarem nos rituais da peregrinação.

Convicta de que Amani voltara ao normal, reencontrei a alegria por participar naquela maravilhosa reunião de fiéis, ansiando, cheia de felicidade, pelos últimos dias da Haj.

Foi no vale de Mina que Karim se encontrou, por um mero acaso, com um velho amigo dos tempos da juventude passados em Inglaterra. O homem, Yusif, era do Egito. Mal viu o amigo, Karim deixou-me e correu a abraçar um indivíduo que nenhum de nós conhecia.

Examinando-o de longe, reparei que tinha um nariz comprido e ligeiramente aquilino, as faces salientes e uma barba encaracolada. Contudo, o que mais me chamou a atenção foi o escárnio evidente que havia nos seus olhos quando atentou nas mulheres da família do amigo.

Ouvi Karim pronunciar o nome do homem; foi então que me lembrei de que, por várias vezes, ouvira o meu marido falar daquele amigo. Sempre que visitávamos a nossa villa no Cairo, Karim desfiava um rosário de recordações a propósito deste colega de escola. Planeava sempre encontrar-se com ele; contudo, a sua vida familiar era tão preenchida que nunca chegara a fazê-lo.

Agora, após uma rápida visão de Yusif, fiquei contente por os planos de Karim nunca se terem concretizado, pois me senti imediatamente em conflito com aquele indivíduo de expressão malévola. Em minha opinião, Yusif não escondia, bem pelo contrário, toda a sua aversão às mulheres.

Perguntei-me o que poderia ter produzido tais mudanças na vida daquele homem, pois lembrava-me distintamente de que Karim me dissera que Yusif tinha modos tão sedutores que as mulheres dificilmente lhe resistiam. Tão sedutores eram os seus modos que nunca dormia sozinho.

Karim e Yusif tinham-se conhecido durante os seus dias de estudante, quando viviam

* Uma espécie de bolo confeccionado com farinha de trigo e carne de carneiro (N. do T.).

ambos num país estrangeiro. Em Londres, Yusif era um rapaz feliz e livre de responsabilidades, unicamente interessado em divertir-se com mulheres ocidentais e em jogar nos mais variados cassinos. Karim dizia que o amigo era um homem brilhante, que não precisava estudar, e que isso era uma boa coisa, pois Yusif apresentava-lhe uma namorada diferente todas as semanas. Segundo as previsões de Karim, o seu amigo Yusif, apesar de um insaciável apetite por companhias femininas, tinha à sua frente um grande futuro no sistema legal e político do Egito, pois não lhe faltava inteligência e era exímio no trato social.

Yusif licenciou-se em Direito um ano antes de Karim e, desde então, nunca mais se haviam visto.

Enquanto os dois homens partilhavam as novidades, eu e as minhas filhas mantivemo-nos afastadas, como sempre fazemos quando o meu marido fala com um homem que não é da família; porém, não tínhamos dificuldade em ouvir aquilo que diziam.

Pelos vistos, Yusif mudara radicalmente, pois, após uma breve conversa, era evidente que ele e o meu marido já pouco tinham em comum.

O amigo do meu marido mostrava-se estranhamente reticente a respeito da sua carreira. Quando Karim o pressionou quanto a esse aspecto da sua vida, limitou-se a responder que tinha mudado imenso desde os tempos de juventude e que ganhara um apego muito forte às práticas tradicionais do Islã.

Inchado de orgulho, Yusif contou a Karim que se tinha casado duas vezes; a primeira mulher, de quem se divorciara, dera-lhe dois filhos; da segunda, tivera cinco filhos. Deliciado, deu grande relevo às alegrias de ter sete filhos. Mencionou também que havia ficado com a custódia dos dois primeiros filhos, e que os rapazes tinham sido arrancados à influência da mãe, uma mulher moderna que insistia em trabalhar fora de casa. Essa mulher, acrescentou Yusif, com um asco notório, era uma professora com idéias novas acerca das mulheres e do papel que estas deveriam desempenhar na sociedade.

Yusif cuspiu para o chão quando mencionou o nome da sua primeira mulher, acrescentando: «O Egito, graças a Deus, está voltando-se para os ensinamentos do Alcorão. Muito em breve, a lei de Maomé voltará a reger as vidas dos Egípcios, destronando o instável sistema da lei secular que encoraja as nossas mulheres a resistirem à purdah».

Ao ouvir isto, acordei do aturdimento em que me encontrava e estava já prestes a meter-me na conversa e a dizer àquele indivíduo o que é que eu pensava, quando novas revelações do amigo de Karim me deixaram de novo completamente aturdida.

Yusif, com o ar mais orgulhoso deste mundo, disse a Karim que a maior bênção que recebera de Deus consistia no fato de nenhum dos seus casamentos lhe ter dado filhas, já que as mulheres eram a fonte de todo o pecado. E acrescentou que, se um homem se via obrigado a gastar as suas energias na vigilância às mulheres, acabava por dispor de pouco tempo para realizar tarefas mais importantes.

Sem esperar pela resposta de Karim a estes comentários no mínimo chocantes, Yusif começou a contar-lhe a história de um homem que conhecera em Meca. O homem em questão era um indiano muçulmano que pretendia ficar na Arábia Saudita porque era perseguido pela polícia indiana. As autoridades da Índia tinham descoberto, dois dias depois da sua partida para a Arábia Saudita, que ele e a mulher haviam assassinado a sua filha de poucos dias, deitando-lhe água fervendo pela garganta abaixo.

Yusif pediu a opinião de Karim sobre aquele caso, mas, antes que o meu marido conseguisse falar, retomou o seu ostensivo e grosseiro discurso, acentuando que em sua opinião o homem não devia ser castigado, pois tinha já quatro filhas e ansiava loucamente por um filho. Reconhecendo embora que o Profeta não concordava com tais práticas, achava que as autoridades não deviam intervir num caso do foro privado que, no fim de contas, apenas afetara um bebê!

Yusif perguntou a Karim se poderia ajudar os assassinos, obtendo uma autorização de trabalho para o homem. Quem sabe, talvez até lhe pudesse arranjar um emprego na Arábia

Saudita, para que ele não tivesse de voltar ao seu país, onde teria de se sujeitar aos ditames da lei e à sentença do tribunal.

Yusif não se dera ao trabalho de inquirir sobre o sexo dos filhos de Karim, e o meu marido dava já sinais de grande ansiedade. Conhecendo como conheço as idéias de Karim quanto a tais matérias, pensei que o meu marido era muito capaz de pregar um valente murro no amigo.

O pescoço de Karim estava vermelho, sinal mais que evidente de uma fúria incontável. Parecia que tinha olhos na nuca, pois me fez um sinal para não me meter no assunto. Então, tratou de informar rapidamente o amigo egípcio de que ele próprio fora abençoado com duas belas filhas e um filho, e que o amor que dedicava às filhas rivalizava com o que sentia pelo filho.

Insensível, Yusif tratou logo de dar as suas condolências a Karim, acentuando que ter filhos do sexo feminino era uma grande infelicidade. Sem parar para respirar, Yusif desatou a propagandear os benefícios de se ter filhos varões e acabou a perguntar ao meu marido porque é que ele não tinha outra esposa. No fim de contas, Karim podia deixar-me a cuidar das filhas enquanto ele educaria o nosso filho.

Karim retorquiu com a calma de um homem que está muito irado, lembrando a Yusif os ensinamentos de Maomé. «Yusif», perguntou ele, «tu disseste ainda há pouco que eras um muçulmano devoto e praticante. Se assim é, como é possível que te tenhas esquecido das palavras do nosso abençoado Profeta, daquela vez em que um homem entrou na mesquita e o abordou?».

Conheço bem a história em causa, pois nunca me cansei de citar a justeza das afirmações do Profeta relativamente às mulheres, sempre que tive de combater contra os extremistas.

Yusif escutou as palavras do meu marido com um ar de total desinteresse; era evidente que a palavra do Profeta só lhe interessava quando estava de acordo com os seus próprios pensamentos a respeito da vida.

Karim avançou determinado, já que, para defender as suas idéias, prefere usar o intelecto e os ensinamentos de um homem eleito por Deus para espalhar a Sua palavra, em vez de recorrer à força bruta. Para falar com franqueza, o que me apetecia era que Yusif levasse uma boa tareia; no entanto, não deixei de sentir um enorme orgulho quando Karim falou com a paixão de um muezim chamando os fiéis à oração, enquanto contava a história verdadeira em que o Profeta Maomé lembrava a todos os pais o valor exatamente igual dos seus filhos, fossem eles rapazes ou garotas.

Um homem entrou na mesquita e aproximou-se do Profeta. Sentou-se e começou a falar. Ao fim de algum tempo, os dois filhos daquele homem, um rapaz e uma garota, entraram também na mesquita. O rapaz entrou primeiro e o pai cobriu-o de louvores e premiou-o com um afetuoso beijo. O rapaz sentou-se no colo do homem e este continuou a falar com o Profeta.

Algum tempo depois, a filha do homem chegou à mesquita. Quando se abeirou do pai, este não a beijou, nem a sentou no seu colo, ao contrário do que fizera com o filho. Em vez disso, fez sinal à menina para que se sentasse em frente dele, e continuou a falar com o Profeta.

O Profeta ficou muito preocupado quando viu tal coisa. Por que razão não trata os teus filhos da mesma forma? — perguntou. Por que razão não beijou a menina e beijou o rapaz? Por que razão não a sentou também no teu colo?

O homem ficou envergonhado ao ouvir tais palavras da boca do Profeta.

Compreendeu que agira mal em relação aos seus dois filhos.

Filhos e filhas são ambos dádivas de Deus, lembrou-lhe o Profeta. Filhos e filhas são dádivas igualmente grandiosas e, por isso mesmo, devem ser sempre tratados da mesma maneira.

Karim lançou um olhar fulminante ao velho amigo de Londres; a sua expressão parecia dizer: e agora, que resposta é que me dás a isto?

Este Yusif era uma criatura grosseira. Ignorando o óbvio desconforto de Karim e a mensagem do Profeta, retomou as suas tiradas contra as mulheres, citando passagens do Livro Verde, escrito pelo Presidente Kaddafi da Líbia, um homem conhecido por se agarrar à interpretação mais restritiva sobre o papel que as mulheres devem desempenhar nas sociedades islâmicas. Vendo que não conseguia conquistar Karim para as suas teorias, concluiu os seus

esforços lembrando ao meu marido o desmembramento da unidade familiar nas sociedades ocidentais e acentuando a certa altura: «Deus consignou um dever específico para os homens e para as mulheres. As mulheres foram criadas para a procriação, nada mais!

Como podes tu negar que, por natureza, todas as mulheres são exibicionistas? É uma tendência que não pode ser alterada, mas os homens têm o dever de as manterem afastadas, pois, caso contrário, elas tratarão de exibir a sua beleza e de oferecer os seus encantos ao primeiro que lhes aparecer... ».

Furioso, Karim virou-lhe as costas e deixou-o sozinho. Conduziu-nos imediatamente para longe dali, com a mais horrenda expressão que jamais lhe vi.

Em voz alta, disse-me: «Este Yusif transformou-se num homem perigoso!».

Olhei de relance para trás. Nunca na minha vida vi tanta maldade no rosto de um homem.

Karim tirou o celular do bolso e ligou para Mohammed, o seu cunhado. Pediu-lhe que fizesse um inquérito sóbrio às atividades de Yusif, informando-o de que o homem em causa era extremamente radical e possivelmente um instigador da violência.

Passadas umas horas, Mohammed telefonou ao meu marido, dizendo-lhe que tinha toda a razão, visto que Yusif era um advogado particularmente hábil e experiente que só tinha por clientes membros do Gamaa Al Islamiya, um grupo islâmico extremista do Egito que havia sido criado no início da década de 80 e que era responsável pela violência militante no Egito.

Karim ficou pasmado. Yusif representava homens que pretendiam derrubar o governo secular do Egito! As autoridades egípcias tinham comunicado a Mohammed que nunca houvera acusações formais contra o homem, mas que a polícia o mantinha sob apurada vigilância. Mohammed acrescentou que mandara a Segurança Saudita vigiar Yusif, a fim de que este não causasse problemas durante a sua permanência na Arábia Saudita.

Menos de um ano depois, Karim recebeu com tristeza, mas sem sombra de surpresa, as notícias de que Yusif fora preso em Assiut, no sul do Egito, por ser o principal líder daquele grupo muçulmano extremista. Foi ao ver um noticiário da televisão que Karim identificou o seu velho amigo de Londres - que agora via o mundo por detrás das grades. Karim acompanhou o caso atentamente e pareceu ficar aliviado ao saber que Yusif não fora condenado à morte; eu, em contrapartida, creio que o mundo será sempre um local muito perigoso enquanto tais homens viverem e, por isso mesmo, teria recebido de bom agrado a notícia da condenação.

Embora estivéssemos em peregrinação e soubéssemos que não devíamos concentrar-nos em assuntos terrenos, as declarações de Yusif causaram uma impressão tão negativa nas nossas duas filhas que Karim achou por bem discutir o caso com elas, a fim de que compreendessem que indivíduos como Yusif representavam apenas uma fase transitória numa longa história islâmica.

Após o jantar, sentamo-nos e discutimos o caso de Yusif e o que ele representava no mundo muçulmano.

Perguntamos aos nossos filhos o que pensavam sobre o que tinham ouvido naquele dia.

O primeiro a falar foi Abdullah. O nosso filho estava claramente perturbado, pois sublinhou que o Islã atravessava sérias convulsões e isso acabaria por afetar as vidas de todos nós, já que os grupos extremistas apelavam ao derrube da monarquia saudita. Imaginava a Arábia Saudita seguindo a mesma via que o Irã, com um homem como Khomeini governando o nosso país. Abdullah predizia que a sua geração acabaria na Riviera francesa e tal predição deixava-o profundamente perturbado.

Tendo em conta o que o homem dissera sobre as mulheres e o seu valor, Maha estava desvairada e queria que o pai mandasse prender Yusif, sob a acusação de espionagem. Daria tudo para vê-lo decapitado, ainda que, para tal, as acusações tivessem de ser forçadas!

Amani pensou um pouco e acabou por dizer que a atração que os Árabes sentiam por tudo o que era ocidental constituía um dos fatores que permitiam a homens como Yusif chegar ao poder em países muçulmanos.

Karim e eu olhamos um para o outro, manifestando o nosso desagrado perante os pensamentos da nossa filha mais nova.

Maha tratou logo de atacar a irmã, acusando-a de estar a apoiar as afirmações de Yusif.

Amani negou a acusação, mas disse que considerava que talvez a vida fosse mais simples se o papel das mulheres estivesse mais bem definido e não aberto à discussão e à mudança. Referiu a propósito que, no tempo dos beduínos, anterior à construção das cidades, os homens e as mulheres não se sentiam tão confusos como nos nossos dias.

Era o que eu temia! Os pensamentos da minha filha estavam a fazê-la recuar no tempo.

Parecia estar a perder o orgulho na sua feminilidade. Perguntei-me que poderia eu fazer para reforçar nela a idéia de que uma mulher árabe moderna numa civilização avançada era algo de francamente positivo.

Abdullah não percebeu e desatou a rir, perguntando a Amani se ela desejava voltar ao tempo em que os bebês do sexo feminino eram enterrados na areia! Ainda não era demasiado tarde para retomar tal prática, acrescentou o meu filho, pois Yusif podia apresentar-nos a um homem que, há bem pouco tempo, matara a sua própria filha!

Sabendo que o estado mental de Amani era naquela altura muito delicado, Karim lançou um olhar severo para o filho e disse que aquela questão não permitia gracejos, pois a prática em causa constituía um problema terrível na Índia, no Paquistão e na China. Karim contou-nos que, recentemente, lera um artigo de um jornal estrangeiro que citava estatísticas impressionantes. Dezenas de milhões de indivíduos do sexo feminino eram dados como desaparecidos naqueles países e ninguém parecia especialmente interessado em descobrir o que realmente sucedera a essas meninas.

O meu marido sentia este problema de uma forma tão aguda que insistiu em aprofundarmos a discussão da terrível prática do infanticídio. A propósito, propôs-se contar aos nossos filhos uma história que conhecia muito melhor do que eu pensava.

Os nossos filhos resmungaram, dizendo que já não tinham idade para ouvir histórias, mas Karim insistiu, dizendo que, enquanto as estatísticas pouco efeito têm nas nossas emoções, as histórias que relatam horrores comovem as pessoas e conduzem à ação, nomeadamente no que toca a problemas sociais, seja em que canto do globo for.

Entendi melhor o que o meu marido pretendia ao ouvi-lo contar a famosa história muçulmana que nos fora transmitida pelos contadores de histórias profissionais, desde os tempos do Profeta Maomé.

«Antes da fundação da fé islâmica pelo Profeta Maomé», começou Karim, «havia uma tribo na Arábia que mantinha a prática inumana de enterrar vivos os bebês do sexo feminino, no que não eram muito diferentes daqueles que hoje, noutros países, assassinam as suas filhas.

Qais bin Asim era o chefe desta tribo. Quando o Chefe Asim se converteu ao Islamismo, confessou um horrendo caso ao Profeta Maomé.

«Ó Mensageiro de Deus! A minha mulher teve uma filha, certa altura em que eu estava longe de casa, em viagem. A minha mulher temia que eu enterrasse a menina viva e, depois de tê-la amamentado durante alguns dias, enviou-a para a sua irmã, a fim de que ela fosse criada por outra mulher. A minha mulher só pedia que eu fosse misericordioso quando a nossa filha chegasse à idade adulta.

Quando voltei de viagem, disseram-me que a minha mulher dera à luz um bebê morto. Daí que o caso tivesse caído no esquecimento. Entretanto, a criança foi crescendo, rodeada de carinhos pela tia. Certa vez, ausentei-me de casa por apenas um dia e a minha mulher, pensando que eu ficaria muito mais tempo fora, chamou a filha a casa e desfrutou da sua companhia durante breves horas.

Inesperadamente, mudei de idéia e voltei para casa mais cedo. Quando entrei, vi uma menina, toda ela um primor de beleza e asseio. Mal olhei para ela, senti brotar dentro de mim, espontaneamente, um imenso amor. A minha esposa deu-se conta dos meus sentimentos e pensou que o sangue tinha seguido o caminho que lhe é natural e que o amor e a afeição de um

pai se haviam afirmado naturalmente. «Mulher», perguntei-lhe eu, «de quem é esta criança encantadora?».

Então, a minha mulher revelou-me toda a verdade. Não consegui controlar a alegria e corri a abraçá-la. A mãe disse-lhe que eu era o pai dela e o amor da menina logo se manifestou. «Oh, meu pai! Meu pai!», era tudo o que ela dizia.

Senti um prazer indescritível quando a menina pôs os seus braços à volta do meu pescoço e me mostrou toda a sua afeição.

O tempo foi passando e a menina permaneceu no nosso lar, alimentada por nós e livre de todas as preocupações e desconfortos. Mas havia alturas em que eu não podia deixar de pensar que teria de dá-la a outro homem em casamento. Terei de suportar o insulto de que outro homem virá a conhecer a minha filha na qualidade de esposa. Como poderei enfrentar os outros homens, sabendo que a minha honra será ultrajada quando esta garota dormir com um homem? Estes pensamentos não me largavam, eram para mim uma tortura constante. Até que acabaram por excitar a minha indignação e por consumir a minha paciência em relação à garota. Depois de muito meditar, decidi que tinha de erradicar o estigma da vergonha e humilhação que cairia sobre mim e os meus antepassados.

Decidi que tinha de enterrá-la viva.

Como não podia confiar os meus planos à minha mulher, pedi-lhe que preparasse a menina pois ia levá-la a uma festa comigo. A minha mulher deu banho à garota e vestiu-a com belas roupas. A menina estava toda contente, crendo que ia acompanhar o pai a alguma cerimônia festiva.

Parti com a menina. Ela pulava de alegria e prazer, dando-me a mão de vez em quando, correndo à minha frente e soltando gritinhos de inocente euforia.

Por esta altura, os meus olhos já haviam cegado e não viam na menina a minha filha. Estava impaciente por me ver livre dela. A pobre criança ignorava as minhas sinistras intenções e era com júbilo que me acompanhava.

Finalmente, parei num local isolado e comecei a cavar no chão. A inocente menina ficou surpreendida ao ver-me fazer aquilo e perguntou-me por várias vezes: «Pai, porque é que está cavando?».

Não dei atenção às perguntas dela. Ela não podia saber que eu estava cavando um buraco para enterrar a minha própria filha com as minhas próprias mãos.

Enquanto escavava, poeira e areia caíam-me sobre os pés e as roupas. A minha querida filha limpava-me o pó dos pés e das roupas, dizendo-me: «Pai, está a dar cabo da tua roupa!».

Eu estava como que surdo e nem olhava para ela, fingindo que não ouvia nada do que ela dizia. Continuei a escavar até ter uma cova suficientemente grande para realizar aquilo a que me tinha proposto.

Peguei na minha filha e atirei-a para a cova, começando sem demora a jogar terra lá para dentro. A pobre menina olhava para mim com uma expressão de terror. Começou a chorar desvairadamente, gritando: «Meu querido pai, o que é isto? Eu não fiz mal nenhum! Pai, por favor, não me escondas na terra!».

Prossigui o meu trabalho como se estivesse surdo, mudo e cego, sem prestar a menor atenção aos seus rogos e súplicas.

Ó Grande Profeta de Deus! Vê só que coração era o meu para não sentir compaixão pela minha própria filha! Pelo contrário, depois de tê-la enterrado viva, suspirei profundamente de alívio e voltei para casa, satisfeito por ter salvo a minha honra e o meu orgulho de uma humilhação certa».

Quando ouviu esta lancinante história sobre uma menina inocente, o Sagrado Profeta não conseguiu controlar-se e as lágrimas deslizaram-lhe pelas faces. E disse ao Chefe da Tribo de Asim: «O que me contaste é demasiado cruel! Como pode um homem que não sente compaixão pelos outros esperar que Deus Onipotente possa ter compaixão por ele?».

Karim olhou atentamente para os rostos dos filhos. «O Profeta Maomé, depois de ter

escutado esta história, ficou muito triste e contou uma outra história, tão horrenda como a primeira», disse o meu marido.

Um homem veio ter com Maomé e disse-lhe que, em tempos idos, fora muito ignorante. Disse-lhe ainda que só depois de o Profeta ter começado a divulgar os desejos de Deus é que ele pôde alcançar o conhecimento e dispor de orientação na vida.

Este homem acrescentou: «Ó Mensageiro de Deus! Nós adorávamos ídolos e matávamos as nossas filhas com as nossas próprias mãos! Em tempos, também eu tive uma filha encantadora. Quando a chamava, corria para os meus braços rindo, toda feliz e prazerosa. Certo dia, chamei-a e ela veio prontamente. Pedi-lhe que me seguisse e ela assim fez. Eu andava muito depressa e ela tinha de correr para me acompanhar. Havia um poço fundo não muito longe da minha casa. Quando cheguei ao poço, parei e a menina veio ter comigo. Peguei nela e atirei-a ao poço. A pobre menina chorou e suplicou-me que a salvasse. «Pai» foi a última palavra que os seus lábios pronunciaram».

Mal o homem concluiu a história, o Profeta começou a chorar e tanto chorou que as suas lágrimas lhe deixaram a barba toda molhada.

«A nossa ignorância acerca das mulheres», comentou o meu marido, «foi lavada pelas lágrimas que o Profeta derramou e, nos nossos dias, considera-se que quando um pai enterra as suas filhas vivas, ou as atira a um poço, ou lhes faz seja que mal for, esse pai está cometendo um ato vil e cruel».

Abracei as minhas duas filhas. Nos nossos corações, era como se o próprio Profeta estivesse diante de nós, era como se a trágica história das duas meninas tivesse ocorrido no presente e não há vários séculos. Quem poderia duvidar de que o nosso Profeta tinha lutado pela abolição de práticas injustas e de costumes cruéis? O Profeta nascera numa época dominada pelo mal, numa época em que os deuses pagãos eram adorados, os homens desposavam centenas de mulheres e a prática do infanticídio era comum. O Profeta Maomé deparou com grandes dificuldades quando quis abolir tão horrendas práticas; aboliu algumas, mas sempre que não pôde abolir, restringiu.

Disse à minha família que, em minha opinião, eram as tradições vindas dessa época - e não o Alcorão - que obrigavam as mulheres à submissão. Poucas pessoas sabem que o Alcorão não prevê que as mulheres usem véu, nem qualquer outra das restrições impostas à liberdade das mulheres no mundo muçulmano.

Seguiu-se uma discussão particularmente acesa sobre os motivos que levavam à sujeição das mulheres; Maha chegou mesmo a insultar o irmão, atirando-lhe à cara que as notas dela eram melhores em todas as disciplinas.

Abdullah ia responder à irmã, mas eu adverti-os de que não deviam enveredar por conversas pessoais.

Depois, acentuei aquilo que é óbvio - que as vulnerabilidades físicas das mulheres podem ser relacionadas com aquele que é o mais importante dos feitos humanos, a canalização de todas as energias de uma mulher para a concepção, amamentação e criação dos filhos. Tive sempre consciência de que este fato condenava as mulheres a um estatuto de subordinação em todas as sociedades, sem qualquer exceção. Em vez de serem veneradas por criarem vida, as mulheres eram penalizadas!

Em minha opinião, este fato é o grande escândalo da civilização!

Abdullah, cujo professor favorito era um docente de Filosofia libanês, exibiu os seus conhecimentos, dando-nos uma lição de História acerca da lenta ascensão das mulheres desde os tempos mais remotos até à atualidade. As mulheres, nos primeiros tempos, mais não eram que bestas de carga, cuidando dos filhos, procurando lenha para o fogo, cozinhando as refeições, fazendo as roupas e as botas, e trabalhando como verdadeiros animais de carga quando as tribos se deslocavam. Os homens, segundo Abdullah, arriscavam as suas vidas na caça, e o prêmio que recebiam por alimentarem a tribo era poderem descansar o resto do tempo.

Para acicatar as irmãs, Abdullah exibiu os seus músculos e comentou que era a força

bruta que mantinha os homens no poder e que, se as suas irmãs queriam mesmo a igualdade, então teriam de praticar mais pesos no nosso estúdio de ginástica, em vez de passarem os tempos livres a ler livros.

Karim teve de agarrar as nossas filhas para que elas não se atirassem ao irmão. Maha, forte como é, ainda se libertou dos braços do pai e conseguiu dar um pontapé nos genitais de Abdullah. Eu e Karim ficamos espantados pelo fato de ela saber que aquela era a parte vulnerável de qualquer homem.

Sorri para os disparates dos meus filhos, mas o meu coração estava contristado, pois só conseguia pensar nos sofrimentos por que as mulheres tinham passado desde o momento da criação. Desde o princípio dos tempos que somos usadas como escravas para fazer todo o tipo de trabalho, e atualmente essa prática mantém-se em muitos países do mundo. No meu próprio país, as mulheres são consideradas unicamente como belos objetos, brinquedos sexuais para o gozo dos homens.

Sei por experiência própria que, no que toca à resistência, ao engenho e à coragem, as mulheres são iguais aos homens, mas a verdade é que eu pertenço a uma vanguarda numa terra atrasada.

Karim manteve-se calado por um breve momento. Depois, quebrou o silêncio e confessou-nos que estava a pensar no seu velho amigo Yusif e no caminho errado que ele tinha escolhido.

Fiquei contente por Karim ter testemunhado a desintegração de Yusif. Era como se, ao reconhecer o mal que corrói a sociedade quando tais homens alcançam o poder, o meu marido se tivesse finalmente transformado naquilo que eu queria que ele fosse.

O meu marido prosseguiu nas suas meditações. «Sabe, Sultana, são os homens fracassados como Yusif que constroem o mito segundo o qual as mulheres são a raiz de todo o mal. Sei agora que esta posição desajustada, apesar de seduzir muitos homens, provoca um desencanto paralisante que, no fim de contas, apenas serve para erigir uma odiosa barreira entre os dois sexos».

Karim olhou para o filho e disse: «Abdullah, espero que nunca aceites esta teimosa contestação do valor das mulheres. Caberá à tua geração acabar com a sujeição das mulheres. É com tristeza que reconheço que os homens da minha geração deram uma nova forma à opressão de que as mulheres são vítimas».

Apenas poderia imaginar aquilo que as minhas filhas estavam a pensar, mas Maha parecia perplexa e revoltada pelo fato de ter nascido numa sociedade tão relutante em aceitar as transformações sociais, ao passo que Amani, tão concentrada ultimamente nos consolos da fé, parecia curvar-se perante as tradições que favorecem a sujeição das mulheres.

Farta e cansada de homens como Yusif e da vida que eles defendem para as mulheres - mulheres que consideram ser a encarnação do mal e que, por isso mesmo, deverão ser rigorosamente vigiadas e coarctadas -, revoltava-me a possibilidade de as mulheres serem obrigadas a proteger-se dos ataques cada vez mais furiosos dos extremistas, que não queriam outra coisa senão impedir-lhes o acesso a uma vida normal.

Quando me preparava para me deitar, dei-me conta de que o fulgor da Haj estava chegando ao fim. Não deixei de me sentir triste, apesar da nova filosofia defendida por Karim, que falava de libertação dentro dos limites da nossa família.

Na manhã seguinte, os nossos rostos denunciavam a hora tardia a que nos tínhamos deitado. Silenciosos durante a refeição da manhã, preparamo-nos para o mais importante dia da Haj.

Fomos de carro até ao monte Arafat, oito quilômetros a norte do vale de Mina. Foi nesse local que, segundo a tradição, Adão e Eva se uniram. Foi também nesse local que Ibrahim, obedecendo às ordens de Deus, se propôs sacrificar o seu filho Ismael. Finalmente, aquele fora o local onde o Profeta Maomé pronunciara o seu último sermão. Quatro meses depois morria.

Desalentada, mal movia os lábios enquanto pronunciava as palavras do Profeta Maomé: «Tens de aparecer diante de Deus, que te pedirá contas de todas as tuas ações. Sabe que todos os Muçulmanos são irmãos. Vós sois uma irmandade. Nenhum homem deverá tirar o que é do seu irmão, a menos que este dê o seu livre consentimento. Afasta-te da injustiça. Deixa aquele que está presente dizer isto àquele que está ausente. Pode ser que aquele a quem isto for contado se lembre melhor destas palavras do que aquele que as está a ouvir».

Subindo a íngreme encosta do Monte Arafat, gritei, «Aqui estou eu, ó Deus! Aqui estou eu!». Este é o dia em que Deus apaga todos os nossos pecados e nos concede o seu perdão.

Durante seis horas, a nossa família, juntamente com os outros peregrinos, permaneceu naquele local desértico, sob um calor impiedoso. Rezamos e lemos várias partes do Alcorão. As minhas filhas, como muitos outros peregrinos, protegiam-se do sol com sombrinhas, mas eu senti a necessidade de sofrer a violência de um sol escaldante, a fim de melhor testemunhar a minha fé. Muitos homens e mulheres desmaiavam à minha volta e eram transportados em macas para carrinhas conduzidas por funcionários hospitalares e destinadas à assistência específica em casos de insolação.

Ao entardecer, seguimos para a planície situada entre o Monte Arafat e Mina.

Descansamos um pouco e retomamos as nossas orações.

Abdullah e Karim apanharam pedrinhas para os rituais da manhã seguinte e, sem mais conversas (já que todos nós estávamos francamente cansados), deitamo-nos cedo e dormimos um sono repousante, a fim de nos prepararmos para o último dia da Haj.

Na manhã seguinte, entoamos todos: «É em nome de Deus Onipotente que faço isto, e também porque abomino o diabo e os seus fingimentos! Deus é Grande!». Cada um de nós atirou então sete conjuntos de pequenas pedras aos pilares de pedra, simbolizando o diabo, que se encontram ao longo da estrada para Mina. Este é o local onde Ibrahim resistiu a Satanás, quando este pretendeu convencê-lo a não sacrificar Ismael e a desobedecer às instruções de Deus. Cada uma das pedras representava um mau pensamento, ou uma tentação, ou um pecado, ou ainda as provações suportadas pelos peregrinos.

Estávamos purificados dos nossos pecados! De seguida, a fim de cumprirmos o último ritual da Haj, viajamos para a planície de Mina. Aí, ovelhas, cabras e camelos estavam sendo abatidos: dessa forma, comemorávamos a vontade inquebrantável de Ibrahim, determinado a obedecer às ordens de Deus e, portanto, a sacrificar o seu filho. Açougueiros deambulavam por entre a multidão de peregrinos, oferecendo-se para abater um determinado animal, mediante o pagamento de certa soma. Depois de terem recebido o dinheiro, seguravam o animal com todo o cuidado e viravam o seu focinho para a Caaba e para a Sagrada Mesquita, enquanto rezavam: «Em nome de Deus! Deus é Grande!». Depois da reza, os açougueiros cortavam rapidamente a garganta do animal, fazendo com que o sangue se escoasse antes que o animal fosse esfolado.

Ao ouvir os gritos aflitivos dos pobres animais, e vendo o sangue jorrando livremente, a minha pobre Amani desatou a gritar como uma louca e logo caiu desmaiada no chão. Karim e Abdullah levaram-na para um dos pequenos caminhos que se encontram no local para assistir todas as pessoas que sejam acometidas de desmaios, colapsos ou outras doenças súbitas.

Depressa regressaram, dizendo que Amani estava descansando confortavelmente, mas que continuava a gritar, revoltada com aquilo que considerava uma carnificina sem sentido.

Karim lançou-me um olhar, como que a dizer-me: «Estás a ver? Eu não te tinha dito?». Senti alguma alegria pelo fato de uma parte da personalidade de Amani ter sobrevivido intacta e fiz votos por que Karim tivesse razão quando dizia que, depois de Meca, Amani voltaria a ser a mesma de sempre.

Enquanto assistíamos a esta violenta atividade, recordei que aquele era um ritual particularmente importante, que os animais eram sacrificados para que os peregrinos se lembrassem das lições que tinham aprendido na Haj: sacrifício, obediência a Deus, misericórdia para com todos os homens, e fé.

Desde a infância que me sentia fascinada com o esfolamento dos animais - o açougueiro

abrindo uma pequena brecha na perna do animal, bombeando depois ar através dessa brecha e, finalmente, separando a pele da carne. Os animais pareciam-me cada vez maiores, enquanto o açougueiro batia no corpo do animal com um pau forte, a fim de distribuir o ar igualmente por todo o corpo.

Os quatro dias de celebração começavam agora. Sabia que, em todo o mundo, milhões de Muçulmanos se iriam juntar a nós, sabia que os seus corações ansiavam por estar conosco na sagrada cidade de Meca. As lojas estavam fechando, as famílias estavam recebendo novas roupas, as férias começavam.

Cortamos mechas dos nossos cabelos para significar o fim da peregrinação; depois, as mulheres trocaram o traje simples por coloridos vestidos, ao passo que os homens vestiram thobes de algodão lavados de fresco, e o branco dos seus trajes cintilava tão maravilhosamente como a seda acabada de tecer.

Nessa tarde, começaram as festividades, incluindo o banquete. Amani continuava pálida, mas recuperara o suficiente para se associar às festividades, embora se recusasse a comer carne.

A nossa família reuniu-se na nossa tenda e trocamos pequenos presentes. Dissemos as nossas orações e depois sentamo-nos a uma mesa muito comprida e comemos uma maravilhosa refeição de carneiro com arroz.

O que restou do banquete, demo-lo aos pobres. Embora muitos peregrinos continuassem a orar e a repetir os seus rituais nos dias seguintes, a nossa família decidiu voltar para a nossa casa de Djedda, onde prosseguiríamos as celebrações.

Preparamo-nos para a partida.

Os meus filhos podiam agora colocar o honroso título de Hajji antes dos seus nomes próprios. Apesar de saber que não o fariam, a verdade é que este ato formal lembra a todos os Muçulmanos que uma pessoa cumpriu o quinto pilar do Islã. Sabia que tínhamos agradado a Deus por termos feito a peregrinação.

Agradei a Deus por ter libertado Amani das inclinações fundamentalistas que pareciam estar a impregnar a sua alma. Sabia que a instabilidade mental podia colorir de santidade a mais extrema das doutrinas. Não queria que a minha filha fosse sacrificada em nome de ideais militantes, tão comuns a tantas religiões, ideais contra os quais luto diligentemente desde que me conheço.

Contudo, os meus desejos não se cumpriam. Tivesse eu agradado ou não a Deus, a verdade é que a Sua decisão relativamente à minha filha não poderia deixar-me tranqüila e contente.

A viagem a Meca viria a revelar-se uma bênção e simultaneamente um infortúnio para a minha família. Enquanto Karim e eu retomávamos uma união que só se tinha verificado nos primeiros tempos do casamento, enquanto Maha e Abdullah não almejavam outra coisa senão viver como cidadãos responsáveis, Amani transformou-se, a pouco e pouco, numa triste reclusa.

Aquilo que eu mais temia tinha-se concretizado.

VIII EXTREMISTA

Imaginemos um país deserto, mergulhado na mais absoluta escuridão, com um enxame de coisas vivas atropelando-se às cegas no seu território.
- BUDA

A Haj terminara e o Verão apoderava-se da nossa terra. O ar escaldante do deserto não nos afetara grandemente durante a peregrinação a Meca, já que as nossas mentes estavam viradas para matérias mais importantes, relacionadas com a nossa união espiritual com Deus.

De Meca, seguimos para o nosso palácio em Djedda, pensando regressar a Riade no dia seguinte. Tal não viria a acontecer. Enquanto organizava a equipe de criados do palácio para a nossa partida, Karim entrou na sala e disse que tinha cancelado o nosso vôo, pois fora informado pelos controladores de tráfego aéreo de que havia uma tempestade de areia especialmente turbulenta no deserto de Rub Al Khali que, muito em breve, se deslocaria na direção de Riade. Mesmo sem tempestades de areia, cerca de quatro mil toneladas de areia caem todos os meses em Riade. Desejando acima de tudo evitar a terrível tempestade de areia que dentro de pouco tempo assolaria a nossa capital, despejando sobre as cabeças das pessoas aquela areia miudinha que fere os olhos como um ferrão, que enche todos os nossos poros e que cobre rigorosamente tudo, fiquei contente por podermos permanecer em Djedda, apesar de a umidade desta cidade ser mais opressiva do que o calor seco do deserto que habitualmente envolve Riade.

Abdullah e Maha ficaram todos contentes por poderem adiar o regresso a Riade, o que implicava também um adiamento das suas rotinas diárias. Não admira que nos tenham pedido que fizéssemos uns dias de férias em Djedda. Olhei para o meu marido e sorri. Mas o sorriso esbateu-se quando reparei que Amani estava sentada a um canto da sala, concentrada na leitura do Alcorão. Amani estava a tornar-se, muito rapidamente, numa triste reclusa; parecia longe de tudo o que se passava à sua volta. Parecia-me que ela erguera barreiras contra os seus desejos de diversão, já que, no passado, não havia nada que mais excitasse Amani do que nadar nas águas quentes do Mar Vermelho.

Determinada a evitar a depressão que as atividades de Amani estavam me causando, acenei que sim com a cabeça, em resposta aos olhos inquiridores de meu marido. Assim, apesar da umidade e das vagas de calor que dançavam no ar, Karim e eu decidimos ficar em Djedda mais duas semanas, pois os nossos filhos mais velhos ansiavam por um mergulho no espelho azul das águas do Mar Vermelho, esse mar que podíamos ver das janelas do nosso palácio.

A idéia não me desagradava, dado que, tal como muitos outros membros da família real, também eu prefiro a movimentada cidade portuária de Djedda à atmosfera grave de Riade. Imaginando que poderia levar as minhas filhas às compras nas modernas ruas comerciais de Djedda e visitar amigos da família que viviam na cidade, as férias constituíam de fato uma perspectiva muito agradável. Se Amani não houvesse escolhido aquele período para aumentar o fosso que a separava da família, teria sido um período perfeito numa vida que, em muitos outros aspectos, se revelava imperfeita.

Estava eu ajoelhada no longo corredor que ligava as várias alas do palácio quando Maha descobriu que a sua mãe estava tentando ouvir a voz da irmã, Amani, com o ouvido encostado a uma fenda da porta que conduzia aos banhos turcos e ao jardim interior.

«Mãe! O que é que está fazendo?», perguntou Maha bem alto, num tom divertido, apesar de todos os meus sinais para que se afastasse.

Dentro da sala, Amani parou de rezar. Ouvi os passos decididos da minha filha encaminhando-se na minha direção. Fiz uma tentativa desesperada para me pôr de pé, a fim de me afastar rapidamente da porta, mas o salto alto de um dos meus sapatos ficou preso na costura da saia. Estava a tentar libertar-me daquela embaraçosa posição quando Amani abriu de repente a porta, ficando a olhar para a mãe, obviamente culpada.

Não me deixei perturbar pela expressão acusatória da minha filha. Os seus olhos penetrantes, os lábios franzidos de raiva, indicavam claramente que tinha compreendido a situação.

Incapaz de assumir o meu desprezível ato, pus-me a esfregar uns fios manchados de vermelho que havia no tapete da entrada; e num tom que pretendia descontraído, desatei a mentir com a intensidade de alguém que sabe que os seus ouvintes não se deixam enganar.

«Amani!», exclamei. «Pensava que estavas no teu quarto!».

Voltei-me para o tapete, examinando cuidadosamente os fios vermelhos. «Minhas queridas, já repararam nas manchas vermelhas que há neste tapete?».

Nenhuma das minhas filhas respondeu.

De sobrolho franzido, dei mais umas esfregadelas nos fios vermelhos e, com o salto do sapato ainda preso na bainha do vestido, levantei-me meio-curvada e avancei a coxear pelo corredor. «Os criados não ligam nenhuma a estas coisas. Receio que agora já não seja possível tirar esta mancha».

Amani, incapaz de me permitir o prazer de acreditar que a minha pequena mentira fora convincente, atirou-me: «Mãe! Este tapete não está manchado. Os fios vermelhos de que falas são os fios das rosas vermelhas que fazem parte do padrão do tapete!».

Maha não conseguiu conter-se e desatou num risinho nervoso.

Amani atirou-me ainda: «Mãe, se quiseses ouvir as minhas palavras, serás o mais desejado dos ouvintes! Por favor, vem comigo para a sala onde eu estava a falar!». A porta que conduzia ao jardim interior fechou-se com um estrondo.

As lágrimas inundavam-me já os olhos. Corri para o meu quarto. Não suportava olhar para a minha bela filha, pois, desde que havíamos regressado de Meca, Amani começara a vestir-se de preto da cabeça aos pés, chegando mesmo ao ponto de usar luvas pretas e meias grossas igualmente pretas. Na privacidade da nossa casa, apenas o seu rosto permanecia descoberto, pois a minha filha envolvia a sua bela cabeleira negra com um grosseiro lenço preto que me fazia lembrar aqueles panos que usam as pastoras iemenitas. Quando abandonava as paredes do palácio, Amani acrescentava um véu negro de um pano igualmente grosseiro, que por certo lhe dificultava a visão. E isto apesar de as autoridades religiosas de Djedda serem muito mais liberais do que as de Riade. A nossa capital do deserto é conhecida, em todo o mundo muçulmano, pelas suas diligentes comissões de vigilância dos bons costumes, comissões unicamente constituídas por homens de iracundas expressões que, muito frequentemente, atormentam mulheres inocentes nas ruas da cidade.

Nada do que eu pudesse dizer ou fazer chegaria para convencer Amani a vestir-se mais confortavelmente. O seu figurino já estava escolhido - o pesado manto negro, o véu, o cabelo coberto; um figurino que a maior parte dos Muçulmanos de outros países islâmicos considera pura e simplesmente ridículo.

Não conseguia controlar os soluços. Pondo em risco a minha felicidade, durante a maior parte da minha vida combatera pelo direito das minhas filhas a usarem o mais diáfano dos véus, e agora Amani rejeitava a minha pequena vitória como algo sem valor.

E isso não era o pior! Não inteiramente satisfeita com a fé que acabava de descobrir, Amani armou-se do zelo dos missionários para tentar converter os outros ao seu novo estilo de pensamento. Convidou as suas amigas mais próximas, bem como quatro das primas mais novas, e tratou de lhes ler várias passagens do Alcorão, falando em seguida da sua interpretação das palavras do Profeta, uma interpretação que, infelizmente, parecia decalcada dos textos da Comissão governamental para a Exaltação da Virtude e a Prevenção do Vício.

A entoação daquela voz ainda de menina não me saía dos ouvidos. Fechei a porta dos meus aposentos privados e atirei-me para cima da cama, perguntando-me como iria enfrentar esta nova crise nas minhas relações com os meus filhos.

Escutando uma vez mais à porta, conseguira ouvir a minha filha lendo a seguinte passagem do sagrado livro dos Muçulmanos:

Ergueis por acaso marcos
em todos os locais importantes
apenas para vos divertirdes?
Construíis belos edifícios
na esperança
de viverdes neles para sempre?
E quando usais
a vossa poderosa mão
será que o fazeis como aqueles que detêm um poder absoluto?
Pois deveis temer a Deus e obedecer-me
E não seguir as ordens
daqueles que são extravagantes
e provocam desacatos
e não se emendam.

Com os joelhos tremendo, escutara horrorizada os comentários de Amani, em particular quando acentuara as semelhanças que existiam, segundo ela, entre a família real saudita e os ostensivos pecadores referidos pelo versículo do Alcorão.

«Olhem à vossa volta! Reparem nas riquezas do palácio onde nos encontramos! Um palácio destinado a um deus não poderia ser mais luxuoso! Não estaremos nós a desrespeitar as palavras de Deus, quando nos agarramos a uma opulência e a uma suntuosidade que não foram feitas para os olhos dos humanos?».

Amani prosseguiu com uma voz mais baixa, como se estivesse a falar num murmúrio, mas eu fechara os olhos e aproximara-me mais da porta, escutando-a com toda a atenção. «Cada um de nós», dizia ela, «deve banir a extravagância das nossas vidas. Eu serei a primeira a dar o exemplo. As jóias que me foram proporcionadas pela riqueza da minha família, dá-las-ei aos pobres. Se vocês acreditam no Deus de Maomé, devem seguir o meu exemplo».

Não ouvi a reação da audiência ao bizarro apelo, pois nesse preciso momento a minha filha mais velha, Maha, descobriu-me uma vez mais a escutar às portas.

Recordando o compromisso assumido por Amani, no sentido de se desfazer das suas jóias, forcei-me a levantar-me da cama e corri para o quarto da minha filha. Abri o cofre que ela partilhava com a irmã e retirei uma série de dispendiosos colares, braceletes, brincos e anéis, guardando-os posteriormente no cofre do escritório de Karim. Retirei também as jóias de Maha, pois era plausível que Amani, no estado de turbulência religiosa em que se encontrava, cometesse a loucura de se desfazer também das jóias da irmã.

Sabia que o valor total das jóias de Amani atingia os vários milhões de dólares.

Aquelas jóias tinham-lhe sido oferecidas por aqueles que a amavam e que defendiam a sua segurança económica no futuro. Prometi a mim mesma que, se Amani realmente desejasse minorar as faltas dos pobres, ser-lhe-ia dado dinheiro para esse fim.

Sentindo-me deprimida, sentindo que a nossa generosidade não fora apreciada, lembrei os milhões de riyais que eu e Karim, sem qualquer ostentação, tínhamos doado, ao longo dos anos, para os pobres do mundo. Para além da zakah obrigatória, que equivalia à percentagem dos nossos rendimentos anuais não necessárias para as nossas despesas diárias, Karim e eu contribuíamos com um extra de 15 por cento dos nossos rendimentos para a educação e a assistência médica em vários países muçulmanos menos afortunados que a Arábia Saudita. Nunca esquecíamos as palavras do Profeta: «Se deres esmola em público, isso é bom, mas se a deres aos necessitados em privado, isso ainda é melhor para ti, e, dessa forma, estará a expiar algumas das tuas más ações. Alá sabe de tudo o que fazes».

Tendo em conta os fundos que havíamos oferecido para a construção de hospitais, escolas e casas, nos mais desfavorecidos dos países muçulmanos, não desejava outra coisa senão lembrar a Amani o volume imenso das contribuições financeiras que os seus pais tinham

providenciado. Seria possível que a minha filha não atribuísse qualquer importância às nossas atividades caritativas? Ou desejaria afinal transformar a nossa família num grupo de pedintes, iguais àqueles que beneficiavam da nossa vasta riqueza?

Voltando para a cama, permiti-me descansar durante duas horas, ainda que a minha cabeça não descansasse, pois não parava de pensar, de rejeitar idéias tresloucadas, sem saber o que fazer para combater uma força que é mais poderosa do que qualquer homem.

A escuridão caíra já sobre o meu quarto quando Karim chegou a casa, vindo dos seus escritórios na cidade de Djedda.

«Sultana! Está doente?», perguntou-me ele mal me viu na cama. Depois, acendeu vários candeeiros e encaminhou-se para a cama, examinando o meu rosto com um ar francamente preocupado.

«Tem o rosto quente. Estará com febre?».

Não respondi às questões do meu marido. Em vez disso, respirei fundo e disse-lhe:

«Karim, uma pessoa do teu próprio sangue planeja o derrube da monarquia». Em questão de segundos, o rosto de Karim passou de um moreno pálido para um vermelho muito vivo. «O quê?», foi o que ele conseguiu dizer.

«Amani», retorqui. «Hoje, a nossa filha conduziu uma assembléia formada por amigas dela, incluindo algumas primas. Acidentalmente, ouvi o que ela dizia. Amani está usando o Alcorão para virar as suas amigas e primas contra o governo da nossa família».

Karim fez um estalido com a língua, o que, para os Árabes, significa incredulidade. Depois desatou a rir. «Está doida, Sultana. Dos nossos três filhos, Amani é aquele que me parece menos inclinado a incitar atos violentos».

Abanei a cabeça. «Amani mudou muito, Karim. A religião deu novas forças à nossa filha. Está a começar a parecer-se com um leão esfomeado, e não com um adorável cordeirinho». E repeti aquilo que a ouvira dizer.

Karim pôs um ar dubitativo. «Sultana, acredita no que te digo. Esta paixão da nossa filha não passa de uma fase passageira. Ignora-a. Em breve cansar-se-á dos seus excessos».

Era evidente que Karim estava farto do tema da conversão religiosa de Amani. Durante uma semana, eu quase não falara de outra coisa. A atração de Amani por tudo o que soasse a extremismo religioso torturava-me, ao passo que o pai reduzia o fervor da filha a uma coisa sem importância e predizia que, dentro de pouco tempo, tudo aquilo estaria esquecido.

Apercebi-me de que Karim e eu não partilharíamos nem resolveríamos em conjunto esta crise, ao contrário do que sucedera no caso de Maha. Senti-me sem forças para lutar. Pela primeira vez desde o nascimento de Abdullah, ocorrido tantos anos antes, sentia-me cansada do meu papel de mãe. Perguntava-me quantas gerações de mulheres teriam ainda de suportar a imensa carga da procriação, criação e educação da raça humana, tarefas que as mulheres tinham de assegurar solitariamente e sem receberem em troca o menor agradecimento.

«Quão solitária é a vida de uma mulher!», exclamei para o meu marido. Temendo que eu reagisse de uma forma extrema à mágoa que sentia, Karim afagou-me ternamente as costas e perguntou-me com a mais doce das vozes se queria que me trouxessem o jantar ao quarto. Disse-me que não se importava de jantar sozinho com os filhos.

Com um suspiro de martírio, decidi não ficar sozinha. Há muitas horas que estava metida naquele quarto e não queria dar a Amani a idéia de que estava cedendo. Forcei-me a sair da cama e disse ao meu marido que desceria depois de uma ducha rápido.

Karim e eu encontramos os nossos filhos na sala-de-estar e, como ainda faltava uma hora para o jantar, pedi-lhe que me acompanhasse num passeio pelos banhos turcos e pelo jardim.

Lembrando-se da noite anterior, Karim pensou que eu estava com inclinações românticas, e os seus olhos afagaram-me meigamente o rosto.

Retribuí o seu sorriso, mas, na realidade, o que eu pretendia era examinar o jardim e ver se a minha filha deixara provas do seu comício religioso.

Entramos num vasto e belo pátio que havia sido concebido por um famoso projetista

italiano. Muitos dos nossos primos haviam tentado copiar os encantos do nosso «salão turco», mas sem êxito. Uma cascata situada atrás da sala lançava a sua água límpida para um vasto tanque circular, onde cirandavam muitos peixes exóticos. Um caminho de pedra rodeava o tanque, e belas flores, tratadas com todos os cuidados pelos jardineiros, ladeavam os caminhos por onde podíamos passear tranquilamente. À direita e à esquerda, havia duas áreas de estar, mais elevadas que o resto. Plantas luxuriantes, que tínhamos importado da Tailândia, erguiam-se sobre os assentos de palhinha, cobertos com almofadas em tons pastel. Nas áreas de estar havia várias mesas com tampo de vidro. Enfim, não poderia haver local mais agradável para a nossa família tomar o café da manhã ou da tarde.

As paredes tinham sido feitas com um vidro fumado especial, mas as plantas eram tão abundantes e densas que nos protegiam dos raios escaldantes do sol. Um caminho de pedra, adornado com os rostos de vários animais selvagens, serpenteava em torno da cascata. Senti-me triste quando passei pela girafa, pois me lembrei de que Karim mandara fazer aquelas esculturas especialmente para Amani, por causa da adoração que ela tinha pelos animais.

O passeio levou-nos até à zona dos banhos turcos. A nossa residência no Cairo tinha uma área idêntica, de modo que eu pedira ao projetista italiano que a estudasse cuidadosamente e a reproduzisse, ponto por ponto, no nosso palácio de Djedda.

A área dos banhos turcos possuía quatro instalações para banhos, cada uma delas com um tamanho e um estilo diferentes. Degraus conduziam até cada um dos banhos e, sobre um dos banhos mais amplos, havia um ponte em arco, toda ela em pedra. A água libertava um vapor que se erguia e dissipava no ar fresco.

A minha família tinha passado momentos maravilhosos nos banhos turcos, e Karim e eu, na noite anterior, antes de fazermos amor, tínhamos-nos libertado de todas as tensões graças a um demorado banho de vapor.

Não encontrava nada que indicasse que Amani tinha realizado um comício religioso na nossa residência. No entanto, atroavam ainda na minha cabeça as palavras que ouvira. Desejava desesperadamente que Karim reconhecesse a seriedade da nova paixão de Amani, pois a nossa filha falava já do seu desejo de se tornar imã, ou seja, uma mulher investida do poder de atender às necessidades religiosas de outras mulheres. Eu queria que a minha filha vivesse a vida de qualquer bom muçulmano, mas não queria, nem por sombras, que ela acentuasse ainda mais a servidão das mulheres, seguindo as interpretações mais restritivas das tradições que tanto limitavam as mulheres do nosso país.

Apercebendo-me de que Karim não estava nada impressionado com a atração de Amani por tudo aquilo que eu combatia desde muito nova, pensei que seria boa idéia lembrar-lhe até aonde tais paixões religiosas poderiam levar uma pessoa, pois sabia que o meu marido era sensível ao tema da legitimidade da dinastia Al Sa'ud e da riqueza e dos privilégios associados à nossa muito invejada posição na hierarquia saudita.

Sabendo que o universo do meu marido se centrava numa vida de luxo, uma vida a que não poderia ter acesso sem as vastas riquezas dos campos de petróleo sauditas, aponte para o belo cenário dos banhos turcos. «Isto», disse eu a Karim, «é o que a nossa filha considera ser um grande pecado: desfrutar daquilo que Deus achou por bem dar à nossa família».

O meu marido não respondeu.

Decidi pressioná-lo um pouco mais. «Karim, acho que devemos fazer qualquer coisa. Ou queres que o teu próprio sangue conduza a revolta que destronará a casa de Al Sa'ud?».

Karim, que não conseguia acreditar que a nossa filha fosse capaz de cometer infrações sérias, recusou-se a analisar profundamente o desencanto de Amani face ao nosso estatuto régio, limitando-se a responder que a nossa filha poderia dedicar-se a uma fé que trazia algum consolo à sua vida, ainda que isso deparasse com a obstinada resistência da mãe.

Segurando-me firmemente pelos ombros, Karim proibiu-me de voltar a mencionar o tema, fazendo a propósito uma declaração perfeitamente ridícula. «Sultana», disse ele, «há muito que decidi que cada um de nós deve respeitar os erros dos outros. Se não procedermos assim,

nunca haverá paz no nosso lar. E ponto final! Não falemos mais deste desagradável assunto!».

Após vários dias de reflexão, acabei por compreender que não era responsável pelo novo rumo que a minha filha dera à sua vida. Concluí que o zelo com que Amani defendia a sua nova causa era o resultado direto da horrenda pobreza que ainda há poucos anos afetava a Arábia Saudita, pobreza que fora mitigada por uma súbita e imensa riqueza. Para entender o cerne do problema, era absolutamente necessário recuar no tempo.

Muitas pessoas, tanto cristãs como muçulmanas, desprezam os Sauditas porque, segundo elas, os Sauditas pouco fizeram para acumular a riqueza que agora possuem. Contudo, poucos são aqueles que se dão ao trabalho de recordar a profunda miséria que todos os Sauditas tiveram de suportar até meados da década de 1970. Esta análise apressada da nossa situação atual deixa-me profundamente revoltada.

Após a descoberta do petróleo sob as areias do deserto, foi preciso que passassem muitos anos para que o nosso povo pudesse beneficiar das riquezas garantidas pela produção de petróleo, a qual, como sabemos, fora organizada pelos serviços das companhias americanas. De início, o rei Abdul Aziz, meu avô e fundador da Arábia Saudita, confiou nos homens que, com falinhas mansas, lhe fizeram falsas promessas; não entendeu o rei que os contratos então firmados enchiam os bolsos dos Americanos, mas deixavam muito pouco nos nossos cofres. As companhias americanas só começaram a comportar-se de uma forma digna quando foram obrigadas a assinar acordos justos.

Assim, devido a esse método injusto de distribuição dos lucros do petróleo, só ao fim de muitos anos é que as tendas dos beduínos foram substituídas pelos luxuosos palácios e villas. Entretanto, o povo da Arábia Saudita sofreu muito. A mortalidade infantil na Arábia Saudita era uma das mais elevadas do mundo, não havia dinheiro, nem médicos, nem hospitais para tratar dos enfermos. O regime alimentar saudita consistia em tâmaras, leite de camelo e carne de cabra e camelo.

Lembro-me ainda da expressão de desespero de um dos homens mais ricos do reino, enquanto me contava a horrenda história dos seus primeiros tempos. Esse homem de negócios brilhante e extremamente respeitado passara os seus primeiros quinze anos de vida vendendo, de porta em porta, pequenas porções de leite de cabra, naquela que era então uma aldeia de cabanas de lama e que hoje é a capital do reino. Aos sete anos, tornara-se o homem da família, pois o pai morrera de uma ligeira infecção causada por um corte quando abatia um camelo para o banquete da Haj. A infecção degenerara em gangrena e o pobre homem deixara o mundo dos vivos com horrendos gritos de dor.

De acordo com os hábitos da época, a viúva casou com um irmão do falecido, um homem que já tinha muitos filhos. O rapazinho sentia-se responsável pelos seus cinco irmãos mais novos. Quatro das cinco crianças foram enterradas por ele, depois de terem morrido de subnutrição e falta de assistência médica. A sua rápida e brutal ascensão a uma vida particularmente próspera tinha afinal um lado de horror verdadeiramente dickensiano.

Depois de uma juventude marcada pela miséria, era perfeitamente natural que a primeira geração saudita a conhecer o poder do dinheiro mimasse e estragasse os seus filhos, dando-lhes tudo o que o seu dinheiro podia comprar. Karim e eu entramos na idade adulta já sem privações, mas tínhamos uma noção muito clara da pobreza dos nossos pais, que ainda se fizera sentir na nossa juventude. Os nossos filhos, todavia, nunca conheceram privações e, por isso mesmo, não tinham a menor idéia sobre o que realmente significava ser-se pobre.

A civilização seguiu o seu curso natural, pois a riqueza acumulada, inseguramente assente num passado esquecido, pode em qualquer altura ser considerada como algo sem valor. Os frágeis alicerces, mais tarde ou mais cedo, começariam a tremer.

As convenções e as tradições aceitas pelas gerações passadas foram questionadas pela minha geração. A geração que se seguiu à minha seguiu frequentemente os seus instintos animais sem qualquer restrição. Esta rejeição primitiva da ordem social provocou uma reação natural caracterizada pelo fanatismo religioso e pelo desprezo face às grandes fortunas.

Os mais fanáticos de todos são os filhos da minha geração. Não tendo conhecido nunca uma vida sem riqueza, não tendo conhecido nunca as conseqüências da miséria, os nossos filhos e os filhos dos nossos amigos desprezam o bem-estar econômico e perseguem objetivos que reputam de mais importantes que a acumulação de novas riquezas.

A minha filha Amani tinha-se tornado líder de um grupo de jovens que conseguiam ser ainda mais militantes do que os homens que defendem a derrubada do clã Al Sa'ud.

Enquanto procurava salvar as almas de parentes ou amigas, Amani comunicou-nos certo dia uma confissão da sua prima Faten, a filha do meu irmão Ali. Uma confissão que nenhum de nós alguma vez poderia ter imaginado.

Não conheço homem mais arrogante com as mulheres que o meu irmão Ali. Em criança, tratava as suas dez irmãs com o maior desprezo. Durante a sua juventude, passada na América, foi para a cama com centenas de mulheres ocidentais que rapidamente rejeitava. Depois de casado, tratou sempre as suas esposas como escravas, pouco se preocupando com a felicidade delas; tratou sempre de se casar com garotas púberes, pois estas desconhecem a natureza do homem e acabam por aceitar como normal o seu comportamento perverso. Para além das suas quatro esposas, Ali foi instalando concubina atrás de concubina nas suas residências. Como pai, ignorou sempre as suas filhas, mas rodeia de afeto todos os varões.

De fato, não era de espantar que o seu filho Majed, irmão de Faten, se tivesse tornado num jovem sádico que via as mulheres unicamente como objetos sexuais.

Agora, algum tempo passado sobre o caso em questão, sei que Majed teria sido degolado ou fuzilado, caso o seu crime tivesse chegado ao conhecimento público. Nada poderia tê-lo salvo da morte, nem mesmo o fato de ser filho de um príncipe altamente colocado, pois o seu pecado não tinha precedentes no seio da família Al Sa'ud.

Tínhamos regressado à nossa residência em Riade, onde todas as tardes, depois da escola, Amani mantinha as suas sessões de leitura do Alcorão com as primas e amigas interessadas em voltar aos tempos das trevas, aqueles tempos em que as mulheres permaneciam silenciosas face a tudo o que se passava para lá das paredes da casa.

Tudo começou numa tarde de quarta-feira. Estava na varanda do meu quarto, vendo as amigas e primas de Amani abandonarem a nossa residência na segurança das suas limusines conduzi das pelos motoristas das respectivas famílias. Faten, a filha de Ali, não saíra ainda, e eu já tinha achado estranho que Amani e Faten falassem tanto em privado e trocassem tantos e tão sentidos abraços. Com tristeza, adivinhava que Faten, desesperadamente infeliz por ser filha de um homem insensível, aderira com toda a sua alma à causa que a minha filha lhe oferecera.

Sem esperança de voltar a ter um relacionamento normal com Amani, evitava abordar com ela o tema da religião; resolvera deixar que Deus a conduzisse aonde ela queria ir. Mesmo assim, procurava interessá-la por jogos, fossem eles de cartas ou de gamão, ou qualquer outro, na esperança de que a sua mente se concentrasse noutras coisas para além da fé.

Quando, timidamente, bati à porta dela, não recebi qualquer resposta. Ouvi-a chorar e entrei no quarto. Senti uma profunda irritação ao ver Amani segurando no Alcorão com uma mão e limpando as lágrimas com a outra. Apetecia-me gritar-lhe que a religião não fora feita para entristecer as pessoas, mas resisti a tal tentação e ajoelhei-me aos pés da minha filha. Afaguei-lhe os joelhos e, com toda a calma, perguntei-lhe os motivos da sua mágoa.

Como esperava que me respondesse que havia recebido alguma mensagem de Deus que os meus ouvidos não eram dignos de conhecer, fiquei absolutamente estupefata quando ela exclamou: «Mamãe, há uma coisa que eu tenho de fazer e, porque não posso deixar de fazê-la, sinto um sofrimento sem fim!».

Então, Amani lançou-se nos meus braços e chorou, chorou, chorou, como se tivesse acabado de ouvir a mais lancinante das notícias!

«Amani, minha filha! O que é que se passa?».

«Mamãe!», começou ela, logo parando, agitada por um espasmo que lhe percorreu todo o corpo, ao mesmo tempo que os soluços a esgotavam. «Foi cometido um pecado terrível.

Contaram-me um segredo aterrador. Deus disse-me que devo tornar público esse pecado».

«Que pecado?», gritei eu, temendo que Amani tivesse ouvido falar da ligação entre Maha e Aisha, sabendo que, se essa ligação chegasse ao conhecimento público, a minha filha e a nossa família sofreriam horrores.

Amani fitou-me com os seus enormes olhos. «Faten revelou-me um segredo que lhe tem perturbado seriamente o espírito. É um pecado demasiado terrível para ser revelado, mas a verdade é que eu vou ter mesmo de revelá-lo».

Aliviada pelo fato de Amani não estar a referir-se à irmã, pus-me a pensar sobre qual dos escândalos envolvendo a família Al Sa'ud poderia estar na origem de tanto sofrimento. Numa família tão vasta como o clã Al Sa'ud, são muitos os mexericos acerca do comportamento ingovernável dos jovens príncipes e, mais raramente, das jovens princesas. Os membros masculinos da família surgem frequentemente em jornais estrangeiros, depois de terem perdido ao jogo somas avultadas, ou porque foram apanhados em aventuras sexuais com mulheres estrangeiras. Após férias familiares no Ocidente, mais do que uma princesa regressou já ao reino grávida de um filho ilegítimo. A verdade nua e crua raramente é revelada, pois os diversos parentes tratam logo de abafar as más ações dos seus filhos, de forma a que os seus infortúnios pessoais não cheguem aos ouvidos de todo o clã Al Sa'ud.

Amani não agüentou muito tempo e confessou-me a verdade: «Mamãe, trata-se de Majed. Majed cometeu um pecado sexual».

Tive dificuldade em manter uma expressão séria. «Majed? Amani, Majed é igualzinho ao pai». Encostei o rosto da minha filha ao meu e adverti-a: «Se decidires falar do assunto, os homens da nossa família limitar-se-ão a rir-se à tua custa. Ali tem orgulho nos êxitos do filho com mulheres estrangeiras».

Toda a gente da família sabia que Majed, o segundo filho de Ali, participava em orgias com estrangeiras no nosso país e em festas dadas em residências de cidadãos estrangeiros, e saía frequentemente com mulheres não-muçulmanas que trabalhavam nos hospitais e nas companhias de aviação estrangeiras. Este tipo de comportamento era normalmente censurado pelas famílias muçulmanas, mas Ali achava que não havia melhor para o seu segundo filho desfrutar da liberdade sexual, numa terra onde tais atividades, entre pessoas de credo muçulmano, são rigorosamente proibidas.

Partia-me o coração ao ver a gravidade da expressão de Amani, enquanto me explicava melhor o que a consumia. «Não, mamãe, não está percebendo. Majed teve relações sexuais com uma mulher sem o consentimento desta».

Agora, de fato, ainda percebia menos. «Amani, o que é que quer dizer com isso?».

A minha filha rompeu a chorar uma vez mais. Entre convulsivos soluços, pediu-me que fosse chamar o pai, dizendo que precisava dos seus conselhos para tomar uma decisão definitiva relativamente ao deplorável comportamento de Majed.

Embora magoada por Amani atribuir mais importância à opinião do pai do que à minha, acedi aos seus pedidos e fui à procura de Karim. Quando finalmente o encontrei, jogando ao bilhar com Abdullah e Maha na nossa sala de jogos, senti uns ciúmes terríveis, imaginando que os meus três filhos preferiam o pai à mãe. Tive de morder a língua para não desatar a falar dos deprimentes defeitos do meu marido, numa tentativa para atrair para mim a atenção e a afeição dos filhos.

Karim, Abdullah e Maha despertaram sobressaltados do seu divertimento graças aos meus gritos furiosos: «Karim! Amani precisa de ti!».

«Só um segundo. Agora é a minha vez».

«Karim, a tua filha está farta de chorar! Vem já!».

O meu marido lançou-me um olhar abominável. «O que é que você lhe disse, Sultana?».

Já sem paciência e, para cúmulo, acusada de algo que não fizera, abei-rei-me da mesa de bilhar e atirei as bolas coloridas para os buracos. Depois, afastei-me, nada preocupada com as resmungadelas de Karim e Abdullah. «O jogo acabou», gritei, enquanto desandava dali para fora.

«Você ganhou Karim. Talvez agora possa ter um minuto para ouvir a sua filha».

Karim vinha já a meu lado quando entramos no quarto de Amani. A minha filha já não estava a chorar. Tinha aquele olhar fixo de quem acaba de tomar uma decisão inabalável.

Karim foi o primeiro a falar. «Que se passa, Amani? A tua mãe disse-me que queria falar comigo».

«Pai, Majed tem de ser castigado pelo que fez. Li cuidadosamente tudo o que está escrito acerca de tais matérias e não nos resta outra alternativa. O meu primo tem de ser castigado».

Karim sentou-se numa cadeira e cruzou as pernas. Todo o seu rosto se franzia, o que lhe dava um ar cômico. O que a sua expressão revelava era que, pela primeira vez, parecia aperceber-se de que Amani fora já demasiado longe na sua busca religiosa.

Num tom sereno, perguntou: «O que é que Majed fez de tão terrível?».

Inocente como era, Amani enrubescceu. «Tenho vergonha do que vou ter de dizer». «Diz o que tem a dizer, minha filha», insistiu Karim.

Constrangida por estar na presença de um homem, apesar de este ser o seu pai e de ela própria ter querido partilhar com ele tão terrível segredo, Amani pôs-se a olhar para o seu colo. Enquanto nos contava uma História diabólica, o seu rosto não perdeu nunca a inocência e a limpidez que o caracterizava.

«Certa noite, Majed foi a uma festa numa residência de ocidentais. Creio que era a residência dos funcionários da Lockheed. Nessa festa, conheceu uma americana que se interessou por ele pelo fato de ser membro da família real. Majed embebedou-se e a mulher ficou sem vontade de cumprir a promessa que lhe tinha feito. Ela tinha-lhe prometido que iria com ele para o apartamento de um amigo. Quando percebeu que desperdiçara uma noite e que, desta vez, não teria mais uma das suas aventuras sexuais, Majed abandonou furioso a residência dos estrangeiros. A caminho de casa, foi visitar um amigo que estava internado no hospital devido a ferimentos ligeiros causados por um acidente de viação. No hospital, Majed ficou ainda mais furioso e, bêbedo como estava, andou de quarto em quarto à procura de alguma mulher estrangeira com quem pudesse ter sexo, mesmo que para isso tivesse de pagar.

Já passava da meia-noite e eram poucos os funcionários que não estavam dormindo». O lábio inferior de Amani começou a tremer e Karim teve de persuadi-la a continuar.

«E... que aconteceu depois, Amani?».

A minha filha pronunciou a acusação como se fosse um autômato. «Majed teve sexo com uma doente do hospital, uma mulher que tinha sido gravemente ferida e não estava consciente».

Não conseguia mexer-me. Como se me tivesse transformado em pedra, escutei o diálogo entre a minha filha e o meu marido.

Incrédulo, Karim abanou a cabeça. «Amani, foi Faten que te disse isso?».

«Sim, pai. Mas há mais».

«Não pode ser minha filha. Faten imaginou essas coisas. Não pode ser verdade. É demasiado repugnante para ser verdade».

«Eu sabia que o pai ia resistir à verdade», acusou Amani. «Mas há provas».

«Provas? Que provas? Gostava de saber».

«Há um homem do Paquistão que trabalha nessa área do hospital. Esse homem descobriu Majed a deixar o quarto e quando examinou a doente, viu que os lençóis tinham sido remexidos. Foi atrás de Majed e ameaçou denunciá-lo às autoridades. Quando Majed lhe respondeu que era um príncipe, pediu dinheiro para se calar. Majed deu-lhe tudo o que tinha nos bolsos».

«Amani!», exclamou Karim, advertindo a filha, pois duvidava ainda de que aquilo fosse verdade. «Tem cuidado com a tua língua! Violação! Chantagem! É demasiado grave para podermos acreditar!».

«É verdade! É verdade! Vai ver! Vai haver sérios problemas!», retorquiu Amani precipitadamente, tentando convencer o pai. «Descobriu-se que a mulher, que estava em coma, uma mulher cristã, estrangeira, está grávida! Apesar de estar no hospital, inconsciente, já lá vão seis meses! Está grávida de três meses, pai! Está a decorrer um grande inquérito no hospital e

Majed receia que o escândalo se torne público».

Pensando, pela primeira vez, que podia haver alguma verdade naquela história, já que os pormenores não faltavam, perguntei-me como seria possível evitar um tão grave escândalo.

Amani, ainda chorosa, concluiu aquela história de horrores. «Faten deu com o irmão a tentar arrombar o cofre dos escritórios do pai. Majed queria roubar dinheiro. Faten perguntou-lhe por que razão queria roubar o seu próprio pai e Majed revelou-lhe que o funcionário paquistanês lhe exigira muito dinheiro. O homem quer um milhão de riyais para não divulgar a identidade do criminoso. Majed não pode pedir ao pai uma soma tão avultada sem uma explicação e o homem acabará por denunciá-lo. Majed tem apenas uma semana para conseguir o dinheiro».

Karim e eu olhamos um para o outro, perguntando-nos se aquilo que estávamos a ouvir seria realmente verdade.

Lembrei-me das terríveis palavras que Majed dirigira em tempos a Abdullah, ridicularizando o meu filho por este se ter recusado a ter sexo com uma americana que, segundo Abdullah, além de muito feia, tinha o dobro da sua idade e se propunha pagar para ir para a cama com um jovem príncipe. Majed acusara Abdullah de não gostar de mulheres, comentando, a propósito: «Um homem como deve ser até em cima de um camelo fêmea se excita!». Lembrava-me vagamente de Majed ter dito a Abdullah que a americana em questão era muito mais bonita do que a última que ele «montara» - uma mulher que, segundo as suas próprias palavras, estava inconsciente e que, por isso mesmo, nem fazia idéia do que perdera.

Quando discutimos este incidente, pensamos que a mulher só poderia estar embriagada. Agora, à luz das revelações de Amani, dir-se-ia que a tal mulher «inconsciente» era a doente do hospital! Teria o filho de Ali violado uma mulher que se encontrava numa cama de hospital, em estado de coma? Uma coisa era certa: cronologicamente, o incidente entre Abdullah e Majed encaixava perfeitamente na história de Amani.

Queria falar dessa conversa com Karim, pois o nosso filho contara-lhe tudo e Karim partilhara a história comigo. Desde então, Karim proibira Abdullah de acompanhar o primo a toda e qualquer festa que se realizasse em residências estrangeiras.

Karim pareceu acordar de um pesadelo quando Amani lhe disse: «Majed tem de ser castigado. Vou ter de pedir a Wijdan que informe o pai dela sobre o crime que Majed cometeu».

Ouvi Karim ranger os dentes. Sabíamos os dois que o pai de Wijdan, uma das melhores amigas de Amani, era um membro do clero que trabalhava fora da mesquita real. Embora não nutrisse uma animosidade particular em relação aos membros da família real, era um religioso que seguia apenas a sua consciência. Seria muito difícil comprar o seu silêncio e, pelo menos, insistiria em discutir o caso com o conselho religioso e o rei. A última coisa de que a nossa família precisava era que o caso chegasse aos ouvidos do pai de Wijdan.

Além disso, o meu coração continuava a alimentar a esperança de que aquilo não fosse verdade, de que Majed não tivesse tido um comportamento tão repugnante, tão abominável.

«Amani», disse Karim, procurando encaminhar a filha, «este assunto não é para ser discutido por garotas. Eu vou investigar as acusações e, se elas forem realmente verdadeiras, dou-te a minha palavra de honra que Majed será devidamente castigado. Mas tem de me prometer que não contará a mais ninguém aquilo que acaba de dizer aos teus pais».

Como estava à espera que a minha filha rejeitasse a proposta do pai, fiquei agradavelmente surpreendida quando a vi aparentemente aliviada por poder canalizar o problema para o pai. E, de fato, Amani prometeu que faria exatamente o que o pai lhe pedia.

Três dias depois, Karim havia já descoberto a impiedosa verdade. De fato, num hospital local havia uma doente cristã que sofrera graves danos cerebrais devido a um acidente de viação ocorrido no reino saudita, sete meses antes. Há sete meses que essa mulher estava inconsciente. A administração do hospital e a família da doente estavam passando por uma crise terrível, pois a equipe médica descobrira que a doente estava grávida de quatro meses! Decorria um inquérito para descobrir o culpado de tão nefando crime.

A aterradora história de Amani era verdadeira!

Karim disse que Ali tinha de saber e pediu-me que o acompanhasse a casa do meu irmão. Pela primeira vez na minha vida, não sentia qualquer júbilo perante os infortúnios de Ali.

O meu estômago revolia-se todo quando entramos pelo portão da imensa residência onde vivem as quatro esposas e as sete concubinas do meu irmão Ali. Quando o nosso automóvel avançou pelo caminho da casa, vi de relance uma série de mulheres e inúmeras crianças reunidas numa parte do relvado que os arbustos tornavam parcialmente privada. As crianças estavam brincando, ao passo que as mulheres conversavam animadamente, enquanto jogavam às cartas ou faziam tricô.

Que coisa mais estranha! — pensei eu. De fato, era muito estranho que as esposas e concubinas do meu irmão tenham desenvolvido entre si um relacionamento tão íntimo e amistoso! Um relacionamento amistoso entre as várias esposas ou concubinas de um homem era uma coisa verdadeiramente rara.

Não conseguia imaginar-me a partilhar Karim com outra mulher, quanto mais com dez mulheres! Pensei que a incapacidade de amar do meu irmão talvez fosse o motivo que levara aquelas mulheres a procurar consolidar a amizade e a camaradagem entre elas. Ou, quem sabe, talvez o meu irmão não conseguisse inspirar nenhum amor àquelas mulheres, que aceitariam de bom grado a intromissão de outras, pois isso significava menos tormentos e sofrimentos para cada uma delas.

Este pensamento fez-me sorrir.

Porém, quando me lembrei dos trágicos motivos da nossa visita, o meu sorriso desapareceu.

Ali estava muito bem-disposto e reagiu muito amavelmente à nossa inesperada e inexplicada visita.

Depois de uma conversa sobre coisas sem importância, e quando já íamos à terceira chávena de chá, o meu marido decidiu-se a disparar as más notícias. O diálogo não ia ser nada fácil, e o meu irmão ia ficando com um ar cada vez mais deprimido à medida que Karim o ia informando de tudo o que pudera apurar.

A expressão de Ali passara, numa questão de segundos, da bonomia à mais profunda tristeza. Pela primeira vez na minha vida, senti alguma simpatia pelo meu irmão, recordando nesse momento palavras que muitas vezes ouvira de pessoas que eram mais sábias que eu. «Aqueles cujas mãos estão na água não podem esperar felicidade daqueles cujas mãos estão no fogo».

As mãos de Ali estavam no fogo.

Majed foi chamado à nossa presença e a arrogante fachada do rapaz desabou por completo quando viu a expressão furibunda do pai. Queria odiar aquele rapaz, mas lembrei-me de um incidente que ocorrera na minha infância. Depois de ter sido chamado à atenção por uma pequena infração, Ali chamara à nossa mãe beduína ignorante e fizera mesmo intenção de lhe dar um pontapé. Quando eu e as minhas irmãs pedimos à nossa mãe que batesse em Ali com uma vara que ela tinha, a nossa mãe, com um ar muito triste, respondeu-nos: «Acho justo que se castigue um rapaz só porque ele é igual ao pai?».

Ali era igual ao nosso pai tanto no caráter como ao nível do comportamento. E Majed era a imagem de Ali.

Deixamos a residência do meu irmão quando Ali desatou a bater em Majed.

Uma semana mais tarde, Ali confidenciou ao meu marido que o problema estava «resolvido». Contou-lhe que localizara o funcionário paquistanês e que fizera dele um homem muito rico. Entretanto, o paquistanês investira o seu dinheiro no Canadá e, com a assistência de Ali, receberia em breve um passaporte a fim de poder emigrar para aquele país. A nossa família, asseverou Ali, nunca mais ouviria falar do chantagista.

Abanando a cabeça de perplexidade, o meu irmão comentou para Karim: «Imagina só: tanto barulho apenas por causa de uma mulher!».

A administração do hospital e a família da mulher violada pelo meu sobrinho nunca chegaram a conhecer a verdade, nunca souberam que o culpado era um membro da família real.

Majed foi rapidamente enviado para uma escola num país ocidental.

A minha filha Amani, convencida de que o pior castigo que podia ser aplicado a um saudita era ser expulso da terra do Profeta, ficou mais tranqüila e não voltou a falar do caso.

Uma vez mais, a riqueza absolvera a família de um crime que um dos seus membros cometera.

Suponho que não devia ter ficado revoltada ou estupefata, já que, como o meu irmão dissera, tratava-se apenas de uma mulher, não mais que uma mulher...

Parecia que nada nem ninguém conseguiria perturbar o domínio que os homens exercem sobre o meu país. Nem mesmo quando um desses homens cometia o mais hediondo de todos os crimes.

VIII UM CASO DE AMOR

Quando o amor te chamar, segue-o, ainda que os seus caminhos sejam agrestes e íngremes.
KAHLIL GIBRAN

Amani e Maha acordaram-me de uma agradável sesta. Os gritos das minhas filhas chegavam aos meus aposentos privados, apesar de as portas serem particularmente maciças.

Que teria Amani feito agora? — perguntei a mim mesma enquanto me vestia à pressa. Depois da sua conversão religiosa, Amani ganhara o hábito de dizer às pessoas tudo o que pensava acerca delas, não hesitando nunca em enumerar as ações imorais dos irmãos, procurando sempre um pretexto para censurar os seus familiares.

Abdullah mostrava-se relutante em dar-lhe luta. Temendo a ira da irmã, tão imprevisível quanto insaciável, o meu filho limitava-se a maior parte das vezes a ignorar a irmã. Nas raras ocasiões em que Amani exigia coisas simples, Abdullah capitulava.

Tal concórdia, contudo, era impossível com Maha. A irmã mais velha de Amani tinha um caráter pelo menos tão forte como o dela, já que o temperamento agressivo de Maha era um dado evidente desde que nascera.

Segui o som dos gritos das minhas filhas. Vários criados estavam parados à porta da cozinha, mas nenhum deles parecia interessado em interromper aquilo que, para eles, era um divertimento impagável.

Tive de empurrá-los para poder entrar na cozinha.

E devo dizer que cheguei no momento oportuno. Maha, muito mais impetuosa que a irmã, reagira violentamente às últimas normas que Amani lhe queria impor. Quando corri para as minhas filhas, verifiquei que Maha atirara a irmã ao chão e estava a esfregar-lhe a cara nas páginas do jornal da manhã!

Estava acontecendo exatamente aquilo que eu previra!

Na semana anterior, Amani e o seu grupo religioso tinham chegado à conclusão de que os jornais do reino eram sagrados porque as suas páginas continham a palavra Deus, as afirmações do Sagrado Profeta e versículos do Alcorão. A comissão decretara que não se podia pisar os jornais, nem comer em cima deles, nem deitá-los ao lixo. Nessa altura, Amani comunicara à família a sua decisão religiosa e, agora, era evidente que apanhara Maha a cometer um ato de desobediência, um ato que infringia as suas nobres instruções.

O resultado era fácil de prever.

Gritei: «Maha! Larga a tua irmã!». Espicaçada pela sua revolta, Maha parecia não ter ouvido as minhas ordens. Fiz uma vã tentativa para afastá-la da irmã, mas Maha estava decidida a dar uma lição a Amani. Como era mais forte que eu e Amani juntas, Maha acabaria certamente por vencer com relativa facilidade aquele combate a três.

Toda afogueada e ofegante, olhei para os criados a pedir-lhes ajuda e um dos motoristas egípcios acedeu rapidamente ao meu pedido. O homem tinha uns braços muito fortes e não lhe foi difícil separar as duas irmãs desavindas.

Uma batalha atrai sempre outra. Os insultos verbais substituíram a força física. Maha desatou a praguejar contra a irmã, enquanto esta chorava amargas lágrimas e acusava Maha de ser uma ateaia.

Propus-me mediar o conflito, mas não conseguia fazer-me ouvir. Então, belisquei-lhes os braços com toda a força até conseguir reduzi-las ao silêncio. Maha ergueu-se manifestamente contrafeita. Amani, ainda no chão, desatou a endireitar as páginas amarfanhadas do jornal. Não havia dúvida de que a minha filha cumpria integralmente as suas devoções.

As causas deste fervor religioso eram muitas e os resultados incontáveis. Ocorreu-me que certas pessoas só mostram o que têm de pior nas suas atividades religiosas. Esse era por certo o caso de Amani. No passado, sentira simultaneamente dúvidas e esperança de que a religião, ao

fim de algum tempo, acalmasse Amani, em vez de incitá-la à violência. Agora, porém, tinha a triste certeza de que no caso de Amani a religião teria necessariamente efeitos violentos.

A minha paciência não igualava a minha ira e conduzi-as às duas pelas orelhas até à sala-de-estar. Com uma voz firme, ordenei aos criados que nos deixassem a sós. Lancei um olhar feroz às minhas filhas, pensando, injustamente, que cometera um sério erro ao deitar a este mundo criaturas tão conflituosas.

«Para uma mãe, o choro do recém-nascido não é mais do que uma sirene de aviso», disse eu para as minhas filhas.

O meu rosto e o meu olhar deviam parecer os de uma louca, já que as minhas filhas estavam claramente impressionadas. Manifestavam um respeito muito curioso quando a mãe passava por crises de aparente insanidade.

Decidida a evitar uma rixa a três, depois de uma rixa a dois, cerrei os olhos e respirei fundo. Recuperando a calma, disse às minhas filhas que cada uma delas teria todo o tempo que fosse preciso para se explicar, mas que não admitiria mais violência.

Maha não se conteve por mais tempo. «Isto já é demais, mãe! Amani está a pôr-me louca! Ou ela me deixa em paz, ou...» - Maha fez uma pausa, procurando o pior insulto possível - «... ou vou ao quarto dela e rasgo-lhe o Alcorão!».

Amani ficou estupefata de horror.

Sabendo quão impudente Maha podia ser quando se lhe metia uma coisa na cabeça, proibi-a terminantemente de cometer tão irreverente ato.

Maha prosseguiu, dando largas à sua raiva. «Já se viu idéia mais estúpida? Não deitar fora os jornais velhos...! Qualquer dia teremos de construir um armazém só para guardar os jornais!». Virou-se para a irmã e atirou-lhe: «Você perdeu por completo o juízo, Amani!». Olhou depois para mim e acusou a irmã de ser uma ditadora. «Mãe, desde o momento em que a Haj terminou, Amani deixou de se comportar como minha irmã, como alguém que é igual a mim! Pelo contrário, passou a comportar-se como meu chefe, como meu amor!».

Concordava inteiramente com Maha. Com uma rapidez impressionante, as convicções religiosas de Amani haviam passado de um estado de total confusão a uma visão absolutamente florescente. A sua noção daquilo que estaria bem aos olhos de Deus resultara em ridículas normas caseiras que se aplicavam a todos os membros da sua família.

Poucos dias antes, Amani descobrira um dos nossos jardineiros filipinos exibindo orgulhosamente um par de sandálias de borracha, em cujas solas fora impresso o nome de Deus.

Em vez de conceder ao homem o esperado elogio, Amani rompeu em gritos desvairados, arrancou as sandálias das mãos do jardineiro e desatou a acusá-lo de blasfêmia, ameaçando-o com severas punições.

O jovem jardineiro, sem conseguir controlar as lágrimas, confessou que comprara as sandálias no Bahtha, um popular suq* situado no centro de Riade. O pobre homem pensara que os seus patrões muçulmanos ficariam satisfeitos quando soubessem que o nome de Deus estava impresso nas solas das suas sandálias.

Considerando estar perante uma obra do diabo, Amani convocou uma reunião do seu grupo religioso unicamente para denunciar as sacrílegas sandálias. Os membros do grupo ficaram literalmente estupefatos.

Depressa a notícia se espalhou a outros grupos religiosos, do que resultou a distribuição de panfletos por toda a cidade, avisando as pessoas de que não deviam comprar nem usar tal calçado.

É verdade que aquelas sandálias eram, para nós, particularmente repulsivas, dado que, enquanto Muçulmanos, não devemos nunca pisar nada que tenha o nome de Deus inscrito; aliás, quando tiramos os sapatos, nem sequer devemos deixá-los com a sola para cima, pois pode

* suq, mercado do Médio Oriente muçulmano (N. do T.).

constituir um insulto ao nosso Criador. Contudo, a reação de Amani era manifestamente exagerada, dado que o jardineiro filipino não tinha a mesma fé que nós e não conhecia as nossas verdades. A minha filha era cruel nas suas violentas denúncias.

Concentrando-me de novo na presente crise, fitei as minhas duas filhas.

Como receava que as ameaças de Maha se tornassem realidade, Amani prometeu que a partir daí se coibiria de esquadrihar os hábitos dos seus familiares.

Maha declarou que só se comprometeria a abdicar da violência se Amani a deixasse seguir as suas próprias inclinações, por muito erradas que estas pudessem ser aos olhos da irmã.

Fiz votos para que a trégua durasse, mas tinha sérias dúvidas quanto a uma tal possibilidade, pois Amani parecia viver só para julgar os outros e só estar feliz quando se envolvia nalguma guerra religiosa. E Maha não era pessoa para reagir timidamente aos insultos da irmã.

As minhas duas filhas, obrigadas a um contato diário, produziam uma mistura demasiadamente volátil e, por isso mesmo, a paz nunca poderia durar muito.

Superei a desolação em que me enredara e decidi dar largas à afeição maternal. Com o meu mais profundo amor, abracei cada uma das minhas filhas.

Maha, sempre pronta a revoltar-se e mais pronta ainda a perdoar, premiou-me com o seu mais sincero sorriso de paz. Amani, lenta a perdoar aqueles que considerava seguirem vias erradas, não se deixou amolecer com o meu afeto, mantendo o mesmo ar rígido de sempre.

Esgotada com os trabalhos a que me obrigava a condição de mãe, observei atentamente as minhas filhas enquanto se afastavam, seguindo cada uma o seu caminho.

A sala ficou imediatamente vazia da energia brutal das duas irmãs, mas a calma que daí resultara não era propriamente reconfortante. Sentia-me nervosa e disse para mim mesma que precisava de um estimulante.

Toquei a sineta para chamar Cora e pedi-lhe que me trouxesse uma chávena de café turco. Depois, sem perceber por que, mudei de idéias e pedi-lhe que me fizesse uma bebida forte: uma mistura de Bourbon e cola.

Cora ficou a olhar para mim, boquiaberta de estupefação. Era a primeira vez que eu lhe pedia uma bebida alcoólica durante o dia.

«Vá lá, traz-me a bebida», ordenei-lhe.

Sentei-me a ler o jornal sem conseguir atentar realmente nas notícias. Estava a pensar que desejava aquela bebida com uma ansiedade desconcertante quando Abdullah chegou a casa.

Abdullah avançou pela sala de entrada com uma passada excessivamente rápida. Vi de relance o seu rosto e não gostei do que vi. Habituada ao seu caráter afável, concluí que aquela expressão sombria só podia resultar de uma profunda inquietação.

«Abdullah!», chamei.

O meu filho veio ter comigo e, sem esperar pelas minhas perguntas, revelou o que o angustiava.

«Mãe! Jafer fugiu do país!».

«O quê?».

«Fugiu! Fugiu com Fayza, a filha de Fuad!».

Atordoada pela confusão e pela incredulidade, não conseguia dizer nada. Fiquei paralisada, boquiaberta, a olhar para o meu filho.

Apesar dos seus vinte e poucos anos, Jafer Dalal era já profundamente admirado por todos os que o conheciam. Era um homem simultaneamente belo e forte, com um semblante sério, mas afável que denotava uma sabedoria tranqüila e uma força serena. Era um conversador excelente, um cavalheiro refinado e cortês. Jafer era um dos poucos jovens em quem Karim confiava plenamente no que tocava às mulheres da sua família.

Por outro lado, Jafer era o mais querido e apreciado amigo do meu filho.

Muitas vezes dissera a Karim que teria gostado de conhecer os pais de Jafer, pois nunca conhecera um jovem tão bem educado. Tal não era possível, porém, já que a mãe de Jafer morrera tinha ele apenas doze anos e o seu pai fora morto na guerra civil libanesa cinco anos

depois. O seu único irmão, mais velho quatro anos, fora seriamente ferido na guerra do Líbano e residia num estabelecimento para os mutilados da guerra no sul do Líbano. Órfão ainda adolescente, e sem parentes que lhe oferecessem abrigo, Jafer deixou o único lar que conhecera e foi viver com um tio que havia emigrado para o Kuwait, onde trabalhava para um kuwaitiano particularmente abastado.

Sendo palestino e sunita, nascido e criado nos campos de refugiados do sul do Líbano, Jafer não tivera uma vida fácil.

Quando da invasão do Kuwait pelo Iraque, a OLP apoiou Saddam Hussein. Não admira que, terminada a guerra, os cidadãos kuwaitianos manifestassem um intenso ressentimento em relação à vasta população palestina. Embora o tio de Jafer e a sua família tivessem permanecido leais ao seu patrão kuwaitiano, podendo por isso mesmo continuar a viver no Kuwait, o ódio aos Palestinos era tal que o multimilionário kuwaitiano recomendou à família que emigrasse para outro país. O amável magnata não queria que uma família tão notável corresse riscos permanecendo no Kuwait. «Deixem passar alguns anos», prometeu-lhes, «até que esta crise termine».

Este magnata kuwaitiano tinha sociedade com Karim e sugeriu ao meu marido que o tio de Jafer era o homem indicado para um determinado posto nos escritórios da companhia em Riade.

Acontece que, por essa altura, havia algum azedume entre o nosso rei e Yasser Arafat, por causa da Guerra do Golfo, do que resultara uma clara tendência para evitar dar emprego às pessoas que tinham a nacionalidade palestina. No entanto, e porque era um membro altamente colocado da família real, Karim podia fazer o que muito bem entendesse. E, seguindo as recomendações do seu sócio kuwaitiano, resolveu dar emprego ao tio de Jafer.

Na realidade, o tio de Jafer tornou-se num dos homens de confiança de Karim, que o incumbia de missões difíceis e importantes. Jafer acompanhava o tio e tanto impressionou o meu marido que este acabou por lhe confiar a direção dos seus escritórios de advocacia.

Jafer e Abdullah tornaram-se rapidamente amigos; o meu filho dizia mesmo que Jafer era o irmão que nunca tivera.

Jafer entrara nas nossas vidas apenas dois anos antes; no entanto, a nossa família depressa o adotara, tratando-o como se ele fosse realmente um dos seus membros.

Extremamente atraente, Jafer chamava a atenção das mulheres sempre que aparecia em público. Abdullah dizia que, nos restaurantes dos hotéis, era freqüente as mulheres fazerem convites a Jafer. Certa vez, Jafer acompanhara Abdullah na visita a um primo nosso que estava internado no Hospital Rei Faïçal. Três enfermeiras estrangeiras tinham dado os seus números de telefone a Jafer após uma conversa de poucos minutos.

Achava Jafer dotado de uma sabedoria que não se coadunava com a sua idade, já que conseguia dar a idéia de levar uma vida de celibatário num país que via com maus olhos as relações ilícitas entre homens e mulheres.

Apercebendo-se de que o jovem não tinha ninguém e estava já com uma boa idade para casar, Karim criticou Jafer pelo seu obstinado celibato. Propondo-se apresentá-lo a amigos libaneses ou palestinos que poderiam, por sua vez, apresentá-lo a mulheres muçulmanas desses países em idade de casar, Karim declarou que seria uma tragédia se Jafer evitasse o amor, acrescentando que até mesmo o melhor dos homens podia ser arruinado por tão excessiva virtude!

Piscando o olho na minha direção, Karim acrescentou, maliciosamente, que todos os homens deviam experimentar os prazeres e as atribulações proporcionados por uma companhia feminina.

De brincadeira, fiz um gesto ameaçador para o meu marido, pois conhecia a verdade - que Karim, um pai feliz, não conseguia imaginar uma vida sem filhos.

Karim falhou na sua tentativa para arranjar companhia feminina para aquele jovem que respeitava e amava, dado que o jovem palestino nunca aceitou os generosos convites do meu

marido.

Abdullah fez aumentar ainda mais o mistério em torno de Jafer, revelando-nos que o seu amigo recusava educadamente, mas com firmeza, todas as ofertas de companhia feminina.

Fiquei surpreendida, mas andava tão consumida com os problemas criados pelas minhas filhas que não mais me debrucei sobre a vida privada de Jafer.

Examinando agora o caso com a distância que o tempo permite, pergunto-me como foi possível imaginar que um homem tão sensual e vigoroso como Jafer rejeitasse tudo o que o amor tinha para lhe dar.

A verdade sobre os motivos por que Jafer adiava constantemente o seu casamento acabou por rebentar como uma bomba. De tal forma que a sombra de uma tragédia pairava já sobre a sua cabeça.

Abdullah, que nutria por Jafer a mais entranha das amizades, não conseguia conter a sua profunda mágoa. Num tom desconcertantemente infantil, queixava-se de que Jafer nunca lhe dissera nada acerca da sua ligação com Fayza.

Aquele me parecia ser o período mais sombrio da jovem vida de Abdullah. A inocência do meu filho trespassava-me o coração. Custava a crer que celebraria em breve o seu vigésimo aniversário.

Karim chegou nesse momento. Estava tão furioso como Abdullah estava triste. «Abdullah!», gritou. «Puseste em risco a tua vida e as vidas de inocentes!».

Karim disse-me então que, mal soubera do desaparecimento de Jafer, Abdullah ficara deprimido e deixara o escritório do pai com uma disposição inquietante. Temendo pela segurança do seu único filho, Karim perseguiu-o como um louco pelas ruas da cidade.

Abdullah seguia no seu carro a alta velocidade. A certa altura, o carro de Abdullah passou para a faixa contrária e obrigou uma série de condutores a sair da estrada.

«Podias ter morrido!», gritou-lhe Karim. E tão agitado ficou com essa eventualidade que chegou ao pé do nosso filho e deu-lhe uma bofetada.

A bofetada, porém, foi um choque para Karim, que logo caiu num silêncio de que parecia não conseguir sair.

Ao longo dos turbulentos anos de crescimento dos nossos filhos, muitas vezes os belisquei e esbofetei com irresistível prazer.

Mas Karim... Karim nunca pusera sequer um dedo em nenhum dos nossos filhos!

O meu marido ficou tão espantado como eu com a ação que acabara de cometer. Os seus olhos fixavam a sua mão, como se esta não lhe pertencesse.

Vendo o filho a tremer, abraçou-o e pediu-lhe desculpa, dizendo que, depois daquela tresloucada perseguição pelas ruas da cidade, ficara de cabeça completamente perdida.

As emoções que sentíamos eram tão intensas que só ao fim de algum tempo nos debruçamos sobre o mistério do secreto amor entre Jafer e Fayza.

Fayza era filha de Fuad, sócio de Karim em três companhias estrangeiras. Fuad não pertencia à família Al Sa'ud, mas casara com a filha de um membro da nossa família.

De fato, muitos anos antes, Fuad fora autorizado a casar-se com uma mulher da família real, apesar de não pertencer a um clã do Najd (a zona central da Arábia Saudita) e de a sua tribo não ter qualquer ligação aos Al Sa'uds. De um modo geral, as mulheres da família real só casavam com homens exteriores a essa família por razões políticas ou económicas. Fuad vinha de uma próspera família de negociantes de Djedda que combatera tenazmente contra os Al Sa'uds durante os primeiros tempos da formação do reino saudita.

Ansiando por forjar um laço entre a sua família e a família reinante, Fuad propôs-se oferecer um dote extremamente valioso a Samia, uma princesa que, como nós comentávamos amavelmente, fora poupada ao deprimente empecilho da beleza física.

Na família real, ninguém podia acreditar na tremenda sorte de Samia, pois há muito que ela se resignara a aceitar um destino de solteirona. De fato, os cruéis comentários que circulavam acerca da sua pele cheia de manchas, dos seus olhos pequeninos e das suas costas sempre

curvadas, tinham transformado em quimera o seu eventual casamento.

Decidido a ligar-se ao venerado clã Al Sa'ud, Fuad soube dos poucos predicados físicos de Samia através de mulheres que conheciam a família real, mas o seu único desejo era casar-se com uma mulher virtuosa. De fato, Fuad ouvira as mulheres da sua família contar demasiadas histórias sobre mulheres sedutoras que davam esposas terríveis, a partir do momento em que, requintadamente penteadas e trajadas, não pensavam noutra coisa senão em possuir luxuosas residências, um ror de criados e jóias sem fim.

Fuad sabia reconhecer os conselhos sensatos. Denunciando o engodo da beleza, disse que desejava uma mulher calorosa e bem-disposta. A princesa que pretendia, ainda que não preenchesse os requisitos dos poetas, era um dos elementos mais populares da família real, muito querida pela sua simpatia e graciosidade.

Imaginando que Fuad não passava de um idiota, a família de Samia aceitou a oferta e o casamento foi marcado.

Fuad ficou muito satisfeito com a esposa, pois não faltava a Samia o tão desejado sentido de humor, o qual, como Fuad muito bem sabia, seria sempre um esteio seguro no meio das atribulações do casamento. E a noiva tornou tudo mais fácil, pois apaixonou-se perdidamente pelo marido. Com o resultado de que aquela união parecia ser a encarnação da felicidade.

Fuad adorava a sua esposa - a sua única esposa - e, ao fim de algum tempo, era já o pai orgulhoso de três rapazes e uma garota. Por um daqueles estranhos caprichos que a natureza por vezes se permite, Fuad, um homem sem nada de belo, e Samia, uma mulher que era lastimada pela sua aparência física, tiveram os mais inesperados dos filhos. Os três rapazes eram extremamente bem-parecidos, e a garota um deslumbramento.

De todas as garotas que eu conhecia, Fayza seria talvez a única capaz de rivalizar com o esplendor juvenil da minha irmã Sara. As histórias que se contavam sobre a sua pele de alabastro, sobre os seus olhos escuros muito vivos, sobre a sua longa cabeleira tão negra como o carvão, haviam excitado os apetites dos homens sauditas, que tinham de se limitar a imaginar os dotes físicos da garota a partir do que ouviam dizer.

Mas Fayza tinha outras qualidades irresistíveis. Alguma coisa teria de herdar da mãe, e, pelos vistos, herdara o melhor. De fato, Fayza era uma jovem dotada de um sentido de humor raro; espirituosa como era, animava frequentemente as nossas reuniões femininas.

Tinha pena de que ela fosse mais velha que o meu filho, pois achava que Abdullah tê-la-ia amado intensamente, se tal oportunidade lhe tivesse sido oferecida.

Bela, espirituosa e inteligente, Fayza estava a estudar na universidade feminina em Riade. Estava nos primeiros anos do curso de estomatologia e o seu sonho era abrir uma clínica dentária para crianças.

Fuad confessava que gostaria que a filha tirasse um curso, mas que, na realidade, ela não teria necessidade de trabalhar. Cheio de orgulho, confiara a Karim que Fayza, logo que concluísse o curso, casaria com um homem de uma família abastada. Já se tinham realizado reuniões preparatórias e Fuad acabara por escolher três jovens de influentes famílias. Quando concluísse o curso, Fayza poderia participar em reuniões conduzidas pelos seus familiares, a fim de escolher um dos três jovens em questão. Desse modo, a jovem poderia ter uma palavra a dizer quanto ao seu futuro.

Quando Karim me contou os planos de Fuad para a filha, senti uma alegria imensa, pensando nas diferenças, obviamente para melhor, entre os tempos atuais e os tempos da minha juventude! Nenhuma das minhas irmãs pudera manifestar a sua opinião quanto à escolha dos seus maridos. E quanto a Sara... Bom, quanto a Sara, quem poderá esquecer o pesadelo que ela teve de suportar no seu primeiro casamento com um indivíduo repugnante? A minha irmã tinha apenas dezesseis anos quando o nosso pai a obrigou a casar-se com um homem que tinha mais quarenta e oito anos do que ela! O indivíduo em questão era muito rico e tinha negócios com a nossa família. Sara ficou completamente histérica quando soube da triste notícia, suplicando ao nosso pai que tivesse misericórdia dela e cancelasse o casamento. Infortunadamente, nem sequer

a nossa mãe teve força para alterar a situação. Sara acabaria por poder divorciar-se, mas só depois de ter tentado suicidar-se. A minha irmã era uma garota inocente que ignorava por completo os homens e os seus apetites sexuais, mas o primeiro marido dela sujeitou-a aos mais cruéis abusos sexuais. Esse trágico matrimônio traumatizara muito a minha irmã e quase lhe roubara a vida.

Na minha família, eu fui a única mulher que teve o privilégio de conhecer o marido antes do casamento. E essa decisão resultara exclusivamente das ações de uma garota corajosa, combinadas com a determinação de um pretendente muito particular.

Quando soube que casaria com um primo da família real, telefonei à irmã desse primo, dizendo-lhe que, em tempos, sofrera um acidente com produtos químicos e que ficara marcada para toda a vida. Na Arábia Saudita, não deve haver nada que seja mais apreciado do que a beleza feminina. O boato que eu intencionalmente propagara (a fim de que o casamento fosse cancelado) provocou uma reunião com um grupo de mulheres da família desse primo. Essas mulheres inspecionaram-me como se eu fosse um camelo à venda na feira, e a certa altura, reagindo furiosamente à humilhante inspeção, desatei a bater e morder nelas tanto quanto podia, só me dando por satisfeita quando elas se puseram em fuga, jurando nunca mais entrar na minha casa. Quando Karim soube do meu comportamento, insistiu em encontrar-se comigo. Afortunadamente, Karim e eu sentimos desde logo uma atração muito grande um pelo outro. Se assim não fosse, quem poderia prever o que me iria acontecer?

Agora, porém, um homem que havia crescido na mais opressiva das épocas dizia, com o ar mais normal deste mundo, que a sua filha teria a possibilidade de escolher marido!

Será escusado dizer que esta notícia me deixou profundamente feliz.

Contudo, o meu júbilo não durou muito tempo, pois sabia que a maior parte das mulheres do meu país continuavam a ser usadas como galardões políticos ou econômicos. No entanto, disse para mim mesma, cada batalha individual que as mulheres venciam acabaria por nos conduzir a uma vasta e esmagadora vitória!

E agora, os sonhos de Fuad para o futuro da sua filha tinham-se desfeito em pó! A sua única filha, uma bela mulher que era pretendida pelos homens mais ricos do país, fugira com um refugiado palestino que não tinha um tostão no bolso!

«Como é que isso pôde acontecer?», perguntei ao meu marido.

Graças às informações fornecidas por Samia e vendo o caso de um ponto de vista legal, pois eram ambos advogados, Karim e Fuad tinham reconstituído o drama dos dois jovens apaixonados.

Algumas semanas depois de Jafer ter começado a trabalhar na firma, a família de Fuad deslocou-se ao escritório a fim de assinar alguns papéis. Fuad fizera importantes investimentos no estrangeiro e pusera tudo em nome dos seus filhos.

Jafer era responsável pelos aspectos legais dos documentos. Quando a família de Fuad chegou ao escritório, foi conduzida ao gabinete de Jafer, onde o jovem foi instruído no sentido de obter as assinaturas necessárias. Como mandam os nossos costumes religiosos, Samia e a filha traziam véu. Sentindo-se protegidas num gabinete fechado, e na presença de um funcionário de confiança, as duas mulheres tiraram os véus dos rostos a fim de lerem e assinarem os documentos.

Agora que a bomba rebentara, Samia lembrava-se de que Fayza e Jafer tinham passado o tempo a olhar um para o outro. Revelando uma inocência que não espantava ninguém, tratando-se de uma mulher que ignorava por completo os caminhos tortuosos do mal, Samia confessou que não relacionara o comportamento nervoso da filha e as garatujas que fizera em jeito de assinatura com o emaranhado de incríveis fantasias que, de súbito, tomara conta da cabeça de Fayza.

Pode dizer-se que, durante esse episódio, Samia olhara sem ver e escutara sem ouvir, o funcionário, tão simpático e bem-apegoado, oferecera-lhes chá. Tratava Fayza de uma forma particularmente afável e Fayza não se escusava a agradecer as atenções do jovem. As suas mãos tocaram-se ligeiramente na inocente troca de canetas ou chávenas de chá. Samia disse ao marido

que, na altura, pensara que tais contactos eram puramente acidentais.

Segundo o meu marido, Fuad desatara a insultar e a censurar a esposa, dizendo-lhe que todos os homens eram por natureza uns vilões, e que ela, a mãe de uma garota inocente, deveria ter percebido logo a natureza diabólica do palestino! Fuad dizia que Jafer não passava de um homem com um poema nos lábios e um punhal no bolso!

Samia não se lembrava de mais nada, exceto que a filha parecera afogueada e febril durante aquele encontro no escritório.

A criada filipina de Fayza, Connie, estava a par de muitos e variados pormenores. Karim e Fuad interrogaram-na cuidadosamente. Os dois homens descobriram que o caso era muito mais complexo do que parecia. Além disso, segundo Connie, o principal instigador da paixão e conseqüente fuga fora Fayza e não Jafer.

Connie informou os dois homens de que Fayza se apaixonara à primeira vista e que se deixara consumir por um amor que, ao fim de pouco tempo, já lhe tirava o sono e o apetite. Sentindo-se dilacerada entre a lealdade à família e o desejo sexual por Jafer, Fayza confessou à criada que o amor teria de vencer. Ou casaria com Jafer, ou não se casaria com ninguém.

Connie disse ainda que nunca vira uma mulher tão profundamente apaixonada por um homem.

Conhecendo os planos dos pais de Fayza para a jovem, Connie viu-se numa posição que ninguém invejaria. Não poderia contar a verdade acerca de Fayza, mas sabia que, mais tarde ou mais cedo, teria de fazê-lo. A empregada filipina jurou a Fuad que advertira Fayza de que a filha de uma abastada família saudita, com íntimas ligações aos Al Sa'uds, não podia acabar com um mero funcionário palestino. Tal situação só poderia conduzi-la ao mais negro infortúnio.

Como conheço bem e critico severamente esta sociedade dominada pelos homens, não pude deixar de analisar o caso segundo uma perspectiva diferente, o que me levou a refletir sobre quem realmente deveria ser censurado. Tendo em mente os hábitos sociais opressivos da Arábia Saudita, interrompi Karim e disse-lhe que tinha chegado a uma conclusão muito clara: a reação excessiva de Fayza a um homem a que não faltavam encantos nem beleza física vinha afinal cobrir de ridículo o sistema em que vivíamos. Se homens e mulheres pudessem encontrar-se em circunstâncias normais, estes casos de paixão à primeira vista seriam menos freqüentes.

Embora acredite que as grandes atrações podem conduzir a um amor genuíno, tal como sucedeu com a minha irmã Sara e o seu marido, Asad, estou certa de que, em tais circunstâncias, os desfechos felizes são necessariamente raros. Quando a vida das pessoas é justificada por agressivas restrições sociais, quando jovens de ambos os sexos raramente têm a oportunidade de desfrutar da companhia uns dos outros, as emoções espontâneas encontram um terreno fácil e conduzem muitas vezes a terríveis tragédias pessoais.

Com uma expressão irritada, Karim disse que abandonaria a sala se eu insistisse em deitar achas para a fogueira com as minhas conhecidas teorias sobre a opressão da mulher na cultura saudita!

Os olhos de Abdullah pediam-me insistentemente que não fizesse uma cena. Por ele, e só por ele, concordei em calar-me.

Karim, sutilmente satisfeito, continuou a descrever o drama.

Fayza dizia a Connie que o seu coração se abrira para o amor e que sabia que Jafer também a amava. No entanto, Jafer era vulnerável, pois tinha um baixo estatuto social, quando comparado com o dela. Fayza temia que o seu apaixonado não tomasse nunca a iniciativa.

Certo dia, Fayza, revelando uma extrema impudência, telefonou para o gabinete de Jafer, pedindo-lhe que se encontrasse com ela e prometendo-lhe que a sua família nunca saberia do encontro.

Jafer, embora reconhecendo que uma mulher nunca o afetara tanto como Fayza, recusou a tentadora oferta, perguntando à garota que benefícios poderiam advir de uma tão breve felicidade, já que, quando a sua relação terminasse, a perda conduziria a uma insustentável tortura mental.

Fayza confiou jubilosamente a Connie que já tinha conquistado Jafer e que estava certa de que em breve se veriam, pois as suas conversas ao telefone eram o mais apaixonadas que se podia imaginar. Jafer ter-lhe-ia dito que se alguma vez chegasse a possuí-la, nunca mais a deixaria. As suas palavras, segundo Fayza, eram a delícia das delícias!

Fayza persistiu. Ao fim de duas semanas de telefonemas cada vez mais íntimos, achas poderosas para a fogueira do desejo, Jafer acabou por vacilar. Combinaram então encontrar-se no Ak Akariya, uma vasta zona comercial da cidade de Riade.

Finalmente, a filha de Fuad, com o rosto encoberto pelo véu e intitulado-se parente de Jafer, caminhava ao lado do homem que desejava. Andaram de loja em loja, procurando conhecer-se melhor. Poucas suspeitas levantaram, pois um homem árabe acompanhado por uma mulher velada não tem nada de invulgar na nossa cidade.

Aquelas caminhadas, aquelas deambulações pelas lojas, pareciam-lhes muito pouco naturais, mas ambos receavam entrar num restaurante, pois sabiam que os restaurantes eram o principal alvo das comissões dos bons costumes, cujos membros importunam as pessoas de todas as nacionalidades que vivem na Arábia Saudita.

Tais comissões são compostas por indivíduos extremamente agressivos que, inopinadamente, cercam e invadem os estabelecimentos de restauração, exigindo a identificação dos clientes. Se um homem e uma mulher não conseguirem provar que são marido e esposa, irmão e irmã, ou pai e filha, serão detidos, escoltados até à prisão e punidos conforme as autoridades muito bem entenderem. As punições legais variam conforme a nacionalidade do «criminoso». Os infratores muçulmanos podem ser açoitados por conduta social imprópria, ao passo que os não-muçulmanos são presos ou deportados.

De início, Jafer e Fayza ajustaram o seu comportamento moral à situação prevalecente.

Ao fim de algum tempo, porém, Jafer alugou um apartamento, oferecido por um amigo libanês que compreendeu a situação dele. Nesse apartamento, os dois amantes poderiam encontrar-se em privado. Visto que não podia conduzir por ser mulher, Fayza confiou num motorista da família. Sabendo que o encobrimento poderia valer ao motorista a deportação ou pior ainda, Fayza ofereceu ao homem uma avultada soma, que foi o bastante para convencê-lo a aceder aos pedidos da patroa.

De uma atração física muito forte floresceu então um amor irreprimível. Os amantes sabiam que nenhum deles conseguiria amar outra pessoa. Jafer pediu a Fayza que se casasse com ele. No preciso momento em que procuravam arranjar coragem para revelar a verdade às respectivas famílias, uma crise eclodiu. Um dos homens mais ricos da Arábia Saudita contactou Fuad para lhe pedir a mão da bela Fayza, em nome do seu filho mais velho. As pressões em torno de Fayza eram insustentáveis. Fuad insistia que o pretendente em causa era um jovem absolutamente irrepreensível.

«Lutei tanto para construir uma relação perfeita, e agora o meu pai, sem mais nem mais menos, pretende destruí-la!», queixava-se amargamente Fayza à sua confidente e criada.

Os desesperados amantes tomaram então a decisão de fugir do país.

Fuad fora enganado, a sua honra fora seriamente manchada, e agora não recuaria perante nada para encontrar a sua única filha!

Sabendo das dificuldades com que deparam as mulheres para viajar livremente na Arábia Saudita, perguntei ao meu marido: «Como é que Fayza conseguiu deixar o reino sozinha?».

«Ela não foi sozinha», respondeu Karim.

Fiquei contente por ouvir que Fayza não cometera o pecado de viajar sozinha. Devido às normas religiosas, as mulheres sauditas estão proibidas de viajar sozinhas; terão de ter a escolta de pelo menos um homem da sua família. Esta restrição específica vem diretamente das palavras do Profeta: «Aquele que acredita em Alá e no Dia do Juízo Final não deve realizar viagens que demorem normalmente um dia e uma noite, ou mais, a menos que seja acompanhada por um mahram».

Este mahram é um parente com quem a mulher em questão não se pode casar: o pai, um

irmão, um tio, um sobrinho, o padrasto, o sogro ou um enteado. Também pode viajar com o marido, como é lógico.

Descobri que Fayza possuía extraordinários talentos na arte do embuste. Começou por dizer aos pais que precisava de se afastar por algum tempo, pois sentia-se sufocar com tantas pressões. Em seguida, sugeriu à mãe que estaria disposta a dar uma resposta positiva à proposta de casamento, se antes pudesse gozar umas breves férias. Gostaria em particular de visitar uma prima que se tinha casado com um homem do Dubai. Não custava nada aos pais darem-lhe um fim-de-semana de férias antes que assumisse um compromisso definitivo.

Samia estava de cama com problemas de coluna e, por isso, Fayza seria acompanhada pelo irmão mais novo.

Jafer marcara as suas férias para o mesmo período, mas, como é evidente, ninguém iria suspeitar de tal coincidência. Mesmo que possuíssem uma imaginação desenfreada, nenhum dos familiares de Fayza teria suspeitado de uma eventual ligação entre Jafer e Fayza.

Mal se viu no ambiente seguro do Dubai, longe dos tremendos perigos da Arábia Saudita, Fayza aproveitou o fato de o irmão estar a tomar uma ducha para retirar o seu passaporte da mala dele. Depois, disse-lhe que ia fazer compras com outras mulheres, o que não tinha nada de invulgar. O irmão ofereceu-se para levar o grupo de mulheres, deixando-as no Centro Al Ghurair, tanto mais que lhe ficava em caminho, pois ia encontrar-se com um amigo saudita no Chicago Beach Hotel, situado numa das mais belas praias dos Emiratos.

Chegada ao Centro Al Ghurair, uma zona de compras bastante popular, Fayza segredou à prima que tinha de ir ao banheiro mas que não demoraria. A prima, mais interessada em escolher perfumes do que em vigiar Fayza, não desconfiou de nada, prometendo a Fayza que esperaria por ela na loja.

Fayza não voltaria a ser vista. A prima, horrorizada, depressa se deu conta de que ela desaparecera.

Seguiram-se buscas frenéticas. Fuad e a mulher temiam o pior. Fayza teria sido raptada? Violada? Assassinada? Tais crimes eram raros nos Emiratos, o que não quer dizer que não acontecessem.

Quando soube do estranho desaparecimento da sua jovem patroa, Connie teve um ataque de choro e acabou por confessar que existia uma ligação amorosa entre Jafer e Fayza.

O amor de um pai desconhece a razão. Não acreditando que a sua inocente filha pudesse ser capaz de tamanho desvario, Fuad tratou de atirar todas as culpas para cima de Jafer.

Eu e o meu marido nunca ouvimos dizer que Fuad fosse um homem dado a cometer abusos ou a recorrer à força. Todos o conheciam como um indivíduo compreensivo e amável. Tudo mudou, porém, durante o turbilhão emocional provocado pela fuga da filha. Despediu a infeliz Connie, recambiando-a para Manila no primeiro avião. Depois, tomado de uma fúria tresloucada, irrompeu pelos escritórios de Fuad e agrediu o tio de Jafer. Foi uma cena terrível. Fuad chegou mesmo a ameaçar o homem de morte se Fayza não voltasse virgem à Arábia Saudita.

Um secretário indiano do gabinete ao lado, assustado com aquela revolução, chamou a polícia.

Na Arábia Saudita, num caso destes, as responsabilidades são sempre atribuídas ao estrangeiro e nunca ao cidadão saudita. Fuad foi interrogado pela polícia, que logo lhe apresentou desculpas por ter interferido num assunto privado. Mas se Karim não estivesse acima de Fuad na nossa hierarquia, a esta hora o tio de Jafer estaria na prisão.

Na minha família, todos se sentiam tristes com os problemas insolúveis que a vida por vezes nos reserva e ninguém sabia que passos deviam dar.

Sara e eu visitamos Samia. Depois de ter murmurado que «uma vida sem amor seria, sempre um erro», acabei a dizer uma série de asneiras, fazendo com que o rosto de Samia, de seu natural feio, ficasse ainda mais feio. A minha irmã, em contrapartida, sabia exprimir os mais intensos sentimentos da maneira mais calma e acertada possível.

Confusa com a fuga da filha, Samia tinha dificuldade em falar e começou a tartamudear respostas ansiosas face à atitude compreensiva de Sara.

Quando deixamos a casa de Samia, perguntei à minha irmã: «Será possível mudar as antiquadas tradições da nossa sociedade sem a destruição dolorosa das expectativas das gerações mais velhas?».

Em minha opinião, o casamento que resulta de um amor genuíno é mais natural e gratificante. Contudo, no meu país, a maioria escarnece do amor e, depois do casamento celebrado, procura apenas respeito e companhia.

Como haveremos nós, cidadãos sauditas, de sanar as nossas divergências, se é que alguma vez conseguiremos saná-las?

Incapaz de localizar a filha sem assistência profissional, Fuad entrou em contacto com várias agências de detetives privados, tanto em França como nos Estados Unidos. Uma semana depois do desaparecimento da filha, Fuad descobriu que Fayza estava no Nevada, registrada num hotel como esposa de Jafer!

Mal recebeu a notícia, Fuad seguiu com os seus três filhos para a América, decidido a fazer regressar Fayza. Prometeu à mulher que a sua filha não ficaria com um palestino. Cego pela sua tirânica afeição, chegou mesmo a dizer que a morte de Fayza seria preferível à desonra do pai.

A notícia provocou na nossa casa um verdadeiro turbilhão de sentimentos.

A minha primeira reação foi desatar a morder as unhas até os dedos sangrarem. Abdullah caiu num estado de aguda melancolia que ameaçava a sua saúde, pressentindo que nada voltaria a ser como dantes.

Orando pelas almas dos amantes, Amani predisse, com um ar sombrio, que as suas orações não receberiam qualquer resposta, pois os amantes tinham estupidamente imaginado que o Paraíso era na Terra e que, por isso mesmo, as suas almas cairiam em rios de metal fundido mal abandonassem este mundo.

Abdullah lançou um olhar assassino à irmã e comentou acerbamente que talvez Jafer tivesse achado que a perfeição feminina de Fayza valia a renúncia ao Paraíso.

Profundamente preocupada com o destino dos dois amantes, Maha manifestava claramente a sua hostilidade sempre que alguém os criticava, declarando que nenhum homem ou governo deveria ter autoridade sobre o verdadeiro amor.

Abdullah e eu suplicamos a Karim que entrasse em contacto com Jafer, a fim de o avisar de que corria perigo. Disse a Karim que os homens da família de Fayza precisavam de mais tempo para aceitar o fato de que agora a garota pertencia a outro. Não podíamos permitir que fossem guiados pela ira mais extrema; o tempo acabaria por amolecer os impulsos de vingança.

As nossas súplicas foram em vão. O meu marido deixou-me furiosa, pois decidiu seguir a política dos homens sauditas, que consiste em aceitar toda e qualquer injustiça, sempre que essa injustiça é motivada pela obsessão de um homem com as suas mulheres ou a honra da família. Julgando que desse modo o incitaria à ação, insultei-o, dizendo-lhe que estava decepcionada por me ter casado com um homem incapaz de entender as mais profundas complexidades da vida, com um homem insensível e obtuso que não ia além da mera superfície das coisas.

Deixando o meu marido boquiaberto de espanto perante o meu ataque, não resisti a lançar-lhe uma última farpa. «Karim, como é possível que não sintas no teu íntimo nenhum conflito entre a lógica e os sentimentos? Será que não és humano?».

Retirei-me silenciosamente, mas, em segredo, instruí Abdullah para que fizesse o que era preciso fazer. O meu filho revistou então o escritório do pai e descobriu a informação que havia sido comunicada pelos detetives privados ao pai de Fayza.

Embora exultantes, tomamos a precaução de nos escondermos de Karim e Amani, fazendo a chamada durante a longa oração da noite, pois sabíamos que Karim se encontrava na mesquita e que Amani estava fechada no seu quarto, virada para Meca, dizendo as suas orações.

Com os dedos a tremer, o meu filho marcou o número do Mirage Hotel, em Las Vegas, Nevada, onde Jafer e Fayza, segundo os detetives, estavam hospedados.

Vendo a expressão ansiosa do meu belo filho, enquanto esperava pacientemente que a telefonista do hotel ligasse para o quarto, senti-me possuída pela terrível febre que consome as mães angustiadas com o sofrimento dos seus filhos, desejando, com todas as minhas forças, que a dor que atormentava Abdullah abandonasse o seu corpo e se alojasse no meu.

Finalmente, Jafer respondeu do outro lado!

Abdullah fez o possível por encontrar as palavras mais adequadas, a fim de que Jafer compreendesse claramente que corriam graves riscos.

O amigo do meu filho ficou descorçoado com a rápida descoberta do casal, mas sentia-se seguro agora que estava casado. «Que podem eles fazer agora?», perguntou ele a Abdullah.

Quando Abdullah me repetiu a pergunta, tirei-lhe o auscultador das mãos. «Podem fazer muitas coisas, Jafer!», gritei-lhe eu. «A honra de Fuad foi manchada, a sua única filha desapareceu com um homem que é rejeitado pela família! Não sejas parvo! Tu és um árabe, sabes perfeitamente que reações um pai árabe pode ter quando se vê numa situação tão angustiante como esta!».

Jafer procurou aplacar os meus receios, acentuando que o amor que os unia venceria todas as perseguições que lhes movessem.

Fayza veio então ao telefone, falando com uma voz muito suave para o auscultador, que Jafer continuava a segurar. A voz apaixonada de Fayza falava de um amor maravilhoso que vencera tudo e todos, apesar dos terríveis obstáculos erguidos pelas leis do nosso país.

«Fayza, tu não tens mais de vinte anos e libertaste-te das nossas velhas tradições. Mas o teu pai não pode fazer isso. Fuad é um homem com uma mentalidade do deserto e não pode fazer outra coisa senão seguir a corrente dominante. Para ele, tu cometeste uma ofensa horrível. Deixa esse hotel! Encontra-te com os homens da tua família numa data posterior».

As minhas súplicas para que abandonassem rapidamente o hotel não tiveram qualquer efeito. As minhas palavras devem ter parecido muito túbias a espíritos tão intrépidos. Corajoso, Jafer garantiu-me que enfrentaria a fúria da família de Fayza.

Devolvi o telefone ao meu filho, ciente de que fizera tudo o que podia.

Disse para mim mesma: como encarar o fato de eles não suspeitarem ainda de toda a extensão da sua tragédia? Deverei encará-lo como algo de glorioso ou de catastrófico? Apercebia-me claramente dos estreitos limites da sua visão de amantes. Jafer e Fayza estavam cegos, ao ponto de acreditarem que o grande amor que os unia seria capaz de superar a descomunal barreira que a família dela representava.

Reduzida a um silêncio atormentado, restava-me apenas a esperança de que Jafer e Fayza conseguissem adiar por algum tempo o seu destino.

Quatro dias depois, o pai de Fayza regressava à Arábia Saudita.

Com uma voz baixa e embaraçada, Karim telefonou-me do seu escritório, informando-me de que Fuad e os filhos tinham regressado da América.

A minha garganta parecia de repente emperrada, incapaz de fazer as perguntas que me atormentavam.

Após uma pausa, Karim acrescentou que Fuad regressara com a filha, mas não com o marido desta.

Recuperei a fala. «Jafer está morto?», disse, perguntando-me ao mesmo tempo como é que iríamos dar a terrível notícia a Abdullah.

«Não, Jafer não está morto», respondeu Karim, ainda que a sua voz me fizesse duvidar da veracidade das suas palavras.

Não insisti, limitei-me a ficar à espera das notícias que, na realidade, não sabia se queria ouvir.

«Sultana, eu vou para casa. Juntos, contaremos a Abdullah o que se passou».

«O que é que se passou?», gritei, sentindo-me incapaz de esperar os vinte e cinco minutos que Karim demoraria a chegar a casa.

Ouvi um clique. O meu marido tinha desligado. Disse para mim mesma que as notícias

deviam ser horríveis, pois Karim, tal como a maior parte dos Árabes, tinha o hábito de adiar as verdades desagradáveis até ao último momento possível.

O pai de Fayza pouco dissera ao meu marido: informara-o apenas de que houvera uma confrontação incipiente no quarto do hotel, acrescentando que Jafer ficara inconsciente, embora sem ferimentos graves.

E Fayza? Claro que a sua filha ficara traumatizada com o incidente e estava agora sob a ação de sedativos. Fuad pensava que, escapando à influência de Jafer, a filha recuperaria rapidamente a razão.

Olhei para Karim e disse-lhe aquilo que, na minha cabeça, era já uma certeza: «Jafer está morto!».

«Não digas disparates, Sultana. Não te esqueças de que o caso se passou na América». Duas semanas depois, recebemos um telefonema de Jafer, que regressara ao Líbano.

Finalmente pudemos conhecer toda a verdade.

As primeiras palavras de Jafer foram: «Está tudo perdido». Fez uma pausa e acrescentou: «Exceto a minha pele, que está segura».

«Abdullah!», gritei. «É Jafer ao telefone! Vem depressa!».

Karim, Maha e eu rodeamos Abdullah enquanto ele escutava serenamente as palavras do seu maior amigo e tentava confortá-lo. «Que podias tu fazer? Não tinhas alternativa».

Com um sobressalto, ouvi o meu filho dizer: «Eu vou ter contigo!». E logo acrescentou que em breve partiria para o Líbano, que nada o poderia impedir de estar ao lado do seu amigo.

Agarrei-me aos braços de Abdullah, abanando a cabeça vigorosamente, pedindo-lhe que não fosse. O meu marido puxou-me com toda a força. Só assim conseguiu afastar-me do meu filho.

Abdullah arrumou o auscultador ao lado do telefone. As lágrimas corriam-lhe pelas faces. Com a cabeça enterrada nas mãos, rompeu num choro lancinante. As suas palavras chegavam-nos abafadas, dificilmente compreensíveis. «Jafer está arruinado! Arruinado!».

«Que história é essa de ires ao Líbano?», perguntei eu, demasiado perturbada com a perspectiva da viagem de Abdullah a esse país para pensar no estado em que Jafer se encontraria.

«Cala-te, Sultana», ordenou-me o meu marido.

Finalmente, Abdullah conseguiu acalmar-se e explicar de que modo Fuad e os seus filhos tinham conseguido separar Fayza e Jafer.

O telefonema tinha despertado os dois amantes a meio da noite. O pai e os irmãos de Fayza estavam na recepção do hotel. Num tom perfeitamente afável, Fuad perguntou se podiam subir. Jafer sentiu-se encorajado pelo tom conciliador do sogro, para além de não temer uma eventual agressão física.

Quando abriu a porta, Jafer manifestou a sua satisfação por receber Fuad e os filhos e encarou-os com um sorriso sincero.

Fuad e os filhos não perderam tempo com conversas. Sentindo-se provocados pela expressão sorridente de Jafer, considerando talvez que se tratava de um sorriso de escárnio, os irmãos de Fayza atacaram-no imediatamente. Apanhado de surpresa, Jafer não encontrou a força necessária para enfrentar quatro homens.

Atingido na cabeça por um objeto pesado, Jafer caíra inconsciente.

Horas depois, quando despertou, Fayza e os seus familiares tinham desaparecido.

Jafer soube que tudo estava perdido no momento em que se deu conta de que tinham levado Fayza. Estava consciente de que, na Arábia Saudita, o casamento de uma garota saudita com um homem sem a nacionalidade saudita era considerado ilegal. Apesar de se ter casado com Fayza, Jafer não tinha direito a assistência legal para pedir a confirmação do matrimônio, já que a sua união não era reconhecida na Arábia Saudita. Se Jafer fosse saudita e Fayza palestina, não haveria qualquer problema, pois os homens sauditas podem casar-se com quem muito bem lhes apetece.

Apesar de estar consciente de todos os obstáculos, Jafer seguiu dos Estados Unidos para

Londres, onde fez uma tentativa desesperada para regressar à Arábia Saudita. Disseram-lhe, contudo, que o seu visto de residente já tinha caducado.

Jafer, que temera a rejeição de Karim, acabara por vencer esse medo e queria agora falar com o meu marido. Perguntou se Karim poderia ajudá-lo, tendo em conta o seu estatuto de príncipe.

Karim disse que podia ajudá-lo mas que não o faria. Agora que sabia que Jafer estava vivo, não tinha a menor intenção de colocá-lo numa posição que, com toda a certeza, conduziria à sua morte. Karim advertiu Jafer de que Fuad e os filhos matá-lo-iam se por acaso ele regressasse à Arábia Saudita.

Karim nunca o disse, mas eu sabia que o meu marido nunca perdoaria a Jafer a deslealdade de que dera provas. De fato, Karim passara por sérios problemas porque um funcionário, em quem confiava plenamente, conquistara e levava a filha de um velho amigo seu, o qual, para além do mais, também era seu sócio desde há muitos anos. Só o seu grande amor por Abdullah o impedira de expressar o seu desgosto e revolta.

Incapaz de prometer aquilo que não podia dar, o meu marido aconselhou Jafer a refazer a sua vida no Líbano, agora que este país parecia estar finalmente a enveredar pela pacificação.

«Tudo isto é muito triste», comentei. «Chegou ao fim uma história de amor maravilhosa. E agora Jafer está sozinho contra um poder esmagador».

Quieto e calado a um canto da sala, o meu filho era uma figura inesquecível, vestido com o seu thobe branco. Estava de pé, muito direito, parecia mais alto do que era. De fato, era como se, subitamente, o rapaz se tivesse transformado num homem. Com a tristeza estampada no rosto, respondeu à minha observação num tom carregado de intenso dramatismo. Não, disse-me o meu filho, Jafer nunca estaria sozinho, porque ele nunca o abandonaria. Estava decidido a ir ter com ele ao Líbano.

Karim e eu não autorizamos o nosso filho a viajar para esse país, mas Abdullah não parecia nada preocupado com a posição firme dos pais, pois respondeu-nos imediatamente que, com ou sem autorização, partiria muito em breve para o Líbano.

Não conseguia deixar de pensar nas calamidades que tal viagem poderia provocar. Enquanto me preparava para ir para a cama, senti-me profundamente angustiada. Na minha cabeça fervilhavam já planos para impedir o meu filho de ir ter com o amigo.

Não valia a pena fazer planos, pois todos eles falhariam. De fato, é impossível controlar um filho no auge da sua masculinidade. A vitalidade juvenil, no seu pleno florescimento, nunca aceita facilmente a derrota.

IX ABDULLAH

Nunca perecerá, porque dá-lo-emos aos nossos filhos e os nossos filhos dá-lo-ão aos filhos deles.
-Kahlil GIBRAN

Após o triste incidente com Jafer e Fayza, passei por uma persistente crise depressiva, refugiando-me na solidão. O meu filho Abdullah planejava a sua deslocação ao Líbano com tão inspirada devoção que acabei por acreditar nele quando me disse que nada nem ninguém poderia impedi-lo de fazer aquela viagem - e, como se sabe, na altura o Líbano ainda era um país particularmente perigoso.

Karim aconselhou-me moderação, pois estava convencido de que o ardor do nosso filho arrefeceria quando as dificuldades da viagem ao Líbano se tornassem mais evidentes.

Fiquei furiosa com tal observação e, incrédula, perguntei-lhe como era possível que permanecesse tão calmo quando aqueles a quem tínhamos dado a vida me faziam sofrer tanto.

Com um meio-sorriso misterioso, Karim lembrou-me de que o passaporte de Abdullah estava guardado, muito bem guardado, no nosso cofre. O nosso filho nunca conseguiria deixar a Arábia Saudita.

Por estes motivos, a minha resistência ao plano de Abdullah era apenas esporádica, desorganizada, e ineficiente. Em poucos dias, a minha relação com o meu filho, outrora tão íntima, transformou-se num interminável e sofrido silêncio.

Todas as pessoas que viviam no nosso palácio pareciam estar desesperadas e à beira de uma devastadora crise nervosa. Enquanto Abdullah fazia as malas, Amani lamentava a sua incapacidade para melhorar os padrões morais dos seus dois irmãos. Espicaçada pela sua fé extrema, Amani começou então a espiar os nossos empregados. Horrorizada com aquilo a que chamava a devassidão da nossa equipe de sessenta criados - já que havia muitos encontros românticos secretos entre aqueles que nos serviam -, a minha filha Amani lançou-se cegamente numa tentativa de conversão dos nossos criados cristãos e hindus à fé que considerava superior, obviamente a fé muçulmana.

Depois de centenas de discussões com a minha filha, acerca da coerção disparatada e indiscriminada que ela exercia sobre pessoas de religiões diferentes da nossa, reconheci finalmente que encontrara em Amani um adversário temível, um adversário que, para mais, continuava a superar-me no capítulo da perseverança.

Passei muitas horas de solidão no meu quarto, meditando nos rumos diversos que as vidas dos meus filhos haviam tomado.

Quando eram bebês, os meus três filhos, todos eles, tinham dado à minha vida uma grande alegria e um imenso significado. Na primeira infância, apenas Maha se revelara uma especialista em provocar o caos; mesmo assim, eu não via razão nenhuma para imaginar horrendos perigos a cada esquina. Nesses tempos deliciosos, os momentos de felicidade venciam claramente os breves períodos negros em que eu me apoquentava com os destinos daqueles pequenos seres a quem dera a vida.

Agora que os meus filhos se aproximavam da idade adulta, chegava à horrível conclusão de que a única condição possível para uma maternidade satisfeita parecia ser uma precária dependência do acaso, pois nada do que eu dissesse ou fizesse contribuiria para guiar, para orientar, para inflectir o comportamento absolutamente imprevisível dos meus filhos.

Como tenho uma extrema dificuldade em aceitar o fracasso, enfiei-me na cama, queixando-me a Karim de que na minha vida não havia nada, rigorosamente nada, que estivesse a evoluir de acordo com as minhas expectativas. O meu declínio psicológico surgiu numa altura em que os negócios de Karim passavam por uma rápida expansão. Como os seus momentos livres eram escassos, o meu marido dificilmente poderia consolar-me e libertar a minha alma da melancolia, esse intruso que me dominava e que reduzira a nada a minha jubilosa busca da

felicidade.

Sentia-me cada vez mais sozinha. Suprimindo a expressão de todas as emoções - a não ser a auto compaixão -, comecei a dormir pouco e mal e a comer excessivamente, ganhando rapidamente um peso indesejado. Continuamente ignorada por todos aqueles que procurava manipular, tornei-me cada vez mais irascível com a minha família e com os criados. Ganhei mesmo o repugnante hábito de torcer, puxar e morder o meu cabelo. A minha longa e espessa cabeleira, graças a esse hábito, ia ficando cada vez mais curta e rala. Até que certo dia o meu marido, reparando no estranho tique, comentou sarcasticamente que pensava que eu tinha arranjado um novo cabeleireiro, quando, na realidade, ao puxar e torcer e morder o cabelo, eu estava a comportar-me como uma criança pequena.

Como respondia de pronto a todos os comentários que me fossem desfavoráveis, logo acusei Karim de não gostar de ninguém a não ser de si mesmo, e que era por isso que eu tivera de educar sozinha e sem qualquer ajuda os nossos filhos.

Afável, apesar de impaciente, o meu marido pôs uma expressão distante nos seus olhos, e eu senti-me como se ele me tivesse abandonado, quando na realidade nem sequer deixara o quarto. Quando voltou à terra, Karim disse-me que tinha estado a ver se se lembrava de um poema particularmente reconfortante, um poema que lera em tempos e que versava precisamente sobre a educação das crianças mais difíceis. E recitou: «Podes dar amor aos teus filhos, mas não os teus pensamentos, pois os teus filhos têm os seus próprios pensamentos».

«Khalil Gibran», disse eu.

«O quê?».

«Esse poema é do livro O Profeta. E fui eu quem te leu, quando estávamos à espera do nosso primeiro filho».

A expressão grave de Karim suavizou-se com um sorriso. Perguntei-me se ele estaria a recordar os momentos felizes que, tantos anos antes, tínhamos passado com o nosso filho ainda bebê.

Não era esse o caso, pois logo a seguir cumprimentou-me dizendo: «Não há dúvida, Sultana, você é uma criatura espantosa. Como é possível que se lembre de uma coisa dessas?».

Karim sempre admirara imenso a minha memória, pois a partir do momento em que lia ou ouvia qualquer coisa, nunca mais a esquecia.

A admiração sincera de Karim reconfortou-me um pouco, mas as causas do meu descontentamento eram demasiado profundas e variadas para se dissolverem tão rapidamente. Mantendo-me em choque constante com os meus filhos, a minha louca paixão cegara-me por completo, e por isso não conseguia entender a mente límpida e lógica do meu marido. Como não tinha mais ninguém contra quem combater, desatei a resmungar contra Karim. Cheia de desprezo, comparei o meu marido a Nero, o louco imperador e músico de Roma, cego perante a catástrofe, mesmo quando o seu reino era consumido pelas chamas.

Furioso com os meus constantes insultos, Karim arrependeu-se da sua solícita simpatia e despediu-se de mim com uma observação que não era nada reconfortante: «Sultana, tu tens tudo o que é preciso. No entanto, tens medo de tudo e não compreendes nada. Prevejo que um dia acabará internada numa daquelas instituições especialmente construídas para os loucos».

Silvei tal qual uma serpente e o meu marido deixou-me sozinha no meu quarto. Só voltaria a vê-lo passados dois dias.

Pouco depois da nossa acalorada discussão, dei comigo, uma vez mais, a retorcer o cabelo com uma mão, enquanto com a outra desfolhava uma das muitas revistas estrangeiras que costumava comprar. A certa altura deparei com um artigo de uma revista americana que falava de uma doença rara que apenas afeta as mulheres, levando-as a puxar e arrancar os cabelos, de tal forma que, sem perceberem muito bem como, acabam completamente calvas. Quando se vêem calvas, essas infelizes mulheres continuam a arrancar todos os pêlos que têm no corpo: os pêlos púbicos, as pestanas, as sobrancelhas.

Quando acabei de ler o artigo, larguei maquinalmente o cabelo. Seria possível que eu tivesse aquela doença? Corri para o espelho, desatei a procurar ansiosamente sinais de calvície. Sim, não havia dúvida, o meu cabelo parecia já muito ralo. Sentia-me de súbito extremamente preocupada, pois nunca conseguira curar-me da doença da vaidade e não tinha o mínimo desejo de ficar calva! Além disso, na religião muçulmana a calvície na mulher é estritamente proibida.

O tempo veio a provar que a doença em questão não me havia afetado, pois, ao contrário do que sucedia com as mulheres referidas no artigo, a importância que eu atribuía à beleza física contribuiu decisivamente para que eu recuperasse rapidamente daquele terrível vício de puxar, torcer e arrancar os cabelos.

Apesar de ter deixado em paz o meu pobre cabelo, temia que houvesse perdido a paixão pela vida. Dizia já para mim mesma que, se não conseguisse superar aquela debilitante depressão, ficaria velha antes do tempo. Numa atitude de absoluta autocomiseração, imaginava-me já morrendo lentamente, os meus sentidos esvaindo-se gradual e inexoravelmente.

Foi Sara, a irmã que mais adoro, quem finalmente me salvou deste comportamento auto destrutivo.

Sara, que é um verdadeiro gênio no que toca à observação e ao entendimento dos seres humanos, sentiu muito claramente que eu havia perdido o gosto pela vida. Por isso, a certa altura começou a passar muitas horas a meu lado, reconfortando-me com toda a sua atenção. Sara compreendia perfeitamente os meus sentimentos e sabia que as minhas preocupações com Abdullah e Amani dominavam por completo a minha vida.

A minha irmã fitou-me com extrema compaixão quando, com os olhos marejados de lágrimas, lhe disse: «Sara, se tivesse de viver a minha vida outra vez, creio que não conseguiria sobreviver».

Nos lábios de Sara desenhou-se um meio-sorriso. Depois, respondeu-me com um ar malicioso: «Sultana, poucos membros da nossa família conseguiriam sobreviver se você voltasse a viver a sua vida».

Desatamos a rir, um riso incontrolável que enchia o quarto.

A minha irmã é a mais excelente das criaturas. Também ela, como é evidente, tinha os seus problemas, em particular os problemas causados por uma filha particularmente difícil. No entanto, ali estava ela, absolutamente disponível para me ajudar numa altura em que eu precisava de muita ajuda. Quatro dos seus cinco filhos eram quase perfeitos, mas Nashwa, a filha adolescente de Sara, nascida no mesmo dia que Amani, adorava causar problemas.

Como quem confessava o mais aterrador dos segredos, Sara disse-me que eu deveria dar graças a Deus por Amani ter enveredado pelos caminhos da religião, já que Nashwa tinha o problema exatamente contrário. A minha sobrinha sentia uma atração desenfreada por membros do sexo oposto, e Asad, o pai, já por duas vezes a tinha descoberto na companhia de rapazes, numa loja de discos de um centro comercial da cidade.

Corriam-lhe lágrimas pelas faces enquanto me confiava que a filha procurava seduzir, o mais descaradamente possível, todos os homens que penetrassem no seu palácio. Incrédula, acrescentou que na semana anterior Nashwa tivera uma conversa muito explícita sobre assuntos sexuais com dois dos seus motoristas filipinos, precisamente os mais novos. Um dos irmãos de Nashwa ouvira a conversa e, quando se viu confrontada com as acusações do irmão, Nashwa admitiu, sem qualquer problema, que tivera de fato aquela conversa com os jovens motoristas, acrescentando que tinha de fazer qualquer coisa para acabar com a odiosa monotonia da vida que se vivia na Arábia Saudita.

Asad viu-se na obrigação de despedir os jovens motoristas e de contratar dois velhos muçulmanos do Egito, os quais respeitariam a tradição muçulmana, ou seja, ignorariam todos os comportamentos libidinosos das mulheres da casa.

Poucas horas antes de ter vindo para minha casa, Sara ouvira a filha a falar ao telefone com uma amiga. As duas garotas estavam a discutir, com todos os pormenores, o físico particularmente agradável do irmão mais velho da amiga de Nashwa. Sara achava que Nashwa

sentia uma grande atração por esse rapaz e que, por isso mesmo, teria de reconsiderar ou controlar as visitas da filha àquela família.

Foi com uma expressão de profunda preocupação que Sara me falou do que poderia acontecer se não conseguisse pôr termo à conduta indecorosa e às inclinações dissolutas da sua filha. Acrescentou que muitas vezes ouvira dizer que a natureza costumava cometer o lapso de separar a beleza da virtude. E Nashwa era precisamente uma beldade de rosto inocente que desconhecia completamente a virtude.

Fui obrigada a concordar que os meus problemas com Amani não passavam de uma ninharia, se comparados com as dificuldades que Sara tinha com a filha. Havia alguma consolação no fato de saber que a atitude piedosa de Amani contava com a aprovação das autoridades religiosas, ao passo que o perigoso comportamento de Nashwa podia enredar Sara e Asad na indestrutível teia do sistema legal e religioso saudita.

Uma vez mais, assaltou-me o pensamento de que Nashwa poderia ser a minha verdadeira filha, ao passo que Amani teria forçosamente de estar ligada a Sara pelo sangue. Ainda pensei em falar das minhas estranhas suspeitas à minha irmã, mas não o cheguei a fazer porque outro pensamento me dominou logo a seguir, deixando-me profundamente angustiada: e se as minhas especulações, aparentemente sem fundamento, levassem de fato, agora, a uma troca de filhas? Lembrei-me de que no meu país era mais fácil lutar com uma fanática religiosa do que com uma jovem perturbada por uma sobreabundância de estímulos sexuais.

Num esforço para animar a minha irmã, disse-lhe que nós, os pais, temos muitas vezes tendência a ver apenas os defeitos dos filhos. Quis mencionar algumas das qualidades de Nashwa, mas a terrível verdade é que não me lembrava de nenhuma.

Por um momento, ficamos caladas, a olhar uma para a outra. Sabíamos instintivamente que os nossos pensamentos iam exatamente no mesmo sentido.

Ainda a propósito da filha, a minha irmã começou a certa altura a analisar os progressos da civilização. Os nossos filhos tinham sido protegidos de todas as dificuldades da vida; nós tínhamos-lhes dado todo o conforto material, tínhamos-lhes proporcionado o desabrochar pleno das suas inteligências, bem como a correta orientação moral; no entanto, a cuidadosa organização das suas vidas pouca influência tivera no seu desenvolvimento enquanto seres humanos.

Sara acrescentou que chegara à conclusão de que o caráter humano dependia única e exclusivamente de questões genéticas e que os seus filhos podiam perfeitamente ter crescido como ervas, em vez de terem crescido como plantas de um jardim, meticulosamente tratadas pelos pais jardineiros. O efeito teria sido exatamente o mesmo. «Além disso», disse ela com um risinho malicioso, «os radicais de uma época transformam-se nos reacionários da época seguinte. Por isso, quem poderá dizer no que se transformarão os nossos filhos?».

Como os problemas dos outros - mesmo que se trate de uma pessoa que adoramos, como é o caso de minha irmã Sara - acabam sempre por relativizar os nossos e por nos aliviar de alguma tensão, comecei a sentir-me animada pela primeira vez em muitos, muitos dias.

Ri e concordei com a minha irmã, acrescentando que nem todas as sementes que tínhamos lançado à terra haviam florescido plenamente. Reconhecendo que tudo o que compõe a vida está sempre, em última análise, nas mãos de Deus, prometi a mim mesma que nunca mais cederia ao pesado fardo da inquietação.

Sara foi então à procura dos seus filhos mais pequenos, que estavam a brincar no terreno de jogos do nosso palácio, situado ao lado do pequeno jardim zoológico de Amani, enquanto eu decidia que o melhor era ir tomar banho e vestir-me, a fim de acompanhar a minha irmã numa visita a Fayza. Nenhuma de nós vira ainda a pobre garota desde que ela fora obrigada a regressar ao reino saudita. No entanto, para nossa grande surpresa, tínhamos ouvido dizer que Fayza recuperara do terrível trauma e convivia já com amigas e parentes.

Desfrutando de uma paz inusitada ao fim de muitos dias de profunda depressão, sentia-me preparada para tudo, exceto para as alarmantes notícias que o meu marido, momentos depois, me anunciava pelo telefone. «Sultana», disse-me ele mal levantei o auscultador, «abre o cofre e

procura o passaporte de Abdullah».

«Porquê?», perguntei.

Karim ordenou-me que me calasse e que fizesse o que me pedira.

Pensando já no pior, deixei cair o auscultador e corri para o gabinete do meu marido, que fica no primeiro piso da nossa casa. As minhas mãos recusavam-se a cooperar com a minha memória e só ao fim de três tentativas consegui abrir o cofre.

O meu marido guardava o seu passaporte no cofre do escritório, ao passo que o meu e os dos filhos se encontravam no cofre de casa.

Os meus dedos remexeram nervosamente os diversos documentos e papéis que estavam depositados no cofre. O passaporte de Abdullah tinha desaparecido!

Mas havia pior: dos quatro passaportes que deviam estar no cofre, restavam apenas dois! Examinando mais atentamente, vasculhando tudo o que havia para vasculhar, concluí que o passaporte de Maha também tinha desaparecido!

O que é que se estava a passar? Como pudera acontecer uma coisa daquelas? Só eu e Karim conhecíamos a combinação que permitia abrir aquele cofre!

«Não!», disse para mim mesma, quando verifiquei que também faltavam os documentos que Karim assinara e que permitiam às mulheres da família viajarem para o estrangeiro sem a companhia de um parente masculino.

Não podia sentir-me mais confusa. Maha viajava sozinha? Ou teria deixado o país com o irmão?

O telefone privado do gabinete de Karim começara entretanto a tocar.

O meu marido já estava farto de esperar. Quando peguei no auscultador, gritou-me:

«Sultana! O que é que se passa?».

Contei a Karim a minha perturbante descoberta.

«E os dólares?».

Não me ocorrera procurar a avultada soma que guardamos no nosso cofre, para o caso de uma revolução religiosa incendiar o nosso país e obrigar-nos a fugir rapidamente. Esperávamos nunca ter de usar aquele dinheiro para conseguir, graças ao suborno das pessoas certas, uma fuga segura e sem incidentes do nosso país.

Abri a gaveta de cima do cofre. O dinheiro não estava lá! Aquela soma crescera com os nossos temores de convulsões sanguíneas no nosso país. Abdullah retirara um milhão de dólares em notas do cofre dos seus pais. Teria o meu filho enlouquecido?

«Os dólares desapareceram», informei o meu marido, descorçoada.

«Vai ver se Maha está na escola. Eu vou para o aeroporto».

«Despacha-te!», gritei-lhe, mas no fundo sabia que o meu filho ia já a caminho do Líbano. Contudo, como era possível que Maha estivesse envolvida no caso? Não acreditava que Abdullah fosse capaz de levar a irmã para um país onde o perigo espreitava a cada esquina. Sentia-me atordoada de medo e confusão.

«Eu telefono-te do carro. Agora faz o que eu te disse. Vai ver se Maha está na escola!». Peguei no vestido que estava mais à mão e enfiei-o apressadamente pela cabeça. Peguei na abaaya, no véu e no shayla e fui-os vestindo enquanto corria pela casa, gritando para que a minha irmã me acompanhasse à escola de Maha e para que Connie, a criada filipina, chamasse imediatamente Musa, o mais jovem dos nossos motoristas egípcios, um homem que, como muito bem sabia de experiências passadas, era capaz de ultrapassar os limites de velocidade impostos nas ruas da cidade.

A escola de Maha ficava a quinze minutos do nosso palácio, mas nós chegamos lá em apenas dez. Durante a rápida viagem, contei a Sara o pouco que sabia da preocupante situação.

As dezessete garotas da turma da minha filha estavam a tomar notas enquanto escutavam a dissertação do professor de História, o qual lhes falava de uma grande tela de televisão colocado no centro da sala. A lição estava a ser dada através de um vídeo cassete, já que na Arábia Saudita são rigorosamente proibidos todos os contatos pessoais entre professores do sexo masculino e

estudantes do sexo feminino.

O rosto de Maha ficou vermelho quando me viu irromper pela sala dentro, chamando pelo seu nome. Procurando o rosto da minha filha, debrucei-me sobre a sua carteira, exclamando: «Maha! Está aqui!».

Maha afastou os meus braços do seu pescoço, retorquindo, surpreendida: «Mas onde é que pensavas que eu estava?».

Disse à diretora que a minha filha tinha de regressar imediatamente a casa. Sem demonstrar o menor sinal de curiosidade pelo meu invulgar comportamento, a diretora ordenou calmamente a Maha que pegasse nos seus livros e obedecesse à mãe. Perguntou-me depois se Maha iria faltar às aulas durante mais de uma semana. Como não sabia, respondi-lhe que sim, que Maha se teria de ausentar durante mais de uma semana. A diretora retorquiu que, nesse caso, providenciaria para que Maha tivesse acesso às matérias dadas na sua ausência.

«Mãe! O que é que se passa?», perguntou-me Maha logo que nos instalamos no carro. «Pensei que estivesse com Abdullah».

«Com Abdullah?».

Maha, então apenas com dezessete anos, acabara de entrar para uma escola feminina de nível médio. O meu filho, que tinha dezenove anos, deveria estar nesse momento nas aulas da universidade, uma instituição que as garotas não podiam frequentar.

Maha olhou para mim absolutamente estupefata. «Mãe, você parece louca!». Depois, olhou para Sara. «O que é que se passa, tia?».

Sara explicou-lhe o mistério dos passaportes, dizendo que não percebíamos por que motivo Abdullah levava o passaporte da irmã.

Os olhos da minha irmã cruzaram-se nesse instante com os meus. Os nossos pensamentos, uma vez mais, iam exatamente no mesmo sentido.

«Fayza!», exclamamos as duas em uníssono.

Então, ordenei ao motorista que nos levasse imediatamente a casa de Fuad e Samia. «Depressa! Depressa!», pedi.

Entendia agora perfeitamente os planos de Abdullah. O meu filho levava o passaporte de Maha para que este fosse usado pela mulher de Jafer, por Fayza! Abdullah planeava a fuga de Fayza! Era Fayza quem viajava com o passaporte de Maha. Era Fayza, e não Maha, quem ia para o Líbano com o meu filho! Com o rosto velado, uma mulher saudita pode perfeitamente viajar para o estrangeiro com um passaporte que não lhe pertence.

Quando entendeu plenamente o significado do ato do irmão, Maha rogou-me insistentemente que voltássemos para casa.

«Por favor, mãe! Deixa-os ir!».

Aquele era para mim um momento particularmente difícil. Se não fizesse nada para informar os pais de Fayza, tornar-me-ia cúmplice da reprovável intromissão do meu filho nos problemas privados de outro homem. Se os informasse e provocasse uma vez mais a separação de Fayza do homem que amava, nunca mais teria autoridade para lutar pelos direitos das mulheres no meu país.

Por um longo momento, Sara e eu ficamos a olhar uma para a outra. O olhar de Sara era tão límpido e penetrante que percebi que, nesse preciso momento, a minha irmã estava a recordar os horribéis abusos sexuais de que fora vítima durante o seu primeiro casamento. Se a nossa mãe não se tivesse revoltado contra o nosso pai, arriscando um divórcio e uma eventual separação permanente dos seus queridos filhos, Sara teria sido toda a vida uma escrava sexual de um homem que odiava e nunca teria conhecido o maravilhoso amor que agora partilhava com o segundo marido, Asad.

A minha decisão foi, muito simplesmente, uma consequência da intolerância e das severas restrições de que são vítimas as mulheres do meu país. Ansiando por que a vida das mulheres sauditas melhorasse - e não regressasse às trevas do passado -, ordenei ao motorista que nos levasse para casa.

Maha desatou a rir-se e a beijar-me, esmagando-me contra o assento do automóvel. Os olhos de Sara encheram-se de uma imensa luminosidade. A minha irmã sorriu para mim e apertou-me a mão, dizendo: «Não te preocupes, Sultana, pois tomaste a decisão correta».

Musa abriu muito os olhos e a sua boca abria-se e fechava-se, fazendo-me lembrar um pássaro que, sob o sol do deserto, não suportasse mais o calor. O seu rosto parecia ter ficado mais escuro. Era evidente que discordava violentamente da reviravolta de que eu era a única responsável.

Resolvi falar em Francês, uma língua que ele não conhecia. «Olhem para a cara do motorista», disse à minha irmã e à minha filha. «Ele não aprova».

«Que homem neste país aprovaria o direito de uma mulher a escolher o seu marido?», perguntou Maha. «Digam-me onde está esse homem que eu caso logo com ele!».

Rememorei os acontecimentos desse dia e senti uma profunda satisfação. Finalmente, a minha profunda depressão dera lugar à tranquilidade, pois compreendia que a minha filha partilhava o sangue de um jovem cujo espírito fora iluminado, embora ainda não tivesse consciência da sua própria libertação.

«Abdullah», retorqui calmamente. «O teu irmão. O meu filho. Abdullah é esse homem».

Num silêncio feliz, fitava o rosto da minha filha, mas os meus pensamentos concentravam-se no passado. Via o meu filho ainda bebê nos meus braços. As emoções que sentira no dia do seu nascimento voltavam a invadir-me por um breve momento. Uma onda de alegria tão poderosa teria forçosamente de ser breve. Quando o meu filho nasceu, perguntei-me se aquele menino, quando se tornasse adulto, apoiaria e reforçaria as severas normas que afetam a vida das mulheres do meu país. Supliquei a Deus que tal não sucedesse. Roguei a Deus que ajudasse o meu filho a influenciar a história do nosso país de uma maneira agradável, que o ajudasse a introduzir a mudança nos rígidos costumes sociais da Arábia Saudita.

Era difícil julgar serenamente as ações de Abdullah. Contudo, avaliando honestamente as suas atividades, sabia que os meus mais profundos desejos haviam sido realizados. Um homem nascido do meu ventre transformaria a terra onde eu nascera.

Quão corajoso era o meu filho!

Desprezando a reação de Musa, deixei o Francês e voltei a falar em Árabe, lembrando a Sara e a Maha que, em tempos, os homens da geração de Karim tinham feito soar a voz da razão no que tocava aos problemas das mulheres, mas que essa voz, por ser demasiado tibia, fora facilmente silenciada pelos militantes religiosos. Contristada com a pouca coragem dos homens da minha geração, já não procurava neles o apoio para a nossa libertação.

No entanto, uma coisa era certa: a esperança permaneceria viva enquanto as mulheres da Arábia dessem à luz homens como Abdullah.

Disse a Maha e Sara aquilo que sabia ser verdade: que o meu querido filho era um príncipe que um dia usaria de todo o seu poder e influência para melhorar decisivamente o estatuto conferido às mulheres sauditas.

Animada pelo corajoso ato do meu filho, não falei de outra coisa durante toda a viagem de regresso a casa, escandalizando o motorista com a minha franca abordagem da necessidade de absoluta liberdade para todas as mulheres, incluindo a esposa de Musa, forçada a viver com os pais dele numa pequena aldeia do Egito, enquanto ele trabalhava na Arábia Saudita.

Karim aguardava impacientemente o meu regresso. Não parecia surpreendido com a minha extrema felicidade e imaginei que ele pensava que o meu estado de espírito era motivado pelo fato de ter encontrado a nossa filha em total segurança. Dificilmente lhe passaria pela cabeça que a minha felicidade fosse causada pelo fato de Abdullah se ter revoltado contra a injustiça e aderido à causa da liberdade para todo o povo.

Maha estava um pouco assustada com a intensidade dos olhos faiscantes do pai e afastou-se rapidamente, invocando uma tarefa qualquer que tinha de fazer.

Sara foi buscar os filhos e regressou a casa. Antes de sair, segredou-me que lhe telefonasse o mais depressa possível.

Ouvia a voz de Amani no seu quarto, erguendo-se e esbatendo-se ao sabor do seu diálogo, profundamente sentido, com Deus.

Finalmente, fiquei a sós com o meu marido.

Pensava que a expressão de Karim, grave e dura, quase pétrea, resultava do peso opressivo da sua descoberta. Daí que não estivesse à espera das suas cruéis acusações.

Karim tratou de dar largas aos seus sentimentos sem sequer ter tido o cuidado de me questionar. «Sultana, tenho a certeza de que há uma mãozinha tua por detrás da fuga de Fayza».

Por um breve momento, esta insinuação deixou-me sem fala. Depois, incapaz de sustentar a minha fúria, atirei-me a Karim com a intenção de lhe dar um murro no braço.

Conhecedor das minhas reações intempestivas, Karim afastou-se no momento certo, evitando o murro.

Ao longo dos anos, Karim disciplinara as suas reações, de tal forma que conseguia manter sempre uma fachada moderada. Quando havia conflitos entre os dois, as reações extremas eram só minhas. E aquele caso não era exceção à regra. «Não me parece que seja altura para lutas, Sultana. O nosso filho e Fayza fugiram do reino». O meu marido agarrou em mim e disse-me: «Tens de me dizer quais são os planos de viagem deles».

Por muito que negasse, não conseguia convencer Karim de que, embora o nosso filho pudesse ter herdado os meus talentos de raposa matreira, a verdade é que eu não contribuíra de forma rigorosamente nenhuma para a fuga de Fayza.

Como o ladrão em que ninguém acredita quando desaparece um pão, o meu passado confundia-se agora com o presente, e uma temível avalanche de acusações caía agora sobre mim, sobre uma mulher inteiramente inocente.

Não havia dúvida: estava a pagar um preço muito elevado pelo meu passado militante. Achava que a conduta de Karim, como meu marido, deveria ser mais leal. E foi isso mesmo que lhe disse.

Karim perguntou-me como poderia acreditar em mim. Disse-me depois que se tinha casado com uma mulher que era metade anjo, metade demônio, e que o demônio que havia dentro de mim dominava frequentemente o anjo. E acrescentou que, sempre que os direitos das mulheres estavam em causa, eu não conseguia falar sem mentir, nem conseguia agir sem perfídia!

Mais furiosa do que nunca, pois nenhum ser humano aceita de bom grado falsas acusações, cuspi para os pés de Karim e abandonei imediatamente a sala, prometendo que nunca mais falaria com o homem com quem casara.

Karim pensou que seria melhor pôr de parte as suas suspeitas, pois achava que, sem a minha assistência, talvez não conseguisse encontrar o filho, nem devolver Fayza ao pai. Disse-me que lamentava as acusações, se realmente eram infundadas, e salientou que eu devia salvar o nosso filho de um envolvimento ainda maior nos problemas pessoais de outro homem.

Adivinhando os seus verdadeiros motivos, recusei-me a responder aos seus pedidos de perdão, fechando os olhos para não ter de lhe ver o rosto, e fazendo-lhe sinal para que me deixasse em paz.

Mal a porta se fechou, o prazer que a vingança me proporcionara esbateu-se por completo.

Onde estava o meu filho? Estaria em segurança?

Durante cinco dias não houve paz na nossa casa, pois não havia entre mim e o meu marido uma única conversa que não redundasse em discussão. Amani rezava e chorava, ao passo que Maha cantava canções de amor e celebrava a fuga de Fayza.

Haverá na vida algo mais doce e agradável do que o êxito?

Compenetrada num único objetivo, Fayza escapou às armadilhas que lhe tinham preparado e juntou-se ao homem que amava.

Nunca poderia ter imaginado uma reação moderada de Fuad e Samia à desesperada fuga de Fayza. Convencida de que Karim teria de recorrer à sua posição na sociedade saudita para proteger o nosso único filho, fiquei agradavelmente surpreendida com o fato de Fuad ter reagido

docilmente ao comportamento da filha.

Cinco dias após o seu desaparecimento, Abdullah telefonou-nos de Chipre, a pequena ilha situada não muito longe do litoral libanês. Abdullah não tinha medo da nossa reação e, ao ouvir os nossos protestos, declarou firmemente que praticara a justiça e não a vingança, ao juntar de novo Jafer e Fayza.

Fiquei absolutamente estupefata quando Abdullah nos disse que Fayza telefonara aos pais uma hora antes e que Fuad e Samia se tinham deixado de posições extremas e mais não queriam do que uma segunda oportunidade para receber Jafer como seu filho. Fuad prometeu à filha que não cometeria mais nenhum ato violento, se ela e Jafer não repudiassem a família.

Não há dúvida de que os homens recusam o compromisso quando se sentem fortes, mas procuram a todo o custo a concórdia quando se sentem fracos. Dominados pelo medo de nunca mais voltarem a ver a sua bela filha, Fuad e Samia haviam chegado à conclusão de que era preferível aceitar o seu casamento com um homem inferior tanto em riqueza como em estatuto social.

Dado que sou desconfiada por natureza, pensei que aquilo talvez fosse uma cilada para apanhar Jafer numa terra onde não tinha quaisquer direitos. O pobre palestino seria preso mal chegasse à Arábia Saudita: bastaria que Fuad assim o desejasse.

No entanto, os pais de Fayza viriam a desmentir o meu pessimismo.

Nesse dia, Fuad e a sua família seguiram para a Grécia e encontraram-se com Jafer e Fayza numa terra excepcional onde a civilização nascera muitos séculos antes. Todos os pensamentos amargos, mais amargos até que a morte, foram esquecidos, e Jafer e Fayza puderam finalmente encontrar a felicidade na unidade familiar que em tempos contestara a legitimidade do seu casamento.

Foi obtida uma autorização especial para que Fayza casasse com um muçulmano originário de outro país e pouco tempo depois, num hotel do Cairo, realizou-se um segundo casamento, muito mais festivo que o primeiro.

Karim e eu partimos para o Cairo com as nossas filhas, a fim de participarmos na cerimônia e revermos finalmente o nosso filho.

Jafer e Fayza insistiram para que os convidados masculinos e femininos se juntassem numa recepção no Mena House Hotel. O imenso amor que os unia conseguiu até arrancar um sorriso melancólico a Karim, embora o meu marido se sentisse profundamente envergonhado pelo fato de o filho ter interferido na vida privada de um amigo seu. A tensão de Karim dissipou-se quando Fuad lhe confessou que o desfecho daquela história não poderia ter sido outro, já que, muito antes da fuga, o desesperado estado da filha o convencera da necessidade de aceitar o casamento com Jafer. O sofrimento de Fayza não podia ser ignorado. Fuad garantiu ao meu embaraçado marido que tanto ele como a esposa estavam prestes a ceder às súplicas de Fayza no dia em que se deu a fuga.

Karim e eu vimos Fuad abraçar Jafer e Fayza como se eles fossem um único ser. Pela expressão radiante de Jafer, era evidente que o palestino a amava agora mais loucamente do que nunca.

Sentia-me tão feliz! Uma mulher saudita encontrava a felicidade, casando-se com um homem que as leis do nosso país lhe vedavam!

Segredei para Karim: «Está vendo? Não há linha reta que não se possa transformar numa curva!».

Uma tragédia familiar tivera afinal um desfecho feliz, um desfecho de grande harmonia.

Nessa mesma noite, no pátio da nossa villa do Cairo, eu e Karim passamos algum tempo a contemplar as maravilhas do céu egípcio.

O meu marido surpreendeu-me com um muito sincero e sentido pedido de desculpas. Oscilando embaraçado entre a vergonha e a expressão do seu amor, Karim prometeu-me que nunca mais voltaria a julgar-me mal, acrescentando que Abdullah lhe confessara que eu nunca soubera da sua conspiração para libertar a filha de Fuad. Afinal, fora Karim quem revelara ao

nosso filho a combinação do cofre. Na excitação do momento, Karim esquecera-se desse importante pormenor!

Depois, como que para reafirmar o seu pedido de desculpas, Karim levou a mão ao bolso e tirou o maior diamante que eu jamais vira. A belíssima pedra estava suspensa de uma corrente de ouro. O meu marido prendeu ternamente o colar no meu pescoço e eu senti os seus lábios roçando-me o ombro.

Poucos anos antes, eu odiava o amargo vazio da minha vida conjugal. Apenas um mês antes, procurava desesperadamente um sentido para a vida. Aquele momento era o mais propício para a eclosão de todo o tipo de emoções - afeto, pesar e sobretudo confusão.

Seria Karim um fenómeno raro, um marido saudita gentil, viril, prático e inteligente? Teria eu errado nas minhas conclusões sobre o seu carácter?

Como poderia um homem saudita ser a resposta para a minha felicidade se durante toda a minha vida eu combatera contra todos os homens sauditas?

Ouvira dizer em tempos que um avaro nunca está contente com o dinheiro que possui, da mesma forma que um homem sábio nunca está satisfeito com o seu cabedal de conhecimentos. Seria possível que eu nunca viesse a conhecer uma realização plena? Essa eventualidade deixava-me aterrada.

Nesse momento ocorreu-me um outro pensamento. Era um provérbio árabe, um provérbio que diz: «Se o teu marido é feito de mel, não o consumas».

Olhei para o meu marido com novos olhos. Recordando os inúmeros insultos que lhe lançara ao longo dos muitos anos de casados, supliquei a Deus que esbatesse a virulência da minha língua e que me tomasse mais racional e menos impulsiva.

Sorri para o meu marido. Subitamente, senti que muitas das minhas feridas tinham sarado - feridas infligidas por causa da conduta de Karim nos primeiros tempos do nosso casamento.

Por alguma razão, as cicatrizes quase não se viam.

X FATMA

Algo estava morto dentro de cada um de nós e o que estava morto era a Esperança.
- OSCAR WILDE

Na tarde seguinte, Karim, eu e os nossos filhos resolvemos descansar um pouco no alpendre da nossa residência do Cairo. Um jardim imaculado rodeava o vasto alpendre e a doce fragrância das rosas e das madressilvas impregnava o ar, trazendo-nos à memória a opulenta presença britânica, muitos anos depois de os Britânicos terem ocupado uma cidade que não os recebera propriamente de braços abertos. Eu e o meu marido estávamos a saborear a frescura daquela vasta e umbrosa área, pois a brisa da tarde não se manifestara ainda e as estruturas de cimento da populosa cidade tinham retido o opressivo calor do dia, esse calor que embotava os sentidos dos oito milhões de habitantes do Cairo.

Os nossos três filhos puseram-se a certa altura a murmurar uns para os outros, afirmando que, uma vez mais, tínhamos sido esquecidos pela «desmemoriada Fatma»: tal era o epíteto que reservavam à nossa governanta egípcia quando ela não estava por perto.

Disse aos meus filhos que não deviam zombar da pobre governanta, que Fatma já não era nenhuma jovem e que os pés dela tinham dificuldade em mover-se sob uma massa tão abundante de carne e gordura. Mesmo assim, tive de reprimir um sorriso, pois achava que os meus filhos provavelmente tinham razão. Fatma, muito possivelmente, dera início a alguma nova tarefa, esquecendo-se por completo dos patrões, que aguardavam impacientemente por uma bebida fresca. De fato, Fatma esquecia-se muito facilmente das coisas. Deixava uma sala e ia para outra e não se lembrava por que razão o fizera. Karim já se queixara por várias vezes, sugerindo que deveríamos despedir Fatma e contratar uma mulher mais jovem e mais vigorosa. No entanto, eu sempre resistira a tais apelos, porque Fatma era uma governanta digna de toda a confiança, para além de nutrir um amor genuíno pelos meus três filhos.

Karim acusava-me de gostar das histórias dos escândalos do Cairo que Fatma me contava. Dizia que eu não me conseguia separar dela por causa desse apetite pelos escândalos. Mas tal não era verdade.

Fatma trabalhava como governanta permanente da nossa residência do Cairo desde que, muitos anos antes, havíamos comprado a propriedade. Abdullah tinha apenas dois anos quando ela entrou nas nossas vidas e as garotas ainda não tinham nascido, de maneira que Fatma foi uma presença constante nas suas vidas.

Quando me levantei para ir ter com ela e para lhe lembrar o nosso pedido, ouvi o barulho familiar produzido pelas suas sandálias no chão de mármore da sala interior que conduzia ao alpendre.

Olhei para Karim e ele, com um ar irritado, abanou a cabeça. O meu marido não compreendia que a nossa vida fosse perturbada pela idade avançada de uma criada.

Com um ar malicioso, não resisti a atirar-lhe: «Marido, não se esqueça de que Deus está te observando».

Karim deu-me uma resposta acerba: «Sultana, não se preocupe com o meu relacionamento com Deus».

Os meus filhos pensaram que os pais iam ter uma discussão que daria cabo daquela tarde tão agradável, de maneira que Amani correu para o pai, abraçando-lhe ao pescoço, ao passo que Maha veio ter comigo, afagando-me os ombros e suplicando-me que não perdesse a calma.

Sentia-me demasiado bem para me lançar numa discussão e foi isso mesmo que lhes disse. Nesse instante, a minha atenção concentrou-se em Fatma. Lembrando a mulher elegante e graciosa de outros tempos, os meus olhos percorreram afetuosamente o seu corpo pesado, enquanto ela abria com evidente dificuldade as portas duplas que davam acesso ao alpendre. Fatma era uma mulher enorme e tinha imensa dificuldade em equilibrar a bandeja cheia de copos

de cristal e uma garrafa com limonada acabada de fazer.

Como muitas mulheres egípcias, Fatma tinha problemas de peso desde que dera à luz o primeiro filho. Depois de cada parto, engordara mais e mais, ao ponto de Abdullah, ainda um menino, me ter perguntado como é que a pele de Fatma conseguia agüentar tanta carne e gordura.

Pesada e lenta, Fatma demorou um tempo infindável para fazer o curto caminho entre as portas e a mesa de palhinha pintada de branco.

Abdullah levantou-se num ápice e tirou-lhe a bandeja das mãos, insistindo em servir a família.

Karim e eu tocamos olhares e reparei que o meu marido mordida o lábio inferior como que para se impedir de protestar. Desde menino que Abdullah era muito sensível ao sofrimento que se abate sobre a humanidade, tantas vezes imerecidamente. Eu sentia um grande orgulho por esse fato, mas sabia que o meu marido não tinha o menor desejo de que o filho fizesse o trabalho dos criados.

Para distrair Karim, pedi a Abdullah que nos falasse da sua experiência no Líbano, pois desde o nosso reencontro no Cairo pouco tempo tivéramos para ouvir as suas aventuras. Lembrava-me de que na sua juventude Karim passara dias muito felizes na bela cidade de Beirute, onde muitos membros da família real saudita iam passar férias, antes de uma guerra estúpida e tresloucada ter destruído aquela que em tempos fora uma terra encantadora.

Abdullah, ao contrário do pai, achava que havia razões para ter esperança. O meu filho disse que ficara impressionado com o espírito dos Libaneses, que ficara maravilhado com o fato de o povo libanês ter mantido intacto o seu otimismo depois de ter suportado uma das mais terríveis guerras civis, recusando-se a admitir que não conseguiria superar o seu brilhante passado. Abdullah pensava que, se lhes fossem dadas algumas oportunidades, os Libaneses voltariam a erguer-se e a recuperar um lugar de eleição no mundo árabe.

Abdullah fez uma pausa e olhou para o pai. Perguntou-lhe se estaria interessado em investir no Líbano.

Karim premiou o filho com um sorriso de aprovação. O meu marido é um homem que está constantemente em busca de oportunidades económicas e a falta de interesse que Abdullah revelara em tempos por tais matérias sempre afetara seriamente Karim. Contudo, o sorriso de Karim desvaneceu-se quando Abdullah acrescentou que as infra-estruturas do Líbano estavam praticamente em ruínas e que o pai poderia doar fundos a algumas das inúmeras boas causas por que era preciso lutar no Líbano.

Quase desatei a rir quando vi a cara de Karim. Sentou-se muito direito e tentou mostrar algum interesse. Mas o meu marido tinha dificuldade em ocultar o seu desespero; olhava para o filho como se estivesse a vê-lo pela primeira vez.

Sabia que o meu marido ainda não recuperara do fato de Abdullah ter doado o milhão de dólares que retirara do nosso cofre ao hospital onde o irmão mais velho de Jafer estava internado. O meu marido não tinha coragem para repreender o filho depois de este ter feito uma tão boa ação. Quando Abdullah, cheio de orgulho, lhe anunciara a doação, Karim reagira com afeição mas também com tristeza, pois acabara de perder um milhão de dólares.

Karim confessou-me mais tarde que, em sua opinião, doar dinheiro ao Líbano equivalia a perder dinheiro com uma empresa falida, pois ninguém sabia se as armas da destruição não voltariam a fazer-se ouvir nos céus do Líbano. Os Libaneses que mostrassem primeiro que desejavam seriamente a paz e só depois Karim estudaria a possibilidade de apoiar os seus irmãos árabes.

Abdullah ficara impressionado com a ausência de condições mínimas no hospital onde o irmão de Jafer estava internado. Pois agora voltava ao assunto. Acentuou que nunca mais poderia esquecer as condições miseráveis em que viviam os feridos de guerra. Os olhos do meu filho encheram-se de lágrimas enquanto nos falava de homens e mulheres sem braços ou pernas, confinados a pequenos quartos, pois não havia próteses nem cadeiras de rodas. Abdullah

encontrara homens atados a mesas, homens que não possuíam qualquer capacidade de movimento, homens aceitando estoicamente a idéia de uma vida desprovida do menor prazer.

Disse ainda que aprendera uma trágica verdade: muitos dos Libaneses feridos haviam perdido todos os seus familiares na guerra; ninguém providenciaria os fundos necessários à sua assistência.

Destroçado, perguntou: «Será que o mundo conhece, será que o mundo se preocupa minimamente com os danos causados àquele país?».

Lembrei a Abdullah que o irmão de Jafer fora mais feliz do que a maior parte das vítimas da guerra, pois Jafer mandara-lhe sempre dinheiro para as suas despesas médicas. Mas mesmo a situação do irmão de Jafer no Líbano era pouco reconfortante, se comparada com a assistência médica particularmente avançada que o petróleo garantia aos habitantes da Arábia Saudita. O irmão de Jafer poderia agora recorrer aos mais modernos tratamentos, pois Fuad insistira em que o irmão do seu genro integrasse a sua família.

O meu filho queria que o pai distribuisse mais uma porção da sua riqueza pessoal pelos necessitados do Líbano. Abdullah achava que um novo hospital, dotado dos equipamentos mais modernos, seria um começo auspicioso.

Inclinei-me um pouco para frente, desejosa de ouvir a resposta do meu marido, pois sabia que Karim tinha a maior dificuldade em dizer que não aos desejos do seu querido filho.

Karim fechara os olhos para se concentrar e começava agora a massagear a testa quando, inopinadamente, a nossa reunião familiar foi interrompida por um grito perfeitamente patético.

Desconcertados, olhamos uns para os outros e só depois nos apercebemos de que o estranho grito viera do interior da residência e fora produzido por Fatma!

Uma expressão de alívio irrompeu no rosto de Karim, pois aquele grito viera distrair o filho. Abdullah foi o primeiro a correr para o interior da casa. Eu e as minhas filhas fomos logo a seguir, deixando Karim sozinho no alpendre.

A primeira coisa que me veio à idéia foi que Fatma se teria queimado, pois estava de pé diante do fogão, fritando bifês e cebolas para o nosso jantar. Mas depressa reparei que o seu choro não a impedia de cozinhar, pois continuou a misturar os ingredientes na frigideira e parecia não se aperceber de que os seus lamentos se ouviam para lá das paredes da residência.

«Fatma! O que é que se passa?», perguntou Abdullah.

«Oh, Abdullah!», replicou Fatma com uma voz martirizada. «A mais abençoada das mulheres é aquela que nunca nasceu! A seguir a essa mulher, só há uma mais feliz: aquela que morre ainda meninal!».

Com uma amargura que raiava a loucura, Fatma desatou a dar-se punhadas no peito. Maha tirou-lhe imediatamente da mão a colher de pau e Amani tratou de consolar a pobre criatura com palavras carinhosas.

Abdullah lançou-me um olhar interrogativo.

Eu encolhi os ombros, pois estava tão confusa como ele. Só pensava que o marido de Fatma pudesse ter-se divorciado dela e casado com uma mulher mais nova, embora sempre me tivessem parecido um casal feliz.

O marido de Fatma, Abdul, era nosso jardineiro e motorista. Muitas vezes nos tinham dito que se consideravam afortunados por trabalharem para uma família rica, para uma família que lhes pagava bons salários e que raramente vinha ao Egito. Podiam passar muito tempo com os filhos, que viviam num apartamento no Cairo, com a mãe de Abdul. No entanto, eu sabia que, pela lei, os homens egípcios, tal como os sauditas, têm todo o poder sobre as suas esposas; não era invulgar um homem velho casar-se uma segunda vez, ou mesmo divorciar-se da primeira mulher e levar uma mulher mais nova e atraente para a sua casa.

As experiências da minha vida ensinaram-me que, normalmente, são os homens a causa do sofrimento das mulheres. Pensando nas amargas palavras de Fatma acerca do infortúnio das mulheres, imaginei que a causa dessas palavras só poderia ser um homem, já que, para uma mulher com a idade de Fatma, não haveria nada de mais terrível que ser abandonada por um

marido com quem vivia há longos anos.

Levamos Fatma para a sala-de-estar, onde a sentamos numa cadeira. Maha substituiu-a na cozinha.

Desejando conhecer a causa de tanto sofrimento, fiz sinal a Abdullah e Amani para que me deixassem a sós com Fatma. Depois perguntei-lhe de chofre: «Abdul divorciou-se de ti?».

Fatma ergueu a cabeça e olhou para mim, piscando muito os olhos cansados. «Abdul?! Abdul divorciar-se de mim?!», retorquiu. «Aquele velho? Ele que experimente! Parto-lhe a cabeça como se quebra um ovo e depois frito-lhe os miolos!».

Fiz um esforço hercúleo para conter o riso, pois Karim costumava comentar que, em sua opinião, Abdul tinha medo da esposa, e que havia pelo menos uma mulher casada no mundo árabe que não precisava dos meus conselhos.

Abdul tinha metade do tamanho de Fatma e, certa vez, Karim aparecera-lhes sem que eles contassem e vira com os seus próprios olhos Fatma bater no marido com uma tábua.

«Então se não é Abdul, qual é o problema?», perguntei-lhe.

Fatma baixou o rosto cheio de rugas e perdeu-se nos seus lentos pensamentos. Suspirou tão profundamente que logo percebi que a sua tristeza só podia ser causada por um fato realmente grave. Consternada, perguntei-me qual poderia ser a razão de tanta dor.

«Fatma?», disse eu, lembrando-lhe a minha presença.

De súbito, todo o seu rosto se afogueou e o seu desespero saiu cá para fora como uma rajada.

«É a minha neta Alhaan! O pai dela é um homem mau, um burro! Ah, aquele Nasser! Matava-o com as minhas próprias mãos se a minha filha me deixasse! Mas não! A minha filha diz que ela e a família dela têm de comportar-se de acordo com as normas!».

Os olhos de Fatma faiscavam de raiva e o seu rotundo peito erguia-se de indignação. «A minha própria filha exige que eu me afaste dos assuntos da sua família!». Olhou para mim com uma expressão chocada e perguntou-me: «A senhora é capaz de imaginar uma coisa destas? Tirarem à avó o direito de dar a sua opinião sobre a vida de uma neta?».

Absolutamente desconcertada, perguntei-lhe: «Mas o que é que Nasser fez à filha? À tua neta?».

Disse para mim mesma que se a mãe da criança não levantava qualquer objeção, era porque a criança não sofreria nenhum dano.

«Ah, aquele Nasser! Ele é de uma pequena aldeia. O que é que ele sabe?».

Recuei estupefata quando vi Fatma cuspir furiosa para o chão recentemente alcatifado. Fatma não se calava, amaldiçoando Nasser, gritando pela filha e suplicando a Deus que ajudasse a neta.

Perdi a paciência. Levantando a voz, exigi-lhe que me contasse tudo. «Fatma! Conta-me o que se passa! O que é que aconteceu à tua neta?».

Desconsolada, Fatma apertou fortemente a minha mão. «Esta noite», começou ela. «Esta noite, vão fazer de Alhaan uma mulher. Às nove horas, vão encontrar-se com o barbeiro. Este é um ritual que não é necessário. Nenhuma das minhas filhas passou por isto. É aquele Nasser maldito! Minha senhora, ajude-me por favor...!».

De súbito, todo um passado surgiu diante dos meus olhos. Lembrava-me ainda tão bem da horrível história que Nura, a minha irmã mais velha, me contara! Sim, também Nura passara por aqueles horrores, também tinham feito dela uma mulher!

Ainda não me havia casado quando tudo isso aconteceu. Tinha apenas dezesseis anos. A minha mãe morrera pouco tempo antes e Nura, sendo a filha mais velha, tinha a obrigação de responder às minhas perguntas sobre a circuncisão feminina. Só então fiquei sabendo que Nura e as duas irmãs que se lhe seguiam na idade haviam passado por esse ritual medonho e que, por causa disso, tinham sido sujeitas a um sofrimento que só terminaria com a sua morte.

Na Arábia Saudita, num passado não muito distante, a circuncisão das mulheres não era um fato invulgar. Cada tribo seguia um costume diferente. Há menos de um ano, li um livro que

o meu filho trouxe de Londres, intitulado *The Empty Quarter*, da autoria de St. John Philby, um afamado explorador do deserto britânico. Com o apoio do meu avô, Abdul Aziz Al Sa'ud, fundador e primeiro rei da Arábia Saudita, St. John Philby realizara demoradas explorações no território da Arábia durante os anos 30.

Vi o livro no quarto do meu filho e levei-o. Foi com grande prazer que li a história das tribos árabes que viriam a formar a população saudita, até que cheguei a um capítulo que contava as descobertas do autor sobre a circuncisão feminina. Lembrando os horrores por que as minhas irmãs tinham passado, não pude conter as lágrimas ao ler o relato de Philby acerca de uma conversa com os homens do deserto:

Mas o seu tema forte era o sexo. Adorava ridicularizar Salih, percorrendo longamente sobre a circuncisão feminina conforme era praticada pela tribo dos Manasir. «Acredite no que lhe digo», dizia ele. «Deixam as mulheres chegar à puberdade com o clitóris intacto e quando uma garota está prestes a casar-se, um ou dois meses antes do casamento, fazem uma festa, a festa da circuncisão. Só nessa altura é que praticam a circuncisão e não na altura do nascimento como sucede nas outras tribos - os Qahtan e Muna, os Bani Hajir e também, infelizmente, os «Ajman. Assim, as mulheres dos Manasir crescem mais lascivas do que as outras, e que belas mulheres elas são, e que sensuais! Mas depois tiram-lhes tudo, tornando-as mansas, esfriando-lhes os ardores sem lhes reduzirem o desejo (...). As garotas são circuncisadas nas suas tendas por mulheres que sabem do assunto e que recebem à volta de um dólar pelo trabalho. São especialistas. Trabalham lindamente com as tesouras, com a navalha e a agulha, instrumentos necessários para a operação».

Este texto deu-me muito que pensar. Parecia-me extremamente estranho que os homens considerassem completas as mulheres sensuais e lascivas, mas que ao mesmo tempo patrocinassem atos bárbaros a fim de «esfriarem os ardores» dessas mesmas mulheres. As minhas leituras haviam-me levado a concluir que a circuncisão feminina fazia com que as mulheres receassem todo o tipo de intimidade com os seus maridos. Obviamente, a mutilação das mulheres não era inspirada por nenhum sistema ou padrão racional.

O meu avô, Abdul Aziz Al Sa'ud, era um homem que estava à frente do seu tempo. Procurava melhorar as coisas em todos os domínios. Vindo do Najd, não acreditava na circuncisão das mulheres, nem tão pouco num tipo específico de circuncisão masculina, a circuncisão «peladora», que era tão horrível como a feminina.

Neste tipo particular de circuncisão masculina, a pele é removida desde o umbigo até às virilhas. Perante tão extrema brutalidade, o nosso primeiro rei proibiu tal prática. Porém, apesar das leis do meu avô, as velhas tradições só muito lentamente foram morrendo. As pessoas estavam dispostas a correr o risco de uma severa punição, preferindo continuar a praticar aquilo que lhes havia sido ensinado pelas gerações anteriores.

Enquanto algumas tribos proibiam pura e simplesmente a circuncisão das mulheres, outras removiam apenas o capuz do clitóris. A remoção do capuz do clitóris é o método menos comum e é o único procedimento que se pode comparar à circuncisão masculina normal.

Mas havia também tribos que removiam todo o clitóris, bem como os pequenos lábios. Este é o método mais comum de circuncisão feminina e é comparável à remoção da cabeça do pênis. A minha própria mãe ignorava as novas normas e deixara que três das suas filhas fossem sujeitas à cruel prática da circuncisão feminina. As restantes mulheres da nossa família tiveram sorte diferente devido à intervenção de um médico ocidental e à insistência com que o meu pai defendia que a circuncisão feminina não passava de uma prática pagã que tinha de ser erradicada. Estranhamente, nos países muçulmanos são as próprias mulheres que defendem a circuncisão das suas filhas, temendo que estas venham a ser escarnecidas e perseguidas por serem diferentes, receando que o fato de não serem circuncisadas as leve a não encontrarem marido. Neste aspecto específico da sexualidade feminina, os homens cultos mostram-se mais avançados do que as suas mulheres.

Há outro método de circuncisão feminina, ainda mais atroz e perigoso: a circuncisão faraônica. Não será fácil imaginar o sofrimento por que passam as mulheres sujeitas a este tipo de

circuncisão. Este processo é o mais extremo de todos; depois de concluído o ritual, a garota fica sem o clitóris, sem os pequenos lábios e sem os grandes lábios. Se um homem fosse sujeito a uma prática idêntica, ficaria sem o pênis e sem o escroto à volta dos testículos.

Quão bárbaros eram estes velhos costumes que perduravam ainda no nosso tempo! Na Arábia Saudita avançou-se decisivamente na erradicação da tradição; de fato, a maior parte das mulheres do meu país já não são submetidas a esta horrível experiência. Os homens da minha própria família haviam proibido a tradição pagã, mas apesar disso havia sempre famílias de ascendência africana vivendo na Arábia que preferiam correr o risco de uma severa punição a abandonarem o ritual, jurando a pés juntos que só a limitação do prazer feminino preservaria a castidade das mulheres.

Sabia que, segundo os historiadores, a prática da circuncisão feminina começara no vale do Nilo. Não deixei de especular que talvez esse bárbaro ritual terminasse precisamente onde tinha começado. Contudo, muitas das mulheres egípcias (e de todo o continente africano) continuam a ser submetidas à mais inumana das práticas.

Fatma puxava-me pelo braço. Os seus gestos suplicantes faziam-me regressar ao presente. Com extrema tristeza, recordei o rosto da sua neta, Alhaan, que por várias vezes visitara a avó na nossa residência. Era uma bela menina, com um ar muito inteligente e feliz. Imaginava já a mãe a conduzir a garota ao barbeiro, a despi-la, a abrir-lhe as pernas diante daquele homem que a esperava de navalha na mão.

Horrorizada, pus um ponto final nas minhas fantasias. Incrédula, perguntei-me como era possível que a mãe tolerasse que a sua filha fosse vítima de tal atrocidade. Contudo, sabia que muitas mães permitiam a realização de tais práticas, pois a Organização Mundial de Saúde estima que a mutilação genital afeta entre 80 e 100 milhões de mulheres em todo o mundo. Quanto sofrimento infligido a crianças pequenas!

Com esperança na voz, Fatma examinou cuidadosamente o meu rosto e perguntou-me:

«Senhora, pode salvar a minha neta?».

Abanei a cabeça, lentamente, pesadamente. «Que posso eu fazer, Fatma, que você não possa? Eu não pertenço à tua família. A minha interferência seria mal vista».

«Mas a senhora é uma princesa. A minha filha teria respeito por uma princesa».

Há muito que sabia que aqueles que nada têm acreditam que o dinheiro, para além de permitir a liberdade económica, também traz sabedoria. Contudo, instintivamente sabia que a filha de Fatma não aceitaria de bom grado a minha intromissão.

Com um gesto de desamparo, retorqui: «Que posso eu fazer, Fatma? Desde que cheguei à idade do entendimento que luto pelo fim de tais práticas». A minha voz era o espelho do desalento. «Agora, parece que o mundo se está a tornar cada vez mais negro para os membros do nosso sexo».

Fatma calou-se e uma expressão contristada apoderou-se dos seus olhos negros.

«Se pudesse, ajudaria a tua neta. Mas não tenho nenhuma autoridade para impor a minha opinião».

Fatma parecia decepcionada, mas não me censurou. «Eu compreendo, senhora». Fitou-me, com as pálpebras meio-fechadas. «Mas rogo-lhe que venha comigo. Podemos fazer uma tentativa».

Surpreendida com a teimosia de Fatma, senti a minha determinação dissipar-se. Uma tremura percorreu-me todo o corpo. Com uma voz muito fraca, perguntei-lhe: «Onde é que vive a tua filha?».

Os lábios grossos de Fatma explodiram numa resposta excitada: «Vive perto daqui, de automóvel é um instante! Se formos já, ainda chegamos antes de Nasser regressar do trabalho».

Tentei reunir toda a coragem de que precisava. Disse a mim mesma que, apesar de um fracasso quase certo, deveria pelo menos fazer um esforço. Sabia que teria de mentir ao meu marido. Se lhe dissesse a verdade, Karim proibir-me-ia de ir. «Fatma, vai arranjar-te. E nem uma palavra a ninguém!».

«Sim, minha senhora! Eu sei que foi por vontade de Deus que a senhora decidiu ajudar-me!».

Fatma saiu da sala a uma velocidade que há muito não lhe via. Apesar de vivermos em mundos completamente diferentes, tínhamo-nos tornado camaradas de armas, lutando pela mesma causa.

Depois de me ter penteado e pintado os lábios, decidi dizer a Karim que Fatma recebera subitamente a notícia de que a filha estava de cama com uma doença ginecológica muito rara; e que a filha recusara o tratamento, dizendo que se Deus queria realmente que ela morresse, não se oporia à Sua decisão; Fatma suplicara-me que fosse com ela, para tentar convencer a filha de que devia lutar contra a doença, pois tinha ainda filhos para criar. Para me mostrar mais convincente, queixar-me-ia de que não queria ir, mas que dificilmente me perdoaria se a mulher morresse. A história era fraca, mas Karim evitava o mais possível os problemas específicos das mulheres e, muito provavelmente, limitar-se-ia a resmungar.

Na realidade, não fui obrigada a contar história nenhuma ao meu marido, pois Abdullah informou-me de que o pai recebera um telefonema enquanto eu estava a falar com Fatma. Karim pedira ao filho para me dizer que ia ter com um dos seus primos a um cassino do Cairo e só voltaria a casa à noite. Sabia que o meu marido queria adiar a análise do pedido do filho, relativamente à doação de milhões de dólares à frágil economia libanesa, e fiquei com a impressão de que a história do primo era tão falsa como a história que eu me preparava para lhe contar. Karim partilha um traço comum com a maior parte dos Árabes. O meu marido não consegue dizer «não». Prefere uma pequena mentira, prefere desaparecer da vista daquele que lhe pede uma resposta.

«Ótimo!», murmurei eu, ofegante. O desconforto de Karim face aos pedidos do filho tinha vindo mesmo no momento certo.

Depois de me ter informado da mensagem do pai, Abdullah concentrou-se no programa que estava a passar na televisão. Na realidade, o meu filho estava totalmente hipnotizado!

O programa em questão era uma telenovela egípcia extremamente popular em muitos países árabes. Reparei que Amani estava amuada. Não estava contente com a seleção do irmão, pois aquela telenovela estava proibida na Arábia Saudita, devido às suas sugestões de uma presumível libertinagem sexual.

«Abdullah, preciso que me leves a casa da filha de Fatma. Podes vir?».

O meu filho não perdia uma oportunidade para guiar o novo Mercedes branco que Karim comprara e expedira para a nossa residência no Cairo. Sabia, por experiências passadas, que Karim teria por certo levado o Mercedes mais velho para o movimentado centro do Cairo, pois tinha um medo terrível dos motoristas de táxi cairotas.

Abdullah desligou a televisão com o controle remoto e ergueu-se de um salto. «Eu vou buscar o carro».

As ruas do Cairo estavam abarrotadas de veículos de todo o tipo e o trânsito estava praticamente parado. Os peões passeavam no meio dos carros. Nos ônibus atravancados de gente, viam-se pessoas dependuradas de portas e janelas, como se essa fosse a forma de viajar mais natural do mundo.

Enquanto o nosso carro avançava lentamente pelas ruas da cidade, atentei com espanto na massa de gente que afluía à cidade dos Faraós e senti um arrepio, pensando que a cidade do Cairo não podia continuar a existir naquelas condições.

Abdullah interrompeu os meus pensamentos, perguntando-me qual o objetivo da nossa viagem.

Obriguei-o a jurar segredo absoluto. Quando lhe expliquei as razões do sofrimento de Fatma, uma raiva profunda estampou-se no rosto do meu filho.

Abdullah disse que já tinha ouvido falar de tais práticas, mas que sempre pensara que as histórias que lhe contavam eram exageradas. «É mesmo verdade?», perguntou. «Ainda fazem essas coisas às meninas?».

Ainda pensei falar-lhe da tia Nura, mas reconsiderarei, pois era um assunto privado e sabia que a minha irmã ficaria profundamente envergonhada se o meu filho soubesse da sua mutilação. Em vez disso, fiz-lhe um breve relato da história da circuncisão feminina.

O meu filho, embora satisfeito com o fato de tal costume estar praticamente varrido do nosso país, não podia deixar de se sentir profundamente amargurado com a realidade que prevalecia noutros países.

Mantivemo-nos em silêncio durante o resto da viagem, cada um de nós concentrado nos seus próprios pensamentos sobre o que iria ou não iria acontecer.

A filha de Fatma vivia numa ruela transversal a uma importante rua comercial da cidade do Cairo. Abdullah pagou ao proprietário de um estabelecimento pelo privilégio de nos deixar estacionar diante da sua loja de roupa e prometeu-lhe um generoso bônus se o homem vigiasse o carro e evitasse que algum vândalo o danificasse.

Abdullah conduziu-nos, a mim e a Fatma, com as mãos nas nossas costas, enquanto avançávamos sinuosamente no meio do tráfego pedestre. A ruela onde morava a filha de Fatma era tão estreita que nem os automóveis podiam lá entrar. Seguimos por isso pelo meio da rua. Estabelecimentos especializados em pratos árabes espalhavam um intenso cheiro a cozinhados.

Eu e o meu filho não parávamos de olhar um para o outro, pois nunca havíamos visitado as zonas mais pobres do Cairo. Tudo aquilo era para nós um choque: pessoas vivendo quase que em cima umas das outras, pessoas vivendo num estado de extrema pobreza.

A filha de Fatma vivia num edifício de três andares a meio da ruela. O prédio dava para uma mesquita que estava a precisar urgentemente de reparações. No rés-do-chão havia uma padaria, ao passo que os dois pisos superiores tinham sido alugados como apartamentos. Fatma apontou para cima e disse-nos que a filha, Elham, vivia no último andar. Incrivelmente, Elham devia estar à janela nesse preciso momento, pois reconheceu a mãe no meio da multidão e desatou a gritar o nome dela. Gritar, gritava, mas quase não a ouvíamos, tal era o alarido produzido pelas gentes da cidade.

Abdullah não sabia que, naquela família particular, as mulheres podiam encontrar-se ou dar-se com homens que não fossem seus familiares (no Egito, este costume varia de família para família). Disse-me, por isso, que ficaria à espera num pequeno café por onde tínhamos passado e que servia sanduíches shawarma, finas fatias de carne de carneiro em pão árabe, com tomate, hortelã-pimenta e cebola. Estas sanduíches eram as preferidas de todos os meus filhos e Abdullah confidenciou-me que a viagem lhe tinha feito fome.

Elham e três das suas quatro filhas vieram ter conosco às escadas. Falavam todas ao mesmo tempo, perguntando se houvera alguma doença ou tragédia na família.

A primeira coisa que pensei foi que Elham era tal e qual Fatma quando esta era jovem.

Elham olhou-me fascinada quando Fatma me apresentou como a sua patroa, uma princesa da Arábia Saudita, pois eu nunca vira Elham, apesar de conhecer a maior parte dos filhos e dos netos de Fatma. De súbito, fiquei profundamente perturbada, pois dei-me conta de que trazia as minhas jóias; fora tanta a pressa que me esquecera de tirar os enormes brincos de diamantes ou o meu opulento anel de casamento, uma verdadeira afronta num local tão miserável. A filha mais nova de Elham, uma menina que não teria mais de seis anos, levou uma bofetada da mãe por se ter atrevido a tocar na pedra do meu anel.

Por insistência de Elham, fomos conduzidas a uma pequena sala-de-estar. Entretanto, deixou-nos por um momento, a fim de ir aquecer água para o chá. Fatma tinha já duas netas ao colo e uma terceira aos seus pés. Quanto a Alhaan, nem sinal.

Olhei à minha volta e concluí imediatamente que Elham vivia a mais modesta das vidas. Evitei olhar para as carpetes puídas e para as capas rasgadas dos sofás, pois não queria que os meus olhares fossem mal interpretados. Havia um braseiro no meio da sala e, sobre uma mesa encostada a uma parede, empilhavam-se inúmeros livros religiosos. Um pequeno candeeiro a petróleo estava pendurado do teto. Perguntei-me se não haveria eletricidade no apartamento. Reparei que a casa estava limpa e que Elham não se poupava a esforços para afastar o pó e a

bicharada do seu modesto apartamento.

Elham não demorou muito, servindo-nos chá doce e bolinhos de amêndoa que ela própria fizera para a celebração familiar que iam ter naquela noite. Disse à mãe que Alhaan estava toda excitada com o que se ia passar e que, nesse preciso momento, estava no terraço do prédio a ler o Alcorão e a preparar-se para o dia mais importante de toda a sua vida.

A atmosfera manteve-se alegre até ao momento em que Fatma começou a suplicar à filha que cancelasse o ritual, a fim de poupar à menina um sofrimento tão terrível.

Vendo que não conseguia abalar a determinação da filha, Fatma apontou para mim e disse que, se Elham se recusava a ouvir a sua própria mãe, então talvez desse atenção a uma mulher que fora educada por espíritos superiores, a uma mulher que aprendera, graças a médicos famosos, que a mutilação das garotas não era encorajada pela nossa religião e não passava de um costume sem qualquer fundamento ou significado na vida moderna.

A tensão era cada vez mais palpável e embora Elham fosse uma pessoa educada e escutasse as minhas opiniões sobre a matéria, verifiquei que mantinha o sobrolho muito franzido e que os seus olhos pareciam vidrados de determinação. Graças às confidências de Fatma sabia que a família de Elham era muito religiosa, por isso recorri aos meus conhecimentos sobre religião, dizendo que não havia nada no Alcorão relativamente a essas práticas e que se Deus tivesse achado necessário submeter às mulheres a circuncisão com certeza que teria transmitido essa mensagem ao Profeta Maomé.

Elham admitiu que a circuncisão feminina, embora não fosse mencionada no Alcorão, se baseava nos costumes do Profeta, de tal forma que ganhara o estatuto de Sunna, ou seja, tornara-se numa tradição para todos os Muçulmanos. Lembrou-me um conhecido hadith, ou tradição, que não ficara registrado no Alcorão. Esse hadith diz que o Profeta Maomé afirmou certo dia a Uma Attiya, uma matrona que estava a praticar uma excisão: «Reduz, mas não destruas».

Era esta tradição que Elham e o marido iam seguir e nada que eu pudesse dizer alteraria a sua decisão.

Discutimos o problema até que reparei que a sala estava a ficar cada vez mais escura. Aproximava-se o pôr-do-sol. Sabia que Nasser estava prestes a regressar a casa e não tinha o menor desejo de enfrentar o homem da casa a propósito de um assunto tão delicado. Referi por isso que eram horas de voltar para os meus filhos.

Fatma, apercebendo-se do fracasso, começou a chorar e a esbofetear-se a si mesma. O seu rosto transformou-se de súbito numa vermelhidão.

Notei nos olhos de Elham uma chispa de tristeza perante o sofrimento da mãe. Contudo, acentuou que o marido tomara aquela decisão e que ela concordara. As suas quatro filhas passariam todas pelo ritual da circuncisão quando chegassem à idade própria.

Era evidente que Elham queria que eu partisse imediatamente. Compreendendo que nada poderia fazer para evitar a triste sorte das meninas daquela casa, levantei-me e despedi-me.

Absolutamente segura de si, Elham olhou-me nos olhos e despediu-se com extrema cortesia. «A senhora», disse-me ela, «honrou a minha casa com a sua visita, Princesa Sultana. Gostaria muito que voltasse noutro dia para uma visita mais demorada».

Contra o desejo da filha, Fatma insistiu em ficar para a cerimônia, dizendo que, pelo menos, vigiaria o trabalho do barbeiro, pois queria ter a certeza de que este não cortaria mais do que a extremidade do clitóris da neta.

Submeti-me ao inevitável, deixando a casa de Elham sem cumprir os meus objetivos. Os meus pés pareciam-me de chumbo enquanto descia as escadas. Procurando acalmar-me, parei a meio das escadas e recitei um versículo do Alcorão: «Não podes conduzir para o caminho certo esta ou aquela pessoa que gostarias de conduzir, pois é Deus que conduz quem Ele entende que deve conduzir».

O meu filho estava à minha espera, sentado a uma pequena mesa da esplanada do café.

O seu olhar interrogativo não me largava.

«Então?», perguntou.

Abanei a cabeça. «Não. Não há nada a fazer».

Uma nuvem negra parecia ter descido sobre o rosto do meu filho. «Vamos», disse eu. «Vamos para casa».

Olhei por cima do ombro já à saída da estreita rua. A casa de Elham dissolvera-se na escuridão, como se nunca tivesse existido.

Quando o meu filho começou a falar, encostei a minha mão aos seus lábios, suplicando-lhe silêncio.

Já não conseguia controlar as lágrimas.

Sem falar, Abdullah levou-me para casa.

Mal chegamos, chamei as minhas filhas e, para sua grande surpresa, ordenei-lhes que fizessem as malas. A nossa família deixaria o Cairo logo que o pai regressasse do cassino.

Murmurei para Abdullah que a cidade que amava desde menina não ia perder o meu afeto, embora esperasse que a experiência daquela noite não me levasse a detestar tudo o que fosse egípcio.

Os olhos do meu filho brilhavam de compreensão. Fiquei muito contente por ver que o meu filho entendia as razões que ditavam as minhas palavras.

Karim chegou passado pouco tempo com um cheiro terrível a álcool. Amani desatou logo a rezar, pedindo a Deus que perdoasse os pecados do pai e lhe devolvesse o estatuto de favorito dos céus. A certa altura, Amani começou a descrever as agonias do inferno que esperavam todos os membros da sua família.

Estando já com uma disposição terrível, depressa fervei de raiva com o fanatismo da minha filha mais nova. Não suportava que ela falasse mal da sua própria família. Cara a cara, disse-lhe muito claramente que Deus ainda não me tinha notificado de que nomeara a minha filha para a sagrada missão de assustar a humanidade e de, através do medo, a conduzir à decência.

Preparava-me para lhe dar um beliscão na cara, mas Karim agarrou-me na mão e encostou-a ao seu peito, ordenando a Amani que se retirasse e concluísse as suas orações na privacidade do seu quarto.

Embragado como estava, Karim desatou a embirrar comigo. Disse-me que já se tinha dado conta de que eu era incapaz de controlar o meu temperamento destrutivo e que achava que tinha chegado a hora de me dar uma lição.

Por um momento, ficamos a olhar um para o outro. Karim estava quieto e calado, à espera da minha resposta. Os seus lábios franziam-se de desprezo e era fácil de ver que ansiava por uma rixa.

Examinei rapidamente a sala à procura de uma arma para lhe bater na cabeça, pois sou uma mulher que enfrenta as ameaças com violência, mas Karim conhece-me bem e postou-se entre mim e o vaso de bronze que havia decidido usar contra ele.

De súbito, fiquei sem vontade nenhuma de combater, pois há momentos em que consigo pôr a razão em primeiro lugar, e Karim é fisicamente o dobro de mim. Sem uma arma, nada posso fazer; e quando me tiram uma arma, rapidamente me vencem. Além disso, era melhor que a nossa discussão não se transformasse num confronto físico, pois a experiência do passado ensinara-me que era impossível vencer uma discussão com Karim embriagado. Contudo, o meu desprezo não podia ser mais intenso; naquele momento, dificilmente me lembraria das razões que me tinham levado a amar o homem com quem casara.

Desejando evitar uma confrontação inútil, sabia que devia reconquistar a posição favorável que perdera.

Ri e disse-lhe: «Olha bem para você! Parece um elefante ameaçando uma formiga!». Depois, sorri para o meu marido e disse-lhe que estava muito contente por ele ter voltado cedo, pois ansiava pela sua companhia num momento de grande tristeza.

Karim não se encontrava no seu melhor estado mental e não era difícil derrotá-lo. Desconcertado com a minha mudança de tática, caiu redondamente na minha armadilha e desatou a pedir-me perdão pelas palavras impensadas que dissera, e enquanto me pedia perdão,

afagava-me os ombros e perguntava-me porque é que a sua querida esposa estava triste.

Olhei para o relógio e vi que eram quase nove horas. Destroçada por saber que uma menina inocente ia ser sujeita a uma mutilação, esqueci-me por completo de mim e, com profunda tristeza, disse ao meu marido que não havia nada de aprazível na vida de uma mulher e que, em minha opinião, seria bom que todas as mulheres morressem.

Karim não conseguia entender os motivos que me levavam a expressar tão negras idéias. Perguntou-me se a minha vida não era perfeita, se havia algo que eu desejava, pois tudo o que eu desejasse ele mo daria.

Sabendo que a minha maior fonte de tristeza são as injustiças sociais de que as mulheres são vítimas, lembrou-me de que, juntos, tínhamos conseguido que no seio do nosso lar as nossas filhas não fossem vítimas dos preconceitos que prevaleciam na sociedade. Que mais poderia um homem fazer, perguntou ele, senão defender aqueles que amava?

Karim sorriu-me ternamente e afagou-me os lábios.

Nesse momento, dei-me conta de que Karim tinha de fato um encanto notável, um encanto que compensava largamente os seus traços fisionômicos menos interessantes.

Sem saber como lidar com a ambígua questão da minha revolta contra o estatuto secundário das mulheres, Karim anunciou que eu não podia fugir ao meu destino e que o meu destino tinha sido nascer na Arábia Saudita e que, em última análise, as mulheres tinham de aceitar os limites impostos pela nossa cultura. Lembrou-me depois de que Deus estava a par de tudo e que o Seu objetivo ao fazer-me nascer em solo árabe não fora comunicado a nenhum ente vivo.

Com as emoções num turbilhão, voltei a detestar o meu marido, lamentando que os homens não pudessem ser transformados em mulheres e viver no nosso mundo limitado e cruel o tempo suficiente para entenderem o que há para entender. Apetecia-me gritar, protestar. Protestar contra a insensibilidade do meu marido face ao sofrimento das mulheres.

Como poderá a mulher aproximar o homem do sofrimento que invade o mundo e que atinge todas as mulheres, uma a uma? Apercebendo-me de que era um disparate completo desejar que os homens sofressem os males que atingem as mulheres na sociedade, enquanto as mulheres desfrutariam do estatuto reservado aos homens, disse para mim mesma que estava demasiado nervosa para ter uma conversa normal, e sugeri ao meu marido que nos deitássemos cedo, a fim de acordarmos frescos, pois essa era a melhor maneira de desanuviar os pensamentos.

Como é costume discutir e depois adormecer sempre que se embebeda, Karim concordou e tratou logo de ir para a cama. Entretanto, dei instruções aos meus filhos para jantarem sozinhos e para fazerem as malas, pois deixaríamos o Cairo na manhã seguinte.

Quando regresssei aos meus aposentos, o meu marido descansava já profundamente. Agitada pelo conflito entre os meus próprios pensamentos de revolta e as crenças tradicionais defendidas pela filha de Fatma, pensei no que o meu marido me havia dito, ou seja, que eu era uma mulher em luta contra o seu destino. Contudo, apesar do meu estatuto de segunda, sabia que nunca me renderia, que nunca aceitaria a circuncisão feminina.

Antes de cair num sono perturbado e insatisfatório, jurei a mim mesma que a minha revolta perante o destino de garotas como Alhaan não se esbateria enquanto perdurasse o bárbaro costume que a provocara.

XI MONTE CARLO

«Chamar sexo fraco às mulheres é um insulto; é uma injustiça dos homens para com as mulheres. Os homens deverão defender a honra das suas mulheres e não ser os seus donos, mas sim os seus amigos sinceros. Os homens não deverão ver as mulheres meramente como objetos de prazer, e esta mesma regra deve aplicar-se às mulheres».
- MAHATMA GANDHI

Fatma fazia um esforço terrível para parecer alegre quando nos deu bom-dia. Estivera trabalhando duramente na cozinha ainda antes de a família acordar e parecia ter ficado triste com a súbita notícia de que íamos partir para Monte Carlo nessa mesma manhã. Aí, na Riviera Francesa, juntar-nos-íamos a três das minhas irmãs e às respectivas famílias, que estavam de férias no pequeno principado de Mônaco.

Imaginava a cena da circuncisão da neta de Fatma e sabia que a trágica noite não poderia ser descrita por meras palavras. Mesmo assim, consegui um momento de calma, longe da minha família, e tratei de inquirir Fatma acerca do estado de saúde de Alhaan.

Com as mãos juntas e um brilho de aço nos olhos, reflexo de uma revolta que não esmorecera, Fatma retorquiu-me que a menina não tinha passado bem. Seguindo as instruções do seu genro, o barbeiro removera todo o clitóris da garota, bem como os pequenos lábios. Segundo Fatma, só com compressas especiais fora possível estancar as hemorragias.

Sentindo uma culpa injustificada, pelo fato de não ter sido capaz de impedir a violência de que Alhaan fora vítima, perguntei, alarmada, à minha criada: «Temes que haja complicações?».

Fatma tentou pôr uma expressão menos tensa quando viu os meus olhos cheios de lágrimas e compreendeu até que ponto eu ficara afetada.

«Minha querida senhora», disse ela, abraçando-me, «o mal já está feito. Agora já não há nada a fazer. A senhora fez tudo o que estava ao seu alcance. Só posso agradecer-lhe pelo amor que demonstrou por alguém que não é do seu sangue. Acalme os seus receios, pois estou ciente de que Alhaan irá se recuperar».

Por muito que me esforçasse, não conseguia encontrar as palavras certas. Fatma libertou-me do seu pungente abraço e os seus olhos encontraram-se com os meus. Ficamos assim por um longo momento, caladas e quietas, de olhos nos olhos. Nenhuma de nós se mexeu, nenhuma de nós desviou os olhos. Nos olhos de Fatma encontrei a expressão de um imenso amor por aquela que, afinal, não passava da sua patroa.

Fatma umedeceu os lábios antes de prosseguir. «Princesa Sultana, a senhora apareceu-me em sonhos esta noite e eu sinto que devo contar-lhe a mensagem desse sonho».

Sustive a respiração, com medo do que ela me pudesse contar, lembrando-me de que nunca lidara bem com predições sobrenaturais.

Fatma fitou-me com afeição e tristeza. «Princesa Sultana, a senhora está rodeada de todos os bens terrenos e, no entanto, parece vazia. Esse descontentamento deriva do fato de ter o coração de uma criança no corpo de uma mulher. Tal combinação traz sempre grandes problemas para o espírito de uma pessoa. Nem a senhora, nem qualquer outro filho de Deus poderá resolver todos os problemas da humanidade. Foi-me revelado que deveria dizer-lhe o seguinte - que não é vergonha nenhuma uma pessoa curvar-se perante a realidade e que a senhora deveria deixar que a sua paixão pelos conflitos esfriasse nas suas veias».

O rosto da minha mãe surgia diante de mim como num estranho sonho que reunisse recordações avulsas e desconexas. Não duvidava de que a minha mãe recorresse a Fatma para comunicar com a sua filha mais nova. As palavras de Fatma eram em tudo iguais aos conselhos que a minha mãe me dava nos tempos da minha infância. Nessa altura não entendia as suas sábias palavras. Julgava que os seus conselhos não tinham nada a ver comigo. Agora que era uma mulher madura, compreendia perfeitamente esses sábios conselhos.

Embora fosse ainda uma criança, percebera que a minha mãe, adivinhando a sua morte

próxima, guardava uma única mágoa: a mágoa de deixar este mundo sem ter tido a possibilidade de orientar firmemente o meu tempestuoso caráter. Receava que eu reagisse aos conflitos da idade adulta com a mesma precipitação com que, em criança, enfrentava os problemas; nessa altura, o meu único objetivo era vencer tudo e todos e, por isso mesmo, enredava-me constantemente em conflitos.

A minha querida mãe comunicara comigo!

Uma sensação de profundo calor percorreu-me todo o corpo, acompanhada de uma calma profunda, uma calma que não conhecia há muito tempo. As minhas memórias tinham deixado de ser um território obscuro. Sentia, muito agudamente, a divina presença de minha mãe.

Por muito que tentasse, nunca conseguiria explicar o súbito choro que se ergueu na minha garganta, nem os soluços que me levaram a lançar-me nos braços fortes de Fatma. Sim, eu era uma mulher que ainda tinha um coração de criança, um coração que não desejava outra coisa senão um breve instante de comunicação com aquela que me dera o ser.

«Quão felizes são aqueles que ainda têm mãe!», desabafei finalmente, fitando os olhos, cheios de compaixão, de Fatma.

Quando abandonamos a cidade do Cairo, não pude deixar de meditar no triste destino que esperava muitas das meninas e garotas egípcias. Segredei ao meu filho que aqueles trágicos acontecimentos tornavam a vida no Egito menos colorida e alegre do que seria de esperar num país tão vibrante.

Nessa tarde, o nosso avião particular aterrisou no aeroporto internacional de Nice, no sul de França. Os maridos das minhas três irmãs haviam alugado um enorme palácio, situado nas colinas que rodeiam a cidade do Mônaco; tinham garantido a Karim que o palácio não ficava muito longe do aeroporto. Asad contratara três limusines para transportar a nossa família e as bagagens desde o aeroporto até ao palácio.

Na realidade, o palácio pertencera em tempos a um aristocrata francês e tinha mais de sessenta quartos, espaço mais do que suficiente para as quatro famílias. Nenhum dos meus cunhados tinha mais de uma esposa, de maneira que o nosso grupo de oito adultos e dezesseis rapazes e garotas era invulgarmente pequeno para uma reunião de quatro famílias árabes.

Há três estradas entre Nice e o Mônaco, mas nenhum de nós queria seguir pela estrada costeira, ou Inférieure Corniche, normalmente muito engarrafada. A Moyenne Corniche fica entre a marginal e a Grande Corniche, a mais interior das três.

Disse ao meu marido que gostaria de ir pela Moyenne, pois sabia que era a melhor das três estradas, além de que proporcionava vistas magníficas do litoral.

Karim discordou, dizendo que as nossas filhas é que deviam escolher a estrada.

Belisquei-o na perna, comentando que aquela idéia não era nada razoável, mas ele teimou em pedir a opinião das filhas.

Como eu previra, Maha e Amani desataram logo a discutir, defendendo cada uma a sua estrada.

«Eu bem te disse», segredei para Karim.

As nossas duas filhas nunca estiveram de acordo em nada - fosse qual fosse o assunto - desde o dia em que aprenderam a falar. Disse para mim mesma que tudo nas nossas vidas se complicara desde que dera à luz os meus três filhos.

O motorista pôs termo à discussão, informando-nos de que um caminhão carregado de ovos sofrera um acidente e que, por isso, a Moyenne estava temporariamente engarrafada. Como duas das três estradas estavam congestionadas de trânsito, o motorista, muito sensatamente, sugeriu que seguíssemos pela Grande Corniche.

Amani, um bebê pequeno no corpo de uma garota, amou logo; em contrapartida, Maha e Abdullah ficaram todos contentes, e ao longo da viagem não se cansaram de referir as belas paisagens que se podiam apreciar daquela estrada, e que lhes tinham escapado quando da nossa última viagem ao Mônaco, três anos antes.

A Grande Corniche foi construída por Napoleão, seguindo o trajeto da antiga via romana.

A certa altura, passamos pela encosta sul dos Alpes Marítimos, e as vistas eram verdadeiramente espetaculares.

Comentei que, tendo em conta os monótonos matizes castanhos e beges dos países do deserto, o exuberante verde da Europa era um bálsamo para os meus olhos.

Amani interpretou o meu comentário como uma ofensa à terra natal do Profeta. Ao ouvir a filha, Karim perdeu a paciência e pediu-lhe encarecidamente que se abstivesse de fazer interpretações religiosas a propósito das mais simples observações.

Disse para mim mesma que a minha querida filha estava a transformar-se numa criatura absolutamente detestável. O meu amor por ela era agora mais forte do que nunca, mas havia alturas em que sentia uma aversão extrema pela atitude arrogante de Amani, por aquela atitude que consistia em atirar-nos constantemente à cara a sua superioridade em questões de religião.

Satisfeita com o fato de a viagem estar a chegar ao fim, fiquei ainda mais contente quando vi as minhas irmãs Sara, Tahani e Nura, mal o nosso carro subiu pelo caminho circular da casa e estacionou diante do palácio. Senti-me tão feliz ao vê-las ali, esperando ansiosamente pela nossa chegada!

No entanto, a minha felicidade foi de curta duração.

«Rima foi hospitalizada!», anunciou Nura depois das saudações e dos beijos e de os meus três filhos terem ido procurar os primos.

«O quê?», retorqui, procurando imaginar que doença poderia ter atingido aquela que era, em idade, a quinta das minhas irmãs.

«Rima foi internada devido a ferimentos», disse Sara, ao mesmo tempo que trocava com Nura um olhar cheio de significado.

«Ferimentos?». A minha voz soou tão abafada que parecia não ter passado da garganta. Subitamente, receei que a minha irmã tivesse tido um acidente de viação, dado que tais acidentes são a principal causa de morte na Arábia Saudita, onde muitos jovens irresponsáveis têm o lamentável hábito de se lançar em corridas de automóveis que deveriam ter lugar nas pistas e não nas ruas.

Ficamos caladas, eu e as minhas irmãs, olhando umas para as outras com um ar positivamente embaraçado. Eu só estava à espera de que me esclarecessem, de que me dissessem o que realmente acontecera a Rima.

Karim e Asad afastaram-se, observando-nos, mas sem falarem.

Perante tal silêncio, os meus nervos inflamaram-se. Estaria Rima morta? Ninguém tinha a coragem de me contar a verdade?

Por fim, com um fiozinho de voz, perguntei: «Os ferimentos são graves?».

«Não, parece que Rima não corre perigo de vida», respondeu Nura.

Esta mania árabe de evitar as más notícias é de enlouquecer! Apetecia-me gritar, suplicar que me contassem tudo, que me libertassem daquela agonia, daquelas informações a conta-gotas que só muito a custo conseguia obter!

«O que é que aconteceu?», perguntei. «Prefiro a verdade nua e crua a esta tortura!». As minhas irmãs olharam umas para as outras com um ar muito estranho. Agora já não tinha dúvidas: Rima estava morta!

«Vamos para dentro», sugeriu Asad, afagando ternamente o braço de Sara. «Eu vou mandar servir o chá».

Fui atrás de Sara, sem sequer me dar conta das salas por onde passávamos. Só pensava na minha pobre irmã Rima. A quinta filha da nossa família inspirara sempre a simpatia de toda a gente. Rima não fora abençoada com o dom da beleza, nem com o da inteligência. Embora tivesse nascido perfeita, não havia nada no seu aspecto que suscitasse a inveja das outras mães.

Nura dissera-me um dia que Rima fora a única filha que a nossa mãe não protegera com a pedra azul (a pedra azul que, segundo as nossas crenças, afastaria os espíritos nocivos e as más influências), pois estava convicta de que ninguém lançaria o mau-olhado a uma criança de aspecto tão desagradável.

Além disso, em menina Rima tivera a triste sorte de engordar muito, atraindo por isso a troça de crianças insensíveis.

Das minhas nove irmãs, Sara é a mais bela. Quatro delas são extremamente bonitas, três são atraentes, uma outra é elegante e graciosa, ao passo que Rima foi absolutamente esquecida pela beleza. Numa família de dez filhas, Rima era a irmã feiosa que, por outro lado, também não conseguia distinguir-se na escola ou nos jogos. Tinha uma única capacidade excepcional, que herdara claramente da mãe: era uma excelente cozinheira, capaz de improvisar magníficos pratos franceses ou árabes. Contudo, este domínio da arte da culinária não facilitava, bem pelo contrário, o emagrecimento de que ela tanto precisava.

Vivendo num país onde nada é mais admirado do que a beleza feminina, Rima não era estimada.

Mal nos instalamos na sala-de-estar, Karim e Asad deixaram-nos, dizendo que iam mandar servir o chá. Quando a porta se fechou, ouvi Asad falando em voz baixa com o meu marido: Karim sabia da sorte de Rima antes da sua própria irmã.

«Quero saber a verdade. Digam-me, por favor: a nossa irmã morreu?».

«Não», retorquiu Nura. No entanto, a expressão contristada de minha irmã refletia claramente a gravidade da situação.

«Rima foi agredida pelo marido», disse finalmente Tahani.

Todo o meu corpo ficou frio num repente. «É mesmo verdade?», perguntei. Profundamente comovida, Nura acrescentou: «A nossa querida irmã foi miseravelmente agredida pelo seu próprio marido».

«Mas por que raio é que Salim bateu na nossa irmã?», perguntei. «Com certeza que ela não lhe deu motivos para isso!».

Como sucede frequentemente com as pessoas que não são premiadas pela beleza, Rima tinha um caráter pacífico e muito agradável, esforçando-se por criar à sua volta um ambiente alegre e festivo, como se o seu comportamento afável conseguisse superar a natureza, atraindo a admiração de todos aqueles que a conheciam.

Salim? As recordações do marido de Rima irromperam de súbito na minha mente. Salim, tal como Rima, não era propriamente um modelo de beleza física. Contudo, era considerado um homem extremamente calmo e gentil. Como se costuma dizer no mundo árabe, «Não há pote que não encontre a sua tampa». E Salim era considerado o parceiro ideal para Rima. O casamento parecia correr bem desde o início. Uma ação violenta era algo de completamente inesperado e não se coadunava minimamente com a índole de Salim.

Aventei a mais lógica das hipóteses: «Será que Salim enlouqueceu? Foi por isso que agrediu a nossa irmã?».

Confesso que não estava preparada para aquilo que ouvi.

Cerca de um ano antes, Rima confessara à nossa irmã mais velha, Nura, que um segredo terrível consumia a luz da sua vida. Rima disse a Nura que o seu querido marido estava passando por uma bizarra mudança de personalidade, uma transformação que começara com um estranho descontentamento, com uma misteriosa inquietação. De súbito, a mais negra melancolia destronava por completo a boa-disposição que caracterizava Salim. Aquele que outrora se mostrara satisfeito com o seu lar, mostrava-se agora permanentemente irritado, encontrando faltas infundáveis na esposa e nos quatro filhos. Já não sentia qualquer interesse pelo trabalho e muitas vezes só se levantava já a meio da tarde. Salim era vítima da tirania das suas próprias emoções, o que impedia toda a sua família de viver uma vida normal.

A afeição de Rima por Salim crescera ao longo dos anos. Salim, em contrapartida, dizia à esposa que nunca a tinha amado, que na realidade nunca conhecera o amor, e que se casara com Rima unicamente para granjear prestígio, pois Rima pertencia à família real.

Rima reagia à hostilidade desenfreada de Salim com um amor fiel e um interesse genuíno. Rima disse a Nura que receava que o marido tivesse um tumor no cérebro, ou que, pelo menos, sofresse de algum desequilíbrio químico. Não conseguia encontrar outra explicação para uma

mudança tão radical, tanto mais que, na sua vida, nunca houvera qualquer trauma.

Rima suplicava ao marido que recorresse à assistência médica. Porém, em vez de procurar apoio profissional para sair daquela agonia, Salim parecia preferir instalar-se definitivamente na infelicidade. Ele, que raramente bebia álcool, começou a beber com alarmante frequência. Sempre que bebia, tornava-se violento para Rima e para a mais velha das suas filhas.

Rima contou ainda a Nura que receava que o marido pedisse o divórcio (o que implicaria a sua separação dos dois filhos mais novos), pois Salim ameaçara deixá-la, insistindo que essa era a única maneira de se libertar da infelicidade.

Nura sentira-se impotente para aconselhá-la, tanto mais que na nossa família ninguém conseguia aproximar-se de Salim sem provocar novas tensões. A família dele pedira recentemente uma das filhas de Nura em casamento; esta se casaria com o filho mais novo de Salim. No entanto, o compromisso não se materializaria, pois Ahmed e Nura já tinham noivo para a sua filha. Desde então, a família de Salim afastou-se de nós, interpretando como um insulto aquilo que não o era.

Nura disse que, apesar de Salim se ter recomposto o suficiente para começar a funcionar no trabalho, a verdade é que o seu desprezo por Rima se tornou cada vez mais intenso. Salim começou a fazer frequentes viagens ao Extremo Oriente, e Rima sabia, por algumas brochuras que encontrou entre as coisas do marido, que essas viagens não eram de negócios. Na realidade, Salim participava em orgias sexuais em Bancoc e Manila.

Apenas um mês antes, Rima aparecera em casa de Nura com nódoas negras na cara e uma história horripilante. A nossa irmã descobrira o marido na cama com uma das criadas do Sri Lanka. Perante os protestos de Rima, Salim bateu-lhe e ameaçou-a de que ficaria sem os filhos se se atrevesse a contar aquele episódio a alguém da sua família. A família de Salim era religiosa e devota e ter-se-ia sentido extremamente envergonhada com a conduta dele, ainda que não pudesse fazer nada para alterá-la.

Embora muitos homens sauditas procurem prazeres secretos fora do casamento, a verdade é que nenhuma das mulheres da nossa família casara com um homem tão insensível ao ponto de manter relações sexuais com uma criada na sua própria casa.

Rima, perplexa e sem saber que fazer, resolveu consultar uma imã egípcia, pedindo-lhe que respondesse por escrito à seguinte pergunta: Será que o Islã autoriza um homem a ter relações sexuais com uma sua criada sem se casar com ela? Rima pensava que o marido seguiria as normas impostas pela religião, quando visse, preto no branco, que a sua conduta era pecaminosa. Não cumprir os ensinamentos do Alcorão era algo que não entrava na cabeça da nossa piedosa irmã!

Rima confessou a Nura que ia mostrar ao marido a resposta que a imã escrevera. Nura aconselhara-a a ter cautela, pois temia que a sanidade mental de Salim estivesse já muito afetada.

Perguntei a Nura se se lembrava das palavras da imã egípcia.

Nura respondeu-me que ficara com uma cópia e que a juntara a outros documentos de carácter religioso. Essa cópia, acrescentou, era um documento precioso, pois poderia servir de ajuda a muitas outras mulheres.

Nura afirmou que, tanto quanto se lembrava, a resposta da imã assegurava, de uma forma muito transparente, que «o Islã não autorizava as relações sexuais entre um patrão e uma criada». «A imã», acrescentou Nura, «acentuava que uma situação dessas era absolutamente ultrajante, dado que no Islã as relações sexuais só eram autorizadas no casamento».

A imã reconhecia que aquilo que acontece na vida de todos os dias nem sempre é sancionado pelo Islã; afirmava ainda que tinha conhecimento de muitos casos envolvendo amos que forçavam as criadas a ceder aos seus desejos, explorando a posição de inferioridade dessas mulheres, de forma a alcançarem uma grosseira satisfação dos seus apetites carnis.

A imã determinava que uma tal relação sexual era ilícita e constituía um dos três pecados expressamente proibidos pelo Islã. Os pecados a que a imã se referia são os seguintes: «Qualquer relação que afete negativamente o tecido moral da sociedade, ou conduza à promiscuidade, ou

afete os direitos de todo e qualquer indivíduo. No Islã, a única forma lícita de ter relações sexuais é através do casamento».

A coragem demonstrada por Rima, ao procurar uma opinião exterior, deixou-me algo surpreendida, pois a minha irmã era uma criatura naturalmente dócil.

«A causa da agressão de Salim foi a resposta da imã?», perguntei às minhas irmãs.

Nura respondeu-me que não. «Então?».

Sara rompeu a chorar e abandonou de imediato a sala, clamando que não suportaria ouvir de novo todos os pormenores da horrenda história. Tahani levantou-se para acompanhar Sara, mas Asad estava de pé junto à porta. Vi-o de relance, abraçando a mulher e conduzindo-a para um recanto privado.

Tahani sentou-se então ao meu lado e começou a afagar-me a mão nervosamente. Disse para mim mesma que estavam a preparar-me para ouvir a mais negra das histórias.

«O médico não nos contou todos os pormenores, mas o nosso pai e Ali foram ao consultório e ele contou-lhes toda a verdade, pois Salim confessou ao médico o que de fato aconteceu a Rima», começou Nura.

«Ao que parece, Salim acabara de regressar de uma curta viagem a Bangcoc, onde comprara uma série de vídeos pornográficos. Depois de ter passado a noite a ver os vídeos e a beber, Salim quis ter relações sexuais com a nossa irmã, apesar de não demonstrar qualquer afeição por ela há já algum tempo.

Quando Salim acordou a nossa irmã a meio da noite, Rima respondeu-lhe que estava com o período».

Com os olhos meio-fechados, Nura recostou-se no sofá.

Como todos os muçulmanos, sei que o Alcorão proíbe as relações sexuais durante o ciclo menstrual da mulher. O Alcorão diz-nos, de uma forma muito clara, o seguinte: «Sobre as regras das mulheres, só há uma resposta a dar: as regras são uma ferida e uma poluição; afastar-vos-eis das mulheres que estiverem com as regras, e não vos aproximaráis delas enquanto não estiverem limpas; apenas quando se tiverem purificado, podereis aproximar-vos delas de qualquer maneira, em qualquer altura ou lugar, assim vos é ordenado por Deus».

Teria Rima oferecido resistência ao marido, acabando por ser violada e espancada numa altura do mês em que Salim estava rigorosamente proibido de ter relações sexuais com ela?

Era visível que Nura estava a pensar na melhor forma de me contar o resto da triste história. O seu rosto, de súbito, empalideceu de raiva. «Salim, completamente embriagado, ficou furioso com a recusa da mulher e com o fato de ela estar com o período». A minha irmã respirou fundo, nervosamente, após o que prosseguiu: «Sultana, Rima foi brutalmente agredida e depois Salim violou-a numa região do corpo que está vedada ao marido. O médico da clínica privada disse ao nosso pai que a agressão foi tão brutal e violenta que se tornou necessário praticar uma intervenção cirúrgica de emergência. Rima foi submetida a uma colostomia e terá de viver com um ânus artificial para o resto da vida».

A minha boca abriu-se num grito sem som. Rima? Incapacitada para toda a vida? Sentia-me ferver de raiva! Agora percebia porque é que Sara fugira da sala, pois também ela fora submetida ao mesmo tipo de abuso sexual pelo primeiro marido, um tarado com quem ela nunca desejara casar.

Levantei-me e desatei a bater com o pé no chão com tanta força que um vaso começou a tremer e só por pouco não caiu do seu alto pouso. «Podem crer: se Salim estivesse aqui, fazia-o em pedaços!», gritei. Incapaz de controlar a minha revolta, perguntei às minhas irmãs: «E Salim? Já foi para a prisão?».

«Prisão?!», retorquiu Tahani. «Salim é o marido de Rima, Sultana. Como tal, pode fazer com a esposa o que muito bem lhe apetecer».

O rosto de Nura estava cada vez mais pálido, tal era a dor e a amargura que sentia perante o destino da nossa inocente irmã.

«Mas esse tipo de comportamento é proibido!», protestei eu com toda a veemência. «Não

me digam que não podemos exigir uma investigação por parte das autoridades religiosas!».

Nura olhou para mim com um imenso amor, mas também com muita tristeza. «Sultana, você fala como uma criança. Pensa um pouco: no nosso país, quem é que iria defender uma mulher contra o seu marido? O nosso pai e o nosso irmão limitaram-se a dizer que se trata de um assunto pessoal entre Rima e Salim e que nenhum membro da nossa família deveria interferir».

«O nosso pai», confidenciou Tahani, «proibiu-nos de te contarmos a verdade, mas nós decidimos desobedecer-lhe, pois quando visse Rima perceberia tudo».

«Mas Rima tem de se divorciar desse homem!», insisti. «É o mínimo que se pode exigir!»

Nura lembrou-me a situação de Rima. «E perder os filhos? As garotas já chegaram à puberdade e os rapazes têm agora oito e nove anos. Salim tem o direito de tirá-los da mãe. E não duvido de que o faria. Aliás, já a ameaçou com isso. Sultana, a nossa irmã morreria quando se visse sem os filhos».

Apercebendo-se de que eu continuava desvairada de revolta, Nura insistiu: «Sultana, diz-me uma coisa: acha que serias capaz de sobreviver se tirassem os seus filhos?».

Na Arábia Saudita, sempre que um casal se divorcia, a mãe terá o direito de ficar com os filhos, se por acaso estes se encontrarem ainda no período da amamentação. Contudo, na maior parte dos casos a mãe fica com a custódia das filhas até ao momento em que estas chegam à puberdade. Quanto aos rapazes, podem ficar com a mãe até aos sete anos. No dia em que faz sete anos, o rapaz poderá optar entre a mãe ou o pai. Porém, é muito freqüente o rapaz ficar com o pai a partir dos sete anos. Sejam quais forem os desejos do rapaz, este terá forçosamente de ir viver com o pai mal atinja a puberdade.

No caso dos rapazes, os pais não costumam permitir a custódia da mãe, seja qual for a idade da criança. Conheci várias mulheres que perderam a custódia de filhos ainda muito pequenos. Essas pobres mulheres nunca mais veriam as criaturas a quem haviam dado a vida. Infelizmente, se um pai toma a iniciativa de ficar com os seus filhos, não há nenhuma autoridade com capacidade para obrigá-lo a devolvê-los à mãe.

Se Salim recusasse a Rima todo o tipo de contatos com os filhos, a minha pobre irmã nunca mais os veria até ao dia da sua morte. Não havia nenhum tribunal capaz de anular a decisão definitiva do marido acerca do destino dos seus filhos.

Lastimei o fato de não dispormos de apoio masculino, já que esse apoio nos abria imensas portas. Se os homens da nossa família, o nosso pai e Ali apoiassem Rima, a posição dela, no que tocava aos filhos, seria muito diferente. Porém, como o nosso pai e o nosso irmão achavam que um homem podia fazer o que lhe aprouvesse com as mulheres da família, Rima não poderia contar nunca com o seu apoio.

Sim, aquele era um momento de extrema gravidade.

«Pode ser que Salim recupere a razão», sugeriu Nura, ainda esperançada numa mudança.

«É inútil tentar endireitar a cauda de um cão. Por muito que se tente, nunca a endireitamos», murmurou Tahani para ninguém em particular.

Depois de muitas discussões, as minhas irmãs e eu decidimos que a nossa presença em Riade era absolutamente necessária. Deixaríamos os nossos maridos e filhos no palácio de Monte Carlo e regressaríamos à Arábia Saudita no dia seguinte.

Nessa noite, Karim tentou animar-me, dizendo que a minha irmã não morreria devido aos ferimentos e que, sempre que havia vida, a mudança era possível. Acrescentou que dias melhores viriam, tanto mais que, em sua opinião, Salim estava passando por uma crise de masculinidade que não demoraria a findar.

Karim ficou preocupado quando lhe respondi que Salim teria de sofrer as conseqüências da sua brutal agressão à minha doce irmã.

Procurando aplacar a minha raiva assassina, gracejou: «Sultana, eu não te quero ver a pegar na espada do carrasco! Tens de poupar a vida de Salim».

O meu marido continuou falando, mas eu não ouvia nada do que ele dizia. Pensava apenas quão lastimável era que uma tão grande ignorância dominasse um país que fora o berço de

uma tão notável religião.

XII DE VOLTA A CASA

«Uma garota só possui duas coisas: um véu e uma campa».
- *Provérbio saudita*

O nosso irmão Ali esperava-nos no Aeroporto Internacional Rei Khalid, que fica a cerca de trinta e cinco quilômetros do centro de Riade. Ali parecia preocupado e limitou-se a dizer-nos que seguiríamos imediatamente para a clínica particular onde Rima se encontrava internada, pois a nossa irmã pedia insistentemente a presença de Nura desde as primeiras horas da manhã.

O trânsito estava muito complicado, pelo que a viagem acabou por demorar mais de uma hora. Todos os nossos pensamentos se encaminhavam num mesmo sentido: a nossa irmã Rima. No início da viagem a conversa foi difícil e escassa, sem nada de relevante.

Farto de tanto silêncio, Ali confidenciou-nos que ele próprio estava a enfrentar uma crise familiar. Num tom entediado, o meu pérfido irmão comentou que o infelizmente acidente com Rima surgira na pior das alturas e que o seu envolvimento num caso que, em sua opinião, só dizia respeito à família de Salim, já lhe tinha causado sérias complicações. Com o ar mais sério deste mundo, Ali perguntou o que teria feito Rima para provocar a hostilidade de Salim.

Ali estava a acusar Rima de ser a causadora da agressão de Salim!

Sara e Tahani olharam imediatamente para Ali e nos seus olhares evasivos detectei uma tênue censura àqueles odiosos comentários.

Não consegui conter-me. Virei-me para ele e atirei-lhe: «Ali, a cada dia que passa, a tua ignorância cresce na mesma medida em que a tua inteligência encolhe!».

Apetecia-me esbofeteá-lo, mas como queria manter uma atitude que suscitasse a admiração de Nura e Tahani, consolei-me com bofetadas silenciosas. Ali tinha apenas mais um ano do que eu, mas parecia dez anos mais velho, com rugas muito vincadas na cara e bolsas sob os olhos. Na sua juventude, Ali fora um rapaz bem-parecido e muito cuidadoso com a sua aparência. Chegado à meia-idade, engordara e ganhara um duplo queixo. O tipo de vida que levava, no meio dos maiores luxos e prazeres, estava estampado naquele rosto e naquele corpo. A sua óbvia decadência física deixava-me contente.

Ao ouvir a resposta que eu dera a Ali, a minha irmã mais velha ficou aflita. Com uma voz cheia de ternura e preocupação, Nura mudou imediatamente de assunto, perguntando a Ali que crise havia na sua vida.

Em dez irmãs, apenas Nura gosta verdadeiramente de Ali. As emoções das outras nove relativamente ao seu único irmão vão desde a compaixão ao ódio mais acirrado, passando pela inveja e pelo desprezo. Nura está protegida das violentas observações de Ali pela extrema diferença de idade que existe entre os dois, pois Nura foi o primeiro dos filhos da minha mãe e Ali o penúltimo. Quando Ali nasceu, já Nura estava casada e com filhos. Afortunadamente para ela, foi poupada ao comportamento tirânico de menino mimado do nosso irmão. Por outro lado, Nura herdou o caráter bondoso da nossa mãe e pertence àquela minoria que, instintivamente, pede desculpa por todos os excessos que são cometidos pelos que a rodeiam, ao mesmo tempo que aceita as mais inconsistentes explicações para atos imperdoáveis. Não admira, pois, que a reação de Nura à insensibilidade de Ali tivesse divergido da atitude das outras três irmãs.

Franzindo ligeiramente o sobrolho, Ali pôs-se a olhar pela janela do automóvel e com um ar distante retorquiu: «Divorciei-me de Nada».

Nura ficou estupefata. «Outra vez?».

Ali olhou para Nura e acenou que sim.

«Ali! Como pudeste fazer uma coisa dessas? Tinhas prometido a Nada que nunca mais te divorciarias dela!».

Nada era a mais bela das esposas de Ali, e a sua favorita. O meu irmão casara com ela sete anos antes e tinham já três lindas meninas.

Segundo as leis muçulmanas, o direito de um homem a divorciar-se da sua esposa é justificado pelas palavras do Alcorão. Com a ameaça do divórcio pairando constantemente sobre a sua segurança, as mulheres do meu país vivem toda a sua vida na mais profunda inquietação. É intolerável que muitos homens aproveitem ao máximo a flexibilidade desta norma, exigindo o divórcio pelos motivos mais triviais que se possa imaginar e provocando a contínua degradação social das suas esposas.

As mulheres não têm as mesmas opções. Quando uma mulher pede o divórcio, só o consegue depois de a sua vida ter sido alvo de uma investigação minuciosa. Além disso, os pedidos de divórcio por parte das mulheres são mais freqüentemente rejeitados do que aprovados, mesmo que haja causas justas para pedir o divórcio. Esta ausência de liberdade das mulheres, a que os homens tanto se apegam, permite aos maridos um controle e um poder freqüentemente cruéis sobre as suas esposas. Se um homem quiser punir a sua mulher, basta-lhe-á dizer que se divorcia dela. Basta-lhe-á pronunciar as frases «Divorcio-me de ti» ou «Vai-te embora». Condenará assim a esposa a exilar-se do lar que criou e, muitas vezes, a nunca mais ver os seus filhos.

Ali, um homem que raramente consegue controlar a sua língua brutal ou o seu mau gênio, já usou muitas vezes o divórcio como uma arma contra as suas esposas.

Sabia que o meu irmão se tinha divorciado de cada uma das suas esposas pelo menos uma vez, e que já se divorciara de Nada duas vezes. Normalmente, a fúria de Ali abrandava, acabando por arrepender-se da decisão tomada. Ou seja, acabava por ficar com a esposa de quem se tinha divorciado na noite ou no dia anterior. Os homens podem divorciar-se das suas esposas com a maior facilidade, mas também podem recuar na sua decisão e reatar o casamento como se nada de invulgar tivesse acontecido. Segundo a lei muçulmana, um homem tem esta opção duas vezes. Se se quiser divorciar de uma esposa uma terceira vez, o caso fica mais complicado.

Num puro acesso de raiva, Ali se divorciara de Nada pela terceira vez e, de acordo com a nossa lei, só poderia voltar a casar-se com Nada se ela casasse com outro homem que, posteriormente, se divorciasse dela. Graças a uma conduta infantil, Ali acabara por se divorciar realmente da única das suas esposas por quem sentia uma afeição verdadeira.

Procurei não sorrir enquanto citava o Alcorão, fazendo o possível por me lembrar das palavras exatas:

«Podes divorciar-te das tuas esposas duas vezes; depois disso, terás de retê-las com a tua amabilidade ou afastá-las com benefícios. Se o marido se divorciar de uma esposa uma terceira vez, não poderá voltar a casar-se com ela enquanto ela não se casar com outro homem».

Abeirei-me do meu irmão e perguntei-lhe: «E agora, Ali, com quem vai Nada casar-se?».

Ali abriu muito os seus olhos irados e retorquiu-me friamente: «La! La! [Não! Não!]

Nada não se quer casar com outro homem!».

«Ora! Na comunidade feminina, Nada é famosa pela sua beleza. Quando se souber que está livre, muitas serão as mães e as irmãs que mandarão os seus filhos e irmãos pedir a mão de Nada. Espera e verás!».

Sara interveio, pois não queria que a nossa persistente e inabalável inimizade conduzisse a uma discussão violenta num espaço tão pequeno. «O que é que te levou a pedir o divórcio, Ali?».

O nosso irmão ficou claramente embaraçado com aquela pergunta. Retorquiu que o divórcio era um problema privado, mas não deixou de pedir a Sara e a Nura que visitassem Nada e tentassem convencê-la de que a sua exigência de um divórcio fora precipitada e que, por isso, deveria ter outra oportunidade para provar que, de fato, não desejava divorciar-se dela. Se Nada ignorasse a situação e não informasse as autoridades, Ali não receberia a ordem judicial que permitiria a Nada deixar a sua casa e ficar livre para casar com outro homem.

Nura e Sara responderam-lhe que estavam de acordo em falar com Nada.

O carro começou a abrandar e Ali espreitou pelas cortinas azul-escuro. Depois, apontou para os véus, abaayas e shaylas que estavam espalhados em cima do banco. «Despachem-se, vistam os vossos trajes, estamos a chegar», ordenou.

Não foi nada fácil vestirmos-nos as quatro com o traje negro da decência no espaço limitado de um automóvel. Ali estava à nossa espera na pista do aeroporto e não nos tínhamos preocupado com vestir o traje negro entre o avião e o carro.

Tínhamos chegado finalmente à clínica privada que, conforme Ali nos informou, era propriedade de um libanês e de um saudita. Membros da família real recorriam frequentemente a esta clínica sempre que estava em causa a confidencialidade. Conhecia bem os casos de três princesas que eram frequentemente internadas naquela clínica para desintoxicações de drogas ou álcool.

Escoltaram-nos até ao interior do edifício através de uma porta pouco usada; um dos médicos de Rima estava à nossa espera. O homem informou-nos de que era um especialista de Beirute e que fora recentemente contratado pelos proprietários da clínica para tratar dos membros da família real. Era fácil entender por que fora ele o eleito para cuidar dos mais influentes dos Sauditas. Com efeito, tratava-se de um homem alto, atraente, deferente, mas que tinha ao mesmo tempo uma aparência de eficácia e competência, capaz de nos deixar tranquilas quanto à segurança da nossa irmã.

O médico caminhava entre Nura e Ali, e, apesar de ter feito uma tentativa para me aproximar deles e participar na conversa, não consegui ouvir nada do que diziam. Passamos por um grupo de enfermeiras asiáticas. Pelo sotaque pareceram-me filipinas.

As janelas do quarto de Rima encontravam-se ainda fechadas, mas as persianas estavam ligeiramente abertas, permitindo que um pouco de sol penetrasse no quarto, inundando-o de uma luz suave. O quarto era inteiramente branco e por cima da cabeça de Rima havia um grande lustre branco-pérola que parecia estranhamente deslocado naquele cenário hospitalar.

Rima estava descansando, mas abriu os olhos mal ouviu as nossas vozes. Reparei que a minha irmã passou por um ligeiro momento de confusão antes de se aperceber verdadeiramente da nossa chegada. Tinha o rosto extremamente pálido e os seus olhos eram os de uma criança assustada. Garrafas dependuradas de postes metálicos forneciam fluidos ao seu corpo. Uma série de tubos estavam ligados aos seus braços e nariz.

Nura correu para ela, colocando os braços à volta do corpo da irmã. Sara e Tahani deram-se as mãos, lutando para não chorar. Quanto a mim, senti-me por um momento como se não enxergasse nada; depois deixei-me cair numa poltrona branca. Mordi os lábios até sangrarem e enterrei as mãos nos braços da poltrona com tanta força que em pouco tempo já tinha partido três unhas.

Ali, pouco à vontade com a nossa manifestação de dor, segredou a Sara que voltaria dentro de uma hora para nos levar às nossas casas. Antes de partir, recordou a Sara que era imperativo que ela fosse falar com Nada nessa mesma noite.

Fervia de raiva ao ver a minha irmã tão doente e prostrada. Disse para mim mesma que naquele momento o que me apetecia era incendiar todo o país. Reduziria as cinzas o mal que minava a minha terra, pois esse fogo consumiria a carne daqueles homens sauditas que se atrevem a usar o sagrado Alcorão para molestar os indivíduos do meu sexo!

Tentei acalmar os meus pensamentos, pois a minha agitação só serviria para complicar ainda mais as coisas e para aumentar o sofrimento de Rima. Lembrei-me das promessas de punição do Profeta para aqueles que cometem tão terríveis pecados, mas a religião não chegava para mitigar a minha fúria, mesmo sabendo que Salim sofreria as perpétuas penas do inferno por todo o mal que havia causado à minha pobre irmã. Não tinha paciência para esperar pela intervenção divina. Só teria sossego quando visse os restos mutilados do criminoso!

Depois de confortada por Nura, Rima falou com cada uma de nós separadamente, pedindo-nos que tratássemos Salim com a mesma cortesia de sempre, lembrando-nos de que um dos deveres dos bons muçulmanos consiste em perdoar àqueles que praticam o mal. Reparando na revolta que o meu rosto expressava, Rima citou um versículo do Alcorão. «Sultana, não se esqueça das palavras do Profeta: «Perdoa, mesmo quando estiver irado».

Não consegui conter as minhas palavras. Lembrando o texto do Alcorão que se segue

àquela passagem, repliquei: «Que o mal seja premiado com o mal».

Sara beliscou-me nas nádegas, recordando-me que não devia fazer sofrer ainda mais a nossa irmã. Afastei-me então de Rima e pus-me a olhar pela janela, mas os meus olhos não viam nada.

Rima continuou falando. Não podia crer no que estava ouvindo. Fiquei gelada com as palavras de Rima, pronunciadas com a apaixonada eloquência de uma mulher que via correrem perigo as razões que a prendiam à vida.

Voltei para junto de minha irmã e o meu olhar concentrou-se no seu rosto.

À medida que a intensidade dos seus sentimentos aumentava, as rugas da sua testa ficavam cada vez mais pronunciadas e os seus lábios retesavam-se de determinação. A certa altura, disse-nos que Salim se arrependera do que tinha feito e que prometera não cometer mais violências contra a sua esposa. Salim não se divorciaria dela e Rima não pediria o divórcio.

Subitamente, apercebi-me com toda a clareza daquilo que movia o coração de Rima. A minha irmã tinha um único receio: ver-se privada dos filhos. Os seus quatro filhos eram o único motivo por que perdoava a hedionda agressão de Salim. Aceitaria toda e qualquer indignidade, desde que a sua relação com os filhos não fosse afetada.

Rima pediu-nos que lhe garantíssemos que nenhuma de nós tentaria vingar-se de Salim. Era a mais difícil das promessas que jamais me haviam pedido! A minha língua recusava-se a obedecer ao cérebro. Mas dei-lhe a minha palavra de que nada faria contra Salim. Sabia que não tinha outra hipótese senão satisfazer o desejo da minha irmã.

Mal recuperasse, Rima regressaria à casa daquele homem que durante anos mantivera oculta a sua infinita crueldade. Tinha a certeza de que as tendências malignas de Salim, uma vez libertadas, não mais se esbateriam. Mas nós nada podíamos fazer.

A nossa frustração aumentou ainda mais quando uma enfermeira egípcia confiou a Nura que Salim visitara a mulher poucas horas antes. Na presença dessa enfermeira, Salim erguera a bata do hospital que a sua esposa vestia, vira a abertura que fora feita para que a nossa irmã pudesse defecar e limitara-se a manifestar a sua extrema repugnância.

A enfermeira acrescentou que Salim fizera um comentário verdadeiramente desumano. Dissera à esposa que, embora não se divorciasse dela, nunca mais dormiria com ela, pois não suportaria a visão e o cheiro de uma criatura tão repugnante.

Fiquei espantada com a minha capacidade para controlar a raiva que me consumia. Eu e as minhas irmãs tínhamos entrado na clínica como uma força unida, decidida a arrancar a nossa irmã ao poder maligno do marido. Derrotadas pela legítima inquietação de Rima face a uma eventual perda dos seus filhos, abandonamos a clínica como um vulgar grupo de esposas vestidas de negro, sem a menor capacidade para levar a justiça a condenar os hediondos atos de um único homem.

O ferrão da derrota era absolutamente insuportável.

Quem poderia negar que o principal baluarte da ordem social saudita continuava a ser a tirania dos homens?

Como os nossos maridos e filhos continuavam em Monte Carlo, as minhas irmãs e eu decidimos que ficaríamos juntas em casa de Nura. Ali estava à nossa espera à saída da clínica. Nura e Sara disseram-lhe que iriam visitar Nada nessa mesma noite, mas que pediriam a um dos motoristas de Nura que as levasse. Por outro lado, aconselharam-no a passar a noite em casa de uma outra esposa.

Depois de termos telefonado para os nossos maridos, a fim de lhes darmos notícias de Rima, Tahani, confessando-se exausta, foi deitar-se. Insisti em acompanhar Sara e Nura ao palácio de Nada. Vi-me forçada a fazer uma segunda promessa, garantindo que não aconselharia Nada a abandonar o nosso irmão.

As minhas irmãs conhecem-me bem. Na realidade, eu já tinha feito os meus planos para convencer Nada a casar-se rapidamente com outro homem. O meu irmão havia sempre tratado as mulheres com o maior desprezo e em minha opinião era tempo de ele aprender a não usar o

divórcio como arma. Quem sabe, talvez Ali deixasse de maltratar as suas esposas se por acaso perdesse a única de quem realmente gostava.

Agora, tinha de cumprir uma segunda promessa, tão difícil como a primeira.

Eram quase nove horas quando chegamos. O complexo residencial de Ali parecia mais tranqüilo do que nunca. Não vimos nenhuma das suas esposas, concubinas ou filhos, enquanto o nosso carro avançava pelo vasto caminho circular que rodeia os quatro palácios pertencentes ao nosso irmão. O palácio de Nada era o terceiro edifício para lá dos muros da extensa propriedade.

A governanta egípcia de Nada informou-nos de que a senhora estava tomando banho, mas que estava à nossa espera e que lhe dera ordens para nos conduzir até aos seus aposentos.

Não há um resquício de modéstia na vida de Ali. A influência do petróleo saudita era evidente em todos os recantos daquela residência. Ao penetrar no hall de mármore branco, tão vasto como um terminal de aeroporto, não pude deixar de pensar no incrível desperdício de dinheiro que havia em tudo aquilo. A escadaria reluzia à nossa frente. Lembrei-me de Ali, algum tempo antes, nos ter anunciado, inchado de orgulho, que as colunas que suportavam a escadaria haviam sido forradas com prata de lei. Portas com uma altura de mais de quatro metros, com maçanetas de prata maciça, conduziam aos aposentos privados de Nada.

Fiz um esforço para não me regozijar com a desgraça alheia, pois lembrei-me nesse momento de que o meu irmão sofrera graves perdas financeiras durante a corrida ao mercado da prata nos anos 80. Cegado pela cobiça, Ali devia ter comprado quantidades inimagináveis desse metal precioso, para afinal vir a sofrer um sério revés financeiro. Agora, as perdas financeiras de Ali estavam ali estampadas, naquele palácio recheado de prata!

Nunca entrara no quarto de Nada, apesar de em tempos ter recebido um convite para ir apreciar as maravilhas que lá estariam depositadas. A minha irmã Sara, tão chocada quanto triste, dissera-me que a cama era toda em marfim. Agora podia ver com os meus próprios olhos que a sua descrição correspondia à verdade. Ali vangloriara-se em tempos do número de elefantes que tinham sido mortos para fazer aquela cama, mas não consigo lembrar-me do número exato que ele referira.

Olhando à minha volta, atentando na opulência daquele palácio, percebi por que razão o exílio dos Al Sa'ud poderia vir a acontecer um dia, pois uma tão profunda corrupção não merecia outro destino. Iríamos nós ter a mesma sorte de outras famílias reais, como a do rei Faruk do Egito, a do xá do Irã, ou a do rei Idris da Líbia? Na minha mente havia uma certeza: se a classe trabalhadora saudita alguma vez tivesse oportunidade de ver os aposentos privados do príncipe Ali Al Sa'ud, a revolução eclodiria num abrir e fechar de olhos.

Sentia-me como que paralisada só de pensar em tal hipótese.

Nesse preciso momento Nada entrou no quarto exibindo um penteado da última moda, uma expressão altiva, e os seios fartos cingidos por um ofuscante vestido de lamê dourado. Não era difícil entender porque é que o nosso irmão se perdera de amores por aquela mulher. Nada tornara-se famosa na sua família por causa do seu atrevimento no que tocava ao vestuário e também devido à guerra que travava com um homem que ao longo de toda a sua vida nunca encontrara grande resistência por parte das mulheres. Apesar da sua habilidade para torturar Ali, sempre achei que havia nos olhos de Nada uma malícia tão venenosa quanto sutil e que ela se casara com o meu irmão unicamente porque queria mais e mais riqueza. Lembrava-me de Sara me ter dito que Nada se sentia insegura relativamente ao seu casamento com Ali e que essa insegurança a levava a desempenhar um papel, a parecer aquilo que não era; no fundo, o seu problema era que Ali tinha outras mulheres e um dia poderia ver-se livre dela. Essa situação instável cria a necessidade de lutar por um futuro económico risonho. A verdade, porém, é que eu ainda nutria as minhas dúvidas quanto à verdadeira natureza de Nada. Em contrapartida, não tinha dúvida nenhuma quanto ao fato de Nada ter pago um preço muito elevado por todo aquele luxo, pois a sua vida com Ali devia ser absolutamente sinistra.

«Foi Ali que as mandou, não foi?», perguntou Nada.

Atentei no seu rosto, reparando na sua expressão amuada e desgostada, como se a nossa

visita tivesse sido o maior dos erros. De fato, sentia-me dividida entre a simpatia e antipatia por Nada. Por isso, enquanto Nura e Sara rodeavam a cunhada, decidi afastar-me, inventando a desculpa de que ia ao bar arranjar uma bebida.

Reinava na casa um silêncio absoluto. Não se via viva alma. Depois de ter preparado um gim tônico, não senti o menor desejo de voltar para junto das minhas irmãs e por isso resolvi passear um pouco pelo palácio do meu irmão. A certa altura dei comigo no seu escritório privado, que ficava no piso inferior.

Tomada de uma curiosidade absolutamente infantil, desatei a vasculhar nos pertences pessoais do meu irmão, acabando por fazer uma descoberta que de início me espantou. Ao espanto, porém, seguiu-se a mais franca hilaridade.

Abri um pequeno pacote que estava em cima da sua secretária, e, com uma vaga curiosidade, li uma nota sobre um conjunto de roupa interior que o meu irmão, muito obviamente, havia comprado durante uma recente viagem a Hong Kong.

Uma folha de instruções acompanhava a roupa e foi com o maior interesse que pude ler o seguinte:

Wonder Garment: Parabéns pela compra do seu novo Wonder Garment! O artigo que acaba de comprar deve ser usado diariamente. Podemos garantir-lhe que este artigo melhorará o seu desempenho sexual.

O segredo destes slips miraculosos reside na bolsa «estratégica» que mantém os órgãos sexuais a uma temperatura correta e nas melhores condições.

O Wonder Garment é recomendado para todos os homens, mas sobretudo para aqueles que mantêm uma vida sexual ativa e para todos aqueles que trabalham.

Desatei a rir e senti uma irresistível vontade de fazer uma grande maldade. Enfie o pequeno saco de plástico contendo os slips e a folha de instruções sob o meu vestido comprido. Não fazia idéia quanto ao que iria fazer com aquilo, mas senti que não podia deixar de partilhar o segredo com o meu marido. Sentindo-me regressar aos tempos da minha infância, quando a toda a hora implicava com Ali, imaginava já o meu irmão procurando freneticamente os seus slips mágicos.

Encontrei-me com as minhas irmãs na escadaria e pela expressão delas pude concluir que a sua missão tinha falhado.

Nada ia abandonar Ali.

Ao contrário da pobre Rima, Nada não tinha de enfrentar o problema de lhe tirarem os filhos, pois Ali não gostava das crianças que Nada lhe dera e já lhe tinha dito que as meninas poderiam viver com a mãe, pois preferia vê-las longe dele.

Abandonei o palácio sem me despedir de Nada. No carro, bebi o meu gim tônico. O roubo dos slips miraculosos de Ali fizera renascer em mim emoções infantis. De tal forma que me permitia, a mim que era uma princesa da dinastia Al Sa'ud, a ousadia de beber uma bebida alcoólica, enquanto avançávamos pelas ruas de Riade.

Perguntei a Sara porque é que Nada desistia da tentadora vida com um Al Sa'ud, tendo em conta que o seu passado familiar era mais que duvidoso e que lhe seria muito difícil voltar a ter tanto luxo e riqueza. De fato, fora a beleza, e não a família de onde vinha, que permitira a Nada um casamento tão auspicioso do ponto de vista da riqueza material.

Nura disse que, tanto quanto percebera, o divórcio de Nada e Ali surgira por causa de problemas sexuais.

Com efeito, Nada confessara, muito chorosa, às minhas irmãs que Ali se divorciara dela das três vezes por razões relacionadas com sexo. Segundo Nada, Ali insistia em importuná-la a altas horas da noite, obrigando-a a despertar do mais pesado dos sonos. Na semana anterior, Nada recusara-se a ter relações sexuais com o marido, mas Ali insistira, dizendo-lhe que quando um homem quer ter relações a sua esposa só tem de obedecer, mesmo que esteja em cima de um camelo! Vendo que não conseguia convencê-la, Ali tomara a iniciativa de se divorciar.

Sara acrescentou que Nada fizera outras afirmações particularmente surpreendentes.

Embora sentisse alguma afeição pelas outras esposas de Ali, a verdade é que já não suportava os inúmeros bastardos resultantes das infidelidades do marido. De fato, o nosso irmão era pai de dezessete crianças legítimas e de vinte e três ilegítimas. Os palácios a que Nada chamava o seu lar estavam abarrotados de concubinas e de filhos de concubinas.

Ao ouvir tais referências à atividade sexual de Ali, veio-me à idéia o Wonder Garment e desatei a rir perdidamente, embora me recusasse a divulgar o motivo das minhas gargalhadas incontroláveis. As minhas irmãs, vendo-me a chorar de tanto rir, sem qualquer razão aparente, já receavam que os acontecimentos daquele dia tivessem afetado a minha sanidade mental.

EPÍLOGO

*Meu Deus, faz com que o final da minha vida seja o melhor da minha vida,
E que os melhores dos meus atos sejam os últimos,
E que o melhor dos meus dias seja o dia em que hei-de encontrar-te.
Meu Deus, faz com que a morte seja a melhor das coisas que não escolhemos,
Mas que esperamos;
E que a campa seja a melhor das casas em que moraremos,
E que aquilo que à morte se segue seja melhor que a morte.*
- Oração do Peregrino

Há já uma semana que deixáramos as nossas famílias no Mônaco. Dentro de dois dias os nossos maridos e filhos regressariam à Arábia Saudita.

Nessa noite, as dez mulheres nascidas do ventre de minha mãe reuniram-se em casa de Nura. Foi com grande felicidade que nos juntamos em volta de Rima, pois tivera alta nessa manhã e resolvera convalescer em casa da irmã mais velha.

Era uma reunião em que a alegria e a tristeza se confundiam, pois passavam vinte anos sobre a morte da nossa querida mãe. Nunca faltávamos a este ritual anual, pois sentíamos amargamente a perda da nossa mãe, apesar de vinte anos serem já passados. Em ocasiões anteriores havíamos celebrado a memória de nossa mãe recordando episódios da nossa infância - episódios em que era bem visível a maravilhosa influência que ela tivera nas nossas vidas. Desta feita, porém, em consequência da recente tragédia de Rima, a mágoa que sentíamos impelia-nos a abordar temas menos agradáveis.

«Vinte anos?», disse Sara com um ar pensativo. «Não é possível que já tenha passado tanto tempo».

Cada uma de nós concordou que os anos tinham passado mais celeremente do que gostaríamos de admitir.

Reparei de súbito que, das dez filhas, oito eram agora mais velhas do que a nossa mãe quando da sua morte. Sara e eu éramos as duas únicas exceções. Quando falei disso, muitos foram os resmungos e as carrancas de desagrado.

«Sultana!», pediu-me Nura. «Não fale dessas coisas! Por favor!».

Nura já tinha netos e a sua idade tornara-se num tema proibido nos últimos anos. Então, Rima pediu-nos silêncio, dizendo que queria contar-nos um episódio passado com a mãe que nunca tinha partilhado com ninguém, pois receava que eu ficasse ofendida.

Os meus olhos iluminaram-se de interesse e surpresa. Disse logo a Rima que nada do que ela pudesse dizer me ofenderia.

«Tem de prometer, Sultana! E de cumprir a tua palavra, sejam quais forem as tuas emoções!».

Ri-me e concordei, curiosa até mais não.

Quando eu tinha apenas oito anos de idade, Rima foi chamada ao quarto da nossa mãe, a qual lhe pediu que fizesse uma promessa solene. A tímida Rima ficou cheia de medo só de pensar que iria partilhar com a mãe um segredo muito especial. Ansiosa por saber do que se tratava, prometeu à mãe que não contaria a ninguém aquela conversa.

A nossa mãe disse-lhe então que fizera uma descoberta muito perturbante acerca de Sultana. «Descobri», disse-lhe a nossa mãe, «que Sultana é uma ladra!».

Os meus olhos esbugalharam-se de surpresa, ao passo que as minhas irmãs desataram numa risota incontrolável.

Rima pediu de novo silêncio, a fim de poder concluir a história.

A minha mãe tinha-me apanhado, nos limites da nossa casa, a roubar coisas que pertenciam a outros membros da nossa família e mesmo a visitas. Segundo ela, vira-me a roubar brinquedos, livros, guloseimas, bolos, e até artigos que não me serviam para nada, como a

coleção de discos de Ali. A nossa mãe disse a Rima que tentara já todas as táticas e punições, mas que não conseguira vencer-me, já que eu não era uma criança que obedecesse à mãe. Agora, a nossa pobre mãe pedia a assistência de Rima para salvar a minha alma.

Por isso, obrigou Rima a jurar que, sempre que rezasse, pediria a Deus que protegesse Sultana, guiasse Sultana e perdoasse a Sultana.

Com os olhos marejados de lágrimas, Rima olhou para mim e disse: «Sultana, eu já estou cansada de me preocupar com os teus pecados. A promessa que fiz acabou por ser um fardo terrível, pois eu sou uma muçulmana que não se limita a rezar as cinco orações diárias que são obrigatórias. Sei muito bem que terei de cumprir a promessa que fiz à minha querida mãe. Portanto, terei de pedir por ti a Deus até ao dia da minha morte. Mas agora já posso dizer que as minhas orações foram ouvidas, pois há muito que deixaste de roubar!».

Mal Rima se calou, uma barulheira infernal encheu a sala, pois, excetuando eu e Rima, todas as irmãs romperam numa grande gargalhada. Mal a calma voltou, descobrimos que a nossa mãe obrigara todas as minhas irmãs a fazer a mesma promessa! Cada uma delas ficara convencida de que mais ninguém sabia do terrível segredo - da tendência que eu, ainda muito pequena, tinha para roubar! Durante vinte anos, nenhuma delas contara a promessa feita à nossa mãe. As nossas gargalhadas ouviam-se certamente em todo o palácio de Nura.

Senti um alívio muito grande. Não havia dúvida de que era protegida por muitos dos anjos de Deus, pois todas as minhas irmãs eram devotas e rezavam várias vezes ao dia.

Em tom de gracejo, Tahani perguntou-me à queima-roupa: «Sultana, gostávamos de saber se Deus atendeu realmente as nossas orações. Tiraste alguma coisa a alguém desde os tempos da tua meninice?».

Era evidente que as minhas irmãs estavam à espera de uma resposta negativa, pois não lhes passava pela cabeça que eu pudesse continuar a roubar ninharias.

Surpreendida com a minha reação hesitante, Nura não se conteve: «Sultana? Não me digas que...».

«Esperem só um segundo», disse eu, e fui num instante buscar a peça de roupa que roubara a Ali.

As minhas irmãs ficaram positivamente estupefatas quando regresssei à sala com os slips de Ali vestidos, ao mesmo tempo que lhes lia a folha de instruções e colocava duas bananas na tal bolsa «estratégica». Nura tentou reprovar firmemente a minha conduta, mas um riso histérico tomou imediatamente conta das minhas irmãs. Três delas tiveram de deixar a sala a correr e uma outra dizia que se tinha molhado toda.

Não conseguimos controlar a hilaridade e o júbilo, nem mesmo quando três criadas de Nura irromperam pelo palácio, alarmadas com a tremenda barulheira que tinham ouvido nos distantes jardins.

Mal a calma regressou, o telefone tocou e os nossos pensamentos viraram-se para assuntos mais sérios. Era Nashwa, que queria falar com a mãe, Sara. Nashwa resolvera telefonar de Mônaco para se queixar à mãe da sua prima Amani. A minha filha perseguia a prima, chegando ao ponto de criar uma «comissão contra o vício e a corrupção social» cujo único membro era ela.

Nashwa estava furiosa, pois Amani roubara-lhe a maquiagem, o verniz das unhas e os óculos de sol, dizendo que ao usar tais coisas Nashwa estava violando os costumes islâmicos!

Nashwa disse ainda à mãe que se ninguém pusesse Amani na ordem, pediria a três amigos franceses que a seguissem nessa mesma noite e a despissem de toda a sua roupa, deixando-a apenas com as calcinhas numa zona cheia de turistas. Talvez isso ajudasse a puritana Amani a interessar-se por outras coisas para além do comportamento moral de Nashwa.

Esquecemos imediatamente os slips miraculosos de Ali. As minhas irmãs, como seria de esperar, não deixaram de acentuar a ironia da situação: a filha de Sultana vivia arrebatada por um intenso fervor religioso, ao passo que a filha de Sara freqüentava descontraidamente as mais diversas discotecas.

Deixei a sala por um momento a fim de telefonar a Karim. Avisei-o da tensão existente entre a nossa filha e a prima. O meu marido respondeu-me que já tinha decidido vigiar rigorosamente a nossa filha nesse mesmo dia, pois Amani resolvera exigir ao gerente de um hotel de Monte Carlo que arranjasse elevadores separados para homens e mulheres, advertindo-o ao mesmo tempo de que deveria estar vigilante para que membros do mesmo sexo não cometessem indecências quando confinados a espaços tão limitados como os elevadores.

Estupefata com o comportamento da minha filha, concordei imediatamente com o meu marido quando o ouvi dizer que Amani devia ser submetida a tratamento psiquiátrico. Após a recuperação de Maha de uma crise grave, Karim passara a acreditar firmemente nas virtualidades da psiquiatria.

Por um breve momento pensei em Maha e senti um grande alívio, pois a minha filha reintegrara-se na sua família como uma garota responsável. Os pensamentos da minha filha mais velha concentravam-se agora na sua educação e nos seus planos para levar uma vida normal.

Quando regresssei à sala, as minhas irmãs estavam envolvidas numa acalorada discussão sobre a ameaça do fundamentalismo militante, que pairava já sobre a nossa família, sobre a família reinante da Arábia Saudita, e os meus pensamentos voltaram a concentrar-se em Amani e no seu extremo interesse pela religião. Todas as minhas irmãs afirmavam que os respectivos maridos se mostravam receosos perante o abismo que, com o passar do tempo, se ia cavando entre a monarquia e aquele movimento ideológico, cada vez mais poderoso. Os dirigentes fundamentalistas islâmicos são normalmente jovens, educados e urbanos. Este grupo diz defender um regresso total ao Alcorão e opõe-se violentamente ao nosso regime, responsável pela modernização e pela ocidentalização do reino.

Pouco falei, apesar de ter investigado seriamente o movimento fundamentalista, já que a minha própria filha pertencia a um grupo extremista que manifestara a sua hostilidade à monarquia. Sentia-me demasiado próxima do tema em discussão e por isso, em vez de participar nela, concentrei-me no bem-estar de Rima, tratando das almofadas a que ela encostava a cabeça.

Perguntei a mim mesma a que conflitos e perturbações teria ainda de assistir naquela terra a que chamava minha. Tornar-se-ia a minha própria filha num membro da oposição que um dia planearia o derrube do governo legítimo da Arábia Saudita?

Quando se esgotou a conversa sobre os extremistas muçulmanos, Rima disse-nos que havia uma outra notícia que gostaria de partilhar conosco.

Fiz votos para que Rima não falasse de mais nenhum dos meus pecados.

Sem trair qualquer emoção, Rima comunicou-nos que Salim pretendia ter uma segunda esposa.

A nossa mãe fora profundamente humilhada por um marido que tivera quatro esposas.

No entanto, Rima era a primeira das irmãs a passar por tal provação.

O meu corpo retesou-se de revolta e os meus olhos encheram-se de lágrimas, mas Rima pediu-nos que não chorássemos, pois sentir-se-ia feliz como uma esposa ignorada. Nada poderia alterar a sua decisão de levar uma vida tranquila e pacífica, desde que não fosse separada dos seus filhos. Com uma voz firme, declarou que era feliz. Os seus olhos, contudo, expressavam uma verdade completamente diversa.

Sabia que a minha irmã amara Salim com um amor verdadeiro e sincero. O prêmio de Rima, por ser uma esposa fiel e uma mãe extremosa, não lhe seria concedido neste mundo.

Desejando poupá-la, e pensando naquilo que era o melhor para ela, as irmãs fingiram acreditar e deram-lhe os parabéns pela sua pequena vitória.

Mudando de assunto, Nura anunciou-nos que Nada se tornara uma vez mais esposa de Ali. O nosso irmão assinara um documento que dava a Nada novas riquezas, para além de uma viagem a Paris, onde a recém-divorciada e recém-casada poderia comprar diamantes e rubis dignos da rainha de Inglaterra.

Quando Tahani perguntou como é que Ali tornara a norma religiosa que o proibia de se voltar a casar com Nada, foi sem surpresa que ouvi dizer que Ali contratara um primo saudita

para se casar com Nada sem consumir a união. O divórcio veio logo a seguir ao casamento. Depois, Ali e Nada se casaram uma vez mais.

Lembrando os ensinamentos do Islã relativamente a tais atos, disse às minhas irmãs que aquilo que Ali fizera não era permitido. O próprio Profeta dissera que Deus amaldiçoa os homens que participam em tais arranjos, pois estes não passam de fraudes contra Deus.

«E quem é que vai intervir num caso destes?», perguntou Sara.

Nura admitiu a verdade - ninguém. «Mas Deus sabe», acrescentou, e não deixamos de sentir pena de Ali, pois havia acrescentado mais um pecado a uma lista que já ia longa.

A noite estava a chegar ao fim quando o telefone voltou a tocar. Uma das criadas de Nura anunciou que chamavam Tahani ao telefone.

Aquelas de entre nós que tinham deixado as famílias em Mônaco pensaram que talvez fosse outra crise e pedimos a Tahani que não nos contasse nada, que nos poupasse às loucuras dos nossos filhos.

Quando a ouvimos gritar, corremos para ela. Tahani desligou e só ao fim de algum tempo conseguimos acalmá-la. Temíamos que algum infortúnio tivesse acontecido no seio da nossa família.

Finalmente, com uma expressão atormentada pela dor, Tahani falou. «Samira morreu», foi tudo o que conseguiu dizer.

Nenhuma de nós conseguia falar, nenhuma de nós conseguia mexer-se.

Seria possível que tal tivesse acontecido?

Vasculhei na memória, tentando calcular o número de anos que Samira passara fechada numa cela da casa do seu cruel tio.

«Quantos anos?», perguntou Sara, adivinhando os meus pensamentos.

«Quase quinze anos», retorqui.

«Cometi um grave pecado», confessou Tahani. «Durante muitos anos pedi a Deus que levasse o tio de Samira deste mundo!».

Ouvíramos dizer que o tio de Samira era um indivíduo idoso e de saúde frágil e por isso nutríamos a esperança de que, após a sua morte, Samira regressasse ao nosso convívio.

«Era de esperar que uma criatura tão impiedosa e cruel demorasse o seu tempo a morrer», comentei eu sarcasticamente.

Ao longo daqueles quinze anos, muitas de nós tinham tentado obter a libertação de Samira, declarando que o seu pecado não merecia uma punição para toda a vida, mas o tio de Samira achava que só ele conhecia os desígnios de Deus e por isso ninguém o convencia a desistir de tão impiedoso veredicto.

Samira fora uma garota inteligente, muito bela, dotada de um temperamento doce. Um destino nefasto roubara-lhe tudo aquilo que a natureza lhe dera. Em consequência da inacreditável crueldade do tio, a pobre Samira morrera completamente só, fechada na mais escura das celas, privada de todo o contato humano durante aqueles longos quinze anos.

Tahani rompeu a soluçar. O seu choro convulsivo impedia-a de falar. Só ao fim de algum tempo nos revelou que Samira fora enterrada nesse mesmo dia. A tia de Samira dissera-lhe que, apesar do estado de debilidade extrema em que a sobrinha se encontrava, Samira permanecera bela até ao derradeiro momento. Mesmo quando a embrulharam na mortalha branca em que compareceria diante de Deus, a beleza de Samira permanecia intacta.

A dor que sentíamos perante a morte de Samira era absolutamente insuportável.

Sufocando os soluços, tentei recordar um poema de Khalil Gibran que girava em torno da morte. De início murmurei hesitantemente as palavras, mas quando já tinha a certeza de que me lembrava de tudo, disse o poema em voz alta para que as minhas irmãs pudessem ouvi-lo. «Só quando beberes do rio do silêncio poderás começar a cantar. Só quando tiveres chegado ao cimo da montanha poderás começar a subir. Só quando a terra clamar pelo teu corpo poderás realmente dançar».

Demo-nos todas as mãos, lembrando-nos de que éramos como uma cadeia - fortes como

o mais forte dos elos, fracas como o mais frágil dos elos.

Agora, mais do que nunca, nós éramos uma irmandade mais poderosa do que a irmandade do nosso próprio sangue. Nunca mais permaneceríamos impassíveis perante a crueldade dos homens, perante a obscena arbitrariedade da morte de mulheres inocentes, provocada pela monstruosidade dos homens.

Disse então: «Que o mundo saiba que as mulheres da Arábia Saudita estão cada vez mais conscientes da sua razão».

As minhas irmãs olharam para mim uma a uma. Pela primeira vez percebi muito claramente que cada uma delas entendia os motivos que me levavam a fazer aquilo que tenho feito.

Nesse momento prometi a mim mesma que faria tudo o que estivesse ao meu alcance para que a ordem moral do nosso mundo fosse alterada e para que um dia a justiça triunfasse.

O grande movimento a favor dos direitos das mulheres na Arábia Saudita só agora começou a desenhar-se e não será derrotado por homens endoutrinados pela ignorância.

Os homens do meu país acabarão por lastimar o simples fato de eu existir, pois nunca me cansarei de combater as odiosas normas que esses mesmos homens deixaram que fossem impostas às mulheres da Arábia Saudita.

APÊNDICE A

GLOSSÁRIO

ABAAYA Traje negro de corpo inteiro usado pelas mulheres sauditas.

ABU Pai.

ALCORÃO O Livro Sagrado de todos os muçulmanos. Contém as palavras de Deus conforme foram transmitidas ao Profeta Maomé.

AL RAS Escola feminina na Arábia Saudita.

AL SA'UD Família reinante da Arábia Saudita.

ARÁBIA SAUDITA País da Ásia que ocupa a maior parte da Arábia. A Arábia Saudita possui pelo menos um quarto das reservas petrolíferas mundiais conhecidas.

ASSIUT Localidade do sul do Egito.

BAHRAIN Nação do Golfo Árabe.

BEDUÍNO Povo nômade do deserto, os primitivos Árabes.

BIN (ou IBN) Significa «filho de» e surge a seguir ao nome próprio de um homem e antecedendo o nome do pai ou do avô.

CAABA Trata-se do mais sagrado dos locais do Islã, um santuário que é sagrado para todos os muçulmanos. A Caaba é um pequeno edifício situado na Sagrada Mesquita de Meca, de forma aproximadamente cúbica, construído para albergar a Pedra Negra, que é o mais venerado dos objetos muçulmanos.

CAIRO Capital do Egito.

CRISTIANISMO Religião derivada dos ensinamentos de Jesus Cristo.

DHU AL HIJAH Décimo segundo mês da hégira ou calendário árabe.

DHU AL QIDA Décimo primeiro mês da hégira.

DJEDDA Cidade saudita situada no Mar Vermelho.

DUBAI Cidade pertencente à federação dos Emirados Árabes Unidos, que faz fronteira com a Arábia Saudita.

EGIPTO País do norte de África.

EMIRATOS Emirados Árabes Unidos, federação de pequenos emirados situados na Península Arábica.

GAMAA AL ISLAMIYA. Grupo extremista islâmico formado no Egito no início da década de 1980

HADITHS Afirmações e tradições do Profeta Maomé que ajudaram a formular a lei islâmica.

HAJ Peregrinação anual a Meca realizada pelos crentes islâmicos.

HAJJI Peregrino que faz a peregrinação a Meca (título que denota honra).

HÉGIRA Calendário islâmico, cujo início coincide com a data da fuga do Profeta Maomé de Meca para Medina (ano 622 da era cristã).

IÉMEN País situado no canto sudoeste da península arábica, vizinho da Arábia Saudita.

IHRAM Período especial da Haj em que todos os muçulmanos se absterem de levar uma vida normal e se debruçam apenas sobre assuntos religiosos.

IMÃ Pessoa que conduz as orações comunais e/ou pronuncia o sermão às sextas-feiras.

INFANTICÍDIO Assassínio de uma criança. Nos tempos pré-islâmicos, era uma prática comum na Arábia a família libertar-se dos bebês do sexo feminino não desejados.

ISLAMISMO Fé religiosa dos muçulmanos, cujo profeta foi Maomé. Das três grandes religiões monoteístas, o Islamismo foi a última a surgir.

JUDAÍSMO Religião que nasceu e se desenvolveu entre os antigos Hebreus.

KOHL Pó escuro aplicado nas pálpebras pelas mulheres sauditas.

KUWAIT Pequeno país que faz fronteira com a Arábia Saudita e que possui mais de 10 por cento das reservas petrolíferas mundiais.

LA Palavra árabe que significa «não».

LIVRO VERDE O Livro Verde de Kaddafi, sùmula do pensamento filosófico do Presidente da Líbia.

MAHRAM Homens com que uma mulher não pode casar-se, como o pai, o irmão, ou um tio, e que podem escoltar uma mulher sempre que esta viaje. O mahram tem sempre de ser um parente próximo.

MAR VERMELHO O mar que fica entre a Arábia e a África.

MECA A mais sagrada das cidades do Islã. Todos os anos milhões de muçulmanos viajam para Meca a fim de fazer a peregrinação anual.

MEDINA A segunda das cidades mais sagradas do Islã. Foi em Medina que o Profeta Maomé foi sepultado.

MONOTEÍSMO Crença num só Deus.

MUÇULMANO Aquele que adere à religião fundada pelo Profeta Maomé no ano 610 da era cristã.

MUEZIM Aquele que chama os fiéis à oração cinco vezes por dia.

MUT' A Casamento temporário permitido àqueles que seguem a fé islâmica.

MUTAWWA Polícia religiosa, também conhecida como polícia da moral e dos bons costumes. Os seus membros perseguem, prendem e punem aqueles que, do seu ponto de vista, não cumprem as leis religiosas sauditas.

NAJD Nome tradicional da Arábia Central. Os habitantes desta região são conhecidos pelo seu comportamento conservador. A família reinante da Arábia Saudita é originária desta região.

OLP Organização de Libertação da Palestina.

POLÍCIA DA MORAL E DOS BONS COSTUMES Autoridades religiosas sauditas que podem prender todos aqueles que considerem culpados de comportamentos imorais ou de crimes contra o Islão ou os ensinamentos do Islamismo.

POLIGAMIA Casamento com mais do que uma esposa ao mesmo tempo. Os homens de fé muçulmana estão legalmente autorizados a ter quatro esposas ao mesmo tempo.

PURDAH Prática que consiste no confinamento das mulheres às suas casas. Esta reclusão total das mulheres pode ocorrer nalguns dos países muçulmanos.

PURIFICAÇÃO Ritual que antecede as orações a Deus, praticado pelos muçulmanos.

QUARTO DE MULHER Quarto da casa de um homem, usado para confinar uma mulher saudita que se oponha aos desejos do marido, pai ou irmão. A punição pode ser por um período breve ou para toda a vida.

RIVIERA FRANCESA Região balneária mediterrânica do sueste da França muito procurada pelo jet-set, para além de ser famosa pelas paisagens, pelo clima quente e pelas excelentes praias.

RIADE Capital da Arábia Saudita, situada no deserto.

RIYAL Moeda saudita. O câmbio é variável mas, recentemente, um dólar valia 3,75 riyais.

RUB AL KHALI Vasta região desértica que ocupa a parte sueste da Arábia. É frequentemente referida como a «região inabitada».

SANA Capital do Iémen.

SECULAR Não-religioso.

SHAWARMA Sanduíche que é muito popular na Arábia Saudita e noutros países árabes. O pão é de piteira e o recheio é de carne de cabrito, vaca ou galinha, com molhos vários, tomates e pimentas.

SHAYLA Fina echarpe preta usada pelas mulheres muçulmanas da Arábia Saudita.

SUNITAS Ramo ortodoxo e majoritário do Islamismo. A população saudita é 95 por cento sunita. A palavra significa «tradicionalistas».

SUNNA Tradições da fé islâmica transmitidas pelo Profeta Maomé.

TAIF Cidade montanhosa saudita, situada perto de Meca.

TEERÃ o Capital do Irão.

THOBE Peça de roupa comprida, semelhante a uma camisa, usada pelos homens sauditas. É normalmente feita de algodão branco, mas pode ser feita de um tecido mais grosso e escuro para

os meses de Inverno.

UMM AL QURRAH «Mãe das Cidades» ou «A Cidade Sagrada», isto é, Meca.

UMRAH Peregrinação menor a Meca. Pode ser feita em qualquer altura do ano.

VÉU Pano negro usado para cobrir o rosto das mulheres muçulmanas sauditas. O material pode ser fino ou grosso.

XIITA Ramo do Islamismo que se separou da maioria sunita a propósito da questão do sucessor do Profeta Maomé.

ZAKAH Esmolas obrigatórias, exigidas a todos os muçulmanos. É à terceiro pilar do Islamismo.

APÊNDICE B

CRONOLOGIA

- 570 D.C. Nascimento do Profeta Maomé em Meca.
- 610 Nasce o Islamismo, quando o Profeta Maomé tem uma visão de Deus.
- 622 O Profeta Maomé foge de Meca e viaja para Medina. A Fuga é conhecida como «a Hégira». O calendário muçulmano começa nesta data.
- 632 Morte do Profeta Maomé.
- 650 É escrito o Alcorão, baseado na palavra de Deus, conforme foi transmitida a Maomé.
- 1446 O primeiro dos antepassados conhecidos de Sultana instala-se em Dar'iyah (a velha Riade).
- 1744 O guerreiro Mohammed Al Sa'ud e o professor Mohammed al Wahhab unem as suas forças.
- 1806 Ao fim de muitos anos de combates no deserto, a maior parte da Arábia une-se sob a autoridade das famílias Al Sa'ud e Al Wahhab.
- 1876 Nasce o fundador do Estado moderno da Arábia Saudita, Abdul Aziz ibn Sa'ud.
- 1887 O clã Rashid, rival do clã Al Sa'ud, conquista a cidade de Riade.
- 1891-1901 O clã Al Sa'ud refugia-se no deserto e, por fim, exila-se no Kuwait.
- 1902 Abdul Aziz ibn Sa'ud e os seus homens conquistam Riade ao clã Rashid.
- 1932 O famoso guerreiro Abdul Aziz ibn Sa'ud consegue unir a maior parte da Arábia. O reino da Arábia Saudita torna-se no décimo segundo maior país do mundo.
- 1933 Os Estados Unidos obtêm a concessão para a prospecção de petróleo nos desertos da Arábia Saudita.
- 1938 É encontrado petróleo em Dammam, na Arábia Saudita.
- 1946 A produção de petróleo chega aos 60 milhões de barris anuais.
- 1948 O Príncipe Façal chefia a delegação árabe que se opõe à delegação judaica que pretende declarar o Estado de Israel. Contudo, o Estado de Israel acaba por ser criado. A delegação árabe reage negativamente, jurando derrotar os Judeus na guerra.
- 1948 Começa a primeira guerra israelo-árabe. Os Israelitas derrotam os Árabes.
- 1953 Falecimento do Rei Abdul Aziz ibn Sa'ud. O seu filho mais velho, Sa'ud, é coroado rei. Façal é nomeado príncipe herdeiro.
- 1962 A escravatura é oficialmente abolida no reino da Arábia Saudita, embora continue a existir não-oficialmente.
- 1963 Apesar dos protestos religiosos, é criada a primeira escola feminina na Arábia Saudita.
- 1964 O Rei Sa'ud abdica e abandona o reino. O príncipe herdeiro Façal torna-se no terceiro rei da Arábia Saudita. Khalid é declarado príncipe herdeiro. Eclode a Guerra dos Seis Dias entre Israel e os seus vizinhos árabes. Os Árabes sofrem nova derrota.
- 1969 O deposto Rei Sa'ud morre na Grécia.
- 1973 Rebenta a Guerra de Outubro de 1973. Israel encontra-se pela primeira vez à beira de uma derrota, mas consegue recuperar no final e expulsa os exércitos árabes.
- 1973 Em consequência da última das guerras israelo-árabes, o Rei Façal apela a um embargo petrolífero contra os países ocidentais.
- 1975 O Rei Façal é assassinado por um sobrinho.
- 1975 Em consequência da morte de Façal, Khalid é coroado rei. Fahd é nomeado príncipe herdeiro.
- 1977 O Rei Khalid promulga uma lei que proíbe as mulheres de viajarem sem a escolta de um parente próximo (naturalmente masculino). Uma segunda lei proíbe as mulheres de irem estudar para o estrangeiro, a menos que sejam acompanhadas de um membro masculino da sua família mais chegada.
- 1982 O Rei Khalid morre devido a ataque cardíaco. Fahd é coroado rei. Abdullah é nomeado príncipe herdeiro.

1990 O Iraque invade o Kuwait. A Arábia Saudita autoriza tropas estrangeiras a instalarem-se no seu território.

1991 A Arábia Saudita associa-se aos aliados ocidentais e árabes na guerra contra o Iraque. A guerra salda-se pela derrota do Iraque e as tropas estrangeiras abandonam a Arábia Saudita.

1992 As autoridades religiosas impõem severas restrições à população feminina da Arábia Saudita.

1993 Na Arábia Saudita surgem movimentos contra as violações dos direitos humanos. O governo desmantela estes grupos e prende alguns dos seus membros.

1993 Israelitas e Palestinos assinam um acordo de paz há muito esperado. O governo saudita mantém conversações de paz com Israel.

APÊNDICE C

INFORMAÇÕES SOBRE A ARÁBIA SAUDITA

INFORMAÇÕES GERAIS:

CHEFE DE ESTADO: S. M. Rei Fahd ibn Abdul Aziz Al Sa'ud

TÍTULO OFICIAL: O Guardião das Duas Mesquitas Sagradas

ÁREA: 2.149.690 km²

POPULAÇÃO: Estimada em 14 milhões

PRINCIPAIS CIDADES:

Riade - capital

Djedda - cidade portuária

Meca - a mais sagrada das cidades do Islã; todos os muçulmanos se viram para Meca quando rezam

Medina - a cidade onde foi sepultado o Profeta Maomé

Taif - capital na época do Verão; estância de férias estivais.

Dammam - cidade portuária e centro comercial

Dhahran - centro da indústria petrolífera

Al Khobar - centro comercial

Yanbu - terminal do gás natural

Hail - centro de negócios

Jubail- cidade industrial

Ras Tanura - centro de refinarias

Hofuf - principal cidade do Oásis de Al Hasa

RELIGIÃO: Islamismo

FÉRIAS PÚBLICAS:

Eid Al Fitr - cinco dias.

Eid Al Adha - oito dias.

BREVE HISTÓRIA

A Arábia Saudita é uma nação de tribos cujas raízes mergulham nas mais antigas civilizações da Península da Arábia. Os antepassados dos actuais Sauditas viviam nas imediações de importantes vias comerciais e muitos dos seus rendimentos eram assegurados através dos ataques às caravanas de mercadores. Divididas pelas várias regiões e dirigi das por chefes tribais independentes, as diversas tribos guerreiras acabaram por unir-se graças à religião criada pelo Profeta Maomé, no século VII da era cristã. Antes do falecimento do Profeta Maomé, aos sessenta e três anos, a maior parte da Arábia era já muçulmana.

Os antepassados dos actuais dirigentes da Arábia Saudita reinaram sobre a maior parte da Arábia durante o século XIX. Depois de terem perdido a maioria do território saudita para os Turcos, foram afastados de Riade e refugiaram-se no Kuwait. O Rei Abdul Aziz Al Sa'ud, pai do actual rei, regressou a Riade e combateu pela reconquista do país. A sua luta teve êxito e conduziu à fundação da actual Arábia Saudita em 1932.

O petróleo foi descoberto em 1938 e a Arábia Saudita lançou-se numa rápida ascensão como uma das nações mais ricas e mais influentes do mundo.

GEOGRAFIA

A Arábia Saudita, com uma área de 2.149.690 km², equivale a um terço do território dos Estados Unidos e tem o mesmo tamanho que a Europa Ocidental.

A Arábia Saudita fica situada na encruzilhada de três continentes: África, Ásia e Europa. O país estende-se desde o Mar Vermelho, a oeste, até ao Golfo Pérsico, a leste. Faz fronteira com a Jordânia, o Iraque e o Kuwait a norte, e com o Iêmen e Omã a sul. Os Emirados Árabes

Unidos, Quatar e Bahrain fazem fronteira com a Arábia Saudita a leste.

Constituída por agrestes planícies desérticas sem rios e com poucas fontes de água permanentes, a Arábia Saudita abriga o Rub Al Khali, o maior deserto do mundo. As cordilheiras da província de Asir, no sudoeste do país, chegam aos dois mil e setecentos metros de altura.

CALENDÁRIO

A Arábia Saudita segue o calendário islâmico, que é baseado num ano lunar, ao contrário do calendário gregoriano, assente num ano solar.

Um mês lunar é o período de tempo que decorre entre duas luas novas sucessivas. O ano lunar tem doze meses, mas é onze dias mais curto que o ano solar. Por isso, os dias sagrados vão mudando gradualmente de estação para estação.

As datas do ano lunar principiam no ano 622 da era cristã, o ano da fuga do Profeta (ou Hégira) de Meca para Medina.

O dia santo islâmico é a sexta-feira. A semana de trabalho saudita começa no sábado e termina na quinta-feira.

ECONOMIA

Mais de um quarto das reservas petrolíferas mundiais conhecidas encontram-se sob as areias dos desertos da Arábia Saudita.

Em 1933, a Standard Oil Company of California obtém os direitos para a prospecção de petróleo no território saudita. Em 1938, é descoberto petróleo no Poço de Petróleo 7 de Dammam, que continua hoje a produzir petróleo. A Arabian American Oil Company (ARAMCO) é fundada em 1944 e obtém os direitos para prosseguir a prospecção de petróleo no reino. Em 1980, o governo saudita assumiu a propriedade da ARAMCO.

A riqueza conseguida graças ao petróleo permitiu aos cidadãos sauditas um estilo de vida opulento. Com educação grátis e empréstimos sem juros, a maior parte dos Sauditas pode prosperar. Todos os cidadãos sauditas, tal como os peregrinos muçulmanos, recebem assistência médica gratuita. Os programas governamentais prevêem apoios especiais em casos de invalidez, morte ou reforma. O país transformou-se num impressionante Estado socialista. Economicamente, a Arábia Saudita transformou-se numa nação moderna e tecnologicamente avançada.

MOEDA

O riyal saudita é a unidade monetária da Arábia Saudita. O riyal equivale a 100 halalahs e é cunhado em notas e moedas com várias denominações. 3,75 riyais equivalem a um dólar americano.

POPULAÇÃO

A Arábia Saudita tem uma população de aproximadamente 14 milhões de pessoas. Todos os Sauditas são muçulmanos. Noventa e cinco por cento destes muçulmanos pertencem ao ramo sunita, ao passo que cinco por cento pertencem ao ramo xiita. A população xiita da Arábia Saudita sofre de grande discriminação e injustiça por parte do governo sunita, pois os dois ramos da fé muçulmana, o sunita e o xiita, continuam separados por uma extrema desconfiança e por fortes divergências.

LÍNGUA OFICIAL

O Árabe é a língua oficial da Arábia Saudita, ao passo que a língua inglesa é usada em contactos comerciais e financeiros.

LEI E GOVERNO

A Arábia Saudita é um Estado islâmico e as suas leis baseiam-se na Shari'a, o código de

leis islâmico extraído das páginas do Alcorão, e nas Sunna, ou tradições transmitidas pelo Profeta Maomé. O Alcorão é a constituição do país e providencia a orientação para as decisões legais.

A autoridade executiva e legislativa é exercida pelo rei e pelo Conselho de Ministros. As suas decisões são tomadas de acordo com a Shari'a. Todos os ministérios e agências governamentais são responsáveis perante o rei.

RELIGIÃO

A Arábia Saudita é a pátria do Islamismo, uma das três grandes religiões monoteístas. Os muçulmanos acreditam num único Deus - e crêem também que Maomé é o Seu Profeta. Como o Islamismo nasceu na Arábia Saudita, este país ocupa um lugar muito especial no seio do mundo muçulmano. Todos os anos, milhões de peregrinos muçulmanos deslocam-se a Meca, na Arábia Saudita, a fim de prestarem homenagem a Deus. Por este motivo, a Arábia Saudita é um dos países muçulmanos mais tradicionalistas e os seus cidadãos seguem uma interpretação muito rigorosa do Alcorão.

Um muçulmano tem cinco obrigações, denominadas os Cinco Pilares do Islamismo:

- 1) Profissão de fé: «Não há outro deus a não ser Deus; Maomé é o mensageiro de Deus».
- 2) Um muçulmano deve rezar cinco vezes por dia virado para Meca.
- 3) Um muçulmano deve dar aos pobres uma proporção fixa dos seus rendimentos (é a zakah).
- 4) Os muçulmanos devem jejuar durante o nono mês do calendário islâmico. Durante este período, denominado Ramadã, os muçulmanos devem abster-se de comidas e bebidas desde o alvorecer até ao pôr-do-sol.
- 5) Um muçulmano deve fazer a Haj, ou peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida (se para tal possuir os meios económicos necessários).

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>